

**OLHARES  
SOBRE O**

**VOLUME II**

**EN  
VE  
LHE  
CI  
MEN  
TO**

**ESTUDOS  
INTERDISCIPLINARES**

**Joaquim Pinheiro** (Coordenador)

<http://cda.uma.pt>



# **OLHARES SOBRE O ENVELHECIMENTO ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**

**VOLUME II**

**JOAQUIM PINHEIRO**  
(Coordenador)

Centro de Desenvolvimento Académico  
Universidade da Madeira  
2021



**Título:** *Olhares sobre o Envelhecimento. Estudos Interdisciplinares. Volume II*

**Coordenador:** Joaquim Pinheiro

**Filiação Institucional do Coordenador:** Universidade da Madeira

**Assistentes Editoriais:** Énio Freitas (Principal), António Freitas, Alexandra Nunes, Cátia Gouveia, Joana Câmara, Mónica Spínola

**Ilustração da Capa:** Marco Câmara | Gabinete de Comunicação e Marketing da Universidade da Madeira

**Separadores:** Ilídio Gonçalves

**Edição do *ebook*:** Centro de Desenvolvimento Académico, Universidade da Madeira

**Ano e Mês:** 2021, maio

**ISBN:** 978-989-8805-65-2

**Nota de edição:** Respeitou-se a norma ortográfica seguida pelos Autores.

© CDA, Universidade da Madeira

*O conteúdo desta obra está protegido por Lei. Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou transformação da totalidade ou de parte desta obra carece de expressa autorização dos editores e dos seus autores. Os capítulos, bem como a autorização de publicação das imagens, são da exclusiva responsabilidade dos autores.*



TODOS OS TEXTOS QUE INTEGRAM ESTE VOLUME FORAM SUBMETIDOS A ARBITRAGEM CIENTÍFICA

## COMISSÃO CIENTÍFICA

ADELINDA CANDEIAS | Universidade de Évora  
ALBERTINA LIMA DE OLIVEIRA | Universidade de Coimbra  
ANA ANTUNES | Universidade da Madeira  
ANA ISABEL MONIZ | Universidade da Madeira  
ANTÓNIO FONSECA | Universidade Católica Portuguesa  
BRUNO SOUSA | Universidade da Madeira  
CRISTINA SANTOS PINHEIRO | Universidade da Madeira  
CUSTÓDIA DRUMOND | Universidade da Madeira  
DUARTE FREITAS | Universidade da Madeira  
EDUARDO FERMÉ | Universidade da Madeira  
EDUARDO MARQUES | Universidade da Madeira  
ELCI ALCIONE SANTOS | Universidade da Madeira  
ÉLVIO RÚBIO | Universidade da Madeira  
HÉLDER LOPES | Universidade da Madeira  
HORÁCIO SARAIVA | Instituto Politécnico de Castelo Branco  
ISABEL FRAGOEIRO | Universidade da Madeira  
IVO FURTADO | Universidade da Madeira  
JORGE GATO | Universidade Lusófona  
JOSÉ FERREIRA ALVES | Universidade do Minho  
MADALENA CUNHA MATOS | Universidade de Lisboa  
MARGARIDA DE MELO CERQUEIRA | Universidade de Aveiro  
MARGARIDA PEDROSO DE LIMA | Universidade de Coimbra  
MARGARIDA POCINHO | Universidade da Madeira  
MARGARIDA SOBRAL | Universidade do Porto  
MARIA ISABEL DIAS | Universidade do Porto  
MARIA SIDALINA ALMEIDA | Instituto Superior de Serviço Social do Porto  
RUI GARCIA | Universidade do Porto

“Envelheço, aprendendo sempre muitas coisas”

Sólon, frg. 18 W

“Ficarás de pé diante do que tem cabelos brancos; honrarás o rosto de quem é  
ancião”

*Levítico 19:32*

“Ninguém devia estar só na velhice”

Hemingway, *O Velho e o Mar*

## ÍNDICE

<b>Nota do Coordenador .....</b>	<b>vii</b>
<b>O Envelhecimento e a Educação .....</b>	<b>1</b>
A importância do reconhecimento familiar dos idosos estudantes na decisão de ingressar e permanecer no Ensino Superior .....	1
<i>Camila Aparecida Carneiro Fernandes, Arthur Meucci &amp; Bethania Medeiros Geremias</i>	
Educação e Saúde: Promovendo o processo de aprendizagem a partir do uso das TIC na terceira idade.....	13
<i>Moacir de Souza Júnior, Ana Caroline de Vasconcelos Araújo Arnaud &amp; Maria do Socorro Furtado Silva Silveira</i>	
As redes sociais, estilos e qualidade de vida em séniores: Estudo de caso .....	27
<i>Bruna Pereira &amp; Bruno Sousa</i>	
Os professores aposentados: Preparação, experiências e sentimentos pessoais vivenciados nessa condição .....	37
<i>António Firmino Lobo &amp; Alice Mendonça</i>	
Os professores das universidades seniores Portuguesas.....	51
<i>Luís Jacob &amp; Cachioni Meire</i>	
<b>O Envelhecimento e as Novas Tecnologias.....</b>	<b>61</b>
Envelhecimento e tecnologias digitais: Um estudo exploratório em universidades seniores no interior de Portugal .....	63
<i>Gina Páscoa &amp; Henrique Gil</i>	
Inclusão digital e envelhecimento ativo no século XXI .....	75
<i>Diana Agrela, Estefânia Santos, Khristina Guzman, Laura Aveiro &amp; Paulo Pestana &amp; Ana Lúcia Faria</i>	
<b>As Representações Culturais da Velhice: Da Literatura à Arte.....</b>	<b>83</b>
Envelhecer com dignidade num país inventado .....	85
<i>Rui Proença Garcia &amp; Paula Portugal</i>	
Solidão e eutanásia ou as punições por se ser velho.....	95
<i>Paula Portugal &amp; Rui Proença Garcia</i>	
A velhice nos romances de José Saramago.....	103
<i>Maria Irene da Fonseca e Sá</i>	
Negação e renegação do idoso em “Feliz aniversário”, de Clarice Lispector: Olhares beauvoirianos sobre a figura da velha .....	117
<i>Maria da Luz Lima Sales &amp; Márcia Denise da Rocha Collinge</i>	
Eufemismos para lidar com a velhice: Civilidade ou negação?.....	129
<i>Cristiane da Silva Alves</i>	
A arte sem mestre: ‘Estilo tardio’ em Herberto Helder e outros poetas .....	141
<i>Rui Guilherme Silva</i>	
Representações da velhice na escultura grega antiga: Alguns exemplos .....	153
<i>Telmo Corujo dos Reis</i>	
A memória prospectiva na casa-corpo em <i>Para Sempre</i> de Vergílio Ferreira .....	163
<i>Ana Seíça Carvalho</i>	
As vozes da velhice nos contos de Mia Couto .....	173
<i>Celina Martins</i>	

## NOTA DO COORDENADOR

O Centro de Desenvolvimento Académico da Universidade da Madeira (CDA-UMa) tem vindo a organizar todos os anos o Colóquio *Olhares sobre o Envelhecimento*, no âmbito do Programa Universitário para Seniores, pois uma das missões das instituições universitárias é o seu serviço à comunidade, a par do ensino e da investigação. No momento da sua IXª edição, em novembro de 2020, a pandemia não nos permitiu a realização. No entanto, como muitas vezes sucede, os obstáculos ou as crises obrigam-nos a repensar estratégias e a delinear novos caminhos para trilhar. Aliciado por vários colegas e participantes habituais do Colóquio, decidimos avançar para a preparação de um *e-book* sobre o tema do envelhecimento, numa perspetiva interdisciplinar, uma marca identitária dos nossos Colóquios que quisemos manter. Nesse sentido, foi divulgada uma chamada de trabalhos para as seguintes áreas de investigação:

1. O envelhecimento: saúde, lazer e desporto.
2. O envelhecimento e a perspetiva psicológica e social.
3. O envelhecimento e a educação.
4. O envelhecimento e as novas tecnologias.
5. As representações culturais da velhice: da literatura à arte.

Após um complexo e sempre moroso processo de arbitragem científica, decidimos publicar em dois Volumes os quarenta e três trabalhos, de forma a facilitar a leitura e a consulta dos leitores. No Volume I, agrupamos os estudos sobre os temas das alíneas 1) e 2), juntando no Volume II os que abordam temáticas das restantes alíneas.

A todos os que nos confiaram os seus trabalhos de investigação e aos membros da Comissão Científica, pela qualidade, empenho e cumprimento dos prazos, deixamos uma palavra de profunda gratidão, pois isso redobrou a nossa responsabilidade em editar uma publicação que possa contribuir para o estudo do tema do Envelhecimento e para abrir novas linhas de investigação nos vários domínios do conhecimento. Também nos merece uma palavra de agradecimento a Doutora Teresa Rodrigues (FCSH-UNL) por, de forma imediata e extremamente cordial, ter aceitado a tarefa de preparar o prefácio desta publicação.

Por fim, manifestamos o nosso agradecimento à equipa de assistentes editoriais, constituída por Énio Freitas (Principal), António Freitas, Alexandra Nunes, Cátia Gouveia, Joana Câmara e Mónica Spínola, pela constante colaboração e pela responsabilidade que colocaram em todo o processo de preparação dos dois Volumes. Para a publicação do *ebook*, foi decisiva a colaboração do Serviço de Apoio da Biblioteca da Universidade da Madeira, a quem dirigimos um especial agradecimento.

O Cardeal José Tolentino Mendonça, ao recordar a necessidade de honrarmos os velhos ou idosos, escreveu as seguintes palavras: “Envelhecemos para nos saciarmos de vida e desse modo sentir que, mesmo escassa ou vacilante, a vida é o milagre mais espantoso,

mais indescritível e pródigo que nos tocou em sorte” (*Expresso*, 25 de Abril de 2020). Por conseguinte, que os estudos coligidos estimulem reflexões e análises críticas juntos dos leitores e da comunidade científica sobre a vida dos que tiveram a oportunidade de envelhecer.

JOAQUIM PINHEIRO  
Universidade da Madeira

# O ENVELHECIMENTO E A EDUCAÇÃO

EN  
VE  
LHE  
CI  
M  
T





## A importância do reconhecimento familiar dos idosos estudantes na decisão de ingressar e permanecer no Ensino Superior

CAMILA APARECIDA CARNEIRO FERNANDES<sup>1</sup>

ARTHUR MEUCCI<sup>1</sup>

BETHANIA MEDEIROS GEREMIAS<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Viçosa

camilafloresfernandes@gmail.com

enviado a 22/01/2021 e aceite a 30/03/2021

### Resumo

A longevidade etária dos brasileiros tem gerado novas demandas de ingresso no Ensino Superior de cidadãos com mais de sessenta anos de idade. Este artigo resulta de duas pesquisas realizadas com os idosos regularmente matriculados na Universidade Federal de Viçosa, sendo esse trabalho um desdobramento original baseado nos discursos dos estudantes sobre o apoio familiar como elemento de motivação para o ingresso e permanência. A metodologia empregada foi a Análise do Discurso de linha francesa e a técnica de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada. O principal referencial utilizado para a análise teórica foi a Teoria do Reconhecimento, proposta por Axel Honneth, pois buscou-se entender como os idosos universitários relataram seus processos de vínculo social com a instituição. A análise do material discursivo dos entrevistados identificou a importância do reconhecimento familiar dos idosos, principalmente no estímulo ao ingresso e permanência no Ensino Superior na instituição pesquisada. Conclui-se que políticas públicas brasileiras de inserção dos idosos no Ensino Superior precisam levar em consideração a conscientização dos familiares para que haja reconhecimento e apoio para permanência.

Palavras-chave: Reconhecimento, Idosos, Universidade, Família.

### Abstract

The age longevity of Brazilians has created new demands for entry into Higher Education by citizens over sixty years of age. This article results from two surveys conducted with the elderly regularly enrolled at the Federal University of Viçosa, this work being an original development based on students' speeches about family support as an element of motivation for admission and permanence. The methodology used was the French Discourse Analysis and the data collection technique was the semi-structured interview. The main reference used for the theoretical analysis was the Theory of Recognition, proposed by Axel Honneth, because it sought to understand how the elderly university students reported their processes of social bonding with the institution. The analysis of the interviewees' discursive material identified the importance of family recognition of the elderly, especially in stimulating the entry and permanence in Higher Education at the researched institution. It is concluded that Brazilian public policies for the insertion of the elderly in Higher Education need to take into account the awareness of family members so that there is recognition and support for permanence.

**Keywords:** Recognition, Ageing, University, Family.

## Introdução e justificativa

O trabalho aqui apresentado faz parte de uma pesquisa<sup>1</sup> desenvolvida no âmbito da Universidade Federal de Viçosa (UFV), primeiramente, em uma Iniciação Científica<sup>2</sup> e, posteriormente, em uma pesquisa de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação. O objetivo geral dessa pesquisa foi compreender as relações de reconhecimento que os alunos idosos da UFV mantêm com a instituição de ensino. E o objetivo específico foi investigar como os idosos universitários compreendem seus processos de inserção nos cursos de graduação. A originalidade deste artigo em relação ao trabalho apresentado na Dissertação de Mestrado se situa na análise inédita de um material discursivo que trata da importância dos familiares e amigos dos idosos pesquisados sobre a decisão de estudar na universidade.

A justificativa deste trabalho está alicerçada na comprovação de que os brasileiros estão permanecendo por mais tempo na velhice (IBGE, 2018) e nos benefícios e vantagens que eles alcançam ao ingressarem em uma Instituição de Ensino Superior (IES) como estudantes (Lima, 2001). Quando a maior longevidade encontra condições propícias, como saúde física e psicológica, disponibilidade de tempo e recursos financeiros, muitos idosos brasileiros optam por iniciar ou retornar os estudos em uma universidade (Reis et al., 2018). Também encontramos essa tendência entre idosos da classe trabalhadora em outros países como na Nova Zelândia (Davey, 2002), na China (Xichem & Mengnan, 2020), na Ásia Oriental e África Subsaariana (Izuhara, 2010).

Entretanto, os trabalhos de Buarque (2000), Vieira Pinto (1986) e Ribeiro (1969) ressaltam que as universidades públicas brasileiras como a UFV não foram pensadas e criadas para inserir os idosos, em especial das camadas populares nos quadros discentes de graduação ou pós-graduação. Idealizada e materializada no período histórico da República do Café com Leite, a universidade no Brasil foi projetada para atender os jovens provenientes da classe dominante. Portanto, é possível que os estudantes que não se encaixam nessas características sintam-se desconfortáveis dentro de uma universidade pública, concebida originalmente com esse propósito segregacionista (Vieira Pinto, 1986; Buarque, 2000; Ribeiro, 1969).

Diante do contexto histórico-institucional exposto, torna-se relevante e necessário estudar a inclusão dos idosos na universidade. Constatamos, nos discursos de tais estudantes, que existe uma etapa importante anterior à tomada de decisão de cursar uma graduação, baseada no apoio material, psicológico e moral dos familiares e amigos dos idosos que desejam frequentar o Ensino Superior. Nossa hipótese é que esses olhares podem motivar ou desmotivar a volta aos estudos, impactando no reconhecimento dos idosos enquanto estudantes legítimos e capacitados nessa modalidade de ensino.

## Referencial Teórico

O principal referencial teórico para analisar os discursos morais apresentados pelos entrevistados foi a Teoria do Reconhecimento, formulada por Axel Honneth (2003). Escolhemos o referencial baseado nos discursos dos estudantes idosos que, na pesquisa de Iniciação Científica e de Mestrado, reivindicavam reconhecimento enquanto estudantes legítimos e

---

<sup>1</sup>Trabalho registrado no Comitê de Ética em Pesquisa na Plataforma Brasil, CAAD nº 3.331.228.

<sup>2</sup> A coleta de dados se iniciou com uma pesquisa de Iniciação Científica, conduzida pelo Prof. Arthur Meucci e pela estudante de Educação Gabriela Cunha Barbosa, com financiamento da FAPEMIG, entre 2018 e 2019.

igualdade de direitos e tratamento pela comunidade acadêmica e pela instituição. Para esse teórico, todas as pessoas buscam reconhecimento em três esferas sociais - Amor, Direito e Solidariedade - e, quando esse objetivo não se concretiza, elas travam lutas intersubjetivas para alcançá-lo. A Teoria do Reconhecimento se fundamenta na observação de que todos os seres humanos desejam ser reconhecidos e respeitados como iguais em seus grupos sociais e, ao mesmo tempo, lutam para que suas singularidades sejam aceitas pelos membros. De acordo com essa teoria, esse movimento da busca pelo reconhecimento enquanto estudante de plenos direitos é o motor principal que move os pedidos dos idosos dentro da universidade. Eles desejam tratamento igualitário, como qualquer estudante comum ou com necessidades especiais. Entretanto, diante das questões trazidas pelo avanço da idade, demandam que suas necessidades enquanto idosos sejam aceitas e respeitadas - salas de aulas acessíveis, material didático adaptado para as limitações visuais etc.

A primeira esfera, na qual se inicia o processo de reconhecimento, é o Amor (Honneth, 2003). O Amor, enquanto afeto que aceita o outro, promove a autoconfiança, que origina o engajamento afetivo dos envolvidos. A reação contrária ao Amor é o “desrespeito”, que se caracteriza pela exclusão ou mesmo aniquilação do outro por meio de violações e maus tratos. Segundo Honneth (2003), o reconhecimento na esfera do Amor emerge na infância, com o vínculo existente entre o recém-nascido e seu cuidador que faz o papel materno. Quando a criança confia no amor do outro, na aceitação de suas singularidades pelos pais, ela adquire a base emotiva necessária para participar da vida social e requisitar seus direitos de pertencimento. No caso dos idosos pesquisados (Fernandes, 2020) constatou-se em análises anteriores esse duplo movimento na esfera do Amor. Ele é caracterizado por um conflito primordial no desejo de serem aceitos por colegas e professores enquanto estudantes idosos e as resistências dos mesmos em aceitá-los cursando disciplinas “no lugar dos jovens” e excluindo-os dos grupos de trabalho e estudos.

A segunda esfera é a do Direito, que evolui de um amadurecimento psicossocial na percepção de que a vida em sociedade é organizada em direitos e deveres (Honneth, 2003). A tradição hegeliana do reconhecimento estabelece um limite claro com o Amor, pois este é produto de um afeto, enquanto o Direito se estabelece em uma racionalidade que deve se sobrepor aos nossos sentimentos em relação ao outro. Ou seja, não podemos julgar direitos e deveres baseados em nossa simpatia pelo próximo. Entretanto, para aceitarmos os direitos de uma pessoa, precisamos reconhecê-la como um igual, o que nos remete à esfera anterior, ao Amor. De acordo com a teoria de Honneth (2003), ocorre o desrespeito a essa esfera quando os direitos ou as regras são diferentes entre os sujeitos ou, simplesmente, quando o direito de uma pessoa não é exercido. Exemplos de desrespeito nesta esfera foram analisados na dissertação mestrado (Fernandes, 2020), onde uma idosa teve seu pedido de sala adequada às suas necessidades especiais oriundas da idade negado pela universidade, configurando não só um problema ético de reconhecimento como também uma infração ao Estatuto do Idoso.

A terceira e última esfera é a da Solidariedade, instância de vínculo social que agrupa pessoas com os mesmos parentescos, valores sociais ou problemas de reconhecimento, gerados por meio de violência, degradações ou ofensas (Honneth, 2003). Segundo Honneth, o reconhecimento na esfera da Solidariedade acontece quando os envolvidos em uma determinada relação, reciprocamente, tomam interesse por seus diferentes modos de vida, uma

vez que se estimam de maneira simétrica quando ameaçados. Um exemplo deste desrespeito, publicado na dissertação (Fernandes, 2020), foi o movimento coletivo de estudantes idosos de licenciatura chamado “Peixes fora d’água” que denunciava o tratamento preconceituoso que recebiam dos colegas e docentes dentro da universidade.

## **Metodologia**

O primeiro passo da nossa metodologia foi contatar os participantes da pesquisa por meio de correio eletrônico, com o auxílio da Pró-Reitoria de Ensino da UFV. Dos oito estudantes universitários com mais de sessenta anos<sup>3</sup>, sete aceitaram participar deste trabalho e escolheram dia, horário e local para que as entrevistas semiestruturadas acontecessem. A idade de sessenta anos para a classificação de um estudante idoso foi estabelecida pela Lei Federal no 10.741/2003 (Estatuto do Idoso). Os discursos foram gravados, transcritos e todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O estudante que não participou da pesquisa desistiu no segundo mês de aula alegando, por telefone, problemas de engajamento com os colegas de classe e os pedidos de sua esposa que se sentia muito sozinha no período noturno, quando ocorriam as suas aulas.

O segundo passo foi a escolha do referencial teórico da metodologia de análise. Nossa opção foi a Análise do Discurso (AD) de linha francesa, proposta por Orlandi (2009). Segundo a autora, não podemos analisar um discurso de forma isolada, porque ele é um conjunto de sentidos e experiências. Portanto, é necessário entendermos quem são os sujeitos e os contextos sociais, históricos e culturais nos quais os dizeres emergiram (Orlandi, 2009).

Para compreendermos os discursos, é importante esclarecer o conceito de interdiscurso (ou memória coletiva) (Orlandi, 2009). Todos estamos assujeitados por uma ideologia e quando falamos estamos, em alguma medida, referenciando discursos já ditos, mas que foram socialmente esquecidos. Interdiscursos são as memórias que estão presentes nas condições de produção dos dizeres (podem ser estritas ou amplas) e que influenciam na maneira como o sujeito compreende uma situação e nos termos que escolhe para comunicá-la (Orlandi, 2009).

As condições de produção estritas abarcam as pessoas que estão proferindo os discursos e a situação imediata na qual ocorrem. Já as amplas englobam os contextos mais gerais sociais, ideológicos e históricos (Orlandi, 2009). As condições de produção estritas desta pesquisa são os sete idosos universitários, que possuíam idade igual ou superior a sessenta anos e eram estudantes regulares dos cursos de graduação da UFV. Todas as entrevistas aconteceram nas dependências da universidade. As condições de produção amplas são os contextos gerais nos quais os discursos emergiram e, para entendê-los, desenvolvemos uma ampla pesquisa sobre os assuntos: universidade pública, velhice, envelhecimento, reconhecimento, entre outros.

Ainda de acordo com Orlandi (2009), a AD é feita baseada em um tripé: a subjetividade de quem faz as análises, o material já produzido pelo tema histórico e social e as ferramentas de análise da AD - as principais usadas neste trabalho foram: metáforas, paráfrases e polissemias.

As metáforas são os dizeres que possuem comparações e analogias. As paráfrases acontecem quando os entrevistados escolhem termos e palavras distintas para exprimirem a mesma ideia.

---

<sup>3</sup>No período pesquisado havia inicialmente oito estudantes com mais de sessenta anos. O oitavo estudante desistiu de cursar a universidade após dois meses de ingresso. Essa amostra representa a totalidade de estudantes idosos que permaneceram matriculados em 2018.

E as polissemias são os discursos que se diferem (se deslocam) do que é dito pela maioria ou esperado socialmente (Orlandi, 2009).

A análise dos discursos iniciou-se com a leitura das entrevistas transcritas (material bruto coletado), que são chamadas por Orlandi (2009) de superfície linguística. Após as leituras iniciais para a Iniciação Científica e para a pesquisa de Mestrado, relemos novamente todo o material, analisando-o de acordo com o objetivo específico de estudar os discursos sobre os familiares que não foram utilizados nas pesquisas anteriores. Os dizeres que respondiam a ele são denominados “objeto discursivo” e, a partir desse momento, o corpus tornou-se de-superficializado. As ferramentas da AD (metáfora, paráfrase e polissemia) auxiliaram na separação dos discursos, que, após essa etapa, se converteram em processos discursivos. A partir de então, conseguimos compreender os sentidos dos discursos com o auxílio principal de Honneth (2003) e Orlandi (2009).

Entre os temas que apareceram nas entrevistas<sup>4</sup>, o tópico Apoio da família e dos amigos para permanecer no Ensino Superior mostrou como esse suporte social foi relevante para a trajetória acadêmica dos idosos, mesmo que não se apresente como essencial em um dos entrevistados que não tinha uma rede familiar próxima. A temática familiar não foi objeto de análise na pesquisa de mestrado, pois não estava ligado diretamente ao cotidiano acadêmico e as lutas pelo reconhecimento da instituição. O apoio da família e dos amigos antecede a entrada na universidade, situando-se fora dos recortes propostos pelas investigações anteriores. Optamos por apresentá-lo neste trabalho porque os dizeres confirmam a importância da autoconfiança dos entrevistados para enfrentarem os desafios e permanecerem na instituição.

Optamos pelas entrevistas semiestruturadas (Bogdan & Biklen, 1994) com os estudantes idosos matriculados na UFV, realizando abordagens individuais para proteção do anonimato, e contando com o apoio da Pró-Reitoria de Ensino para identificação e contato dos idosos. As entrevistas foram gravadas em áudio para posterior análise e decupagem. Fizemos nove perguntas abertas para abordar o problema de pesquisa das lutas pelo reconhecimento na instituição: 1. Como você descreve sua relação com a Universidade Federal de Viçosa? 2. Você percebeu modificações no seu comportamento após sua inserção no ambiente universitário? 3. Como você se sente em relação ao tratamento deferido por professores e colegas? 4. Você já sofreu preconceito devido à idade no ambiente universitário? 5. Qual sua opinião sobre a inserção dos idosos na UFV? 6. Você apoia a criação de uma Universidade Aberta à Pessoa Idosa? 7. O que você acha que a universidade poderia fazer para receber melhor o público idoso? 8. Você teve apoio da família e dos amigos para cursar o Ensino Superior? 9. Como foi sua trajetória escolar até chegar à universidade?

### **Análises, resultados e discussões**

Na análise discursiva dos entrevistados, o tema *Apoio da família e dos amigos para permanecer no Ensino Superior* apareceu em seis dos setes discursos. Para preservar o anonimato de nossos entrevistados, vamos identificá-los com a árvore “Ipê”, seguida de um número, que corresponde à ordem decrescente de idade dos entrevistados.

---

<sup>4</sup> Na pesquisa de Mestrado (Fernandes, 2020), voltado para a inclusão dos idosos na Universidade Federal de Viçosa, trabalhou-se temas ligados ao cotidiano dos idosos na universidade: estereótipos sobre a velhice, relações intergeracionais, idosos com deficiência e acessibilidade na universidade.

De acordo com o sexo dos participantes, as Ipê 1, Ipê 2, Ipê 4, Ipê 6 e Ipê 11 são mulheres. Os Ipês 5 e Ipê 7 são do sexo masculino. Em relação ao Centro de Ciências aos quais estavam vinculados, todos os participantes, com exceção do Ipê 5, pertenciam ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCH). O Ipê 5 integrava o Centro de Ciências Agrárias (CCA). No que tange à idade dos pesquisados no momento das entrevistas, a Ipê 1 possuía 78 anos, a Ipê 2, 72; a Ipê 4, 69; o Ipê 5, 64; a Ipê 6, 62; o Ipê 7, 61 e a Ipê 11, 60.

Os entrevistados Ipê 1, Ipê 2, Ipê 4, Ipê 6, Ipê 7 e Ipê 11 relataram receber apoio de suas famílias, sobretudo de filhos e cônjuges. Ou seja, eles proferiram paráfrases: essas acontecem quando os entrevistados utilizam termos e palavras distintas para expressarem a mesma ideia conforme exemplificaremos a seguir (Orlandi, 2009).

O apoio para retornar aos estudos também foi pontuado no trabalho de Reis et al. (2018): os três idosos entrevistados relataram receber de seus familiares incentivos para permanecerem no Ensino Superior. Apenas o dizer do Ipê 5 constituiu-se como uma polissemia, porque se deslocou dos demais. De acordo com Orlandi (2009), compreendemos que uma fala se desloca quando ela difere dos dizeres que são esperados socialmente ou do que é dito pela maioria. Nas próximas linhas apresentaremos exemplos.

As famílias e amigos dos idosos entrevistados, em sua maioria, os incentivam a frequentarem um curso superior. A seguir elencamos alguns discursos que apontam para a nossa afirmação: **“Ele (o marido) gosta. Ele incentiva também. Ele e meus meninos tudo... acha muito bom. Já tão até pensando em fazer festa de formatura.”** (Ipê 4, mulher, grifo nosso); **“Adoraram! O incentivo partiu da nome e nome, mais da nome, porque foi ela que fez a matrícula, né?** Mas, no dia da graduação, não é, tava parecendo que era a filha das duas e do meu marido que tava graduando.” (Ipê 2, mulher, grifo nosso); **“Aí eu fui incentivado pelo meu amigo, que se eu tivesse passado sozinho eu não teria ido, teria deixado a vaga para lá”** (Ipê 7, homem); **“Gente da família dando apoio é importante demais”** (Ipê 6, mulher); e **“Eu tinha uma amiga que me incentivava”** (Ipê 11, mulher)”. Por essas respostas, infere-se que os familiares e amigos conferem reconhecimento (Honneth, 2003) ao ingresso no Ensino Superior, capazes de estabelecerem vínculos com a Universidade .

No discurso dos entrevistados cita-se, como incentivo ao ingresso na Universidade, vantagens nos aspectos sociais e emocionais. Segundo Lima (2001), Cachioni et al. (2015) e Inouye et al. (2018), os benefícios para o idoso que frequentam um curso de graduação são, entre outros, o estabelecimento de novos laços sociais, o exercício da autonomia e maior bem-estar físico e emocional. Esse fenômeno também ocorre, segundo Xichen e Mengnan (2010), entre os idosos na China e, segundo Davey (2002), entre os aposentados sem nível superior na Nova Zelândia. A obra organizada por Izuhara (2010) aponta que o acesso de idosos aos cursos de graduação de uma universidade, e não somente aos programas educacionais destinados aos velhos, são situações comuns em países subdesenvolvidos da Ásia Oriental e da África Subsariana por conta dos problemas na trajetória escolar da classe trabalhadora e pela falta de uma política satisfatória de bem-estar aos aposentados.

Nos discursos dos nossos idosos surgiram falas imputadas aos parentes em relação aos benefícios que o ingresso na universidade proporciona. Temos, como exemplo, o que Ipê 11 nos contou sobre o incentivo dos seus filhos:

Quando eles (*os familiares*) ficaram sabendo que eu ia voltar, **eles ficaram agradecidos**, porque enfim eu ia fazer (inaudível), que eles me cobravam muito aí eles dão a maior força, o maior incentivo. Meus filhos, eles não têm essa coisa: ‘Ah, minha mãe tá estudando, podia tá fazendo...’. **No princípio a minha filha mais velha estranhou, aí eu brinquei com ela, falei assim: ‘Qual você prefere, saber que eu tô na Universidade estudando ou você chegar aqui em casa [...]’- porque ela mora comigo - ‘ou você chegar aqui em casa e os vizinhos falarem assim ó: Dá um jeito na sua mãe, que ela tá insuportável’, porque se eu não estudar, eu vou ficar virando a vida dos outros’.** Eu falei: **‘Você quer isso?’.** Ela falou: **‘Não, pode ir’.** (Mulher, grifo nosso)

Ipê 11 justifica sua frequência em uma IES com aspectos que para ela são importantes: ocupar o tempo, reduzir a ociosidade, dirimir doenças emocionais e psicológicas e melhorar as relações sociais. No âmbito familiar, o apoio é para ela uma questão fundamental, apesar de relatar algumas dúvidas e incertezas dos familiares quanto à sua decisão.

Quando uma das filhas questionou essa decisão, a mesma argumentou em defesa de sua escolha, ou seja, que era melhor cuidar de sua vida do que da vida de outros. Isso sinaliza que a Ipê 11 já reconhecia, antes de se tornar estudante universitária, que cursar uma graduação faz com que a pessoa idosa tenha interesses e responsabilidades que contribuem para que a velhice não seja ociosa. Essa visão corrobora os trabalhos de Lima (2001), Cachioni et al. (2015) e Inouye et al. (2018) que citamos anteriormente.

Os benefícios sociais e emocionais, apesar de importantes, não são a principal justificativa para o apoio familiar aos idosos estudantes. Na perspectiva sociológica da educação, encontramos nos livros *A Reprodução* (2014) e *A Miséria do Mundo* (2008) de Pierre Bourdieu relações importantes entre o capital cultural e escolar dos familiares com o incentivo de seus membros em frequentar uma instituição de ensino. O sociólogo francês estudou o público jovem e adulto em suas pesquisas, mas pelo discurso de algumas entrevistadas podemos inferir que esse fenômeno social se estenda aos idosos.

Ainda em relação ao conceito de paráfrases de Orlandi (2009), o discurso de outra idosa entrevistada, Ipê 6, cita o incentivo familiar da filha que cursou o Ensino Superior:

A minha filha mais velha, por ela eu já tinha parado de estudar, que eu te falei que tem problema, **ela ficou com trauma da Universidade, falou que os professores perseguem, vai me perseguir também. Agora, já minha filha mais nova me dá o maior apoio, tem o maior orgulho de me ver estudando e quer me ver formar aqui.** A minha irmã e meus sobrinhos, nossa, me deram maior força e batia palma, meus sobrinhos, todos gostam de mim. **De irmão mesmo é minha irmã que me dá força, ela é pedagoga.** (Ipê 6, mulher, grifo nosso)

Segundo Ipê 6, uma das filhas, quando cursava a faculdade, foi perseguida por professores e, por essa razão, tinha receio de que a mesma situação se repetisse com a mãe. A preocupação de sua filha é um claro indício que ocorreu, em sua trajetória universitária, situações de não-reconhecimento e desrespeito (Honneth, 2003) por sua origem social e que sua mãe também poderia enfrentar. Entretanto, sua filha e outros familiares a incentivaram, com destaque para a irmã da idosa, que se formou em Pedagogia.

Também na perspectiva do apoio de familiares que frequentam ou frequentaram o nível superior de ensino, destacamos o relato da Ipê 1:

**Não, não, eles gostam, porque olha, eu tenho um formado em Direito, tenho um formado em Nutrição, ainda tenho uma filha que é formada em Psicologia. Tudo Colégio do governo, na UFRJ, o outro foi na UFF, entendeu, o Direito foi na UFF. O meu irmão mais velho foi advogado, ele formou na UFF também, sabe? Lá em casa, da minha casa, quem estudava era eu e meu irmão, o resto tudo não quiseram, casaram, tiveram filho, (...).** (Ipê 1, mulher, grifo nosso)

Ao analisarmos a postura dos familiares que cursaram uma graduação e que se envolveram profissionalmente com a área da educação, encontramos ressonância nos textos sociológicos de Bourdieu (2007, 2008, 2014). Esse sociólogo, por meio de pesquisas, afirma que famílias com históricos escolares exitosos tendem a repetir o sucesso escolar com os outros membros ou com os descendentes. Ao assimilarem os comportamentos valorizados no ambiente escolar, elas os transmitem aos outros membros da família. Na visão desse autor, quanto mais estímulo uma trajetória escolar recebe, maiores são as chances de ser duradoura e com êxito.

O relato da Ipê 4 nos mostrou que os amigos mais próximos podem ajudar a retornar aos estudos. O fato de achar que não conseguiria acompanhar o curso, por ter ficado muito tempo sem estudar, nos fez pensar na ausência de confiança em si mesma. Todavia, o trecho a seguir demonstra a relevância de existirem pessoas apoiando o idoso quando lhe faltar coragem para realizar seus sonhos.

Tenho uma manicure que é muito minha amiga. E ela era da turma de *data*. Aí ela falou assim: **'lh nome tem um curso lá que é a sua cara. Você vai fazer ele.'** Aí eu disse: **'Mas não tem jeito [...] fiquei muito tempo sem estudar [...]'. 'Não você vai fazer...'**. Aí comecei [...] com dois meses eu estudei, eu e meu neto, nós estudamos para fazer o Enem. Aí nós fizemos Enem. Eu passei, ele passou também. Aí eu tinha posto lá para *nome*, pra *nome* e tinha mais essa opção de *nome* que eu já tinha pedido, né?! Aí eu [...] a *nome* não deu [...] acho que eu ia ficar muito longe na lista de espera [...] a *nome* eu nem procurei saber, porque eu tava na lista de espera, aí eu não procurei saber, porque eu fui chamada para *nome*. Aí entrei para a *nome* em *data*. (Ipê 4, mulher, grifo nosso)

Para ingressar no curso superior, Ipê 4 fez a prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e estudou junto com seu neto. Há alguns anos, seria estranho ver a avó e o neto estudando juntos, mas, como as novas formas de viver a velhice estão se consolidando, essa experiência tem se tornado comum. Essas novas vivências não se restringem ao âmbito escolar, pois envolvem múltiplas experiências sociais e culturais, como, por exemplo, a vivência da sexualidade por idosos e idosas (Santos, 2013), a liberdade experimentada pelas mulheres, após os sessenta anos (Goldenberg, 2014) e a escolha de cada pessoa de como deseja envelhecer (Côrte, 2018).

As entrevistadas Ipê 4 e Ipê 6 demonstraram, em seus discursos, reconhecer os desafios que a universidade pública propicia a elas, entretanto, demonstraram ter autoconfiança suficiente para transpô-los. Justificamos essa inferência na persistência delas em permanecerem como estudantes universitárias. Essa autoconfiança também pode ser reflexo de uma experiência de vínculo recíproco de Amor durante a infância. Na velhice, elas conseguem reivindicar seus

direitos, pois existe o reconhecimento na esfera do Amor, por parte da família que sustenta sua luta (Honneth, 2003).

A particularidade no discurso do Ipê 7 relaciona-se à valorização dos amigos que apoiaram sua trajetória escolar nos diferentes níveis de ensino. Como abordamos, sua família atual o encoraja a estudar, mas não foi sempre assim, sobretudo em relação ao apoio paterno:

**Nunca falou comigo assim, que eu tinha sido ótimo, ‘Foi bom, pode melhorar’, ‘Foi bom, pode melhorar’.** Ele (*o pai*) era meio, tido como exigente, mas no fundo pros outros ele falava né: ‘Nossa, aquele menino meu é uma fera, você precisa de ver’. (Ipê 7, homem, grifo nosso)

Infere-se que a dificuldade do pai em expressar a admiração para o filho não comprometeu diretamente sua autoestima pelos estudos, uma vez que se mostrava exigente, logo preocupado. O orgulho do pai demonstra uma típica relação de respeito dentro dos mecanismos sociais de reconhecimento (Honneth, 2003). Diante da autoestima, Ipê 7 valorizou todos os amigos e professores que o incentivaram a dar prosseguimento nos estudos. Para confirmar nossa análise, expomos dois de seus relatos:

**Aí eu fui incentivado por ele, que se eu tivesse passado sozinho, eu não teria ido,** teria deixado a vaga pra lá. É, não teria companheiro né, não teria **aquele amigo que até hoje a gente mantém essa ligação como irmão né?** (Ipê 7, homem, grifo nosso)

Aí quando eu fiz uma das *nome*, **eu tive um professor, que eu devo muito a ele também,** que eu fui muito bem com ele e, além de sair muito bem na disciplina, eu fiquei como amigo dele, particular, aquele negócio todo, **uma pessoa que até hoje também a gente mantém os vínculos de amizade, esse aí já é de pai pra filho, já me considera igual filho.** (Ipê 7, homem, grifo nosso)

Ipê 7 é uma pessoa que estudou durante toda a vida e ocupou cargos profissionais de relevância em seu local de trabalho. Dessa forma, inferimos que o incentivo das pessoas com quem ele conviveu teve contribuição significativa na sua escolha e em seu desempenho profissional.

Em relação às vivências da Ipê 11, quando foi aprovada no vestibular, ela cogitou não assumir a vaga, porque estava passando por problemas pessoais, mas o incentivo de uma das filhas para voltar a estudar foi importante na sua decisão.

Aí, quando eu passei no Enem, eu fiquei meio em dúvida, porque eu tava atravessando por vários problemas, meu marido tinha falecido. Aí eu falei com a minha filha: ‘Não vou’. Aí ela falou: **‘Vai, porque agora chegou a sua vez, porque, se das outras vezes você não conseguiu e agora você conseguiu, depois de todas as tempestades, é porque é para você fazer’.** Aí eu falei: ‘Então tá’. (Ipê 11, mulher, grifo nosso)

Quando a filha fala sobre as “tempestades” enfrentadas pela mãe, entendemos que se trata dos relatos presentes em sua entrevista sobre ter dado à luz a três filhos e cuidar deles e da casa, trabalhar em uma escola e, mais recentemente, dar atenção ao marido doente. As responsabilidades assumidas pela Ipê 11 são, na nossa sociedade, comumente atribuídas às mulheres (Federici, 2017). Logo, com tantos afazeres, restava pouco tempo para se dedicar aos estudos, como a entrevistada disse em outras partes de sua entrevista. Goldenberg (2014)

destaca essa questão e reitera que muitas mulheres, quando percebem que não possuem mais essas responsabilidades, vão em busca de sua realização pessoal e profissional. No caso de Ipê 11, ela matriculou-se em um curso do Ensino Superior.

De todos os idosos entrevistados, o Ipê 5 é o único que não se casou e não teve filhos. Então, seu relato sobre o apoio familiar para estudar é relacionado aos pais e irmãos. Alguns de seus dizeres trazem elementos para pensarmos os deslocamentos discursivos em relação ao que disseram outros sujeitos participantes da pesquisa sobre o apoio familiar. Abaixo, transcrevemos o excerto analisado:

Tenho, os outros dois não quiseram estudar nada não, quer dizer não tiveram nem segundo grau. **Os meus pais também não tinham. Não apoiavam, mas eles não tiveram estudo.** Ah sim, creio que sim. Isso é porque, na época deles, era muito difícil poder estudar, né? (Ipê 5, homem, grifo nosso)

Ele diz não ter recebido apoio dos pais para estudar porque eles não possuíam estudo. Isso pode ter acontecido porque, na primeira metade do século XX, as pessoas que cursavam o Ensino Superior contabilizavam um número consideravelmente menor do que atualmente. Não havia incentivo para que as pessoas provenientes das camadas populares estudassem, logo este pode ter sido um dos motivos que dificultaram o acesso dos pais aos estudos (Buarque, 2000; Ribeiro, 1969; Vieira Pinto, 1986)

A justificativa de Ipê 5 para o comportamento dos pais corrobora com a teoria de Bourdieu (2007) ao pontuar a tendência de que famílias com trajetórias escolares de sucesso (ou insucesso) perpetuem essa característica com os descendentes. Entretanto, Ipê 5 é um exemplo que foge ao fenômeno sociológico: mesmo com a ausência de exemplos de sucesso escolar na sua família, ele possui doutorado. À época da entrevista, era estudante de graduação na UFV, além de fazer uma especialização *lato sensu* em outra instituição.

Quando elaboramos uma síntese dos discursos analisados, constatamos que o apoio dos familiares e amigos no projeto do idoso de voltar aos estudos é relevante, mas, dependendo das experiências que o longo tempo acumulou durante a vida, a aprovação *manifesta* dos parentes não é necessária. Alguns idosos precisam ser estimulados pelo grupo social, outros, com vida acadêmica pregressa e sem familiares, buscam tais oportunidades graças à autoconfiança na experiência da própria trajetória social. Consideramos que nossas análises comprovam ser a velhice um conceito complexo, que aborda várias trajetórias singulares, por isso arbitrária enquanto conceito unitário que tenta normatizar uma concepção de velhice a-histórica e a-cultural, como denunciam as teorias de Bourdieu (2007, 2014), Debert (2012) e Karpf (2015).

O apoio familiar que a maioria dos idosos recebeu nos remeteu à teoria de Honneth (2003). Se quando crianças os entrevistados receberam aprovação e autoestima durante a escolarização, eles carregam consigo a autoconfiança necessária para enfrentarem situações que, por vezes, podem fazer com que outros sujeitos desistam como, por exemplo, a determinação da Ipê 6 em frequentar uma graduação, sabendo que a filha, na mesma universidade, não teve uma experiência positiva com os docentes. Percebemos, pelos discursos dos idosos pesquisados, que essa autoconfiança existe, pois, mesmo com todos os desafios elencados em outros trechos das entrevistas, eles permaneceram estudando.

Os discursos dos idosos em Viçosa também revelam uma forte similaridade com os fenômenos pesquisados em países em desenvolvimento na África Subariana, Ásia Oriental (Izuhara, 2010), China (Xichen & Mengnan, 2020) e com os aposentados da Nova Zelândia (Davey, 2002), especialmente por tentar contornar a ausência de uma política pública brasileira abrangente e eficiente para o envelhecimento.

### Considerações finais

Nos discursos dos sete estudantes entrevistados, seis idosos relataram que seus familiares apoiaram suas decisões de voltar aos estudos e reconheceram os direitos e os benefícios pessoais em cursar uma graduação na Universidade Federal de Viçosa. Os parentes desses idosos tiveram a oportunidade de cursar o Ensino Superior, fator que parece importante no estímulo dado aos seus pais e mães para também ingressarem na universidade.

Por meio dos discursos analisados, sustentamos nossa hipótese inicial de que o apoio familiar é importante para o ingresso e permanência desses estudantes idosos na universidade. Um dos entrevistados, que era solteiro e sem filhos, construiu uma trajetória acadêmica de destaque quando adulto, sinalizando que, durante a escolarização, teve uma experiência positiva de reconhecimento da família em relação aos estudos, tendo a autoconfiança necessária para reivindicar o seu direito de ingressar novamente na instituição.

Historicamente, essa universidade pública não foi projetada para receber os idosos como estudantes universitários, contudo eles possuem a autoconfiança e o apoio necessários para permanecerem em um ambiente que pode ser hostil à presença deles. O apoio recebido dos familiares contribui afetivamente na defesa dos idosos pelo seu direito de estudar. Esse suporte geracional também se encontra presente nas pesquisas feitas em outros países em desenvolvimento, conforme referenciado nas pesquisas internacionais citadas no trabalho.

Consideramos pertinente destacar que este trabalho limitou-se a um grupo de idosos que frequentou regularmente a Universidade Federal de Viçosa e que, por esse motivo, nossos resultados ainda não podem ser estendidos para outras universidades visto que a percepção da velhice e as condições socioeconômicas em nosso país são heterogêneas. Indicamos, em pesquisas futuras, investigar se as famílias dos idosos universitários de outras regiões do país percebem transformações positivas no comportamento dos longevos universitários e quais são essas mudanças. Essas informações podem ser usadas para a construção de políticas públicas nos âmbitos governamentais, que incentivem outros idosos a ingressarem no Ensino Superior.

### Bibliografia

- Bogdan, R., Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto Editora.
- Bourdieu, P. (2008). *A Miséria do Mundo*. Vozes.
- Bourdieu, P. (2014). *A Reprodução*. Vozes.
- Bourdieu, P. (2007). *Escritos da Educação*. Vozes.
- Buarque, C. (2000). *A aventura da universidade*. (2.ª ed.). EDUNESP.
- Cachioni, M., Ordonez, T. N., Batistoni, S. S. T. & Lima-Silva, T. B. (2015). Metodologias e estratégias pedagógicas utilizadas por educadores de uma Universidade Aberta à Terceira Idade. *Educação & Realidade*, 40 (1), 81-103. <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/45741>
- Côrte, B. (2018). "Com que roupa" eu vou envelhecer? Mais 60 - Estudos sobre o Envelhecimento, 28 (70), 08-23. [https://www.sescsp.org.br/online/artigo/12554\\_COM+QUE+ROUPA+EU+VOU+ENVELHECER](https://www.sescsp.org.br/online/artigo/12554_COM+QUE+ROUPA+EU+VOU+ENVELHECER)
- Davey, J. (2002). Active Ageing and education in mid and later life. *Ageing and Society*, 22, 95-113.
- Debert, G. G. (2012). *A reinvenção da velhice*. EDUSP.
- Federici, S. (2017). *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Elefante.

- Fernandes, C. A. C. (2020). *Idosos universitários e Reconhecimento: acesso, permanência e os desafios na Universidade Federal de Viçosa* [Tese de Mestrado, Universidade Federal de Viçosa]. Programa de Pós Graduação em Educação. <http://www.poseducacao.ufv.br/wp-content/uploads/2012/02/CAMILA-APARECIDA-CARNEIRO-FERNANDES1.pdf>
- Goldenberg, M. (2014). *A bela velhice*. Record.
- Honneth, A. (2003). *Luta por reconhecimento: a gramática dos conflitos morais*. Editora 34.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2020). *Tábua completa de mortalidade para o Brasil - 2018: breve análise da evolução da mortalidade no Brasil*. [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/3097/tcmb\\_2018.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/3097/tcmb_2018.pdf)
- Inouye, K., Orlandi, F. de S., Pavarini, S. C. L. & Pedrazzani, E. S. (2018). Efeito da Universidade Aberta à Terceira Idade sobre a qualidade de vida do idoso. *Educ. Pesqui.*, 44, 01-19. [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1517-97022018000100300&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1517-97022018000100300&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)
- Izuhara, M. (Ed.) (2010). *Ageing and Intergenerational Relations: Family Reciprocity from a global perspective*. The Policy Press.
- Karpf, A. (2015). *Como envelhecer*. Objetiva.
- Lima, M. P. (2001). *Gerontologia Educacional: uma pedagogia específica para o idoso*. LTr.
- Orlandi, E. P. (2009). *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. Pontes.
- Pinto, Á. V. (1986). *A questão da universidade*. Cortez.
- Reis, S. M. A. de O., Meira, A. M. T. & Moutinho, C. R. (2018). *História de vida de idosos no Ensino Superior: percursos inesperados de longevidade escolar*. <https://doi.org/10.24065/2237-9460.2018v8n3ID649>
- Ribeiro, D. (1969). *A universidade necessária*. Paz e Terra.
- Santos, S. S. dos. (2013). Sexualidade: uma inscrição sem ponto final. In S. S. dos Santos, S. A. Carlos (Orgs.), *Envelhecendo com apetite pela vida: interlocuções psicossociais* (pp. 31-52). Vozes.
- Xichen, Z., Mengnan, L. (2020). Analysis of the Function of Elder Education to Continue Socialization of the Elderly. *International Journal of Elderly Welfare Promotion and Management*, 4 (1), 1-6.

## **Educação e Saúde: Promovendo o processo de aprendizagem a partir do uso das TIC na terceira idade**

MOACIR DE SOUZA JÚNIOR<sup>1</sup>

ANA CAROLINE DE VASCONCELOS ARAÚJO ARNAUD<sup>2</sup>

MARIA DO SOCORRO FURTADO SILVA SILVEIRA<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Instituto Agropolos do Ceará

<sup>2</sup>Universidade Anhanguera - Uniderp

<sup>3</sup>Universidade da Madeira

msjunior0902@gmail.com

*enviado a 25/01/2021 e aceite a 15/03/2021*

### **Resumo**

É muito difícil aceitar-se velho em uma sociedade em que as figuras jovens sempre estão presentes nas mídias, mostrando todo o seu vigor e a sua saúde. Por outro lado, ser velho é perceber que o declínio da saúde e da própria vida é algo sem volta. Ser velho é presenciar que sua vida está em plena decadência, e, isso acarreta uma série de consequências quanto a ver-se como um ser na qual a sua juventude é apenas uma lembrança guardada na memória e que o espelho mostra todos os dias um rosto enrugado e flácido. A educação tem um papel primordial na formação de um cidadão mais consciente, já que é possível, a partir dela, modificar hábitos, sempre em busca de uma melhor qualidade de vida. Quanto maior for o nível de escolaridade da população, melhor será o índice de saúde, pois uma sociedade mais instruída previne-se melhor de doenças valorizando assim, a preservação. O uso das TIC na atualidade faz-se cada vez mais presente e tende a alcançar toda a sociedade mundial. Diante disso, a população idosa necessita estar preparada para o mundo tecnológico que se descortina diante dos seus olhos. A metodologia utilizada baseou-se em uma revisão de literatura com o intuito de obter ideias atuais sobre o assunto em questão.

Palavras-chave: educação; envelhecimento; idoso; saúde; TIC.

### **Abstract**

It is very hard to accept being old in a society where young people are always in the media, showing all their vigour and health. On the other hand, to be old is to become aware that the decline in health and life is something with no return. To be old is to witness that your life is in full decay, and this entails a series of consequences. Youth becomes just a remembrance kept in the memory and the mirror shows every day a wrinkled and flabby face. Education plays a primary role in the formation of a more conscious citizen since it is possible through it to change habits, always in the search for a better quality of life. The higher the level of education of the population, the better the health index will be. A more literate society is better equipped to prevent illnesses, thus valuing the preservation. The use of ICT nowadays is increasingly present. Moreover, it tends to reach every world society. Therefore, the elderly population needs to be prepared for the technological world that is unfolding before their eyes. The methodology used was based on a literature review, to obtain current ideas on the subject in question.

Keywords: Education. Ageing. Elderly. Health. ICT.

### **Introdução**

De acordo com a Constituição Brasileira (1988, p. 2) em seu Art. 5º “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à

propriedade”. Isso demonstra que todos têm o direito de gozar uma vida plena em toda a sua dimensão.

Entretanto, não é a isso que assistimos, principalmente no que diz respeito à população da terceira idade, visto que esta encontra-se em situações de vulnerabilidade não apenas no que preconiza a lei máxima do Brasil, como no processo de empregabilidade, já que um indivíduo que se encontra desempregado tem maior dificuldade em encontrar-se e realocar-se no mercado laborativo. Vale salientar que existe a dificuldade do uso das TIC no cotidiano de boa parte da população idosa do Brasil.

O envelhecimento das populações é um dos mais importantes desafios para a saúde pública contemporânea, especialmente nos países em desenvolvimento, onde o envelhecimento ocorre em um ambiente de pobreza e de grande desigualdade social. Nessa perspectiva, um estudo epidemiológico de boa qualidade e delineado de forma a contemplar essas especificidades são essenciais para subsidiar o desenvolvimento de políticas de saúde adequadas à realidade da população de idosos nesses países, para que envelheçam com saúde (Lima-Costa; Barreto, 2003, p. 199).

É muito difícil aceitar-se velho em uma sociedade em que as figuras jovens sempre estão presentes nas mídias, mostrando todo o seu vigor e sua saúde. Por outro lado, ser velho é perceber que o declínio da saúde e da própria vida é algo sem volta. Ser velho é presenciar que sua vida está em plena decadência, e, isso acarreta uma série de consequências quanto a permitir ver-se como um ser na qual a sua juventude é apenas uma lembrança guardada na memória e que o espelho mostra todos os dias um rosto enrugado e flácido.

Em Brasil (1998a, p. 27-28), é pertinente destacar que: atitudes favoráveis ou desfavoráveis à saúde são construídas desde a infância, pela identificação com valores observados em modelos externos ou em grupos de referência. A escola cumpre papel destacado na formação dos cidadãos para uma vida saudável, na medida em que o grau de escolaridade em si tem associação comprovada com o nível de saúde dos indivíduos e dos grupos populacionais. Mas a explicação da Saúde como tema inserido no currículo eleva a escola ao papel de formadora de protagonistas – e não de pacientes – capazes de valorizar a saúde, discernir e participar de decisões relativas à saúde individual e coletiva. Portanto, a formação de cada ser humano para o exercício da cidadania compreende a motivação e a capacitação para o autocuidado, assim como a compreensão da saúde como direito adquirido e como responsabilidade pessoal e social.

A valorização da saúde faz-se imprescindível, não apenas como algo curativo, mas também do ponto de vista preventivo, sejam nos aspectos individual ou coletivo, no qual o exercer da cidadania dá-se a partir da compreensão do processo de saúde, bem como do autocuidado e do senso de responsabilidade por si e pelos outros.

E, nesse sentido, a educação tem papel primordial na formação de um cidadão mais consciente, já que é possível por meio dela, modificar hábitos até então existentes, sempre na busca por uma melhor qualidade de vida. Quanto maior for o nível de escolaridade da população, melhor será o índice de saúde, pois uma sociedade mais instruída previne-se melhor de doenças, valorizando assim a preservação.

Atualmente, no Brasil, assistimos a uma preocupação crescente com o aumento da população idosa, denominada aqui de terceira idade<sup>1</sup>. Tanto os órgãos governamentais quanto a iniciativa privada voltam sua atenção para esse quantitativo de sujeitos que aumenta a cada dia, engrossando assim, uma fileira que só tende a crescer não apenas no Brasil, mas em todo o mundo.

Nesse sentido, na compreensão de sociedade, a concepção de homem e de educação, a população idosa é considerada improdutiva, que não satisfaz mais a dinâmica social. Sociedade esta que absorve e valoriza os indivíduos que estão atrelados ao sistema de produção e de consumo (Souza Jr, 2019, p. 2).

Paz (2001 como citado em Souza Jr, 2019, p. 2) assevera que: o acentuado desenvolvimento do capitalismo da era moderna vem desprezando a tradição humana e sua memória, e culturalmente descaracterizando a velhice, pelo processo de desprestígio, exclusão social e anulação, que este modelo impõe aos que não “servem” [grifo do autor], aos que não possuem uma perspectiva imediatamente útil, ou vigorosamente produtivo, conforme as necessidades lucrativas do capital, ou seja, que não se encontram diretamente nos meios de produção.

A discriminação impregna os mais recônditos lugares, porém o direito de continuar produzindo é inalienável. Não podemos esquecer que o conjunto da população está envelhecendo. As regras que embasam as condutas vigentes e o preconceito precisam mudar e rápido.

Mesmo diante de um cenário em que muitas vezes o sujeito da terceira idade encontra-se preterido por alguém mais jovem, assistimos ao surgimento de produtos voltados para o consumo da população idosa sendo veiculados aos meios de comunicação. Cursos são oferecidos para a especificidade desse público, favorecendo assim uma aprendizagem que se faz contínua e prazerosa, na qual se utiliza o uso das TIC de forma constante.

Porém, temos assistido cada vez mais a população idosa sendo descoberta como um grande trunfo no cenário mercadológico, não apenas do ponto de vista consumidor, mas também como detentor de conhecimento que pode contribuir de forma efetiva para uma sociedade mais solidária.

Apesar de terem conquistado uma visibilidade maior não só na mídia, mas também na sociedade, faz-se necessário buscar novas conquistas para essa população. O uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) possibilitou uma maior interação com o mundo globalizado e o acesso às informações, favorecendo assim, um processo de aprendizagem mais dinâmico e acessível.

Peixoto e Clavairolle (2005 como citado em Souza Jr, 2019, p. 5) apontam que: As “novas tecnologias” [grifo dos autores] sempre estiveram associadas à modernidade e, portanto, ao novo/recente/juventude, contrastando com o velho/antigo/velhice. No imaginário social, tudo acontece como se existisse uma incompatibilidade entre novidade e velhice. Vários estudos sobre o desenvolvimento das situações de interação entre pessoas de mais idade e objetos tecnológicos – em termos de necessidades e adaptações – têm analisado o lugar simbólico que ocupa a idade no discurso sobre o uso das novas tecnologias.

---

<sup>1</sup>No decorrer do estudo, utilizaremos diferentes denominações como idoso, velhice, velho, maturidade e outros, porém estaremos referindo-nos à terceira idade.

Com o advento do uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) atualmente, a população denominada terceira idade vê-se como indivíduos que estão apropriando-se desse novo conhecimento; se bem que não é tão novo assim. O uso das TIC no cotidiano das pessoas possibilita enveredar pelos mais diversos caminhos. Nesse sentido, a população idosa vislumbra uma nova aprendizagem de não apenas saber manusear uma ferramenta, mas o de apropriar-se de um novo conhecimento que traz em seu bojo uma infinidade de possibilidades de aprendizagem, bem como uma maior interação com um mundo vasto e que se descortina à sua frente, como nunca visto antes.

Nesse contexto o artigo tem por objetivo identificar a educação no processo de envelhecimento a partir da aprendizagem e do uso das TIC como processo de construção do conhecimento.

### **Metodologia**

A metodologia utilizada baseou-se em uma revisão de literatura, com o intuito de obter ideias atuais sobre o tema em questão. Ressaltamos ainda que autores como Pierre Levy, Carlos Nogueira Fino, Jesus Maria Sousa, Seymour Papert, Moragas, Falcão, Galvão entre outros, colaboraram no diálogo empírico, no desenvolvimento teórico e dissertativo do presente artigo.

Portanto, nessa perspectiva, “a Revisão Bibliográfica também é denominada de Revisão de Literatura ou Referencial Teórico. A Revisão Bibliográfica é parte de um projeto de pesquisa, que revela explicitamente o universo de contribuições científicas de autores sobre um tema específico” (Santos; Candeloro, 2006, p. 43). Para Lakatos e Marconi (1997), a pesquisa bibliográfica abrange toda a bibliografia tornada pública, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico, dentre outros, incluindo meios de comunicação oral como o rádio, gravações em fita magnética e audiovisual, filmes e televisão, enfim, tudo o que foi dito, escrito ou filmado, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transmitidos.

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica está no fato de possibilitar ao pesquisador abranger uma gama de fenômenos muito maior do que aquela que seria possível na pesquisa de campo. Além do mais, a rapidez e a economia favorecem o aprofundamento a partir do conhecimento de pesquisas já realizadas por outros e através de levantamentos bibliográficos. Demo (2000, p. 11) afirma que “lemos, pois, autores, para nos tornarmos autores, não discípulos”. Fazenda (2004) complementa dizendo que “nenhum autor é sozinho, todo autor é parceiro, nem que seja apenas de seus teóricos”<sup>2</sup>.

### **Referencial Teórico**

Almeida (1986, como citado em Junior *et.al.*, 2019, p. 9) afirma que: o ponto de partida de toda aprendizagem é uma necessidade, um desejo ou um motivo por parte de quem está aprendendo. Os motivos constituem o aspecto dinâmico do processo educacional, representando um dos pré-requisitos básicos de toda aprendizagem formal.

Nesse sentido, o ensino e a aprendizagem nos dias atuais tornam-se cada vez mais dinâmicos e constantes. O uso das TIC faz-se presente de maneira a auxiliar a todas as pessoas para um

---

<sup>2</sup>Ivani Fazenda. Colocação feita em sala de aula sistematizada em registros de memória em 24 mar. 2004. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2004.

aprendizado mais eficaz e eficiente, e isso não se faz diferente para os idosos, pois o emprego da tecnologia tornou-se algo comum e está inserido no cotidiano da população da terceira idade e que também traz um aprendizado significativo para essas pessoas.

### **O processo educacional na promoção da saúde na terceira idade**

Entendemos que a situação da saúde das pessoas na sociedade faz-se presente no seu estilo de vida, na sua relação com meio que o cerca, bem como seu poder aquisitivo. O processo de transformação de uma sociedade não se dá de um momento para o outro. Faz-se necessário, portanto, compreender toda essa questão por meio das mais diversas variáveis que envolvem viver em comunidade.

A educação tem papel primordial na formação de um cidadão mais consciente, já que é possível a partir dela, modificar hábitos até então existentes, sempre na busca por uma melhor qualidade de vida. Quanto maior for o nível de escolaridade da população, melhor será o índice de saúde, pois uma sociedade mais instruída previne-se melhor de doenças valorizando assim, a prevenção.

Brasil (1998b, p. 263-264) conclui que: a proposta de permear o conjunto dos componentes curriculares com a dimensão de saúde que lhes é inerente permite, na realidade, a recomposição de um conhecimento que vem sendo progressivamente fragmentado nas diferentes áreas do saber e no interior de cada uma delas. Assim, se os padrões de saúde e os diferentes conceitos de saúde são construções sociais e históricas, resgatar o componente saúde/doença da vida nos diferentes momentos e sociedades permite recompor a história tradicionalmente reduzida a uma sequência cronológica de fatos. Mais do que isso, ao se dar conta de que a diversidade cultural e, em especial, a pluralidade intrínseca à cultura brasileira, gera uma excelente oportunidade para a discussão sobre a situação de saúde de diferentes grupos, suas percepções diferenciadas quanto à questão, como resolvem seus problemas cotidianos e como têm-se mobilizado para transformar sua realidade.

A educação para a saúde deve ser assumida como uma responsabilidade de toda a sociedade, transformando-a em um projeto que deve ter a participação de todos. Para Cachioni (como citado em Prado e Sayd 2004, p. 63-64) apontam que: a partir da década de 1980, podemos verificar que as universidades começam abrir um espaço educacional, tanto para a população idosa como para profissionais interessados no estudo das questões do envelhecimento. Entre os adultos maduros e idosos predomina a oferta de programas de ensino, saúde e lazer, por meio dos quais acredita-se que essa população vem encontrando possibilidades de combinar desenvolvimento de sociedade e educação e permanente.

Quando a sociedade começa a abrir espaço para que a população idosa possa estar em pleno contato com o meio que a cerca, crescem as interações nesse sentido, já que todos saem ganhando na troca de experiências e informações. Para Júnior *et al.* (2019, p. 5) “A educação não deve apenas ser vista como algo que pode mudar uma determinada conduta, mas sim, como algo muito mais profundo que pode ser repassada de geração a geração”.

Petersen *et al.* (2013 como citado em Souza *et al.* 2019, p. 122) afirmam que: envelhecer não precisa significar entregar-se ao ócio. O tempo disponível quando se chega à terceira idade pode ser ocupado de forma prazerosa pela busca por novos conhecimentos, o que é essencial para a

conservação da saúde mental. O domínio das tecnologias computacionais amplia experiências, amizades e horizontes e proporciona uma forma de lazer segura e desafiadora.

Entendemos que se faz necessário que os sujeitos que fazem parte da terceira idade sintam-se motivados a inserirem-se cada vez mais nesse mundo tecnológico que se descortina de forma rápida e inexorável o tempo todo. Nesse contexto, é pertinente que as pessoas da terceira idade busquem soluções próprias para as mudanças que ocorrem no seu dia a dia, com o intuito de construir um conhecimento voltado para uma melhor qualidade de vida, mas também, para descobrir novas possibilidades no mundo que o cerca.

### **As TIC e suas especificidades na construção do conhecimento na terceira idade**

A sociedade nos dias atuais vive um processo de transformação constante no que diz respeito ao uso e ao acesso à Tecnologia da Informação e da Comunicação (TIC). Estamos a vivenciar uma sociedade do conhecimento que se descortina diante dos nossos olhos.

Petersen, Kalempa e Pysokz (2013, p. 122) asseveram que: envelhecer não precisa significar entregar-se ao ócio. O tempo disponível quando se chega à terceira idade pode ser ocupado de forma prazerosa pela busca por novos conhecimentos, que é essencial para a conservação da saúde mental. O domínio das tecnologias computacionais amplia experiências, amizades e horizontes e proporciona uma forma de lazer segura e desafiadora.

Lévy (1999) em seu livro “Cibercultura” aponta que o grande desafio é transformar o uso das TIC dentro de um espaço que se propõe a ser um ambiente de troca, de diálogo, de fazer junto, de construir um conhecimento dentro de um processo de ensino e de aprendizagem, em um ambiente que seja acessível a todos, principalmente para a população idosa que em muitos momentos enxerga-se fora desse contexto.

As instituições educacionais, especialmente aquelas que lidam com a terceira idade, devem utilizar o computador ou qualquer outro tipo de tecnologia informacional, de forma a favorecer uma aprendizagem efetiva, para que os alunos idosos possam realmente construir um conhecimento melhor e maior a partir da sua interação com o mundo.

Vivemos em um mundo em que a tecnologia faz-se cada vez mais presente. Porém, é preciso compreender o que esse mundo tecnológico traz para nós, no sentido de que possamos compreender a realidade que nos cerca, bem como refletir, questionar e avaliar qual educação queremos dar ao aluno da terceira idade.

As novas tecnologias são uma constante em qualquer categoria educacional. Com o seu uso, o processo de ensino e de aprendizagem tornou-se muito mais dinâmico, o conhecimento passou a ser construído pelo aluno de forma mais participativa, passando a ser um sujeito mais ativo, que busca incessantemente descobrir novas possibilidades, novos saberes.

A única tecnologia que é capaz de romper o cerco da escola é aquela que nada tem a ver com a modernidade, porque já é um produto da pós-modernidade. Ao manifestar a convicção de que a utilização do computador permitiria mudar o ambiente de aprendizagem fora das salas de aula, S. Papert foi um dos primeiros a reparar que, muito mais do que poder vir a servir para relançar a escola, como os adeptos do ensino assistido por computador haviam suposto, o computador poderia ser, ao invés disso, portador de potencialidade capaz de precipitar a sua obsolescência (Fino e Sousa, 2005, p. 62).

Com o uso das TIC de forma quase maciça por toda a sociedade mundial, a população idosa necessita estar preparada para o mundo lá fora. E, diante disso, faz-se preciso que esses sujeitos oriundos da terceira idade estejam em sintonia com o mundo tecnológico, para que possam fazer uso dessas ferramentas da forma mais independente e autônoma possível, levando-os a perceberem-se como seres ativos e participantes da sociedade, apesar de já estarem afastados dos seus postos de trabalho.

Atualmente, a utilização das TIC no meio educativo, além de ser uma realidade, é também uma necessidade, uma vez que as redes sociais são ferramentas bastante utilizadas para o compartilhamento interativo entre as pessoas e já estão incluídas no dia a dia da maioria dessas pessoas.

Papert (2008) fala sobre a transformação profunda ocorrida na sua vida intelectual, profissional e nos hábitos cotidianos decorrentes do uso do computador. Fato igualmente vivenciado por todos os que incluíram, em sua rotina, novas formas de tecnologia, cujo manuseio diário e continuado gerou um novo estilo de vida, mudando setores como educação, economia, vendas e, até as relações afetivas.

A utilização de computadores em casa e na educação é, portanto, uma prática que veio para ficar e, aos professores nas salas de aula, cabe a aproximação entre eles e os alunos. Sousa & Fino (2019) mencionam que o processo de integração dos computadores no meio educacional significa um marco na tentativa de tornar eficaz o ato de ensinar.

A partir da introdução dos computadores nas salas de aula, uma diversidade de aplicações informáticas têm sido desenvolvidas constantemente e usada como ferramenta cognitiva no campo da educação, destacando-se os softwares como meios essenciais ao ensinar e ao aprender. O uso das novas tecnologias na educação tem como meta colaborar para que o indivíduo construa o seu próprio conhecimento, partindo de sua própria vontade de aprender. Isso nos remete ao Construcionismo de Papert (2008; 1996; 1980), no qual o computador é apenas uma ferramenta para que o sujeito possa ser o protagonista da sua própria aprendizagem.

Podemos afirmar que o uso das TIC na sociedade está presente no dia a dia das pessoas e a educação não pode ficar de fora dessa realidade, pois é preciso adequar-se aos novos tempos, partindo da premissa de estes se encontram em constante evolução.

A informação é um dado exterior ao sujeito que pode ser armazenada, guardada, inclusive em um banco de dados. O conhecimento é o resultado de uma experiência pessoal ligada à atividade de um sujeito provido de qualidades afetivo-cognitivas, é intransmissível, é uma informação de que o sujeito apropria-se (Charlot, 2000, p. 61).

A tecnologia utilizada até agora nas instituições acadêmicas veio para ficar e tem provocado uma grande mudança nos padrões visando assim, a uma nova perspectiva no ato de ensinar e de aprender. Com o advento da internet, o mundo viu-se cada vez menor em sua dimensão, vivemos um processo de globalização, onde as barreiras físicas deixaram de existir, pois é possível ter acesso a ideias, a imagens com apenas o apertar de uma tecla. O mundo passou por grandes transformações ao longo do seu processo histórico-social-econômico e cultural e, decerto, continua sua evolução em ritmo cada vez mais acelerado.

Dentro desse contexto, os professores veem-se mais impelidos a fazerem parte de um processo sem volta, ressignificando sua forma de pensar o ensino e a aprendizagem no mundo

onde os meios eletrônicos estão cada vez mais avançados. O grande desafio dos docentes é utilizar a internet de forma pedagógica, já que esta tem um caráter de socialização da informação para todos. Socialização esta em que é possível vislumbrar e compartilhar novas ideias que podem auxiliar definitivamente no processo educacional do aprendiz que faz parte da terceira idade.

### **A aprendizagem na terceira idade**

Segundo Scortegagna e Oliveira (2012, como citado em Souza Jr, 2016) asseveram que as pessoas idosas que não possuem ou possuem pouca escolarização, detêm algum tipo de conhecimento sobre os mais diversos tipos de assuntos. Construíram esses conhecimentos ao longo de todo o seu percurso de vida a partir das suas experiências vividas, na qual interpretaram as mais diferentes situações de acordo com o que conhecem, as influências do meio que os cercam. Ressalte-se ainda que em toda a sua trajetória de vida, esses indivíduos foram-se modificando de acordo com a evolução de si e do próprio mundo.

Moragas (1991) aponta que os meios de comunicação de massa são vivências que podem produzir uma boa parte de compreensão de mundo. Entretanto, o autor adverte que essa compreensão não é total e, sim, parcial.

Nesse sentido, é possível perceber que os meios acadêmicos são de grande valia para articular os conhecimentos de modo mais significativo e abrangente. A troca de experiência entre o conhecimento produzido pela academia e aquele trazido pelo idoso podem dialogar perfeitamente para um melhor entendimento do mundo ao qual está inserido, levando esse sujeito a ser mais questionador, reflexivo e crítico durante a construção do seu conhecimento e isso traz um ganho enorme não apenas para ele, mas propaga-se em direção a todos aqueles que fazem parte do seu cotidiano.

Para Pereira Neves (2011 como citado em Souza Jr, 2016, p. 27), para que possamos realmente efetivar a aprendizagem na terceira idade, é necessário que essas pessoas sejam vistas como um ser participante na sociedade, que goza dos mesmos direitos que os demais indivíduos, que possui o direito ao acesso a uma educação de qualidade de acordo com suas características específicas, meio social e cultural.

Delors *et al.* (1999, p. 99) apontam ainda que: “a educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa – espírito e corpo, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade”. Entendemos, pois, que o processo de aprendizagem é algo que não tem fim. Processo este que se faz constante e continuamente. Que se reinventa em seu fazer diário e isso é o que vemos acontecer com os sujeitos da terceira idade, que acabam por se transformarem e como explicita Rogers (1969) é uma aprendizagem que traz um significado, ao mesmo tempo que leva o idoso a interagir não apenas consigo, mas também com o lugar em que se encontra.

É bem provável que os educandos idosos possam resistir mais que as crianças para exporem suas ideias, já que em muitos momentos eles não têm clareza de que possuem conhecimento sobre determinados assuntos. Dessa forma, convém fazer com que eles percebam-se capazes de colaborar de forma efetiva para a própria aprendizagem e dos seus pares, ao mesmo tempo em que desenvolva o sentimento de pertença ao grupo em que está inserido.

A recuperação da autoestima, da identidade pessoal e cultural e o reconhecimento mútuo dos educandos idosos envolve a rememoração de suas histórias de vida, de seus projetos e de suas expectativas. Vale lembrar que o idoso não deve ser forçado a expor sua situação pessoal, mas ser estimulado a fazê-lo como meio de integrar-se ao grupo. Em turmas heterogêneas, é provável que esse processo faça emergir conflitos entre os diferentes modos de ser. A diversidade de características dos idosos, que muitas vezes é vista como um obstáculo ao processo de ensino e de aprendizagem deve ser encarado como uma oportunidade para que o docente enfrente com o grupo os preconceitos e discriminações sociais, desenvolvendo valores e atitudes de solidariedade e tolerância perante as diferenças de gênero, de etnia, bem como de estilo de vida.

No dia a dia escolar são comuns as situações conflituosas envolvendo professor e alunos. São exemplos de dinâmicas conflituais: agitação, dispersão, crises emocionais, desentendimentos entre alunos e destes com o mestre. Irritação, raiva, desespero e medo são manifestações que costumam acompanhar as crises. Quanto maior for a compreensão que o docente tem dos fatores que provocam os conflitos, mais possibilidade terá de controlar a manifestação de suas reações emocionais e, em consequência, encontrar caminhos para solucioná-los. Assim, o professor terá condições de enxergar as situações com mais objetividade, e então agir de forma mais adequada (Galvão, 1995).

Nas interações marcadas pela elevação emocional, cabe ao mestre tomar a iniciativa de encontrar meios para reduzi-las, deve procurar contagiá-los com sua racionalidade ao invés de deixar-se contagiar pelo descontrole emocional dos discentes. Tendo em vista a suscetibilidade das manifestações emocionais às reações do meio social, acreditamos que os encaminhamentos do professor, se adequados, podem influir decisivamente sobre a redução dos efeitos desagregadores da emoção.

Se cada docente pensar nas situações de conflitos que vive com seus estudantes, é provável que consiga identificar e distinguir algumas categorias de conflitos. Cabe ressaltar que, a relação professor-aluno é uma relação complexa. “A relação professor-aluno na sala de aula é complexa e abarca vários aspectos; não se pode reduzi-la a uma fria relação didática nem a uma relação humana calorosa” (Morales, 1999, p. 49).

Na relação professor-aluno espera-se que o discente aprenda e que o docente oriente sua aprendizagem. Alguns leigos afirmam que se o aluno não aprendeu é porque o professor não ensinou. Costuma-se definir aprendizagem como mudança de comportamento, mas não é qualquer mudança que é considerada aprendizagem. Reserva-se o termo aprendizagem àquelas mudanças provenientes de algum tipo de treinamento, como o que ocorre nas aprendizagens escolares. Ocorre mudança de comportamento como, por exemplo, quando o indivíduo idoso entra na classe de alfabetização sem saber ler e escrever e no final do ano está lendo. O processo de aprendizagem pode ser definido como uma modificação relativamente duradoura do comportamento, que ocorre por meio de treino, experiência e observação.

A aprendizagem não se transmite por hereditariedade. É um processo pessoal, porque depende do envolvimento de cada um, de seu esforço e de sua capacidade. É um processo gradual pelo qual se aprende aos poucos e cada um tem um ritmo próprio. Falcão (1991) indica que é também um processo cumulativo, pois a cada nova aquisição adiciona-se algo.

Pereira (2018 como citado em Souza Jr, 2019, p. 196) indica que: o idoso é capaz de aprender, pois o ser humano aprende até a morte e, como aprendiz, pode viver melhor participando em grupo, de sua própria aprendizagem e da construção da aprendizagem dos outros, com dignidade, autoestima elevada, autoconfiança recuperada ou afirmada na busca constante de sua completude.

A aprendizagem é um processo que começa com o nascimento e permanece de uma forma ou outra por toda a vida. Muito do que aprendemos não é aprendizagem escolar. Aprendemos atitudes em relação a nós mesmos e aos outros; aprendemos a ser o tipo de pessoas que realmente somos.

A aprendizagem para os discentes da terceira idade indica a busca por preencher um vazio seja por não estarem mais engajados no dia a dia do mundo do trabalho, seja porque um dos companheiros tenha ido a óbito ou por outro motivo. O que interessa é que a construção do conhecimento tem em si uma dimensão que ultrapassa os resultados da sala de aula (Souza Jr, 2019, p. 195).

Entendemos que esse processo de aprendizagem é algo contínuo e dinâmico. Vale destacar que cada indivíduo tem seu próprio ritmo de aprender. Drouet (1990) assevera que uns são mais rápidos, outros necessitam de mais tempo. Compreendemos que a aprendizagem tem algo pessoal e individual. Cada sujeito tem seu momento. Convém enfatizar que ainda existe uma série de fatores que também podem interferir nesse ato de aprender como: “esquemas de ação inatos do indivíduo; estágio de maturação de seu sistema nervoso; tipo psicológico constitucional (introverso ou extroverso); grau de envolvimento, esforço e interesse” (Lopes, 2013, p. 11).

As novas aprendizagens do indivíduo dependem das experiências anteriores. Assim, as primeiras aprendizagens servem de pré-requisito para as subseqüentes. Por esse motivo, inferimos que a aprendizagem é um processo cumulativo, ou seja, cada nova aprendizagem vai-se juntar ao repertório de conhecimentos e de experiências que o indivíduo já possui indo constituir sua bagagem cultural (Lopes, 2013, pp. 11-12).

Compreendemos que a construção do conhecimento não é algo engessado e estático. Muito pelo contrário, o indivíduo ao aprender algo novo reorganiza seus pensamentos e ideias. Suas relações transformam-se e o processo de evolução torna-se cada vez maior e mais dinâmico (Falcão, 1991).

Tudo o que se aprende está relacionado ao sistema referencial da realidade. Aprende-se com a própria experiência. Indagação e sede de saber fazem parte da natureza humana. É necessário apenas acionar a capacidade de sentir para que se aprenda com satisfação. Ao aumentar a capacidade de absorver novas informações, estimula-se a percepção das relações entre um conjunto de dados e as estruturas pessoais, interiores e exteriores. Desse modo, cada fragmento de informação encontra o seu lugar adequado e amplia a integração do todo (Ribeiro, 1997, citado por Unicovsky, 2004, p.241).

Segundo Almeida (1986 como citado em Souza Jr, 2016, p. 27), “o ponto de partida de toda aprendizagem é uma necessidade, um desejo ou um motivo por parte de quem está aprendendo. Os motivos constituem o aspecto dinâmico do processo educacional, representando um dos pré-requisitos básicos de toda aprendizagem formal”.

Nessa perspectiva, é necessário que o professor sinta-se capaz de se solidarizar com os seus educandos, a dificuldade de encarar dificuldades como desafios estimulantes, a confiança na capacidade de todos de aprenderem e ensinarem. Coerentemente a essa postura, é fundamental que esse educador procure conhecer seus alunos idosos, suas expectativas, sua cultura, as características e problemas de seu entorno próximo, suas necessidades de aprendizagem. E, para responder a essas necessidades, esse indivíduo terá de buscar conhecer cada vez melhor os conteúdos a serem ministrados, atualizando-se constantemente.

Como todo profissional, o docente deverá também refletir permanentemente sobre sua prática, buscando os meios de aperfeiçoá-la, a fim de ter clareza e segurança quanto aos objetivos e conteúdos que integram um projeto pedagógico, procurando sempre estar em condições de definir, as melhores estratégias para prestar uma ajuda eficaz aos educandos em seu processo de aprendizagem. Importa salientar ainda, acerca da sensibilidade para trabalhar com a diversidade, já que numa mesma turma poderá encontrar idosos com diferentes bagagens culturais.

É especialmente importante, no contexto desse trabalho, favorecer a autonomia dos idosos, estimulá-los a avaliar constantemente seus progressos e suas carências, ajudá-los a tomar consciência de como se realiza a aprendizagem. Compreendendo seu próprio processo de aprendizagem, o idoso estará mais apto a ajudar outras pessoas a aprenderem, e isso é essencial para pessoas que, como é o caso de muitos deles, já desempenham o papel de educadores na família, no trabalho e na comunidade.

Também é uma responsabilidade importante favorecer o acesso dos idosos a materiais educativos como livros, jornais, revistas, cartazes, textos, apostilas, vídeos entre outros. Deve-se considerar o fato de que se trabalha com grupos desfavorecidos economicamente, que têm pouco acesso a essas fontes de informação (Souza Jr, 2016).

Por fim, Claxton (2005, como citado em Souza Jr, 2019, p. 197) afirma que: é necessário salientar que o processo de aprendizagem realizado na terceira idade não é apenas um ato qualquer, mas sim, indicar que se constrói conhecimento para a vida, que se está o tempo inteiro a aprender qualquer coisa, por menor que ela pareça. É importante valorizar o que cada sujeito traz consigo, pois o intuito maior de se construir uma aprendizagem significativa é saber que cada ser tem habilidade e competência para se tornar o melhor aprendiz, no intuito de desenvolver seu potencial, ao mesmo tempo em que ele possa compreender o mundo a sua volta.

### **Considerações finais**

Ao se trabalhar com a população idosa é importante que possamos oferecer a todos eles autonomia, bem como estimulá-los na sua aprendizagem, fazer com que eles tomem consciência do seu papel na sociedade e que possam ser de grande valia nas mais diversas áreas da aprendizagem, já que suas experiências podem ser essenciais para os mais jovens, ao mesmo tempo em que essa população está sempre disposta a ajudar.

O processo de construção do conhecimento dá-se desde o nosso nascimento até a nossa finitude. Estamos sempre em busca de novas aprendizagens. Isso também se aplica à população idosa, pois o ato de envelhecer é um processo natural de todo ser humano. Ao mesmo tempo,

ao refletir sobre esse aspecto, não cabe a nós, enquanto humanos que somos, menosprezar esse público, já que, se tivermos chance, envelheceremos.

Aprender é um “Mar sem fim”<sup>3</sup>, em que se descortinam as mais diversas possibilidades com o intuito de que aprender é uma viagem ao mundo da curiosidade, da inquietude e do descobrimento. Ou seja, uma viagem além da imaginação e sem retorno ao mesmo ponto de partida.

É possível chegar à velhice com uma boa qualidade de vida, desde que tenhamos consciência em mudar hábitos alimentares, de praticar atividades físicas com regularidade e estar suscetível aos novos processos de aprendizagens e mudanças que ocorrem no mundo.

Entendemos que o processo de aprendizagem pode ser visto tanto de forma positiva quanto de maneira negativa na evolução do desenvolvimento humano. O que se deve levar em consideração são as experiências de cada indivíduo em relação aos eventos vividos por ele. Não é difícil chegar à terceira idade com o corpo e a mente saudáveis. Alguns hábitos bem simples podem evitar uma série de problemas muito comuns nessa fase.

Cada ser humano enxerga a chegada da terceira idade de forma única e pessoal. Para uns, ser velho significa ser alguém que viveu intensamente, mas que ainda pode contribuir para a sociedade. Já para outros, a velhice significa a chegada de várias doenças, desprezo, estigma, conflito familiar entre outros. A sociedade geralmente associa o envelhecimento a um estado de decrepitude, de desorientação e de regressão, como algo ultrapassado, obsoleto.

Faz-se necessário perceber o outro como um ser humano que traz no seu interior uma história, um passado repleto de sonhos, de frustrações e desejos entre outros, no qual seja possível construir um mundo com maior tolerância, respeito, solidariedade e equidade, ao mesmo tempo em que todos possam ser responsáveis uns pelos outros (Souza Jr, 2016).

Por fim, entendemos que envelhecer é algo que não se muda, que faz parte de cada ser vivo. É a ordem natural em que nascer, crescer, envelhecer é visto como algo próprio do desenvolvimento das pessoas. A velhice faz parte de toda a história da humanidade e está inserida em todas as áreas do conhecimento da sociedade.

Envelhecer não significa sentir-se doente, sem vitalidade, discriminado e sem perspectivas. Envelhecer pode ser entendida como uma dádiva. É poder usufruir um pouco mais da vida sem os compromissos de responsabilidade a que estamos atrelados quando da nossa fase adulta. Assim, é possível exercer um modo mais tranquilo de se viver.

## Bibliografia

- Almeida, S. F. C. (1986). A motivação da aprendizagem no adulto jovem. *Revista de Psicologia*. Vol. 4, n. 1. Jan/Jul. Brasil (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 04 fev. 2021.
- Brasil (1998a). Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais*. Brasília-DF.
- Brasil (1998b). Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: saúde*. Brasília-DF.
- Brasil. (1990). Ministério da Saúde. *ABC do SUS – doutrinas e Princípios*.
- Charlot, B. (2000). *Da Relação com o Saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: ArtMed.
- Danton, G. (2011). Monteiro Lobato – vida e obra. <https://cejla.files.wordpress.com/2011/04/gian-danton-monteiro-lobato-vida-e-obra-1-38.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2021.
- DELORS, J (1999). *Educação um tesouro a descobrir*. 2 ed. In Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Cortez Editora: Brasília-DF, MEC. Unesco.
- Demo, P. (2000). *Metodologia do Conhecimento Científico*. São Paulo: Atlas.

<sup>3</sup>KLINK, A. Mar sem fim: 360° ao redor da Antártida. São Paulo: Companhia das Letras. 2000.

- Drouet, R. (1990). *Distúrbios de aprendizagem*. São Paulo: Editora Cortez.
- Falcão, G. (1991). *Psicologia da aprendizagem*. São Paulo: Ed. Ática.
- Fino, C., & Sousa, J. (2005). As TIC redesenhando as fronteiras do currículo. *Educação e Cultura Contemporânea*, 2(3), 53-66. <http://dx.doi.org/10.5935/reeduc,v2i3.4793>
- Galvão, I. (1995). *Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Júnior, M. de S., Arnaud, A. C. de V. A., & Silveira, M. do S. F. S., (2019) Educação e saúde: o processo de aprendizagem para a promoção de um envelhecimento com qualidade. *Anais VI Congresso Nacional de Educação (VI CONEDU)*. Campina Grande: Realize Editora. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/60090>. Acesso em: 04 fev. 2021.
- Lakatos, E. & Marconi, M. (1997) *Fundamentos de metodologia científica*. 3 ed. São Paulo: Atlas.
- Lévy P. (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34.
- Lima-Costa, M. F. & Barreto, S. M. (2003). Tipos de estudos epidemiológicos: conceitos básicos e aplicações na área do envelhecimento. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*. 12(4), 189-201. <http://dx.doi.org/10.5123/S1679-49742003000400003>. Acesso em: 04 fev. 2021.
- Lopes, P. (2013). *Dificuldades de aprendizagem e seus impactos no ensino superior*. [Monografia de Especialização, Universidade Cândido Mendes].
- Moragas, R. (1991). *Gerontologia Social: envejecimiento y calidad de vida*. Barcelona: Herder.
- Morales, P. (1999). *A relação professor-aluno*. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola.
- Papert, S. (2008). *A Máquina das Crianças: repensando a escola na era da informática*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Papert, S. (1996). *A Família em Rede: ultrapassando a barreira digital entre gerações*. Trad. Fernando Augusto Bensabat Lacerda e Melo. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Papert, S. (1980). *Logo, computadores e educação*. São Paulo: Braziliense, 1980.
- Paz, S. F. (2001). *Dramas, Cenas e Tramas: a situação de Fóruns e Conselhos de Idosos no Rio de Janeiro*. Tese Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Campinas, Campinas – SP. Brasil. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/253535>. Acesso em: 09 fev.2021
- Peixoto, C. E., & Clavairolle, F. (2005). *Envelhecimento, políticas sociais e novas tecnologias*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Pereira C., & Neves, R. (2011). Os idosos e as TIC: competências de comunicação e qualidade de vida. *Revista Kairs Gerontologia*, 14(1), pp. 5-26. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/7099>. Acesso em: 04 fev. 2021.
- Pereira, L. (2018). *A importância da aprendizagem na terceira idade*. Disponível em: [http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias\\_publicadas/N204140.pdf](http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/N204140.pdf). Acesso em: 04 fev. 2021.
- Petersen, D. A. W., Kalempa, V. C., & Pykosz, L. C. (2013). Envelhecimento e Inclusão Digital. *Extensio*. Vol. 10, nº 15. pp.120-128. <https://doi.org/10.5007/1808-0221.2013v10n15p120>. Acesso em: 04 fev. 2021.
- Prado, S. & Sayd, J. (2004). A pesquisa sobre envelhecimento humano no Brasil: grupos e linhas de pesquisa. *Revista Ciência e Saúde Coletiva*. 9(1). Rio de Janeiro. pp. 57-68. <https://doi.org/10.1590/1413-81232004000100006>. Acesso em: 04 fev. 2021.
- Rogers, C. (1969). *Liberdade para aprender*. Belo Horizonte-MG: Interlivros.
- Scortegagna, P., & Oliveira, R. (2012). Idoso: um novo ator social. *IX ANPED SUL*.
- Sousa, J., & Fino, C. (2019). As TIC abrindo caminho a um novo paradigma educacional. *Revista Educação E Cultura Contemporânea*, 5(10). Recuperado janeiro 22, 2021, de <http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/view/7013/47966003>. Acesso em: 04 fev. 2021.
- Souza M. Jr. (2016). A aprendizagem na Terceira Idade através do uso das TIC. *Anais do III Seminário Estadual de Práticas Educativas, Memórias e Oralidades*. Fortaleza: EdUECE. pp. 21-30.
- Souza, M. Jr. (2019). *Navegando no Mar Sem Fim da Aprendizagem na Terceira Idade: uma investigação acerca do uso das TIC e da inovação pedagógica*. Tese de doutorado, Universidade da Madeira, Funchal, Portugal.
- Unicovsky, M. A. R. (2004). A educação como meio para vencer desafios impostos aos idosos. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 57(1), p. 241-243. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672004000200022>



## As redes sociais, estilos e qualidade de vida em séniores: Estudo de caso

BRUNA PEREIRA<sup>1,2,3</sup>

BRUNO SOUSA<sup>1,4</sup>

<sup>1</sup>CITUR Madeira - Centre for Tourism Research, Development and Innovation, University of Madeira

<sup>2</sup>Universitat de Vic – Universitat Central de Catalunya

<sup>3</sup>CIERL – Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais

<sup>4</sup>Health Service of Autonomous Region of Madeira

brunamicaela.freitas@uvic.cat

enviado a 26/01/2021 e aceite a 11/02/2021

### Resumo

A chamada Era Digital veio revolucionar a comunicação como a conhecíamos. O Mundo, as pessoas e a informação tornaram-se mais próximos e mais acessíveis. As redes sociais, em particular, tornaram-se o canal de eleição para a troca de contatos e a criação e o estabelecimento de relações sociais. Uma vez que os mais velhos são um dos públicos que mais carece de atenção, os canais digitais apresentam-se como uma ferramenta útil no combate à solidão e no aumento da qualidade de vida. Para além de ser uma questão biológica, o envelhecimento é também uma questão psicológica e social e é necessário encontrar soluções para que a fase última da vida seja passada da melhor forma possível. Esta investigação teve como objetivo investigar a relação entre a utilização das redes sociais e a qualidade de vida de 102 idosos através da análise e realização de um questionário online. Este trabalho concluiu que séniores com idade igual ou superior a 65 anos utilizam ativamente as redes sociais, com mais ou menos proficiência, que estas contribuem para o seu bem-estar e que desejariam adquirir mais conhecimentos, nomeadamente, pela participação em formações e cursos.

Palavras-chave: Redes sociais; Qualidade de vida; Séniores; Estilos de vida; Velhice.

### Abstract

The so-called Digital Era has revolutionised communication, as we know it. The world, people and information have become closer and more accessible. Social networks, in particular, have become the channel of choice for exchanging contacts and creating and establishing social relationships. Since the elderly are one of the publics that most need attention, digital channels present themselves as a useful tool to fight loneliness and increase the quality of life. Besides being a biological issue, ageing is also a psychological and social issue, which is why we need to find solutions to ensure that the last part of life is spent in the best possible way. This research aimed to discover the relationship between the use of social networks and the quality of life of 102 elderly people through the completion and analysis of an online questionnaire. This work concluded that seniors aged 65 and over use social networks actively with more or less proficiency, that these contribute to their well-being and that they would like to acquire further knowledge, namely by participating in training sessions and digital courses.

Keywords: Social networks; Quality of life; Seniors; Lifestyles; Elderly.

### 1. Introdução

As novas tecnologias tomaram o Mundo de assalto e têm vindo a promover-se a si próprias, aumentando o número de utilizadores a uma velocidade extraordinária. As longas filas para adquirir o último modelo de telemóvel, computador, consola ou outros *gadgets*, tornaram-se banais, a tecnologia sobrepôs-se, admitiu o seu estatuto de celebridade e a humanidade rendeu-se. Com esta nova realidade, surgiram também outras novidades como as redes sociais, que

subitamente permitiram o contato direto, rápido e fácil com conhecidos e desconhecidos, abrindo todo um novo universo para a sociedade, permitindo a interação, a partilha de informação, de ficheiros e de fotografias. As camadas mais jovens, conhecidas pela sua facilidade em aprender, são exímias na gestão das suas redes sociais e dominam-nas de forma exemplar. Por outro lado, as camadas mais velhas, distanciadas de toda esta revolução digital, podem apresentar dificuldades em aprender e utilizar estes meios de comunicação. Para além de ser um processo físico, o envelhecimento é também um processo psicológico e social. O idoso envelhece no meio no qual está introduzido, sendo influenciado e influenciando o mesmo. As redes sociais têm a capacidade de oferecer uma maior interação com esse meio e com familiares a quem esteja numa fase de vida mais solitária e limitada, aumentando a sua qualidade de vida.

Este trabalho teve como objetivo investigar a utilização das redes sociais e o bem estar e os estilos e a qualidade de vida de séniores com idade igual ou superior a 65 anos, através da aplicação de um questionário online desenvolvido especificamente para este fim.

## **2. As Redes sociais e os séniores**

Os avanços na medicina e na saúde aumentaram relativamente a longevidade da população humana (Bahramnezhad et al., 2017, p. 4306) e com esse aumento da duração da vida surge a necessidade de continuar a manter um estilo de vida satisfatório e de bem-estar. Como seres humanos, a socialização é um aspeto muito importante da vida e torna-se mais significativo na terceira idade quando outras atividades como o trabalho e o cuidar da família deixam de existir. Por este motivo, as redes sociais podem ser uma ferramenta eficaz para continuar a socializar com familiares e amigos. “As redes sociais digitais (RSD) são descritas como espaços online em que os indivíduos usam para se apresentar e para estabelecer ou manter conexão com outros.” (Jantsch et al., 2012, p. 174)

Na atualidade e apesar do grande avanço tecnológico e da proliferação das redes sociais, ainda existe parte da população que continua excluída e a viver à parte desta realidade. Os idosos, neste caso, são uma parte significativa da população que continua à margem destas experiências que podem contribuir para o seu bem-estar pessoal.

Como referido por Jantsch et al., (2012, p. 174), a mobilidade reduzida, o crescimento da criminalidade nos espaços urbanos e ainda o atual constrangimento social causado pelo estado de emergência mundial devido ao vírus COVID-19 mencionado em Hajek e König (2020, p. 121) são alguns dos motivos que reduzem a interação humana na terceira idade. A utilização de redes sociais pode ter um grande papel na amenização destas situações por providenciar instrumentos que combatam a solidão.

Com o crescimento das redes sociais e dos seus utilizadores, tem também crescido o número de trabalhos que se dedicam a estudar estes fenómenos sociais e tecnológicos. No estudo de Rolandi et al. (2020), os investigadores conduziram um estudo de bem-estar e redes sociais a 60 utilizadores treinados para o uso das redes sociais e 70 não treinados, totalizando 130 participantes entre os 81 e 85 anos em Milão. Essa investigação foi realizada durante o período de confinamento devido à pandemia causada pela COVID-19 e concluiu que os idosos treinados para a utilização desses canais aumentaram o uso dos mesmos significativamente e sentiram-se menos sós. Ao mesmo tempo, apresentaram uma redução nos contatos pessoais, colaborando com a diminuição da situação pandémica. Por outro lado, os usuários não treinados para o uso

das redes demonstraram sentimentos de exclusão e aumento da necessidade do contato humano. Stockwell et al. (2020) apresenta também resultados interessantes para a criação de um modelo de intervenção digital na terceira idade como forma de combate à solidão e a pensamentos negativos. Estes investigadores aplicaram um questionário a quase 5000 utilizadores ingleses de ambos os géneros e com uma idade média de 64 anos, com o objetivo de estabelecer uma ligação entre a utilização das redes sociais e o isolamento social. Os resultados demonstraram que cerca de 70% dos intervenientes utilizavam a Internet e o e-mail diariamente e esta era uma forma de se manterem socialmente ativos, o que colaborava para a sua felicidade.

Em Hajec e König (2020), os autores defendem que o Skype e o Facebook podem ser soluções eficazes contra o isolamento especialmente nas circunstâncias atuais marcadas pela pandemia global da COVID-19. Esta pesquisa apresenta o vírus como um novo elemento de constrangimento social que impede a aproximação dos idosos aos seus familiares e amigos e as redes sociais mencionadas surgem como um mecanismo de combate a sentimentos depressivos e de tristeza, que podem ajudar a ultrapassar esta situação.

Um dos problemas que surgem aquando da importância da literacia digital, é passar da teoria à prática e dotar os mais velhos de competências que lhes permita tirar partido destas novas tecnologias. Em abril de 2020, surgiu uma linha de apoio em Portugal designada “Somos Todos Digitais”, cujo objetivo foi auxiliar os idosos a utilizar os seus equipamentos através de chamadas telefónicas. Durante as 920 horas de atividade, os voluntários ajudaram centenas de pessoas e concluíram que o *Whatsapp* foi a rede mais procurada. (Informação retirada do website <https://www.somostodosdigitais.pt>). Esta experiência demonstrou não só a necessidade e vontade dos idosos em aprender a utilizar os equipamentos e as redes sociais, mas também os efeitos benéficos da formação, neste caso, telefónica. “Os idosos estão reconhecendo que eles têm muito a ganhar com o uso das RSD, pois a maioria deles fica online para mandar e-mails, para reunir informações de hobbies, notícias, informações sobre saúde, navegar por diversão, obter atualizações do clima, além da comunicação. Os idosos podem perceber a RSD como uma atividade mais de entretenimento que os ajude a manter contato com familiares e conhecidos, e assim, esta apreciação pode influenciar positivamente no uso da tecnologia, além de beneficiar a qualidade de vida.” (Jantsch et al., 2012, p. 174)

Correia et al. (2019, p. 26) realizou um estudo a 1174 utilizadores de Facebook em Portugal onde o “instrumento de recolha de dados baseou-se num inquérito por questionário, aplicado on-line”, que analisou o sexo, a idade, a escolaridade, o estado civil, a existência de filhos, o local de utilização do Facebook, a frequência de utilização, a duração média de cada acesso, o estado de utilizador e o acesso ao centro de ajuda do Facebook por parte dos participantes. Já em Marchi et al. (2020, p. 27) observou-se que a amostra foi muito menor, com apenas 26 indivíduos e a “escolha dos participantes se deu por amostra de conveniência, mais especificamente, com base no método bola-de-neve.”

### **3. Estudo de caso**

A adesão e utilização das redes sociais pelos séniores são realidades que já fazem parte da sociedade portuguesa. Existem muitos estudos que abordam o uso destas redes pelas camadas mais idosas, no entanto, e devido à proliferação das redes e das suas características, estes pecam

por ficarem rapidamente desatualizados. Desta forma, este trabalho pretende atualizar o tema e contribuir para o avanço desta área do conhecimento.

Foi elaborado um estudo de caso para analisar a utilização das redes sociais em indivíduos com idade igual ou superior a 65 anos, assim como o seu estilo de vida, a qualidade de vida, e a necessidade de se realizarem formações aos mesmos nesta área. Para isso, foram consideradas investigações e métodos de pesquisas relacionadas, nomeadamente, os trabalhos de Stockwell et al. (2020), Marchi et al. (2020) e também Correia et al. (2019).

### **3.1. Material e métodos**

Trata-se de um estudo transversal quantitativo, de natureza analítica divulgado nas plataformas digitais.

O presente estudo consistiu na aplicação de um questionário online através de uma amostra de conveniência de indivíduos com idade igual ou superior a 65 anos, residentes em Portugal.

A recolha de dados ocorreu entre 10 e 17 de janeiro de 2021. Foi construído um questionário na plataforma *Google Forms* e disponibilizado aos participantes por meio de um link que foi partilhado por email direto e em redes sociais, mais especificamente no *Facebook*, *Whatsapp* e *Instagram*. Dados pessoais e outros dados relacionados com as redes sociais, estilos de vida e a qualidade de vida foram recolhidos através de um questionário autoaplicável.

Neste questionário, dos dados pessoais, faziam parte o sexo, a idade e a escolaridades, dos dados sobre as redes sociais, foram questionados sobre a sua utilização, quais as que utiliza, quem criou, com que frequência utiliza, a sua importância, o tipo de publicações, a tipo de interação, os seus conhecimentos, utilizando uma escala desde nenhum até excelente, e o interesse sobre formação nesta área. Foram ainda inqueridos sobre importância das redes sociais para o seu bem-estar, utilizando uma escala de 0 a 10. Relativamente ao estilo de vida foi recolhida a opinião sobre a sua alimentação, utilizando uma escala desde nada saudável até muito saudável, e relativamente à atividade física, tendo em consideração a sua idade se consideravam ser desde inativos até muito ativos, também utilizando uma escala. Foram também recolhidos dados sobre a obtenção de informações sobre a saúde e a alimentação nas redes sociais, utilizando uma escala desde nenhuma até muito frequentemente, e quanto à qualidade de vida, foram questionados como avaliavam a sua qualidade de vida, podendo classifica-la, utilizando uma escala, desde muito má a muito boa.

O estudo foi realizado respeitando os princípios éticos consignados na Declaração de Helsínquia, e todos os participantes deram o consentimento informado online em conformidade com as diretrizes do Regulamento Geral de Proteção de Dados.

Os dados do *Google Forms* foram exportados para o *Microsoft Excel* 2016, EUA, e todas as análises estatísticas foram realizadas no *SPSS Statistics* (versão 26.0; SPSS Inc., Chigaco, Illiniois, EUA).

As frequências absolutas e relativas foram utilizadas para descrever as variáveis categóricas. As variáveis quantitativas com distribuição normal foram descritas pela média e desvio-padrão (DP).

### 3.2. Resultados

Responderam ao questionário 102 séniores, sendo que 61 (59.8%) eram do sexo feminino. Dos participantes, 96 (94.1%) tinham entre 65 e 79 anos, e 6 (5.9%) uma idade igual ou superior a 80 anos. A idade média foi de 71.4 anos (DP=3.9). Relativamente à escolaridade, 3 (2.9%) tinham até ao 6º ano, 20 (19.6%) entre o 7º e o 12º ano, e 79 (77.5%) tinham uma formação graduada ou pós-graduada.

A maioria (97.1%; n=99) destes séniores utilizam as redes sociais, e destes, entre as redes que utilizam, foi o *Whatsapp* (93.9%) o mais referido, seguido do Facebook (77.8%) e do Instagram (43.4%) (Tabela 1).

**Tabela 1.** Redes sociais que utilizam (n=99)

Redes sociais	n	%
Whatsapp	93	93.9
Facebook	77	77.8
Instagram	43	43.4
Skype	36	36.4
Twitter	9	9.1
Viber	5	5.1
Snapchat	2	2.0
Zoom	2	2.0

Dos que utilizavam as redes sociais, em 64 (64.6%) tinha sido o próprio a criar a rede social preferida, em 32 (32.3%) tinha sido um familiar e em 3 (3%) tinha sido um amigo. Nestes, a maioria (50.5%) utilizava a rede social preferida 1 a 9 vezes por dia (Tabela 2).

**Tabela 2.** Frequência de utilização da rede social preferida (n=99)

Frequência de utilização	n	%
10 ou + vezes por dia	20	20.2
1 a 9 vezes por dia	50	50.5
1 a 6 vezes por semana	22	22.2
1 a 3 vezes por mês	7	7.1

Verificamos ainda que 74 (72.5%) fazem publicações na rede social preferida, sendo que habitualmente publicam informações de interesse geral (47.3%), ou fotografias ou comentários pessoais (36.5%), ou imagens ou conteúdos de páginas diversas (1,4%), entre outros tipos de publicações (14.9%). A maioria (80.8%; n=80) interage com publicações visualizadas, e entre estes, 40 (50%) habitualmente interage com fotografias de familiares e amigos, 20 (25%) com páginas públicas, 10 (12,5%) com informações locais referentes ao local onde vivem, e os restantes com outro tipo de publicações.

Uma grande parte dos utilizadores das redes sociais considera que os seus níveis de conhecimentos sobre as redes sociais é intermédio (48.5%) ou básico (34.3%) (Tabela 3).

**Tabela 3.** Classificação do conhecimento/utilização das redes sociais (n=99)

<b>Conhecimento sobre as redes sociais</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Excelente	7	7.1
Avançado	10	10.1
Intermédio	48	48.5
Básico	34	34.3
Nenhum	0	0

Dos utilizadores das redes sociais, 85 (85.9%) afirmaram que estas eram importantes para eles, apresentado como principal razão o facto de conversar com amigos e familiares (47.5%), assim como tomar conhecimento de notícias (26.3%) (Tabela 4).

**Tabela 4.** Principal razão para utilizar as redes sociais (n=99)

<b>Principal razão para utilizar as redes sociais</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Conversar com amigos e familiares	47	47.5
Tomar conhecimento de notícias	26	25.5
Lazer	14	14.1
Passar o tempo	11	11.1
Conhecer pessoas	1	1.0

Quando perguntamos qual a importância que as redes sociais têm no seu bem-estar, numa escala de Likert até 10 pontos, encontramos uma média de 5.8 pontos (DP=1.6). Contudo, dos utilizadores das redes sociais, 64 (62.7%) referem que se sentem “menos só” quando utilizam estas redes. De referir ainda que, 81 (79.4%) séniores referem que a sua qualidade de vida é boa (Tabela 5).

**Tabela 5.** Qualidade de vida (n=102)

<b>Qualidade de vida</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Muito boa	14	13.7
Boa	81	79.4
Nem boa nem má	7	6.9
Má	0	0
Muito má	0	0

Relativamente ao estilo de vida dos participantes, a maioria (86.3%) considera que tem uma alimentação saudável e 63.7% que é fisicamente ativo (Tabela 6).

**Tabela 6.** Opinião sobre o seu estilo de vida (n=102)

<b>Alimentação</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Muito saudável	8	7.8
Saudável	88	86.3
Pouco saudável	6	5.9
Nada saudável	0	0
<b>Atividade física</b>		
Muito ativo	11	10.8
Ativo	65	63.7
Pouco ativo	26	25.5
Inativo	0	0

Quanto às informações procuradas por estes séniores nas redes sociais, relacionadas com a saúde e com a alimentação, verificámos que em ambos os casos, 52 (52.5%) raramente procuram informações sobre estas temáticas (Tabela 7).

**Tabela 7.** Informações procuradas nas redes sociais (n=102)

<b>Informações sobre saúde nas redes sociais</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Muito frequentemente	2	2.0
Frequentemente	37	37.4
Raramente	52	52.5
Nunca	8	8.1
<b>Informações sobre alimentação nas redes sociais</b>		
Muito frequentemente	3	3.0
Frequentemente	34	34.3
Raramente	52	52.5
Nunca	10	10.1

De realçar que 77 (75.5%) dos participantes considera importante a realização de formações para a utilização de redes sociais mas apenas 51 (50%) estariam disponíveis a frequentar uma formação sobre as redes sociais.

### **3.3. Discussão**

Esta investigação contou com a colaboração de 102 indivíduos com idade igual ou superior a 65 anos que veem nas redes sociais uma possibilidade de integração na sociedade e de estar em contato com os seus familiares de uma forma mais prática e ativa.

Os dados sugerem uma relação entre o nível de escolaridade e o uso das redes sociais, sendo que 77,5% eram, no mínimo, licenciados, dados estes concordantes com os trabalhos de Correia (2019:27) onde apresentou “73.0% dos utilizadores do *Facebook*” com “habilitações literárias ao nível do ensino superior”, e Marchi et al. (2020, p. 27) com 69.2% dos intervenientes com “ensino superior completo”. Foram os próprios a criar a sua conta na rede social favorita e consideram o seu conhecimento e utilização das redes sociais intermédio. Por outro lado,

aqueles com uma escolaridade inferior afiguraram-se ter mais dificuldades na gestão destas plataformas online.

Neste trabalho, 32.3% possuem uma conta na rede social favorita criada por familiares, e os restantes 3%, cuja conta foi criada por amigos, o que pode ter sido por ausência de um meio familiar.

A principal razão para a utilização destas ferramentas digitais tais como o *Whatsapp* e o Facebook parece ser a aproximação e diálogo com os familiares, sendo a segunda razão mais apresentada, a procura de informações e notícias sobre a localidade onde se inserem e outras notícias de cariz geral, demonstrando a importância de se manterem atualizados. Apenas 1 entrevistado com idade igual ou superior a 80 anos indicou a opção “conhecer pessoas” como principal razão para a utilização destas redes, evidenciando a inexistência de um núcleo familiar e a vontade de conviver e comunicar.

Verificou-se que 72.5% fazem publicações na sua conta pessoal e o que mais publicam está relacionado com informações de interesse geral. A utilização para a publicação de fotografias e comentários pessoais surgiu em segundo lugar, indicando uma certa preocupação pela privacidade e uma consciência acerca dos perigos que podem ter ao expor informações pessoais.

No que diz respeito à importância que as redes sociais têm na vida dos entrevistados, 85.9% revelaram que estas eram muito importantes para eles. Quanto ao reflexo destas no seu bem-estar ocorreu uma grande oscilação entre não ser importante e ser muito importante, o que constituiu uma média de 5.8 numa escala de 0-10. No entanto, 62.7% referiram que se sentem “menos só” quando as utilizam e, desta forma, parece que se sentem mais felizes.

As redes sociais mais usadas foram o *Whatsapp*, *Facebook* e *Instagram* uma vez que são as redes mais populares no ambiente sociocultural no qual os entrevistados estão inseridos e, por sua vez, precisam utilizar as redes que a sua família e amigos usa para poder comunicar com eles.

Quanto à qualidade de vida dos entrevistados para esta investigação, verificou-se que 79.4% consideram a sua “boa” e 13.7% “muito boa”. Estes resultados estão diretamente correspondentes com o estilo de vida que estes idosos têm, uma vez que consideram ser pessoas ativas, exercitando-se e fazendo caminhadas e têm uma alimentação saudável. O fato de se considerarem ativos e saudáveis pode ser uma explicação para mais de 30% dos participantes ter referido que procura por informações acerca de alimentação e saúde nas redes sociais, de forma a manter esse estilo de vida.

Em relação à frequência que os idosos utilizam a sua rede preferida, verificamos que 50.5% dos utilizadores conectam-se à plataforma até 9 vezes por dia, o que se considera uma utilização moderada. 20.2% dos entrevistados revelaram utilizá-las 10 ou mais vezes por dia e apenas 7.1% declararam usar 1 a 3 vezes por mês. Esta variação poderá ser explicada pela presença e ausência de um círculo familiar, uma vez que os idosos que têm família e vivem sozinhos utilizam as redes para se manterem próximos dos seus entes queridos, e os que não têm família já não possuem nenhum grupo onde se integrar para comunicar.

Por fim, 75.5% dos intervenientes revelaram que consideram importante a realização de formações para aprenderem a trabalhar melhor com as redes sociais e 50% deles estariam interessados em frequentar um curso. Estes dados demonstram a importância que as

plataformas digitais têm na vida dos mais idosos, permitindo-lhes estar em contato com as pessoas que mais gostam e ter acesso a informações acerca de saúde e alimentação que contribui para o seu bem-estar.

O conceito de redes sociais tem evoluído muito nos anos recentes, o que justifica o aparecimento do *Whatsapp*, *Zoom* e *Skype* nas respostas dos participantes deste estudo. “*Facebook (FB) and Whatsapp (WA) have become the “communication portal” for social networking, which has rapidly transformed the way people communicate*” (Susilo, 2014, p. 10).

Em Tabassum et al. (2018, p. 2) encontramos uma tabela com a categorização das redes sociais onde podemos observar que o *Whatsapp* e o *Snapchat* integram as “*interaction networks*”, tais como outras semelhantes (*Viber*). Podemos considerar a entrada do *Zoom* também nesta secção uma vez que é uma plataforma que permite a interação em texto e vídeo. O *Facebook* e o *MySpace* surgem como “*friendship networks*”, o *Instagram*, o *Twitter* e o *Pinterest* aparecem como “*preference similarity networks*” e o *LinkedIn* ocorre como “*follower networks*”.

Ainda, no estudo de Dellarmelin e Froemming (2015, p. 182) é possível verificar que “*todos os idosos entrevistados tinham acesso à internet em casa e que as redes sociais mais utilizadas por estes eram o Facebook, WhatsApp, Twitter, Instagram e SnapChat, respectivamente.*”

#### **4. Conclusão**

A vida em sociedade está em constante mutação tecnológica, social e cultural e a necessidade de interação e informação imediata tornou-se vital. Os sêniores têm vindo a demonstrar muito interesse em participar da vida digital e em aprender a utilizar as redes sociais de forma autónoma e neste estudo parece haver uma associação clara entre a utilização independente das redes sociais e do nível escolaridade dos utilizadores.

Além da grande necessidade de estar online nestas plataformas por parte dos mais velhos, há uma consciencialização crescente acerca da necessidade de formá-los e dotá-los de competências digitais, tendo crescido o número de publicações mundiais a esse respeito e o surgimento de diversos cursos online e presenciais em vários países.

Este estudo concluiu que dezenas de idosos reconhecem a importância desta educação digital e estariam dispostos a frequentar um curso para instruir-se e conhecer melhor o funcionamento destas redes. É da responsabilidade dos formadores e professores dos media digitais elucidar os idosos acerca dos benefícios e dos perigos da vida online, instruindo-os sobre as suas potencialidades e dos aspetos mais negativos como a possibilidade de fraude, roubo de identidade e informação pessoal.

O estudo realizado permitiu concluir ainda que a utilização destes canais digitais é muito importante na terceira idade e contribui para o bem-estar dos utilizadores uma vez que estão em contato com familiares e amigos e obtêm notícias de interesse geral, favorecendo desta forma, a diminuição da solidão.

Tomar conhecimento acerca do que os mais velhos idealizam como qualidade de vida é crucial para compreender quais os seus hábitos de alimentação e saúde e, conseqüentemente, como interpretam o envelhecimento. Estes dados são cruciais para que os profissionais de saúde, educadores e formadores tenham a oportunidade de refletir sobre as melhores práticas profissionais para contribuir para a construção de um envelhecimento saudável.

## 5. Bibliografia

- Bahramnezhad, F., Chalikh, R., Bastani, F., Taherpour, & M. Navab, E. (2017). The social network among the elderly and its relationship with quality of life. *Electronic Physician*, 9, 4306-4311. <https://doi.org/10.19082/4306>
- Correia, P. Moreira, M. Martins, N. (2019). Caracterização Univariada dos Utilizadores do Facebook em Portugal. *Rev FAE*, 22(1). 23-34.
- Dellarmelin, M., & Froemming, L. (2015). Vovôs Conectados: Análise da utilização das Redes Sociais pelos Idosos. *Mostra de Iniciação Científica, Pós-graduação, Pesquisa e Extensão*, 4, 1-18. <https://doi.org/10.18226/35353535.v4.2015.130>
- Jantsch, A. Machado, L. Behar, P. Valdeni, J. (2012). As Redes Sociais e a Qualidade de Vida: os Idosos na Era Digital. *IEEE-RITA*, 7(4), 174-179.
- Hajek A., & König, H. H. (2020). Social Isolation and Loneliness of Older Adults in Times of the COVID-19 Pandemic: Can Use of Online Social Media Sites and Video Chats Assist in Mitigating Social Isolation and Loneliness? *Gerontology*, 67(1), 121-124. <https://doi.org/10.1159/000512793>
- Marchi, B. Rossetti, C. Cotonhoto, L. (2020). Idosos e Redes Sociais Digitais: Um Estudo Exploratório. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, 25(1), 21-40. <https://doi.org/10.22456/2316-2171.94447>
- Rolandi, E. Vaccaro, R. Abbondanza, S. Casanova, G. Pettinato, L. Colombo, M., & Guaita, A. (2020). Loneliness and Social Engagement in Older Adults Based in Lombardy during the COVID-19 Lockdown: The Long-Term Effects of a Course on Social Networking Sites Use. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(21), 7912. <https://doi.org/10.3390/ijerph17217912>
- Stockwell, S., Stubbs, B., Jackson, S., Fisher, A., Yang, L., & Smith, L. (2020). Internet use, social isolation and loneliness in older adults. *Ageing and Society*, 1-24. <https://doi.org/10.1017/S0144686X20000550>
- Susilo, A. (2014). Exploring Facebook and Whatsapp As Supporting Social Network Applications For English Learning In Higher Education. In *PDE Professional Development in Education Conference 2014*, 11-12, Park Hotel Bandung. Bandung.
- Tabassum, S, Pereira, FSF, Fernandes, S, Gama, J. (2018). Social network analysis: An overview. *WIREs Data Mining Knowl Discov*, 8(5), 1256. <https://doi.org/10.1002/widm.1256>
- Creative Minds. (2020). *Somos todos digitais*. <https://somostodosdigitais.pt>

## Os professores aposentados: Preparação, experiências e sentimentos pessoais vivenciados nessa condição

ANTÓNIO FIRMINO LOBO<sup>1</sup>

ALICE MENDONÇA<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Centro de Investigação em Educação da Universidade da Madeira

alice.mendonca@staff.uma.pt

enviado a 04/02/2021 e aceite a 22/03/2021

### Resumo

Esta investigação teve como objetivo compreender as alterações a nível psicológico e social dos professores quando se confrontam com o momento-chave que é o tempo da aposentação. Tendo como sujeitos de investigação os profissionais docentes aposentados, esta investigação qualitativa objetivou uma melhor compreensão de um acontecimento de vida que surge associado ao início do envelhecimento – a «passagem à reforma» – tentando determinar quais os impactos desta transição na sua vida. Os participantes neste estudo foram determinados tendo em consideração o objetivo e a abordagem da investigação. Assim, a sua seleção foi intencional visto que focalizamos a nossa reflexão naqueles que nos podiam facultar os elementos que visamos perceber (Minayo, 1993). Deste modo, o estudo aqui apresentado desenvolveu-se a partir dos depoimentos de 25 professores portugueses reformados, residentes na Região Autónoma da Madeira, com idades compreendidas entre os 55 e os 82 anos de idade, e pertencentes a diferentes níveis de ensino. A partir de entrevistas, estes professores aposentados relataram os sentimentos e as experiências pessoais vivenciados nessa condição.

Palavras-chave: Aposentação; Professores; Adaptação à reforma.

### Abstract

This research aimed to understand the changes in the psychological and social levels of teachers when faced with retirement. Retired teaching professionals were the subjects of this qualitative research, which aimed to determine the impact of the “transition to retirement” on their lives. The participants in this study were selected taking into account the research objective and approach. Thus, their selection was intentional since we focused our reflection on those who could provide us with the elements that we wanted to perceive (Minayo, 1993). Twenty-five retired Portuguese teachers, living in the Autonomous Region of Madeira, aged between 55 and 82 years old and belonging to different educational levels participated in this study. From interviews, these retired teachers reported their personal feelings and experiences.

Keywords: Retirement; Teachers; Adaptation to retirement.

Os jovens andam em grupo, os adultos em pares e os velhos andam sós.

Albert Camus

### 1. Introdução

Reformar-se, significa habitualmente o abandono da atividade profissional, o direito a receber uma pensão e a identificação com um novo papel, o de «reformado».

Dada a importância e papel central que, na generalidade dos países ocidentais, o trabalho remunerado assume na definição e no desenvolvimento da identidade de cada pessoa, a passagem à reforma revela-se como um acontecimento importante para o estudo de indicadores do processo adaptativo a esta nova etapa do arco da vida, ainda muito associada ao início do envelhecimento. Para muitos indivíduos, este *novo começo* é também o fim de um longo período que marcou as suas vidas, moldou hábitos, definiu prioridades e condicionou desejos, podendo igualmente trazer um tempo de libertação e de renovação ou conduzir a uma etapa de sofrimento e perda. Estas razões levam a pensar que a ocorrência da reforma seja um processo suscetível de criar um “conjunto de percepções, expectativas e sentimentos característicos de um processo de transição-adaptação” (Fonseca, 2005b, p. 46), com consequências imprevisíveis ao nível da satisfação de vida e do bem-estar psicológico, da saúde, do relacionamento com os outros, das rotinas quotidianas e até mesmo da personalidade.

Sousa, Figueiredo e Cerqueira (2006) referem que a aposentação simboliza o ritual de passagem ao estatuto de idoso, representando a transição das pessoas do grupo dos «ativos» ao grupo dos «reformados e improdutivos». Nesta sociedade ocidental, onde predomina a valorização extrema do trabalho, ser colocado à margem do processo das atividades remuneradas pode provocar grandes contrariedades e, como refere Oliveira (2008b), a perda da própria *identidade*.

Nesta etapa da vida, a vivência da reforma surge brutalmente e é abordada de forma individual; não há comunicação nem transição entre o mundo do trabalho e o mundo da reforma. Nesta fase, cada indivíduo experimenta, completamente só, a consequente desvalorização social, pois não existe um rito de passagem grupal. Cada um está solitário e sente esta saída de cena como uma condenação.

Tanto Simões (2006) como Oliveira (2008b) consideram que geralmente o reformado consegue adaptar-se bem à nova situação; o êxito ou fracasso do tempo de reforma depende de fatores como a forma como ela é encarada, o valor da pensão auferida, o sexo, a saúde e a cultura do reformado. Por outro lado, o carácter traumático ou compensador que a reforma pode assumir, depende fundamentalmente da combinação de dois fatores: a forma como se deixou o emprego, mais ou menos voluntária ou forçada, e a capacidade em controlar os acontecimentos, o que pressupõe, por exemplo, ter onde ocupar o tempo ou ter suficiente desafogo financeiro.

Para Oliveira (2008a, 2008b), o lazer ou o ócio são uma estratégia de evitamento do *stress* ou um modo de confrontar-se com os factos mais traumatizantes ou com as vicissitudes da vida. Para o autor, o lazer inclui uma grande variedade de atividades e objetivos e subentende atividades livres e voluntárias, incluindo o trabalho normal se feito com gosto e motivação.

Não obstante, como refere Casara (2007), a reforma origina uma quebra na rotina de ocupação do tempo, o que pode resultar em dificuldades na gestão do tempo disponível porquanto não existe ainda um paradigma de vida e de sociedade que se baseie plenamente no conceito de tempo livre, já que todos os modelos ocidentais de vida e de sociedade se baseiam no tempo do trabalho.

Fonseca (2005a) refere a importância da definição de objetivos como uma importante condição de ajustamento de cada indivíduo ao longo do ciclo de vida, associando-se quer à

satisfação de viver e ao bem-estar psicológico, quer a percepções de autoeficácia e de controlo pessoal.

“O coajustamento permanente entre objetivos e recursos de ação é uma fonte de resiliência do *self* ao longo do ciclo de vida” (Fonseca, 2005c, p. 308). Para permanecer resiliente a uma reforma mal administrada há que ter em atenção a importância de um conjunto de recursos internos e externos que se afirmam como *recursos de bem-estar*, como a cultura e a abertura à experiência, a necessidade de diversificar as atividades pessoais antes da velhice, romper a rotina, fazer amigos e cultivar a amizade, ser ativo e aberto aos outros, mas também dar atenção à vida interior e desenvolver a vida espiritual, sabendo parar para refletir e fazer uma avaliação da vida anterior e presente.

Para Arber e Ginn (1995), uma questão-chave das ligações entre a sociologia do envelhecimento e a sociologia do género é que o prolongamento da velhice representa a libertação de rígidas expectativas de papéis de género e uma oportunidade para as mulheres serem independentes e autodeterminadas, enquanto para os homens se abrem novos papéis e formas de relacionamento.

Mais recentemente, Sousa et al. (2006) afirmam que logo após a reforma o grande embate para um homem é passar muitas horas em casa sem saber bem o que fazer, enquanto a mulher precisa de se ajustar a ter o marido em casa. “A diferenciação de papéis, até aqui clara, começa a dissipar-se; os homens invadem a esfera de acção da mulher, movimento a que esta resiste” (Sousa et al. 2006 p. 28).

## 2. Metodologia

Na nossa pesquisa, procurámos compreender o comportamento dos indivíduos através dos seus próprios quadros de referência e não as relações entre factos e causas dos fenómenos.

Dadas estas características da investigação, fomos levados a preferir uma abordagem qualitativa que se apoia em muitas das particularidades intrínsecas do estudo de caso e que o justificam como opção metodológica. Ou seja, colocámos questões que visavam determinar “como” e “porquê”, relativamente a uma situação real (Yin, 2005) e efetuamos um “exame intensivo, tanto em amplitude como em profundidade” (Almeida & Pinto, 1976, p. 87).

Tendo ainda em conta que não possuíamos um quadro de amostragem para o universo em questão, pareceu-nos adequado conceber uma amostra não probabilística, de subtipo intencional, selecionando o que considerámos serem casos típicos ou interessantes do fenómeno em estudo. Deste modo, a nossa amostra constituiu-se em função das características específicas a investigar e exigiu que a partir de uma amostra “bola de neve” assegurássemos a variedade dos sujeitos e das situações de estudo, em harmonia com os nossos objetivos (Stake, 1995), e também com uma das características da pesquisa qualitativa referida por Guerra (2006): a procura da diversidade e não da homogeneidade.

Pretendemos atingir a diversidade por via de duas espécies de variáveis: as variáveis de identificação individual, como o sexo, a idade ou o local de residência, e as variáveis específicas, associadas ao próprio objeto da pesquisa: o professor e a reforma. Para tal, entrevistámos, com o máximo detalhe possível, 25 sujeitos, procurando alcançar profundidade ao invés de amplitude. Este número de participantes resultou fundamentalmente do *princípio da saturação*,

fenómeno manifestado quando, após um certo número de auscultações, ficámos com a noção de nada recolher de novo quanto ao objeto da pesquisa.

Por seu turno, dentro da homogeneidade patente num grupo de pessoas com a mesma profissão, procurámos a maior diversidade possível; assim, entrevistámos homens e mulheres, de diferentes idades, residentes em diferentes concelhos da Região que tendo lecionado em diferentes níveis de ensino se encontravam na situação de aposentados.

A opção por este instrumento de coleta de dados, reitera o pensamento de Quivy e Campenhoudt (2005) quando afirmam que as entrevistas permitem a adoção de importantes processos de comunicação e de interação entre as pessoas, com o estabelecimento de uma relação direta entre o investigador e os entrevistados. As nossas entrevistas de cariz semiestruturado, conduzidas por um guião previamente elaborado, foram adaptadas a cada um dos entrevistados com uma sequência flexível. Deste modo, conseguimos extrair das entrevistas uma multiplicidade de dados e de meios de reflexão bastante frutíferos.

Para além de uma parte inicial onde se solicitavam dados pessoais e profissionais, o guião compreendia questões que visavam responder aos seguintes objetivos específicos:

1. Saber se os professores reformados se prepararam para essa situação e em caso afirmativo, determinar como o fizeram.
2. Determinar os sentimentos experimentados com a passagem à reforma.
3. Identificar as estratégias e comportamentos adaptativos adotados após a reforma.
4. Identificar o autoconceito e os sentimentos decorrentes da situação de reformado.

Depois de terem sido recolhidos os dados a partir da realização de entrevistas, seguimos o trilho de um investigador qualitativo, na medida em que efetuámos a respetiva análise de conteúdo e procedemos à sistematização dos dados mediante o “desenvolvimento de categorias de codificação” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 221) onde consequentemente se transcreveram as unidades que remetiam para regularidades.

Assegurámo-nos ainda das questões éticas aquando da aplicação dos instrumentos de recolha de informação empregues que foram precedidos por pedidos de autorização. Nestes, também asseveramos o anonimato dos sujeitos em estudo bem como o uso exclusivo das informações para o fim apontado. Neste sentido, a preservação do anonimato dos professores entrevistados patenteia-se na sua designação pela letra E (entrevistado) seguido de um número de ordem, entre 1 e 25.

As entrevistas realizaram-se sobretudo na cosmopolita cidade do Funchal, mas também em localidades com características mais fortemente marcadas pela esfera rural e por um certo isolamento, como é o caso de S. Vicente e de Porto Santo. Entrevistámos 16 mulheres e 9 homens, com idades médias de 65,2 e 66,7 anos, respetivamente, e média global, de 65,7 anos, conforme se explicita na Tabela 1.

**Tabela 1.** Caraterização dos sujeitos do estudo, segundo o género e a idade

Género	Professores Reformados			
	N	Idade		
		Mínima	Máxima	Média
Mulheres	16	55	82	65,2
Homens	9	59	72	66,7
Total	25			65,7

Os níveis de lecionação destes 25 professores reformados foram também variados; 10 integraram o Ensino Básico, 13 o Ensino Secundário e 2 o Ensino Superior.

### 3. Resultados e discussão

As secções seguintes abrangem a apresentação das informações mais relevantes da nossa investigação. Para cada uma das grandes temáticas estudadas, apresentamos o respetivo quadro-resumo de categorias<sup>1</sup> e tecemos os comentários descritivos e interpretativos que consideramos pertinentes.

**Tabela 2.** Preparação para a reforma

Categorias	Subcategorias	Unidades Semânticas	F
Ausência total de preparativos	Inexistência de preparação para a reforma	«Não» (E1) (E2) (E3) (E4) (E5) (E8) (E9) (E10) (E12) (E13) (E17) (E20) (E21) (E22) (E24) (E25)	19
		«Não tive assim muito tempo para me preparar do ponto de vista psicológico.» (E6)	
		«Não fiz qualquer tipo de preparativo. Quando achei que estava cansada de lecionar, decidi sair e acabou.» (E7)	
Preparação para a reforma	Preparação "difusa"	«Sabemos que vai chegar, mas não quando e, quando chega, estranha-se, mas como tudo na vida, depois, aceita-se, que remédio.» (E23)	3
		«Penso que é necessária uma preparação, nem que seja a autoanálise ao longo do tempo.» (E11)	
		«Foi um processo natural como a corrente da vida.» (E15)	
Preparação para a reforma	Planeamento financeiro	«Encarei sempre esta fase como algo que ia acontecer, mais cedo ou mais tarde.» (E18)	1
		«PPR - fiz quando o meu filho se acabou de formar. É para uma emergência.» (E19)	
		«Através do <i>Sindicato</i> , fui-me infiltrando nesse meio.» (E14)	
Preparação para a reforma	Preparação <i>a posteriori</i>	«Comecei a ter contactos com outras colegas que já estavam na reforma e a saber o que elas faziam.» (E16)	2

<sup>1</sup>Este segundo nível de análise categorial segue-se à análise de primeiro nível da qual resultaram os quadros mais extensos apresentados em apêndice do original trabalho de investigação.

As respostas obtidas mediante a aplicação das entrevistas, atestaram que à exceção de poupanças para a reforma, a grande maioria dos professores (22) refere a total ausência de iniciativas de preparação para essa etapa da vida, embora em alguns discursos (3) se acentue essa necessidade e subsista a ideia de que se foram “mentalizando” para esta fase, sem, no entanto, terem especificado qualquer ação concreta, construindo o que reportamos como uma *preparação difusa*.

Constatámos ter existido uma súbita procura de ocupações alternativas por parte de 2 professoras recentemente aposentadas; esta preparação *a posteriori*, recorrendo à procura de novas atividades, verificou-se nas mulheres que sentiram quer o prenúncio do tédio, quer o perigo de sobrecarga do seu papel na vida doméstica.

É diversa a paleta de sentimentos experimentados aquando da passagem à reforma. Em conformidade com os relatos apresentados pelos professores reformados, determinámos duas categorias de análise: sentimentos positivos e sentimentos negativos. Nos sentimentos positivos destacam-se expressões que atestam bem-estar pela inexistência de compromissos e ainda referências subjacentes a uma sensação de dever cumprido.

Contudo, os sentimentos de libertação e bem-estar e a sensação de dever cumprido não assumem o tom dominante. De facto, a maioria dos sentimentos expressos pelos professores reformados são negativos e enquadram-se em torno de sensações de medo, desorientação, solidão e sobretudo de saudade. Constatámos que este último estado tende a perdurar e a coexistir com alguma nostalgia relativamente a um papel desaparecido, o que leva muitos professores a sentirem-se confortáveis ao frequentar a sua antiga escola, pelo menos enquanto lá mantêm relacionamentos significativos; outros, ainda, referem o desejo de manter um vínculo flexível com a escola e com a profissão, desejo esse que só parece encontrar eco nos docentes dos estabelecimentos de Ensino Superior.

A solidão, referida principalmente pelas mulheres, o medo e a repentina desorientação que muitas vezes acompanham a passagem à reforma, ou a própria «ideia de reforma», parecem-nos sinais de manifesta impreparação para essa etapa, tendo produzido avanços e recuos em alguns casos, e sofrimento psicológico em todos; estados deste tipo foram relatados exclusivamente por mulheres, enquanto os homens apenas vagamente os referiram ou admitiram.

No que respeita às ocupações referidas pelos nossos entrevistados, a ideia que logo sobressai é a da grande diversidade (Tabela 4). Após a situação de reforma, apenas seis deles afirmaram que não alteraram o seu estilo de vida, tal como atestam dois destes depoimentos: «Já não dou as aulas, de resto, faço o que fazia e está bem assim!» (E18) e «Eu não preciso de “ocupações”: não preciso de nada que já não tivesse. Nesse aspeto, sempre fui um *bon vivant!*» (E22). Os restantes entrevistados apontaram uma reorganização temporal em torno do trabalho, atividades de formação, atividades de lazer e criatividade e atividades domésticas, embora a Tabela 4 ateste apenas alguns dos relatos que nos pareceram mais significativos.

**Tabela 3.** Sentimentos experimentados com a passagem à reforma

Categorias	Subcategorias	Unidades Semânticas
Sentimentos Positivos	Libertação e bem-estar	<p>«Alegria! Continuei a sentir-me de férias!» (E8)</p> <p>«Sempre em fim-de-semana, uma maravilha! Poder quebrar as normas de uma vida inteira (...) o não falhar um compromisso: foi uma coisa que eu levei tão a sério que agora não quero mais. Já chega!» (E15)</p> <p>«Liberdade - sinto-me livre!» (E16)</p> <p>«Senti um alívio enorme!» (E17)</p> <p>«Nos meses que se seguiram senti uma certa euforia. É uma libertação não ter horário fixo. E perdura.» (E18)</p>
	Sensação de dever cumprido	<p>«Fui para casa mas tinha a consciência que dei tudo [à profissão].» (E15)</p> <p>«Já estou confortado com todos os sacramentos! Tinha dado tudo à causa... Pronto! Chegou o limite! E aceitei isso como uma coisa perfeitamente normal.» (E25)</p> <p>«Não tenho saudades do trabalho, não tenho saudades dos alunos, não tenho saudades da escola. Nenhumas!» (E17)</p> <p>«A única coisa que me pode deixar saudades é os alunos, de resto, nada!» (E23)</p>
Sentimentos Negativos	Medo	<p>«Eu tenho medo! O meu sentimento é de medo! Não me estou a ver acolá, “reformada”. Tenho pavor!» (E2)</p> <p>«Acabava sempre chorando!» (E14)</p> <p>«Franca apreensão ... para não dizer “susto, ou quase pânico”.» (E23)</p>
	Desorientação	<p>«Aquele vazio... <i>o que é que eu vou fazer daqui para a frente?</i>» (E14)</p> <p>«Nos primeiros dias, eu levantava-me e ficava perdida. Não sabia o que fazer!» (E20)</p>
	Solidão	<p>«Tive que lutar contra a solidão, ir para a rua e para relacionamentos. Eu sou hoje muito mais aberta do que era antes. Na profissão, não há tempo para o exterior, para outras relações.» (E24)</p>
	Saudade	<p>«Sinto ainda a falta – é por isso que dou apoio a um grupo de alunos. Não é bem saudades mas sabe-me bem!» (E19)</p> <p>«No dia em que a escola abriu, fui escutar a pequenada! Aquilo ainda me fez confusão.» (E16)</p> <p>Gosto imenso de ir. Não entro com pena nem com saudade. Sinto-me bem!» (E9)</p> <p>«Gosto de ir à escola – levanta-me o moral!» (E24)</p> <p>«Já me sinto quase uma estranha! É verdade.» (E5)</p> <p>«Um professor reformado que queira fazer um projeto na escola, não pode!» (E5)</p> <p>«No Ensino Secundário as pessoas reformam-se e fazem um corte com as suas instituições; no Universitário, as pessoas continuam a ter uma certa relação com a Universidade – a situação não é tão taxativa, tão radical.» (E15)</p>

**Tabela 4.** Estratégias e comportamentos adaptativos após a reforma

Categories	Subcategories	Unidades Semânticas
Trabalho	Trabalho remunerado	«Continuo a dar explicações: sinto-me como peixe na água!» (E22) «Neste momento estou a fazer uma escultura; faço as fichas do património artístico da Região; faço descrição e classificação de fotografias do <i>Arquivo</i> . Tenho estado sempre ocupada.» (E10) «Não parei, continuei! A diretora disse-me: <i>vai ficar comigo mais três anos!</i> E já estou há cinco! Estou sempre fora de casa... Dá outra "pica!» (E11)
	Trabalho voluntário / <i>pro bono</i>	«Estou na <i>Liga</i> , venho aqui à <i>Conferência S. Vicente de Paulo</i> , vou a outros movimentos católicos.» (E5) «Faço parte de um grupo Rotário. Sempre fiz voluntariado.» (E7) «Continuo como presidente da Associação Insular de Geografia (...). Dei aulas na Universidade Sénior. Faço parte da Assembleia Geral da Santa Casa da Misericórdia.» (E8) «Estava (...) reformado, quando tive um apelo da Universidade (...). Perante a insistência do Senhor Reitor eu disse: <i>bem, vou aceitar.</i> » (E15) «Vou começar a dar conferências, nos mestrados da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, nos mestrados (...) da <i>Clássica</i> , e, provavelmente, Professor Convidado na <i>Católica</i> – em <i>pro bono</i> , para um gajo continuar a fazer alguma coisa e continuar vivo.» (E23)
Atividades de Formação	Aprendizagens em grupos e contextos formais	«Vou tirar um curso de ioga.» (E8) «Estou sempre a aprender: as atividades que são proporcionadas por organismos como o <i>Sindicato</i> , por um clube ou associação.» (E9) «Apareceu a Universidade Sénior e inscrevi-me. É ótimo para evitar a solidão.» (E14) «Ali no <i>Sindicato</i> , inscrevi-me nos computadores. Dá gozo! O que eu gosto mais é dos computadores. Tenho ido todos os anos.» (E17) «Gostava de pintar e fui para um ateliê aprender. Logo a seguir à reforma, tirei um curso de artes decorativas.» (E24) «Passei a ir à hidroginástica e à educação postural.» (E4) «Comecei a inscrever-me nas atividades do <i>Sindicato</i> : as danças de salão, adoro! (...) a gente faz peças de teatro.» (E14) «Saí e comecei as atividades do <i>Sindicato</i> – estou em canto coral, estou no círculo de leitura e escrita, no teatro! Descobri que era capaz de fazer teatro! Tudo isso devido à reforma!» (E16)
	<i>Hobbies</i>	«Já fazia parte do Clube Barbusano e continuo a fazer as caminhadas.» (E4) «Vou às vezes à ginástica, à informática, andar a pé. Vou ao teatro.» (E14) «Tenho um ginásio onde às vezes vou (...) A nível dos lazeres, comecei-me a "viciar" no golfe. Dá-me imenso prazer!» (E15) «Tenho um <i>hobby</i> quase doentio que é ler. Leio muito!» (E17) «Gosto de ler, de dialogar com o escritor, mas também gosto de escrever, quando é preciso.» (E18) «Um dia por semana, contrato um modelo para desenhar, pura e simplesmente para desenhar! (...) Eu tenho uma paixão pelo mar! O barco, a vela... Embora não seja um praticante muito ativo.» (E19) «Eu já pintava, gostava muito. [No] <i>Sindicato</i> juntamo-nos todas as terças-feiras para pintar...» (E21) «Preciso de ler, pá!... Às vezes estou com três, quatro livros... Depois deste interregno de 40 anos, quero voltar à pintura.» (E22)
Atividades de lazer e criatividade	Passear / viajar	«Viajo muito mais. O meu desejo (...) sempre foi, de facto, viajar.» (E7) «Gosto imenso de ver as viagens, faço pesquisa, vou ao <i>booking</i> ... » (E9) «Gosto e tenho viajado bastante. Agora, custa-me mais a andar.» (E17) «A viagem traz-me tudo!» (E22)
	Convívio com amigos	«Também gosto do convívio com as pessoas da minha idade. Caminhamos, rimos e falamos, vamos ao café, conversamos.» (E11) «Formou-se aqui [no Sindicato] um grupo de professoras reformadas (...) e juntamo-nos (...) principalmente, para estarmos juntas.» (E21)

Atividades domésticas	Ocupação pessoal no domicílio	<p>«Eu sou muito caseira: gosto imenso de cozinhar, de ter as minhas coisas todas arrumadas.» (E9)</p> <p>«Dediquei-me mais à vida doméstica e ao jardim.» (E25)</p> <p>«Passar mais tempo em casa e fazer uma coisa que é cozinhar!» (E23)</p> <p>«Em casa sou electricista, carpinteiro, marceneiro, canalizador!» (E6)</p> <p>«Até os rapazes [netos] pedem que lhes faça toalhas e crochês!» (E5)</p> <p>«Gosto imenso de agricultura, jardinagem.» (E9)</p> <p>“Faço jardinagem – aquilo para mim é uma terapia. Passo horas no computador, <i>Internet.</i>” (E14)</p>
-----------------------	-------------------------------	--

Apurámos que a maioria dos homens dedica mais tempo a interesses e *hobbies* que já praticava antes da “passagem à reforma” e que mantém em aberto a hipótese de realizar algum trabalho remunerado; por outro lado, o receio da solidão e do tédio, sentido por grande parte das mulheres, constituiu móbil bastante para a busca de novos relacionamentos e novas atividades, sobretudo no campo da aprendizagem, da cultura, da criação artística ou do exercício físico.

O voluntariado assume-se como uma atividade bastante valorizada por todos quantos o realizam e vem evidenciar novo dimorfismo de género que, com um certo exagero, poderemos resumir da seguinte forma: os homens enaltecem-no, as mulheres praticam-no. O trabalho *pro bono* ocupa boa parte do tempo de um reduzido número de professores aposentados e surge sobretudo no âmbito universitário.

A leitura arrebatava a maioria dos professores, sobretudo os dos níveis secundário e superior; já a escrita é opção apenas para um reduzido número. A grande paixão é suscitada pelo desejo de conhecer novos horizontes: a viagem é, indiscutivelmente, fonte de satisfação para praticamente todos os professores.

Há ainda quem (re)descubra os prazeres das atividades de ar livre – a vela, a agricultura e a jardinagem ou as caminhadas pelas serras. Para os professores formados nas áreas de *belas artes*, o desenho, a pintura e a escultura constituem, após décadas de espera, uma gratificante atividade com elevado nível de exigência.

Do exposto, infere-se que as atividades desenvolvidas se podem agregar em dois grandes grupos: as que resultam de gostos e motivações intrínsecas e as que resultam de uma busca exterior por interesses e ocupações; para maior clareza na discussão, pese embora a fronteira nem sempre seja nítida, designaremos umas e outras de recursos internos e recursos externos, respetivamente.

Ao passo que as atividades ligadas a recursos internos dependem praticamente só da vontade e disponibilidade do indivíduo, as ligadas a recursos externos dependem muito da oferta que a sociedade pode ou não disponibilizar. Este facto pode condicionar fortemente as opções de muitas pessoas, tendo repercussões visíveis em zonas mais afastadas do Funchal onde as ofertas de atividades são escassas.

Ao tentarmos avaliar os sentimentos e o autoconceito destes professores que se encontram a vivenciar a sua reforma encontramos relatos que nos permitem inferir que na generalidade, estes professores aposentados revelam tão ou mais elevado bem-estar do que antes da reforma. A categorização das suas expressões, patentes na Tabela 5, apresenta-nos uma quantidade e diversidade de aspetos positivos, superior aos negativos.

**Tabela 5.** Sentimentos decorrentes da situação de reformado

Categorias	Subcategorias	Unidades Semânticas
Sentimentos positivos	Liberdade	«O que mudou para melhor foi a libertação dos horários.» (E7) «É como a gente estar em férias!» (E10) «Com o acrescento de liberdade, saio quando me apetece sem olhar para o calendário. Tenho acesso a tudo o que me dá prazer!» (E22)
	Serenidade/ Sabedoria/ Espiritualidade	«Sinto uma calma interior fantástica! É uma vida que há muito tempo não experimentava.» (E9) «Disponho de mais tempo para mim e isso também me dá um certo conforto. Estou, de certa forma, a colher aquilo que plantei.» (E15) «Há uma organização da sabedoria que se foi adquirindo. A pessoa, à medida que envelhece, vai tendo mais <i>o sentido do outro</i> .» (E5) «Gosto de estar comigo, com os meus pensamentos...» (E13) «Se existe a <i>voz da consciência</i> , eu guio-me muito por ela. Vivemos mais connosco... Sim, é verdade.» (E15) «Sinto muito mais necessidade de trazer o Céu à Terra. A vida é mais fácil.» (E12) «A fé é uma dúvida mas uma dúvida pacífica, é uma exigência de sentido para além dos pequenos sentidos que a vida tenha. (...) E a pessoa sente-se mais positiva e menos resignada.» (E18)
	Concretização de Objetivos	«Estou a fazer e a investigar aquilo que eu quero. Eram projetos que estavam mesmo à espera!» (E8) «Encontrei outros [objetivos], estou muito bem comigo própria.» (E9) «Sinto-me muito satisfeita porque abriram-se tantas portas e não fechei nenhuma.» (E14)
Sentimentos negativos	Valorização Familiar	«São papéis diferentes, claro! Os avós acabam por entrar noutra fase da vida que é dar apoio aos familiares. Mesmo com idade avançada, continuamos a ser úteis à sociedade e à família.» (E5) «É extremamente gratificante a função de avô levada desta maneira, sem dependência.» (E15)
	Saúde	«A gente esquece-se de mais coisas, tem mais dificuldade em fazer uma conversa com mais fluidez. (...) Fiz outra luxação no joelho, estou com pouca força na perna – quando vejo uma escada fico arrepiada.» (E10) «O pior é a saúde, que não acompanha a reforma!» (E17)
	Solidão	«A solidão assusta-me muito.» (E2) «A minha mãe faleceu; fiquei só em casa. Estava habituada a estar com muita gente; custou um bocadinho.» (E17)
	Desvalorização Social	«Sentimo-nos inúteis, um estorvo... Não interessa viver muitos anos.» (E3) «Parece que uma pessoa na reforma já não se sente tão útil.» (E5) «Quando olham um aposentado, veem nele um velho. Gente que cumprimentava, agora faz-se... [ri, hesitante]. Tanto que fiquei bastante satisfeito quando há dias me falaste [sobre o pedido de entrevista]» (E9) «Uma carta fora do baralho! Eu sinto isso!» (E14) «A reforma é uma coisa cruel! As pessoas, ao fim desses anos, podem dar contributos válidos à escola – monitores de estágios, ações de formação, etc. – e a lei impede! (...) Tratam-nos como se fossemos iogurtes: terminou o prazo de validade, acabou. Lixo!» (E22)

O cruzamento de alguns dos aspetos relatados, levou-nos a inferir que os professores que apresentam maior bem-estar são os que aliam objetivos e atividades gratificantes a uma satisfatória vida familiar e social. A maior mudança ao nível do bem-estar físico e emocional surge principalmente nas pessoas para quem a reforma representou o ensejo de efetivo

desenvolvimento pessoal e concretização de objetivos adiados, tendo sido sobretudo as mulheres a procurar ativamente novas vias de desenvolvimento e realização.

São abundantes as impressões de liberdade, de serenidade e de satisfação pelos papéis desempenhados; em particular, os papéis familiares de avô / avó são dos mais desejados e gratificantes. Este é também um tempo de reencontro, consigo e com o mundo, sendo também o tempo de novos cambiantes para a espiritualidade.

Contribuindo negativamente para o bem-estar, encontramos fatores como a solidão ou a desvalorização social e profissional. Porém, o mais referido e importante indicador de bem-estar continua a ser a saúde; particularmente nos entrevistados mais velhos (com idades próximas ou acima dos 70 anos), para quem a falta de saúde parece ser o fator que mais negativamente afeta a qualidade de vida.

Ao concluir esta discussão, sublinhamos uma forte similitude de resultados entre as principais conclusões da nossa análise e os achados da investigação de Fonseca (2005b), *Aspetos Psicológicos da «Passagem à Reforma»*, que o autor realizou quando surpreendido pela diminuta quantidade de estudos feita em Portugal sobre esta temática.

Os dois estudos apresentam uma forte convergência de objetivos, conquanto por vias distintas: enquanto a nossa opção foi a entrevista, Fonseca utilizou uma técnica qualitativa de discussões em grupo, designada por «grupos de focagem»; por outro lado, o nosso estudo visou um grupo profissional em particular enquanto o estudo de Fonseca abarcou uma grande diversidade de profissões.

No que respeita à *preparação para a reforma*, a total ausência é o tom dominante nos dois estudos; o planeamento financeiro que alguns aposentados fizeram foi apenas detetado no nosso estudo. Quanto aos *sentimentos experimentados*, os dois estudos convergem na deteção de sentimentos de natureza oposta - libertação e bem-estar, por um lado, e medo, desorientação e solidão por outro; já o significado das cerimónias de despedida não foi detetado pelo autor do citado estudo. Na vertente *estratégias e comportamentos adaptativos após a reforma* as conclusões são idênticas no que respeita a voluntariado, ocupações domésticas, aprendizagem / atividades de cultura, criação artística e lazer, viajar e convívio com amigos; casos de trabalho remunerado ou *pro bono*, apenas foram detetados no nosso estudo. Quanto aos *sentimentos decorrentes da situação de reformado*, os resultados convergem na deteção da generalidade dos aspetos positivos – liberdade, objetivos de vida, papéis significativos e o reencontro consigo e com os outros – e também nos negativos – falta de saúde, solidão e desvalorização.

#### **4. Conclusões**

A partir dos achados desta investigação, constatamos a impossibilidade de definir padrões únicos quer nas expectativas criadas pela ideia de reforma, quer ao nível da passagem à reforma, quer ainda na vivência da condição de “reformado”.

Um aspeto transversal no nosso estudo é a apreensão manifestada por muitos dos entrevistados quanto à manutenção, com o passar dos anos, da força anímica para desempenhar com dignidade uma profissão tão exigente em termos de interações humanas. Só por si, este aspeto constituiu um forte incentivo para a precipitação de um considerável número de reformas antecipadas, ainda que implicando perdas financeiras significativas e, em certos

casos, alguns problemas de ajustamento, com a conseqüente germinação de estados de ansiedade e frustração.

Para muitos, a aproximação da reforma é geradora de *stress*, de ansiedade e de medo; para outros, ela surge naturalmente, não sendo causa de qualquer perturbação imediata.

Os fatores que mais diferenciam as atitudes face à passagem à reforma são de distintas naturezas: grau de preparação para a reforma, existência de planos para ocupação do tempo não laboral, nível de satisfação com a atividade profissional desempenhada, composição da rede social, personalidade e idiosincrasia do indivíduo.

Não admira, pois, que tão diversos sejam os sentimentos experienciados com a passagem à reforma: enquanto uns experimentam um estado de libertação e de bem-estar, se não mesmo de alívio, outros sentem, nas palavras de um docente catedrático, «franca apreensão, susto, quase pânico».

Para os participantes no estudo, o significado da passagem à reforma envolveu um corte, ou uma descontinuidade, numa componente significativa das suas existências. Enquanto uns acentuam essa rutura e procuraram dar um novo sentido às suas vidas, outros tentam a todo o custo manter a maior continuidade possível com uma realidade que inexoravelmente se torna “passado”.

Com maior ou menor dificuldade, e com maior ou menor êxito, quase todas as pessoas acabam por se ajustar às novas condições. Uma vez ultrapassada a fase crítica da “passagem”, as pessoas reorganizaram as suas vidas com mais autonomia, tendo em conta a liberdade de uso do tempo. Da nossa análise resulta que os fatores de insatisfação se prendem mais com o avançar da idade (como a solidão ou a falta de saúde) do que com a reforma em si mesma.

Salvo raros casos, a aposentação representa um “novo começo” e tende a reforçar os contactos sociais e familiares, bem como a favorecer o desenvolvimento de novos interesses e atividades. Todavia, a decisão quanto à ocupação do tempo nem sempre é imediata e depende não só dos gostos e inclinações pessoais, mas também de fatores de contexto.

Não abdicando da condição de educadores, muitos professores reformados são, simultaneamente, autores e consumidores de “produtos” de educação permanente. Embora muitos optem por vias individuais de desenvolvimento, outros há que se empenham em procurar e estimular a escassa oferta de modalidades coletivas de aprendizagem.

Para os professores de mais profícua atividade intelectual, as possibilidades de desenvolvimento parecem depender quase exclusivamente dos seus próprios recursos internos, implicando um esforço suplementar na mobilização de energias e fontes de motivação; as aspirações próprias da elite defrontam-se, assim, com as debilidades de uma sociedade ainda aquém dos padrões de desenvolvimento ótimo.

Num *continuum* de intensidade, sobressai ainda a questão da perceção de proficiência social e profissional do “indivíduo reformado”: desde aqueles que nenhum outro papel relevante (profissional ou social) ambicionam, até aos que simplesmente declinam a ideia de uma “reforma a tempo inteiro”.

Importante para aquele “novo começo”, parece ser o deslocamento do valor da atividade profissional para um plano mais periférico, deixando espaço para que novos objetivos, sobretudo de natureza afetiva, venham progressivamente a substituir os de natureza

profissional. Para isso, parece ser fundamental que se reconheça o potencial em abstrato que o ócio pode representar.

Avaliando as diferentes linhas de análise, e em jeito de resumo, podem distinguir-se dois padrões principais nas ondas de choque geradas pela passagem à reforma:

– Um padrão maioritário caracterizado por um *elevado estado de satisfação* relacionado sobretudo com o significado da “passagem à reforma” enquanto acontecimento completamente integrado no ciclo de vida e em que a reforma, mais ou menos preparada, se valoriza principalmente pela maior autonomia e pela disponibilidade de tempo para projetos relevantes;

– Um padrão minoritário caracterizado por um *estado de dualidade*, com diferentes expectativas e sentimentos, onde a nostalgia dos papéis do passado coexiste com receios quanto ao futuro, mas também pela determinação em procurar novas vias de desenvolvimento.

– Além destes dois padrões mais estáveis no tempo, podemos identificar ainda um *padrão transitório*, predominante num significativo número de professores recém-aposentados ou em vias de aposentação: este padrão caracteriza-se fundamentalmente por uma grande instabilidade emocional e por um sentimento de apreensão quanto ao futuro. As manifestações deste estado “instável” revelam-se sobretudo no arrependimento quanto à decisão de passagem à reforma, na sensação de perda de sentido para a vida ou ainda num abaixamento significativo do autoconceito e autoimagem.

Não tanto por razões económicas, mas sobretudo pelo nível das qualificações académicas e pelas características da atividade profissional desempenhada, o conjunto de entrevistados do nosso estudo constitui como que uma “amostra de elite”. De facto, estudámos pessoas com uma razoável condição financeira, com bons níveis de saúde, com graus superiores de instrução e com atividade intelectual proficiente; assim, e muito seguramente, a nossa amostra não será a mais fidedigna representante da tradicional população dos reformados portugueses, mas poderá constituir um interessante barómetro dessa mesma população e das suas realidades.

## Bibliografia

- Almeida, J. & Pinto, J. (1976). *A investigação nas ciências sociais*. Lisboa: Editorial Presença.
- Arber, S., & Ginn, J. (1995). Connecting gender and ageing: a new beginning. In Arber, S. & Ginn, J. (Eds.), *Connecting gender and ageing: A sociological approach* (pp. 173-178). Buckingham: Open University Press.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Blaxter, L., Hughes, C., & Tight, M. (2008). *How to research* (3<sup>rd</sup> ed.). Berkshire: Open University Press / McGraw-Hill Education.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora
- Casara, M. (2007). Entre a velhice e a aposentadoria: relações pertinentes. In A. R., Osório, & F. C., Pinto (Org.) *As pessoas idosas: Contexto social e intervenção educativa* (pp. 253-268). Lisboa: Instituto Piaget.
- Flick, U. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Lisboa: Monitor – Projectos e Edições, Lda.
- Fonseca, A. (2005b). Aspectos psicológicos da «passagem à reforma»: um estudo qualitativo com reformados portugueses. In Paúl, C. & Fonseca, A. M. (Coord.), *Envelhecer em Portugal: Psicologia, saúde e prestação de cuidados* (pp. 47-95). Lisboa: Climepsi Editores.
- Fonseca, A. (2005a). *Desenvolvimento humano e envelhecimento*. Lisboa: Climepsi.
- Fonseca, A. (2005b). O envelhecimento bem-sucedido. In Paúl, C. & Fonseca, A. M. (Coord.), *Envelhecer em Portugal: Psicologia, saúde e prestação de cuidados* (pp. 285-311). Lisboa: Climepsi Editores.
- Fortin, M. F. (1999). *O processo de investigação: da concepção à realização*. Loures: Lusociência.
- Furtado, S. (2016). *Satisfação profissional, autoestima, bem-estar subjetivo e reforma* (Tese de Mestrado em Psicologia da Educação, especialidade de Contextos Educativos). Universidade dos Açores.
- Guerra, I. (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: sentidos e formas de uso*. Estoril: Príncipia Editora.
- Haguette, T. (1987). *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis: 1987.

- Hill, M. M. & Hill, A. (2002). *Investigação por questionário* (2ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Lessard-Hébert, M., Goyette, G., & Boutin, G. (1994). *Investigação qualitativa: Fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Medeiros, M. (2014). *Re(pensar) a pessoa idosa no séc. XXI*. Ponta Delgada: Veraçor.
- Medeiros, M. (2014). *Desafios do envelhecimento ativo*. Ponta Delgada: Letras Lavadas.
- Minayo, (1993). *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa e saúde*. Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasc.
- Mucchielli, R. (1978). *Entrevista não-directiva*. São Paulo: Martins Fontes Editora.
- Oliveira, J. (2008a). *Psicologia do envelhecimento e do idoso* (2ª ed.). Porto: Legis Editora.
- Oliveira, J. (2008b). *Psicologia do idoso. Temas complementares*. Porto: Legis Editora.
- Silva, S. (2009). *Envelhecimento Activo Trajectórias de Vida e Ocupações na Reforma* (Tese de Mestrado em Sociologia). Universidade de Coimbra.
- Simões, A. (2006). *A nova velhice: Um novo público a educar*. Porto: Ambar.
- Sousa, L., Figueiredo, D. & Cerqueira M. (2006). *Envelhecer em família: Os cuidados familiares na velhice* (2ª ed.). Porto: Ambar.
- Stake, R. (1995). *The art of case study research*. Thousand Oaks, California: SAGE Publications, Inc.
- Tuckman, B. (2005). *Manual de investigação em educação: Como conceber e realizar o processo de investigação em educação* (3ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Yin, R. (1984). *Case study research: Design and methods*. London: Sage Publications.
- Yin, R. (2005). *Estudo de caso: planeamento e métodos* (3ª ed.). Porto Alegre: Bookman.

## Os professores das universidades seniores Portuguesas

LUÍS JACOB<sup>1</sup>

CACHIONI MEIRE<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Escola Superior de Educação de Santarém

<sup>2</sup>Escola de Artes, Ciências e Humanidades

luisjacob@ese.ipsantarem.pt

enviado a 23/02/2021 e aceite a 22/03/2021

### Resumo

Os professores voluntários são um dos pilares das Universidades Seniores (US) em Portugal, em conjunto com as entidades promotoras e com os alunos seniores. No entanto há pouca literatura sobre esta temática. Neste estudo apresentamos os resultados de um inquérito feito a 575 desses elementos (de uma população de mais de 7.500). Concluímos que os professores são de todas as idades, maioritariamente voluntários e com cursos superiores, dão 2 horas de aulas por semana. Esta população é também representada por reformados e ativos, estão muito satisfeitos com o seu voluntariado e as principais motivações apresentadas são o gosto de ensinar e ajudar o próximo.

Palavras-chave: Universidade Sénior; Professores; Alunos seniores; Ensino-Aprendizagem.

### Abstract

Volunteer teachers are one of the pillars of the Senior Universities (US) in Portugal, together with the promoters and senior students. However, there are few studies on this topic. In this study, we present the results of a survey on 575 of them (out of a population of more than 7.500). We conclude that teachers are of all ages, mostly volunteers and with higher education degrees, who give 2 hours of classes per week. Retired and active people also represent this population. They are delighted with their volunteering and the main motivations presented are the pleasure of teaching and helping others.

Keywords: Senior University; Teachers; Senior students; Teaching-Learning.

### 1. Introdução

A compreensão do processo educativo na perspectiva da aprendizagem ao longo da vida destaca a educação em todos os períodos da vida, inclusive na velhice (Fejes & Nylander, 2019). O conceito de aprendizagem ao longo da vida abrange atividades educativas formais, não formais e informais que objetivam aprimorar conhecimentos, habilidades e competências por razões pessoais ou profissionais (CEC, 2000).

As Universidades Seniores ou da Terceira Idade (US) destacam-se como um movimento mundial de educação não formal para adultos e idosos (Formosa, 2019b). As US surgiram na década de 70, na França, com objetivos de promover a convivência, socialização e prevenção do isolamento social dos adultos e idosos franceses aposentados (Rozendo, 2015). Rapidamente, este modelo educativo espalhou-se pelo mundo, ocorrendo adaptações de acordo com as peculiaridades socioculturais de cada país (Vellas, 2019). De maneira geral, observam-se dois modelos de US principais: o modelo francês (no qual as atividades educativas estão ligadas às instituições de ensino superior formal) e o modelo inglês (oferecidas por grupos informais ou associações sem fins lucrativos, baseadas nos princípios de autoajuda e voluntariado). Notam-se, ainda, outras variações e organizações de modelos próprios adotados por regiões e países

como, por exemplo, o modelo culturalmente híbrido, da América do Sul, da América do Norte de língua francesa e o modelo Chinês (Formosa, 2019b).

A proposta deste artigo centra-se na figura do professor das US, com objetivos de o identificar e de conhecer as suas motivações.

### **1.1 As Universidades Seniores**

Em Portugal, a primeira Universidade Internacional da Terceira Idade fundou-se em 1976, em Lisboa (Teixeira, 2017). Desde então, diversas instituições surgiram no país com diferentes nomenclaturas – como Universidades Seniores, Academias Seniores e Academias de Cultura e Cooperação – sendo a maioria não vinculada às instituições educativas formais (Páscoa & Gil, 2019). Deste modo, as US de Portugal aproximam-se do modelo inglês, por serem criadas por organizações não governamentais e do terceiro setor, as quais promovem educação não formal e informal para adultos e idosos.

As US Portuguesas – designadas, na maioria, como Universidades Seniores (US) – são espaços de estímulo ao convívio, criatividade e aprendizagem para os idosos (Páscoa & Gil, 2019). Desta forma, as US fomentam uma nova perspectiva social para este público, o qual passou a ser visto pela sociedade como “sujeito de ação”, para além da perspectiva assistencialista (Pocinho, Lacerda, & Santos, 2015. p.5). O apoio político oficial às atividades desenvolvidas nas US ocorreu em 2016, com a publicação da Resolução do Conselho de Ministros nº 76/2016 (Diário da República, 29 de novembro, 1ª série, nº 229). Com esta Resolução, as US são reconhecidas como ambientes que impactam diretamente na melhoria da qualidade de vida, bem-estar e inserção social das pessoas com 50 anos e mais, tanto do ponto de vista individual quanto coletivo, pois “os estímulos à capacidade de aprendizagem e participação podem contribuir para a sociedade se distanciar de alguns estereótipos e imagens negativas atribuídas ao envelhecimento e à velhice” (Resolução do Conselho de Ministros nº 76, 2016). Em 6 de Janeiro de 2021 é publicado pelo Gabinete da Secretária de Estado da Ação Social

o Despacho n.º 132/2021 que estabelece as normas regulamentares das US.

Dados recentes indicam o total de 368 Universidades Seniores com, aproximadamente, 62.000 alunos matriculados e mais de 7.500 professores voluntários (Jacob, 2020a). O aumento no número de participantes observado nestes programas educacionais acompanha a transição demográfica.

Diversas pesquisas têm demonstrado os benefícios na vida dos participantes que frequentam as US (Adamo, Esper, Bastos, Sousa, & Almeida, 2017; Mackowicz & Wnek-Gozdek, 2016). No estudo de caso organizado por Teixeira (2017) na US de Machico, verificou-se uma maior socialização e percepção de uma vivência mais ativa dos participantes após a frequência nos programas educativos da instituição, o que sugere benefícios para a qualidade do envelhecimento. Outros estudos destacam melhoras no estado de saúde física e mental, diminuição dos sentimentos de solidão e depressão, bem como a redução no consumo de medicamentos para a ansiedade (Jacob, Lisa, & Pocinho, 2019; Ricardo, 2016).

Porém, as peculiaridades dos professores de idosos em contextos de educação não formal são pouco exploradas (Cachioni, 2018). Pocinho, Lacerda e Santos (2015) sinalizam que os professores desempenham um papel central no funcionamento das práticas pedagógicas das US e que, portanto, eles devem estar preparados para atender as necessidades educacionais dos

alunos, compreendendo-os como um grupo heterogéneo e diversificado em relação aos níveis educacionais. Sobre os professores nas US são conhecidos poucos estudos, existe um de Pocinho, Lacerna, Santos (2015) qualitativo feito a 10 professores de uma US do norte de Portugal e outros três estudos internos da RUTIS.

Este artigo Pocinho baseado na análise de conteúdo aos questionários, refere a heterogeneidade da idade dos professores, “sendo que, através dos questionários, foi constatado que o professor mais novo tem 26 anos e o mais velho tem 72 anos” (p. 12). O nível alto de habilitações: “O facto de quase na totalidade apresentarem graus de ensino superior tem, certamente, correlação positiva na qualidade das práticas verificadas na Universidade Sénior” (p. 12). O gosto por ensinar e estar com os mais velhos a nível da motivação: “Tanto os mais velhos como os mais novos apontam que um dos principais fatores que contribuíram para se voluntariarem foi a possibilidade de ensinar mas sobretudo de aprender com os seniores” (p. 12); a melhor forma de lidar com os alunos seniores: “Temos de gerir a sala como uma família”.

A relação de/com os professores/alunos surge em primeiro plano para que o processo de aprendizagem com seniores seja efetuado de forma eficaz”, e a motivação dos alunos para aprender: “Nas universidades seniores os alunos que as frequentam pretendem de forma voluntária aprender, sem qualquer objetivo curricular adjacente. Talvez o facto de não existir avaliação pode fazer com que o sénior esteja neste contexto mais descontraído e motivado, como é verificado na seguinte resposta de um questionário [de um professor]: “Infelizmente os alunos mais velhos têm mais vontade de aprender” (p. 13). Os professores inquiridos também indicaram que gostariam de saber mais sobre gerontologia e pedagogia para seniores.

Os estudos internos da RUTIS foram quantitativos e focam-se na caracterização sócio-demográfica dos professores. O I estudo é de 2012, ao qual responderam 1.680 professores (60% são mulheres; 27,2% tem entre 61 a 70 anos e 20% entre os 51 e 60 anos; 65% tem o ensino superior e 46% são reformados), o II foi realizado entre 2012 e 2019 e foi uma análise aos 1.004 professores voluntários inscritos na bolsa de voluntariado da RUTIS (bolsa onde qualquer pessoa se pode inscrever para ser professor voluntário) e apresentou os seguintes dados: 74% são mulheres, 20% tem entre 51% e 60% anos e 18% tem entre 41 a 50 anos; 73.5% tem o ensino superior). O III estudo é de 2019 e é uma análise aos professores registados no programa de gestão das US<sup>1</sup> e contabilizava 2.175 inscritos (59% são mulheres; 37% tem menos de 50 anos e 29% tem entre 61 e 70 anos, 74% tem o ensino superior e 44% são reformados).

Neste artigo iremos apresentar quem são estes professores voluntários de acordo com a sua idade, escolaridade, participação, situação profissional e motivações.

## 2. Metodologia

A pesquisa de abordagem qualitativa e de carácter exploratória foi desenvolvida em ambiente virtual<sup>2</sup>. Neste artigo são apresentados os resultados do nosso inquérito feito aos professores das US em 2016. Adotou-se a internet como um recurso para a recolha de dados nesta pesquisa devido a maior agilidade e rapidez no contato com as informações cedidas pelos inquiridos.

---

<sup>1</sup>Ver [www.gestaoutis.eu](http://www.gestaoutis.eu).

<sup>2</sup>Este artigo foi feito no âmbito da tese de doutoramento sobre as US portuguesas (Doutoramento em Sociedade do Conhecimento/Ciências da Educação da Universidade de Salamanca, Espanha) de Luis Jacob em 2020 e teve o apoio da RUTIS (Associação Rede de Universidades da Terceira Idade) reconhecida como uma instituição de Utilidade Pública que representa as US portuguesas e que tem como objetivo principal promover o envelhecimento ativo e as US.

Segundo Faleiros et al (2016), a utilização dos questionários virtuais configuram-se como um método alternativo diante do crescente uso da internet por diversos públicos e faixas etárias; além de proporcionar aos pesquisadores maior agilidade no desenvolvimento das pesquisas científicas.

A recolha das respostas dos professores decorreu em fevereiro de 2016. O inquérito foi anónimo com 17 perguntas fechadas e duas abertas (aspectos positivos e/ou negativos e sugestões ou comentários). Os inquéritos *online*, com perguntas de resposta obrigatória, foram enviados para os *e-mails* das US e dos seus professores, acompanhadas por um texto que indicava o objetivo do estudo. Foi realizado previamente um pré-teste a cinco professores. Recebemos 575 respostas, de 9 a 21 de fevereiro de 2016, em 5.900 existentes, à época, o que se traduziu numa amostra de 9,6%, com margem de confiança de 95% e margem de erro de .3,87.

### 3. Metodologia

Numa análise sumária dos dados obtidos, observamos que a maioria dos professores voluntários são mulheres (59.9%), com um curso superior (83.6%), o número de ativos empregados (53%) supera o dos reformados (38.7%), com idades variadas e com a particularidade de 9% terem menos de 30 anos e 38% terem mais de 61 anos.

Existirem professores de várias idades é um fator importante para uma transmissão de conhecimentos em todas as faixas etárias. Para Pimentel e Lopes (2020), o potencial de relação e de aprendizagem intergeracional é enorme, mas o seu aproveitamento depende, em grande medida, de iniciativas estruturadas, não se concretizando de forma espontânea. (...) Podemos afirmar, na linha de Beltran e Gómez (2013), que, neste domínio, o desafio que se coloca é transformar as turmas multigeracionais em espaços de intergeracionalidade. Como já afirmado em outras publicações (Pimentel & Lopes, 2017; Machado & Madeira, 2016), os professores terão um papel crucial a desempenhar neste processo e alguns mostram um particular interesse em abraçar este desafio, incentivando a inscrição e a participação dos seniores nas suas aulas, por considerarem que constitui uma mais-valia considerável para o processo de aprendizagem dos alunos mais jovens.”

A percentagem de voluntários com idade superior a 61 anos é de 38%, o que contrasta com estudos sobre o voluntariado noutros contextos e organizações em que nenhum obteve um valor tão alto para este grupo etário (Jacob, 2020a), devendo-se isto provavelmente ao facto de muitos professores voluntários das US serem também alunos nessas US.

Um outro dado relevante na análise está relacionado com as habilitações, o número de voluntários com um grau académico de mestrado ou doutoramento subiu consideravelmente entre 2012 (RUTIS, 2012) para 2016 de 8,1% para 26, 9%.

No que se refere à condição profissional, pode verificar-se que o número de professores reformados desceu de 45,1% em 2012 para 38,7% em 2016, tendo sido parcialmente substituídos pelos ativos.

Neste inquérito foi possível obter outras conclusões:

Relativamente ao grau de compromisso do voluntário, 90,3% dos inquiridos afirma não receber qualquer quantia em troca desta atividade, 4,7% recebe ajudas de custo e 5% são remunerados, seja através de valores monetários ou troca de serviços. Há o caso específico dos

professores que são trabalhadores das autarquias e que dão as aulas no seu horário de trabalho, mas que se ofereceram para serem professores. Neste caso é difícil definir o seu *status*, dado que são remunerados porque é durante o horário de trabalho, mas são voluntários porque se oferecem, agem espontaneamente, de livre vontade. Por norma, estes professores consideram-se voluntários.

54,7% dos inquiridos afirma que foi alguém da universidade sénior que o convidou para fazer parte deste projeto, 23,7% foram oferecer-se como voluntários à própria US, 6% era aluno da US e 2,1% usou o site da RUTIS para fazer a inscrição (bolsa de voluntários).

Relativamente ao tempo em que é professor voluntário, 34,5% está há mais de 4 anos, 26,3% está há 1 ano na US, 23,1% há 2 anos e 16% há 3 anos. O que denota que a maioria dos professores tem uma boa e longa relação com a entidade promotora do voluntariado. Rego *et al.* (2017) mencionam que quando o voluntário gosta do que faz por norma prolonga a atividade por tempo indeterminado. Mantendo a promoção de voluntariado responsável e prestigiante, este contribui para o aumento do sentido de responsabilidade do trabalho desenvolvido, constituindo-se como estímulo e fator de recrutamento para novos voluntários.

Na questão de quantas horas semanais dá aulas, 41,2% responderam 1 hora por semana, 32,5% indicou 2 horas, enquanto 13% e 13,2% responderam entre 3 e mais de 4 horas semanais, com uma média 2 horas semanais. Na Bolsa de Voluntariado, os candidatos a professores voluntários indicaram a sua disponibilidade de 1 hora, 30%, 57% de 2 a 3 horas e 13%, 4 ou mais horas, média de 2,25 horas/semana.

26,8% dos professores são ou foram alunos, o que indica que continua a tradição, muito própria das US, dos alunos serem professores e vice-versa.

A grande maioria (89,9%) indicou que gostaria de ter alguma formação específica para ser professor numa universidade sénior.

Em relação ao que é preciso para ser um bom professor de alunos seniores, os resultados apresentaram que os aspectos afetivos (boa relação professor/aluno, o professor ser compreensivo e saber motivar) foram considerados os mais importantes. Sobre esta temática específica as qualidades pessoais de ser paciente e empático destacaram-se como as “expressões” mais importantes aos que ensinam a seniores. A “paciência” representou ser uma condição necessária para os professores. Estes resultados corroboram com o estudo de Flauzino *et al.* (2020), no qual a paciência foi considerada pelos alunos idosos o atributo mais apropriado para os seus professores.

Em relação à prática de voluntariado, 32,8% respondeu que também é voluntário noutra instituição.

Numa análise sumária as perguntas livres os aspetos mais positivos destacados pelos professores foram a relação com os alunos; o poder ensinar; aprender com os alunos; o ambiente e a dinâmica da US; sentir-se realizado e útil; o interesse dos alunos e a partilha de conhecimentos.

Os aspetos mais negativos realçados foram (muitos não indicaram aspetos negativos): conjugar horários da aula com a vida profissional; as poucas condições/recursos de (algumas) US; os grupos heterógenos; o desinteresse de alguns alunos e a rivalidade/disputa entre algumas pessoas.

Na questão relativa à satisfação do voluntário na universidade, os dados não deixam dúvidas, com 41,2% dos inquiridos a indicar “Plenamente satisfeito” (PL) e 43,1% “Muito Satisfeito”(MS) e apenas 2,1% a expressar insatisfação (I), o que vai de acordo com grande parte dos estudos e comentários mencionados anteriormente, em que os voluntários falam sem qualquer tipo de restrições do seu contentamento ao realizar esta atividade.

Foram analisadas as categorias de género, situação profissional, idade, horas de aulas semanais, anos de serviço, como começou como professor, se é aluno não e qual o motivo por que escolheu ser professor voluntário.

Da observação dos dados obtidos vemos que nenhuma das categorias tem especial relação com o grau de satisfação em ser professor voluntário nas US. A única em que se nota uma ligeira alteração é na razão por que decidiu ser professor voluntário, quando a resposta é “ter tempo livre” ou “outra”, o grau de satisfação foi a menor encontrada (77,3% e 77,1% no somatório PS+MS) e 20% no “Satisfeito (S)” para “Ter tempo livre”, o maior valor encontrado.

Estes dados reforçam a ideia que a razão/motivo pela qual a pessoa realiza o seu voluntariado tem influência no seu grau de satisfação posterior. Se as causas do voluntariado forem mais altruístas e benévolas, o resultado será melhor para o voluntário e com consequência no beneficiário final.

Não foram encontradas diferenças significativas entre os professores voluntários que responderam que também eram voluntários noutras organizações (Somatório PL+SM de 84,9% para não voluntários noutros locais e 83,8% para os só voluntários na US, e somatório S de 13,7% e 15,4%, respetivamente).

No geral os valores mais altos e mais baixos encontrados foram no PS (46% na idade entre os 50-60 anos, 32% tenho tempo livre); no MS (51,9% em ofereci-me e 31,4% na outra razão para ser voluntário); S (20% no tenho tempo livre e 5,7% no outro para outra razão) e no I (17,1% no outro para outra razão e 0% no 41-50 anos).

Neste inquérito aos professores voluntários, pretendíamos também saber o que os motiva a ser voluntários nestas organizações por isso adicionamos ao inquérito a escala de motivação para o voluntariado VMS (*Volunteer Motivation Scale*/Escala de Motivação para o Voluntariado) de Millette e Gagné (2008). Este instrumento é composto por 12 itens que avaliam a motivação para a realização da tarefa voluntária (Martins, 2013).

Sobre as motivações, à questão “Principal motivação para dar aulas na universidade sénior”, os resultados voltam novamente a estar ligados à motivação intrínseca, quando 65,6% respondem como justificação o “gosto de ensinar” seguindo-se o item “ajudar as outras pessoas” com 36,8%.

Considerando o seu trabalho voluntário do último ano letivo. As afirmações estão dispostas seguindo quatro subescalas (com 3 itens cada uma) que avaliam: a motivação externa (ex.: “Para obter a aprovação das pessoas”), motivação interna (ex.: “Porque me faz sentir orgulhoso e uma pessoa de valor”), a motivação de identificação (ex.: “Porque o voluntariado tornou-se uma parte fundamental daquilo que sou”), e a intrínseca (ex.: “Pelo prazer que sinto ao fazer voluntariado nesta organização”).

Relativamente aos resultados da VMS, os seus valores médios variam entre um mínimo de 1,28 (item 1, DP=2,29) e 5,86 (item 12, DP=1.31), evidenciando dispersão nas respostas dadas

aos vários itens. A amplitude das respostas variou entre o mínimo de 1 e o máximo de 7, sendo que todos os itens registaram os limites possíveis da escala de resposta.

A motivação intrínseca foi a subescala que mais se evidenciou, os dados apresentados mostram que mais de 70% afirmam que “Têm prazer ao fazer voluntariado” e que é “Verdadeiramente importante fazê-lo enquanto pessoa” (68%), ver tabela 1.

Entendemos que a motivação intrínseca é a motivação que intervém de forma clara ao nível da relação entre voluntariado e bem-estar, nomeadamente na satisfação com a vida (Martins, 2013). Resultados que vão ao encontro do estudo de Ferreira (2012), em que a análise da satisfação dos voluntários revela que a categoria que obtém valores mais elevados é a motivação/ satisfação intrínseca.

**Tabela 1.** Análise às perguntas 1, 7, 8 e 12 da *Volunteer Motivation Scale*

Itens do VMS	Média (Ponderada)	Desvio Padrão
1. Para ter a aprovação das pessoas.	1,28	2,29
7. Porque sinto que é verdadeiramente importante para mim fazê-lo enquanto pessoa.	5,71	1,13
8. Porque fazer voluntariado tornou-se uma parte fundamental daquilo que sou.	4,92	1,0
12. Pelo prazer que sinto ao fazer voluntariado nesta organização.	5,86	1,31

Nota: Perguntas: 1 – Género; 7 – É aluno(a) da US; 8 – Grau de compromisso; 12 – Desde quando é professor (Fonte: Luis Jacob, 2020)

#### 4. Conclusão

A pesquisa identificou os professores das US e as suas motivações e traduz-se num importante documento dado a sua abrangência nacional e por mitigar um pouco a ausência de estudos sobre esta temática. Foram analisadas as categorias de género, como sendo: situação profissional, idade, horas de aulas semanais, anos de serviço, como começou como professor, se é aluno não e qual o motivo por que escolheu ser professor voluntário e restrições do seu contentamento ao realizar esta atividade. Estas variáveis, todas conjugadas e analisadas para este estudo, dão-nos resultados mais sólidos acerca das principais características deste grupo, elementar para a sustentabilidade das US em Portugal.

Os professores das US representam assim, uma força motriz para o projeto, desempenhando um papel fulcral no funcionamento das US e no seu desenvolvimento contribuindo com práticas pedagógicas e com o seu *know-how*, pelo que se tornava imperativo conhecer melhor esta categoria profissional.

Este artigo contempla estudos anteriormente realizados e apresenta os resultados da investigação dos autores, datada de 2016, onde se pode concluir que, dos 7.544 professores, a maioria são licenciados, de todas as idades, a grande maioria são voluntários, que ministram 2 horas semanalmente na US e que se sentem muito felizes sendo professores voluntários.

As suas principais motivações são gostar de ajudar os outros e gostar de ensinar/partilhar conhecimentos, dados consolidados pela adição e análise da escala de motivação para o voluntariado VMS (*Volunteer Motivation Scale/Escala de Motivação para o Voluntariado*), com subescala “a motivação intrínseca”, a evidenciar-se (quase 70%).

## Bibliografia

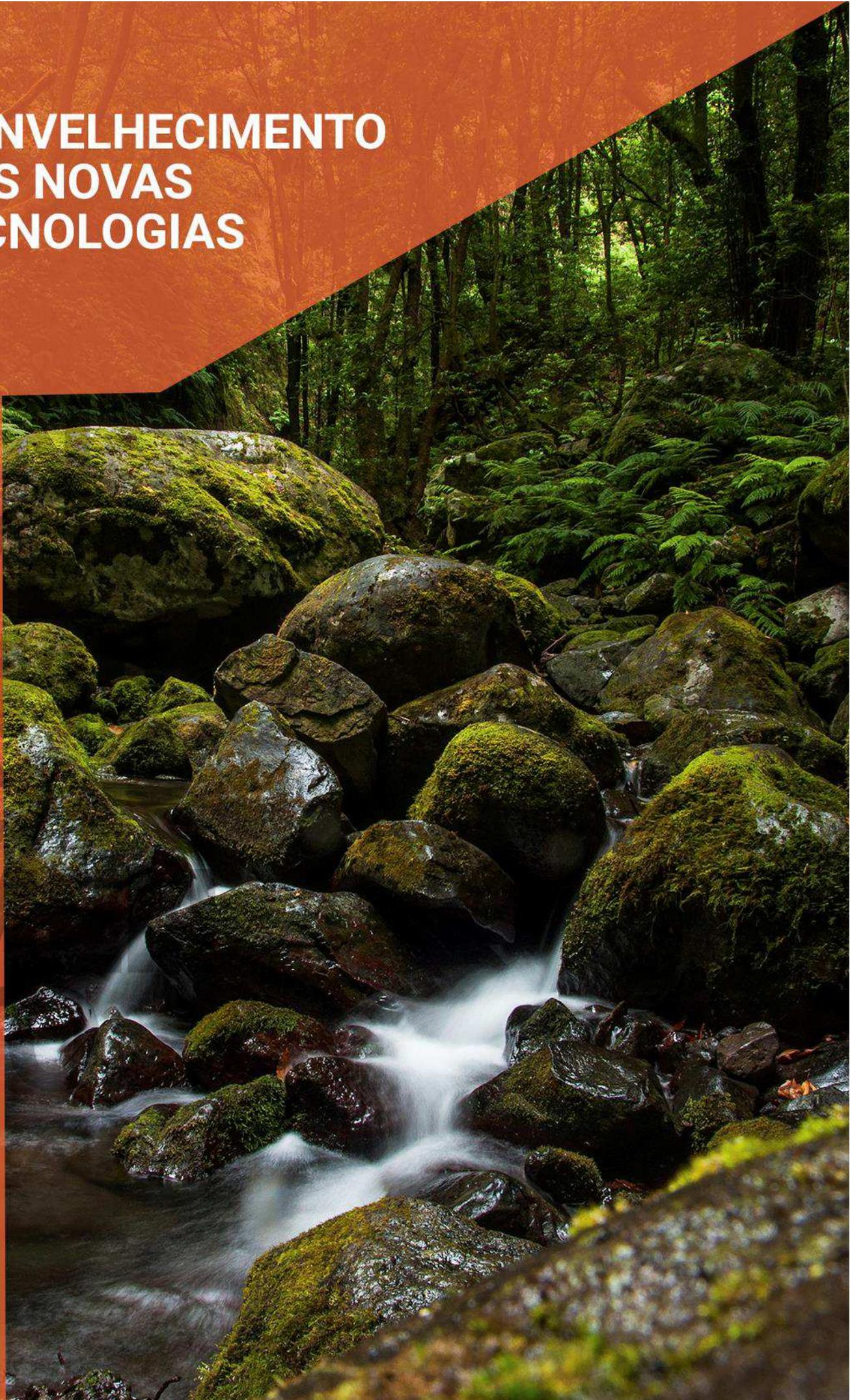
- Adamo, E., Bastos, S., & Almeida, P. (2017), *University of the Third Age: the impact of continuing education on the quality of life of the elderly*. *Revista brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 20(4).  
<https://doi.org/10.1590/1981-22562017020.160192>
- Cachioni, M. (2018). *Quem educa os idosos?* (2ª Ed). Campinas: Alínea.
- CEC (Commission of the European Communities), (2000). *A Memorandum on Lifelong Learning. Commission Staff Working Paper*, 1–36. Brussels
- Fejes, A., & Nylander, E. (2019). Introduction: Mapping the Research Field on Adult Education and Learning. In A. Fejes & E. Nylander (Eds.), *Mapping out the research field of adult education and learning* (Lifelong L, pp. 3–14). <https://doi.org/https://doi.org/10.1007/978-3-030-10946-2>
- Ferreira, P. M. (2012). *Acima dos 65 anos: Tendências, ocupações e participação. Um enquadramento sociológico para o estudo de público: Museus e público sénior em Portugal, percepções, utilizações e recomendações*. Acessível em:  
[http://dl.dropboxusercontent.com/u/9455021/Museus%20e%20senior\\_relatorio%20final.pdf](http://dl.dropboxusercontent.com/u/9455021/Museus%20e%20senior_relatorio%20final.pdf).
- Flauzino, K., Sathler, S., Batistoni, T., Zaine, I., & Cachioni, M. (2020). *Letramento Digital para 413 Idosos: percepções sobre o ensino-aprendizagem*. *Educação & Realidade*, 45(4), 1–  
<https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1590/2175-6236104913>
- Formosa, M. (2002). *Critical gerogogy: developing practical possibilities for critical educational gerontology*. *Education and Ageing*, 17(1), 73–85.
- Formosa, M. (2019a). Active Ageing Through Lifelong Learning: The University of the Third Age .. In M. Formosa (Ed.), *The University of the Third Age and Active Ageing European and Asian-Pacific Perspectives* (pp. 3–18). [https://doi.org/https://doi.org/10.1007/978-3-030-21515-6\\_21](https://doi.org/https://doi.org/10.1007/978-3-030-21515-6_21)
- Formosa, M. (2019b). Universities of the Third Age. In D. Gu & M. E. Dupre (Eds.), *Encyclopedia of Gerontology and Population Aging* (pp. 1–6). <https://doi.org/10.1007/978-3-319-69892-2>
- Hachem, H. (2020). Is there a need for a fourth statement? An examination of the critical and humanist statements of educational gerontology principles. *International Journal of Lifelong Education*, 00(00), 1–1313.  
<https://doi.org/10.1080/02601370.2020.1801869>
- Jacob, L. (2020a), *Universidades Seniores Portuguesas: Caracterização e desenvolvimento* (Tese de Doutoramento em Ciências da Educação, Universidade de Salamanca), Espanha.
- Jacob, L. (2020). *US em Portugal e apresentação da bolsa de estudos superiores RUTIS/PSE. V International Scientific Conference of Educational Projects for Seniors - RIPE+50*, December, 9 Th. Online.
- Jacob, L., Lisa, V., & Pocinho, R. (2019). *The senior universities students in Portugal and Brazil*. *Geopolitical, Social Security and Freedom Journal*, 2(1), 11–20. <https://doi.org/10.2478/gssfj-2019-0002>
- Kern, D. (2018). *Research on epistemological models of older adult education: the need of a contradictory discussion*. *Educational Gerontology*, 44(5–6), 338–353. <https://doi.org/10.1080/03601277.2018.1475123>
- Mackowicz, J., & Wnek-Gozdek, J. (2016). *“It’s Never Too Late to Learn”--How Does the Polish U3A Change the Quality of Life for Seniors?* *Educational Gerontology*, 42(3), 186–197.  
<https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1080/03601277.2015.1085789>
- Martins, C. (2013), *Motivação para realizar voluntariado: estudos segundo as abordagens funcionalista e da autodeterminação*, Dissertação de doutoramento em Psicologia na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve.
- Millette, V., & Gagné, M. (2008). *Designing volunteers’ tasks to maximize motivation, satisfaction and performance: The impact of job characteristics on volunteer engagement*. *Motivation and Emotion*, 32(1), 11–22.  
[10.1007/s11031-007-9079-4](https://doi.org/10.1007/s11031-007-9079-4)
- Nelson, T. D. (2005). Ageism: Prejudice against our feared future self. *Journal of Social Issues*, 61(2), 207–221pp.  
<https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.2005.00402.x>
- Páscoa, G. M. G., & Gil, H. M. P. T. (2019). *As universidades seniores e o envelhecimento ativo: os impactos junto das pessoas idosas em Portugal*. *Revista Kairós : Gerontologia*, 22(1), 41–58. <https://doi.org/10.23925/2176-901x.2019v22i1p41-58>
- Pimentel, L., Lopes, S. e Faria, S. (2016), *Envelhecendo e aprendendo, a aprendizagem ao longo da vida no processo de envelhecimento activo*. Edições Coisas de Ler.
- Pocinho, R., Lacerda, J., & Santos, G. (2015). *Percepções e ajustamentos dos Professores de universidades seniores nos contextos educacionais com Pessoas idosas em Portugal*. *Revista Electrónica Sinéctica*, (45). Retrieved from <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=99840299003>

- Rego, R. et al (2017), *Voluntariado em Portugal: do trabalho invisível à validação de competências*, in *Sociologia, Problemas e práticas*, nº 83.
- Resolução do Conselho de Ministros nº 76. (2016). *Diário da República, Série I, nº 229*. Retrieved from *Diário da República*, <https://dre.pt/application/conteudo/105276961>
- Ricardo, R. (2016). *A Educação e a Terceira Idade em Portugal: estudo exploratório de uma Universidade Sénior*. *Investigar Em Educação*, série II (5), 99–116. Retrieved from <http://pages.ie.uminho.pt/inved/index.php/ie/article/view/113/112>
- Rozendo, A. da S. (2015). *Entrevista com o Professor François Vellas*, Ph . D . *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 18(1), 213–217. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1590/1809-9823.2015.0057>
- RUTIS (2012), *Estudo sobre os professores voluntários*, acessível em [www.rutis.pt](http://www.rutis.pt)
- RUTIS. (2016). *Caracterização sumária das Universidades Seniores Portuguesas* (p. 5). p. 5. Retrieved from [http://rutis.keyweb.pt/assets/stores/1175/userfiles/Caracterização sumária das utis.pdf](http://rutis.keyweb.pt/assets/stores/1175/userfiles/Caracterização%20sumária%20das%20rutis.pdf)
- Santos, V., Lopes, S., & Lobão, C. (2018). *O contributo da Universidade Sénior de Pombal na promoção do envelhecimento ativo dos seus estudantes*. *Research and Networks in Health*, 1(4), 1–4.
- Teixeira, E. (2017). *A Importância Da Universidade Sénior Para Um Envelhecimento Ativo: Universidade Sénior De Machico - Um Estudo De Caso Na Ram* (Instituto Politécnico de Santarém). Retrieved from [https://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/1807/1/Dissertação %28versão final%29.pdf](https://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/1807/1/Dissertação%20versão%20final.pdf)



# O ENVELHECIMENTO E AS NOVAS TECNOLOGIAS

E  
V  
L  
C  
M  
T





## Envelhecimento e tecnologias digitais: Um estudo exploratório em universidades seniores no interior de Portugal

GINA PÁSCOA<sup>1</sup>

HENRIQUE GIL<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Age.Comm – Instituto Politécnico de Castelo Branco

hteixeiragil@ipcb.pt

enviado a 28/12/2020 e aceite a 13/01/2021

### Resumo

O envelhecimento demográfico é um desafio que nos últimos anos tem sido objeto de estudo na sociedade contemporânea. Todos tentam compreender o envelhecimento e intervir para reduzir os seus efeitos naturais, evitando a exclusão da pessoa idosa. Em Portugal e nas sociedades mais modernas o grande desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) geraram maior dependência para tratar de assuntos quotidianos por parte dos cidadãos. Neste contexto surgiu o interesse em realizar esta investigação com o objetivo de identificar os fatores socioculturais que influenciam a opção pela aprendizagem das TIC, em populações 50+ e conhecer os impactos desta aprendizagem no Bem-estar ao longo do processo de envelhecimento. Foi efetuada uma investigação exploratória descritiva de natureza qualitativa e quantitativa com uma amostra de 374 participantes que frequentaram as universidades seniores do distrito de Castelo Branco. Os instrumentos de colheita de dados utilizados foram a aplicação de questionários, respondidos pelos participantes supracitados e a realização de entrevistas semiestruturadas a cinco diretores e cinco professores de TIC destas universidades seniores. Os resultados mostram que os fatores que explicam a escolha pela aprendizagem das TIC relacionam-se com a atualização de conhecimentos, necessidade de estar ativo intelectualmente e utilizar melhor o computador, com impactos positivos, nomeadamente ao nível da memória, aptidões intelectuais, comunicação com familiares e amigos e inclusão digital.

Palavras-chave: Bem-estar; Envelhecimento; Inclusão; Tecnologias de Informação e Comunicação; Universidades Seniores.

### Abstract

Demographic ageing is a challenge that has been the subject of study in contemporary society in recent years. Everyone tries to understand ageing and intervene to reduce its natural effects, avoiding the exclusion of the elderly person. In Portugal and in more modern societies, the great development of Information and Communication Technologies (ICT) has led to a greater dependence for dealing with everyday issues. This research aims to identify the sociocultural factors that influence the choice of ICT learning, in populations 50+ and to know the impacts of this learning on well-being throughout the ageing process. A descriptive exploratory research of qualitative and quantitative nature was carried out with a sample of 374 participants who attended senior universities in the *Castelo Branco* district. The data collection tools used were questionnaires to the aforementioned participants and semi-structured interviews with five directors and five ICT professors from these senior universities.

The results show that the factors that explain the choice for ICT learning are related to the updating of knowledge, the need to be intellectually active and to better use the computer, with positive impacts, namely on memory, intellectual skills, communication with family members and friends and digital inclusion.

Keywords: Well-being; Ageing; Inclusion; Information and Communication Technologies; Senior Universities.

## O processo de envelhecimento: realidades e desafios

O envelhecimento constitui um dos desafios da nossa sociedade e o século XXI certamente poderá ser designado o século da pessoa idosa. É, na verdade, um dos atuais fenómenos demográficos mais significativos, constatando-se que o aumento do número de pessoas idosas é uma realidade que atinge globalmente todos os países industrializados, ocorrendo, no entanto, a ritmos e intensidade diferentes. Nestes países ditos industrializados, verifica-se atualmente a tendência para a inversão da pirâmide populacional em que o topo cresce devido ao aumento da proporção da população idosa.

No que se refere a Portugal, a realidade é semelhante, atendendo aos dados disponíveis na Pordata (2019) e tendo em conta os Indicadores de Envelhecimento. Segundo os Censos da População, verificamos que o Índice de Envelhecimento em 1960 se situava nos 27,3, em 1970 nos 34, em 1981 nos 44,9, em 1991 nos 68,1, em 2001 nos 102,2, em 2011 nos 127,8. Segundo dados obtidos no Instituto Nacional de Estatística (INE, 2017) e segundo as Projeções de População Residente 2015-2080, o número de idosos passará de 2,1 para 2,8 milhões e o índice de envelhecimento duplicará, passando de 147 para 317 idosos. O índice de sustentabilidade (quociente entre o número de pessoas com idades entre 15 e 64 anos e o número de pessoas com 65 e mais anos) poderá diminuir de forma acentuada, devido ao decréscimo da população em idade ativa, a par do aumento da população idosa, passando este índice de 315 para 137 pessoas em idade ativa, por cada 100 idosos, entre 2015 e 2080.

O envelhecimento é um problema atual que se prevê agravado no futuro, pois, quando analisados os indicadores de fecundidade e natalidade registam-se 4,9 nascimentos por cada 1000 habitantes, ou seja, nasce atualmente uma criança por mulher em idade ativa. Isso significa que não se está assegurando a renovação das gerações, pois para atingir o nível mínimo de substituição de gerações nos países mais desenvolvidos seria necessário que cada mulher tivesse em média 2,1 filhos (Nunes, 2017). Na base destes resultados encontra-se uma elevada carga de doença, condições socioeconómicas e a falta de comportamentos saudáveis e de estratégias para um envelhecimento ativo (Nunes & Nunes, 2016). Esta situação agrava-se no interior do país que é muito mais envelhecido e apresenta um rácio de 30 idosos por cada 100 habitantes (Quaresma & Ribeirinho, 2016). Seguindo-se a linha de estudo de Quaresma e Ribeirinho (2016, p. 31), em Portugal, verifica-se que “(...) a análise das condições de vida e das expectativas das gerações que constituem o grupo das pessoas de 50 + anos é reveladora da importância das transformações sociais, económicas e políticas, no aumento da longevidade, e na qualidade do envelhecer (...)”. Neste contexto, tendo em vista o reportado pelos teóricos da área do envelhecimento, o foco da presente investigação faz-se no interior de Portugal, através de um estudo exploratório descritivo, mais especificamente na região do distrito de Castelo Branco, localizada no centro do país em zona de fronteira com Espanha. Quanto à sua caracterização demográfica, a população residente é de cerca de 186.830 habitantes, existindo uma tendência associada ao aumento do número de mulheres e uma conseqüente redução do número de homens (Pordata, 2019). Neste distrito assiste-se a um contínuo envelhecimento da população, refletido por uma inversão da pirâmide demográfica, verificando-se um aumento da longevidade dos cidadãos, sobretudo a partir da faixa etária dos 75-79 anos. O registo demográfico da população deste distrito aponta para uma evolução negativa com redução da população ativa, diminuição dos nascimentos e aumento das pessoas com mais idade.

Também nas últimas décadas ocorreram desenvolvimentos nas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) sem precedentes, fazendo com que se tornassem parte indispensável não só da esfera profissional, mas também da educação, cuidados de saúde, comunicação e entretenimento das pessoas, dos mais novos aos mais velhos. Dados recentes sobre Portugal indicam que a apropriação e uso das TIC aumentaram em todas as camadas da população, mas ainda existe uma distinção expressiva entre diferentes faixas etárias, especialmente se compararmos os mais novos e os mais velhos. Em Portugal, a taxa de utilização da Internet é de 100% entre jovens (15-24 anos) e 33% entre idosos (65-74 anos), o computador é utilizado por 99,3% de jovens e 28,4% dos idosos, no caso do telemóvel a diferença é menos expressiva, mas ainda assim persistente com 97% entre jovens e 63,7% entre a faixa etária mais velha de utilizadores (INE, 2019), por último, 42,9% dos portugueses dizem possuir tablet (Marketest, 2016).

O problema que se coloca é que muitas pessoas idosas não têm a capacidade de aceder a esses meios, ou falta de formação para trabalhar com eles, o que pode gerar o risco de desqualificar os idosos na sociedade, conhecido como o fenómeno da infoexclusão. A par destas transformações nos últimos anos têm surgido as universidades seniores que se revestem de uma componente pedagógica e privilegiam a aprendizagem ao longo da vida, em geral, e a aprendizagem das TIC, em particular, em populações com 50+ anos (Páscoa & Gil, 2017).

### **Estudo exploratório no interior de Portugal: as universidades seniores e as tecnologias digitais**

Este estudo exploratório, descritivo e de natureza mista, está inscrito no paradigma qualitativo e quantitativo. Quantitativo porque o estudo apresenta características objetivistas, na medida em que a recolha de dados foi realizada com base em provas objetivas e foram aplicadas técnicas estatísticas para a descrição e análise dos dados recolhidos, contudo é também qualitativa, uma vez que é interpretativa e de natureza fenomenológica (Coutinho, 2014). A população foi constituída por cidadãos com 50+ anos em situação de formação nas universidades seniores do distrito de Castelo Branco no ano letivo 2013/14, num total de 660 indivíduos. A investigação desenvolveu-se pela técnica de amostragem não probabilística por conveniência, a amostra foi constituída pelos 374 indivíduos que devolveram os questionários preenchidos. Esta amostra subdividiu-se em duas subamostras: “participantes com aprendizagem em TIC” (n= 186) e “participantes sem aprendizagem em TIC” (n= 188). As entrevistas aos responsáveis das universidades seniores tiveram como principal objetivo à averiguação dos fatores sociais e culturais envolvidos na aprendizagem das TIC, bem como conhecer o impacto desta aprendizagem ao longo do processo de envelhecimento e ter igualmente a noção das políticas sociais necessárias para melhorar este tipo de aprendizagem pela população idosa. As entrevistas aos professores de TIC tiveram como finalidade a necessidade de aferir as estratégias/metodologias de ensino utilizadas nas aulas, bem como compreender as competências digitais adquiridas pelos participantes e sua aplicabilidade no quotidiano.

Uma vez realizadas as entrevistas estas foram transcritas de forma integral, gerando o corpus da análise, ou seja, o conjunto representado pelos dados obtidos pela investigação. A análise foi realizada por meio da análise de conteúdo proposta por Bardin (2009). De acordo com a ética

da investigação os nomes dos entrevistados não foram identificados, os dados recolhidos foram todos codificados, não sendo de forma alguma relacionados com os participantes. Os Diretores foram codificados de «D1 a D5» e os Professores de TIC de «P1 a P5». Por meio destes procedimentos metodológicos foi possível a exposição dos dados de forma mais clara e fluída, conforme os resultados apresentados a seguir.

### **Resultados e discussão dos dados**

Neste subcapítulo estão presentes os principais resultados da aplicação dos dois questionários (um aplicado aos “participantes com aprendizagem em TIC” e outro aplicado aos “participantes sem aprendizagem em TIC”) e entrevistas semiestruturadas a cinco diretores e a cinco professores de TIC das universidades seniores. Relativamente à caracterização dos participantes, os “participantes com aprendizagem em TIC” foram constituídos por 121 mulheres (65%) e 65 homens (35%), constatando-se que a maioria, 84 (45,4%), situa-se no escalão etário 65 a 70 anos de idade. Os “participantes sem aprendizagem em TIC” foram constituídos por 132 mulheres (70,2%) e 56 homens (29,8%), constatando-se que a maioria (44,7%), situa-se no escalão etário 66 a 71 anos de idade.

### **Fatores socioculturais que influenciam a aprendizagem das TIC**

Ao se averiguar os fatores que influenciam a aprendizagem das TIC nos “participantes com aprendizagem em TIC” através da aplicação de um questionário, verificou-se que 120 participantes (64,5%) referem que foi “para atualizar conhecimentos”, 97 (52,2%) mencionam que foi “para estar ativo intelectualmente”, 90 (48,4%) afirma que foi “para usar mais e melhor o computador que tenho em casa”. Através da resposta dos inquiridos verificou-se ainda que os participantes com ensino secundário ou equivalente são aqueles que mais atualizam conhecimentos através da aprendizagem das TIC, ou seja, indivíduos com mais habilitações literárias estão mais motivados na atualização de conhecimentos, estando esta necessidade incluída no paradigma da formação ao longo da vida (Páscoa, 2017). Estes resultados são semelhantes a outros estudos encontrados na literatura que mostram que as pessoas idosas se sentem excluídas das tecnologias digitais procurando formações relacionadas com a aprendizagem das TIC, para se atualizarem e utilizarem melhor o computador, tal como foi comprovado por outras investigações (Varela, 2012; Gomes, 2014; Núncio, 2015).

Relativamente aos fatores que explicam a não aprendizagem das TIC por parte dos “participantes sem aprendizagem em TIC”, a maioria 60 (31,9%) afirma “é muito difícil”, 54 (28,7%) refere “não tenho interesse” e 48 (25,5%) menciona “não tenho computador”. O perfil típico das pessoas idosas que utilizam a Internet é diferente daqueles que não utilizam. Aqueles que não usam são mais pobres, mais velhos e têm duas vezes mais probabilidade de viverem sozinhos e de terem problemas de saúde (Helsper, 2009). Por conseguinte, os mais vulneráveis e os socialmente excluídos na nossa sociedade são susceptíveis de serem aqueles que são também digitalmente excluídos.

Isto quer dizer que a inclusão social também está ligada à posse de recursos necessários para uma efetiva participação social e económica uma vez que as TIC podem ajudar a prevenir e aliviar o isolamento social e a solidão entre pessoas com idades mais avançadas quando estas percebem o potencial inerente a essas tecnologias (Independent Age, 2010). Esses mesmos

resultados foram também identificados em pesquisas como em Pereira e Neves (2011), Colombo, Aroldi e Carlo (2014) e por Kachar (2010). No entanto, é importante mencionar que nem todas as pessoas mais velhas são vulneráveis, socialmente isoladas ou solitárias. Muitas pessoas idosas são ativas, envolvem-se em ações de voluntariado ou cuidam de familiares mais jovens e até mesmo fazem cursos formações em faculdades ou centros educativos mais vocacionados para pessoas mais velhas, como as universidades seniores. Ainda perante estes resultados, conforme Kachar (2000), esta geração mais velha que nasceu e foi educada em uma época em que o tempo transcorria em outra velocidade e as tendências das situações eram a estabilidade, hoje não consegue acompanhar as modificações sociais e tecnológicas. Para a maioria dos idosos, o uso do computador estaria totalmente fora do seu alcance, não envolvendo apenas motivos financeiros, mas emocionais. O uso desta tecnologia traz certas dificuldades, uma vez que tudo é muito desconhecido: os ícones, o rato, a velocidade, dificuldade em ler no monitor, a coordenação dos dedos sobre o teclado, a memória e a visão frágil para visualizar os ícones pequenos.

Quando os diretores das universidades seniores foram questionados sobre os fatores socioculturais que influenciam a escolha na aprendizagem das TIC, as respostas subdividiram-se em duas dimensões: no que concerne aos fatores sociais, com destaque para a comunicação com os familiares, com a atualização de conhecimentos e nas possibilidades de se reduzir o isolamento social, conforme apresentado em alguns testemunhos:

“(...) utilizar os meios que lhes permitem falar com os netos, comunicar à distância (...)”  
(D1)

“(...) procuram as TIC para atualizar conhecimentos (...)” (D3)

“(...) alguns seniores vivem isolados e as TIC são uma forma de estarem em contacto com outras pessoas (...)” (D4)

Estes resultados são semelhantes a outros estudos encontrados na literatura. Christ et al. (2002) afirmam que a rotina dos idosos tem mudado continuamente com o advento das novas tecnologias, principalmente com a Internet, que os tem atraído cada vez mais. Segundo o Instituto de Geriatria e Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio Grande do Sul, compreenderam que a principal utilização das tecnologias pelos idosos é a possibilidade de uma comunicação mais ágil com os familiares. As ferramentas digitais podem promover um meio para que as pessoas idosas diminuam o isolamento social e para que, dessa forma, possam usufruir de um processo de envelhecimento bem-sucedido e com qualidade. Shapira e Barak (2007), a partir de um estudo com um grupo de idosos israelitas concluíram que a aprendizagem das TIC na velhice traz uma melhoria significativa em aspetos como depressão, solidão e autocontrole, indicando que o uso da Internet contribui para o bem-estar e para a sensação de capacitação nas interações interpessoais.

No que diz respeito aos fatores culturais mencionados pelos diretores, estes relacionaram-se com a curiosidade em desmistificar e explorar as TIC, com a utilidade prática da disciplina de TIC na vida diária, com o interesse pela componente formativa e aquisição de conhecimento e também pelo desejo por parte das pessoas idosas de permanecerem ativas intelectualmente.

“(...) é a curiosidade, gostarem de aprender coisas novas, atração por uma novidade (...)” (D2)

“(...) frequentam esta disciplina para terem ainda alguma utilidade naquilo que ainda fazem, ainda lhes interessa terem essa componente formativa para se sentirem preparados para o dia a dia.” (D1)

“(...) todos estão despiertos para o conhecimento (...)” (D4)

“(...) desejo de permanecer ativo do ponto de vista intelectual (...)” (D5)

Neste sentido, as pessoas com 50+ anos, apesar de possuírem muitas experiências de vida, apesar de ainda exercerem a sua atividade profissional, costumam sofrer preconceitos no local de trabalho no que diz respeito à sua eficiência num mundo tecnológico, pois a relação com a tecnologia é vista como um indicador de eficiência. A pressão social e profissional para que pessoas mais velhas se apropriem das novas tecnologias como as pessoas mais jovens, fazem com que algumas delas entrem num novo movimento, rumo a uma maior familiarização tecnológica, numa necessidade/curiosidade em entender a nova linguagem e em lidar com os avanços tecnológicos, tal como é corroborado por Kachar (2003).

Quanto às políticas sociais para melhorar a aprendizagem das TIC na população idosa, os diretores destacaram a necessidade de maior investimento das autarquias, em concreto do poder local na área da inclusão digital, em particular com a substituição de alguns dispositivos por se encontrarem obsoletos, a necessidade de alocar mais recursos humanos para uma inclusão digital mais eficaz das pessoas idosas, conforme se confirma com a seguinte resposta:

“(...) alguns equipamentos estão obsoletos e até poderia haver substituição dos próprios computadores, seria fundamental a existência de recursos humanos para ajudar no acompanhamento das pessoas mais velhas a integrarem-se melhor nas TIC, algumas até sentem medo em tocar no aparelho, daí haver essa necessidade de alguém que lhes explique e que as oriente (...)” (D3)

Assim, as intervenções orientadas para a participação da pessoa idosa na sociedade dizem respeito à ação de política desenvolvida pelo Governo, respetiva vontade da sociedade e cabimento orçamental para prover os recursos necessários (Carvalho, 2013). Importa aqui ressaltar o papel que o Governo de Portugal tem realizado com a promoção de uma estratégia para o desenvolvimento global e ativo, adaptado às necessidades da sociedade e das próprias pessoas idosas, entre as quais se destacam: o lançamento de programas de apoio ao cidadão idoso, nomeadamente aqueles que possuem problemas de mobilidade e que necessitam de apoio especial nas suas práticas diárias; financiamento da construção de centros de saúde; e, unidades de apoio ao idoso (centros-dia). No entanto, apesar destas medidas, e da lógica de integração da pessoa idosa na sociedade, há ainda um campo que necessita de uma maior ação e que foca a integração da pessoa idosa com o desenvolvimento da sociedade digital, para que esta população não se sinta hoje, nem no futuro infoexcluída.

Na sociedade moderna, tem-se assistido a um rápido e recente crescimento das TIC e do acesso à Internet. Os próprios serviços públicos em Portugal no âmbito da simplificação administrativa promoveram um conjunto de medidas que permitem o acesso aos dados do cidadão através de uma ligação à Internet, permitindo solicitar documentos, comprovativos dos

impostos, renovar documento de identificação, aceder aos dados de saúde, marcar consultas entre outras possibilidades (Mateus, 2008). A sociedade cada vez mais funciona numa rede tecnológica que gere e difunde o conhecimento e a comunicação através da realidade digital. Dessa forma, o ciberespaço tem ganho um grande destaque transpondo fronteiras, descentralizando e tornando o conhecimento global (Castells & Cardoso, 2005). Os idosos com acesso aos meios digitais de comunicação deixarão de estar tão isolados da sociedade e poderão desenvolver estratégias para melhorar a sua qualidade de vida e desenvolver habilidades/competências que os façam sentirem-se úteis à sociedade (Castells & Cardoso, 2005).

Nas entrevistas, os Professores de TIC foram questionados sobre estratégias/metodologias de ensino utilizadas na população idosa. De acordo com as respostas obtidas, os conteúdos programáticos das aulas de TIC dividem-se em três níveis: inicial, intermédio, avançado, são expostos de forma gradual, do mais simples para o mais complexo. Estes conteúdos relacionam-se com os interesses e experiências de cada formando, tendo uma aplicação prática ao seu quotidiano. Segundo os Professores de TIC, a explicação quando é possível faz-se individualmente para acompanhamento do ritmo de aprendizagem com o complemento da aplicação de fichas de conhecimento, uma vez que a maior parte dos formandos após as aulas de TIC não têm apoio para solidificar conhecimentos. As seguintes declarações testemunham esta ideia:

“(…) depois tenho que ir individualmente um a um, temos que essencialmente inculcar-lhes confiança e dizer-lhes que o computador não se estraga, eles têm medo de mexer e estragar a máquina, insistir com os seniores e dizer-lhes que eles são capazes de aprender as TIC (…)” (P3)

“(…) costumo dar fichas de aplicação de conhecimento. A maior parte deles não tem apoio em casa, não tem ninguém que os ensine, por vezes os seus familiares estão longe e os que estão perto estão ocupados com as suas vidas.” (P5)

Relativamente às competências digitais adquiridas na aprendizagem das TIC e sua aplicabilidade no quotidiano destaca-se a ideia que os formandos deste estudo comunicam através de email, skype, facebook, para interagir virtualmente com familiares e amigos, tal como se confirma nas seguintes afirmações:

“Os seniores adquirem competências digitais para utilizarem o email, o Skype e agora estamos a fazer um esforço para eles interagir com o Facebook, para eles verem como se pode utilizar as TIC e reduzir custos ao mesmo tempo.” (P1)

Segundo estes entrevistados também é habitual as pessoas idosas pesquisarem informações na Internet de acordo com os seus interesses, dedicando-se também à escrita de textos, conforme indicado nos testemunhos dos participantes P1 e P2:

“Costumam pesquisar informação sobre saúde, música, essencialmente fado, monumentos históricos, história de Portugal, notícias sobre a freguesia onde vivem.” (P1)

“(…) escrevem textos, nomeadamente poemas e utilizam o Word (…)” (P2)

Dois Professores de TIC referiram que algumas pessoas idosas interagem com a administração pública através dos seus serviços online, nomeadamente no envio do IRS através do portal das Finanças e aqueles que ainda não utilizam estes serviços mostram interesse em utilizá-los, onde também está incluído o interesse pelos serviços bancários (P1 e P5):

“Interagem com alguns serviços como as Finanças, muitos deles já fazem o IRS através da Internet, pesquisam assuntos na Loja do Cidadão online, aderem à e-fatura.” (P1)

“Alguns seniores também querem saber como utilizar os serviços bancários e os serviços das finanças para saberem enviar certas certidões e documentos.” (P5)

Outra opinião emitida por estes entrevistados, relacionada com as competências digitais, mas associada com o entretenimento e com o lazer, incluem os jogos digitais, digitalização de fotos e da leitura de jornais online (P2, P3 e P5):

“(…) uma minoria utiliza as TIC para jogar, para lazer e entretenimento.” (P2)

“(…) eles aprenderam a transferir as fotografias da máquina fotográfica para o computador e agora estão constantemente a colocar fotos de eventos e situações do seu dia a dia.” (P3)

“(…) leem jornais online.” (P5)

Segundo a opinião dos Professores de TIC as competências digitais adquiridas na aprendizagem das TIC e sua aplicabilidade no quotidiano resumem-se à comunicação, à pesquisa e escrita de textos, a uma aproximação com a administração pública e com o entretenimento. De acordo com estes testemunhos, pode-se fazer uma breve análise às entrevistas dos professores de TIC, enfatizando que as universidades seniores para além de ajudar as pessoas idosas a ocupar os seus tempos livres programando atividades educativas e culturais, salientam ainda a transmissão de conhecimentos, a integração social e a formação ao longo da vida.

É relevante investigar quais as abordagens adequadas para introduzir a pessoa idosa no universo das TIC e construir estratégias metodológicas, educacionais para preparar esta população (ativa ou aposentada) no domínio operacional dos recursos computacionais. É necessário gerar a alfabetização na nova linguagem tecnológica que se instala em todos os setores da sociedade e promover a inclusão do idoso nas transformações da sociedade. A abordagem educacional com idosos tem suas peculiaridades e requer a imersão neste universo para compreendê-lo e uma prática pedagógica específica, considerando as características físicas, psicológicas e sociais dessa faixa etária (Kachar, 2001).

Dickenson e Hill (2007), num estudo sobre padrões de comunicação em pessoas idosas escocesas concluíram que o e-mail é o meio de comunicação mais utilizado, permitindo uma aproximação maior com amigos e familiares, principalmente mais jovens. Também nesta vertente comunicacional, os resultados de um estudo dinamizado por Ferreira e Teixeira (2017) apontaram que a utilização das Redes Sociais Virtuais proporciona às pessoas idosas experiências positivas, principalmente relacionadas como um recurso para entretenimento e contacto com familiares e amigos. Por vezes o entretenimento é o foco, quando a população idosa utiliza as TIC, nomeadamente o uso de jogos online com uma componente de lazer com benefícios para o bem-estar e estimulação mental.

Kachar (2003) relata um estudo sobre o idoso e a relação de aprendizagem com o computador que pretendeu identificar as necessidades de aprendizagem das pessoas acima de 55 anos e ajudá-las a superar os seus medos e resistências diante das tecnologias. O estudo destaca que as pessoas idosas apresentam dificuldades específicas, mas que podem ser superadas com estratégias adequadas de aprendizagem, tais como seguir sequencialmente as instruções, sala com poucos alunos e uso de intervalos, respeitando o ritmo de cada um. Esta situação foi corroborada com os resultados obtidos nas entrevistas realizadas aos professores de TIC.

### **Principais impactos da aprendizagem das TIC no Bem-estar ao longo do processo de envelhecimento**

Em relação aos impactos da aprendizagem das TIC ao longo do processo de envelhecimento, segundo a opinião dos “participantes com aprendizagem em TIC”, verificou-se que 116 participantes (62,4%) consideram que esta aprendizagem estimula a memória, já 102 (54,8%) afirmam que promove a comunicação e 87 (46,8%) referem que a aprendizagem das TIC torna o envelhecimento mais ativo. Neste âmbito, verificou-se também que as habilitações literárias tiveram grande influência na aprendizagem em TIC, pois os indivíduos com mais nível educacional foram aqueles que consideraram que as TIC tinham impacto positivo na memória.

A opinião dos diretores também coincide com a dos inquiridos relativamente aos impactos da aprendizagem das TIC ao longo do processo de envelhecimento, uma vez que a memória e as aptidões intelectuais são beneficiadas com a aprendizagem das TIC. Estes entrevistados deixam um alerta para as pessoas idosas estimularem diariamente as suas capacidades mentais de modo a prevenir o Alzheimer ou outras demências, conforme se pode verificar nas seguintes afirmações:

“(...) continuar a exercitar a memória como era solicitada por uma vivência mais jovem. O Bem-estar mental sai beneficiado (...).” (D1)

“(...) muito positivo em especial para a memória pois as pessoas exercitam melhor as suas aptidões mentais (...).” (D2)

“É imprescindível os seniores estimularem no dia a dia todas as faculdades mentais, pois surgem nesta etapa da vida muitas doenças como Alzheimer ou outras demências, a memorização, o raciocínio é estimulado (...).” (D3)

Os entrevistados também referiram que a participação e inclusão na sociedade digital era imprescindível para a população idosa, pelo facto destas pessoas necessitarem de estar atualizadas na política, nas notícias diárias, com a finalidade de não ficarem excluídas da atualidade:

“Os seniores têm mais facilidade em participar na sociedade, não se sentem tão excluídos das novas tecnologias (...).” (D1)

“(...) pessoas encaram as TIC como uma ajuda para viver melhor ao nível social, não se sentem excluídos, sentem-se participantes e ativos do seu tempo, têm que ter essa informação informática porque ela faz parte do quotidiano de agora (...).” (D2)

Pela análise destes dados, pode-se considerar que a vida das pessoas idosas que utilizam as TIC é marcada por mudanças significativas que podem favorecer o seu desenvolvimento psicossocial e permitir melhor qualidade de vida. Castells (2004), afirma que a Internet é uma expansão da vida em todas as suas dimensões, ou seja, ela amplia as possibilidades de lazer, amizade, conhecimento, entre outras, na medida em que facilita o acesso ao conhecimento e a interação com outras pessoas. Outro benefício citado por Kachar (2003) é a oportunidade da pessoa idosa tornar-se um aprendiz virtual, continuando a adquirir conhecimento, e isso proporciona um bem-estar global. Também Santos (2005), ressalta que a linguagem é a forma como conseguimos interagir com os semelhantes. Por isso a importância da pessoa idosa também se apropriar dessa nova linguagem tecnológica. O contacto da pessoa idosa com a Internet possibilita que ela se torne mais integrada na sociedade, na medida que se apropria dos códigos de linguagem do mundo moderno.

Os conhecimentos da Internet são ligações para o novo século e, além de serem um caminho para combater a exclusão social que as pessoas idosas vivenciam, são um espaço de comunicação, de troca com pessoas de todo o mundo e de aprendizagem constante. Portanto, valorizar a experiência da pessoa, através do uso de interação em ambientes de educação permanente na Web, e despertar seu interesse em assumir o papel de cidadão da sociedade, é fundamental para mensurar a melhoria da qualidade de vida destas pessoas.

### **Considerações finais**

Através dos resultados desta investigação, constatou-se que os participantes com mais habilitações literárias estão mais motivados para a aprendizagem das TIC. Após a análise dos questionários aplicados aos participantes com aprendizagem em TIC, verificou-se que os fatores socioculturais que influenciam a aprendizagem em TIC estão relacionados com a atualização de conhecimentos, com a necessidade de estar ativo intelectualmente e com a melhor utilização do computador. Todavia, os fatores que explicam a não aprendizagem das TIC, relacionam-se com o facto dos participantes considerarem a aprendizagem das TIC difícil, falta de interesse e também a falta de computador. De um modo geral, nesta investigação, o perfil dos participantes que não aprenderam TIC contempla baixas habilitações académicas e baixos rendimentos.

Na opinião dos diretores das universidades seniores, os fatores socioculturais envolvidos na aprendizagem das TIC estão relacionados com fatores sociais que envolvem a comunicação com familiares, atualização de conhecimentos e redução do isolamento, bem como com fatores culturais relacionado com a curiosidade que estes participantes têm em desmistificar e explorar as TIC, com a utilidade prática da disciplina de TIC, com o interesse pela componente formativa e para permanecerem ativos intelectualmente. Os diretores das universidades seniores, também salientam nesta investigação a necessidade de maior investimento por parte das autarquias na área da inclusão digital com a substituição de alguns dispositivos por se encontrarem obsoletos e com a necessidade de alocar mais recursos humanos a realizar formações em TIC à população idosa.

Esta investigação também identificou as estratégias e metodologias de ensino utilizadas por parte dos professores de TIC das universidades seniores em que estas se relacionam com três níveis de formação: inicial, intermédio, avançado. Os conteúdos lecionados relacionam-se com os interesses expostos pelos formandos e com aplicação prática no seu quotidiano. As

competências digitais adquiridas pelos participantes e sua aplicabilidade no quotidiano relacionam-se essencialmente com a comunicação por email, Skype, Facebook como forma de interação virtual com familiares e amigos. Alguns participantes desta investigação também interagem com a administração pública através dos serviços online e mostram interesse em saber utilizar os serviços bancários virtualmente. Também foram reportadas por parte dos professores de TIC as competências digitais relacionadas com entretenimento e lazer, nomeadamente, jogos digitais, digitalização de fotos e leitura de jornais online. No que diz respeito aos impactos da aprendizagem das TIC no Bem-Estar ao longo do processo de envelhecimento, a opinião manifestada pelos participantes com aprendizagem em TIC convergiu com a dos diretores das universidades seniores, uma vez que ambos concordam que a aprendizagem das TIC estimula a memória, promove a comunicação e torna o envelhecimento mais ativo, promovendo a participação e inclusão na sociedade digital.

Na atualidade os relatórios estatísticos mostram que as pessoas idosas são o segmento que mais cresce entre os utilizadores de Internet e das TIC. Assim, nos próximos anos, um número cada vez maior de pessoas idosas se tornará utilizadores das TIC e, conseqüentemente, enfrentarão novos desafios, algo que os trabalhos sobre TIC e idosos, apesar de alguns serem abrangentes, não contemplam. Contudo, em termos de políticas, os resultados desta investigação, já constituem um contributo para o desenvolvimento de estratégias para uma política mais inclusiva para promover a inclusão social e o seu bem-estar através das TIC.

## Bibliografia

- Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Edições 70.
- Carvalho, M. (2013). *Serviço Social no Envelhecimento*. Lidel.
- Castells, M. (2004). A galáxia da Internet: reflexões sobre Internet, negócios e sociedade. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Castells, M., & Cardoso, G. (2005). *A Sociedade em Rede - do conhecimento à Ação Política*. Imprensa Nacional Casa Moeda. [https://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/a\\_sociedade\\_em\\_rede\\_-\\_do\\_conhecimento\\_a\\_acao\\_politica.pdf](https://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/a_sociedade_em_rede_-_do_conhecimento_a_acao_politica.pdf)
- Christ, R., Palazzo, L. A. M., Marroni, F. V., & Xavier, R. T. O. (2002). Construindo comunidades virtuais para a Terceira Idade. *REIC – Revista eletrónica de iniciação científica, II (IV)*, <http://www.sbc.org.br/reic/edicoes/2002e4/>
- Colombo, F., Piermarco, A., & Simone, C. (2014). Stay tuned: the role of ICTs in elderly life. In G. Riva, P. Marsan, C. Grassi (Eds.). *Active ageing and healthy living* (pp. 145-156). IOS Press.
- Coutinho, C. (2014). Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: teoria e prática. Edições Almedina.
- Dickenson, A., & Hill, R. (2007). Keeping in touch: talking to older people about computers and communication. *Journal Educational Gerontology, 33* (8), 613-630.
- Ferreira, M., & Teixeira, K. (2017). O uso de redes sociais virtuais pelos idosos. *Revista Estudos Interdisciplinares sobre o envelhecimento, 22* (3), 153-167.
- Gomes, M. (2014). *Inclusão digital na terceira idade: a integração das TIC numa escola superior sénior*. [Tese de mestrado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias]. Repositório Científico Lusófona. [https://recil.grupolusofona.pt/jspui/bitstream/10437/5170/1/Mara\\_Gomes\\_Disserta%3a7%3a3o.pdf](https://recil.grupolusofona.pt/jspui/bitstream/10437/5170/1/Mara_Gomes_Disserta%3a7%3a3o.pdf)
- Helsper, E. (2009). The ageing internet: digital choice and exclusion among the elderly. *Working with older people, 1* (4), 28-33. <https://doi.org/10.1108/13663666200900068>
- Independent Age (2010). Older people, technology and community: The Potential of Technology to Help Older People Renew or Develop Social Contacts and to Actively Engage in Their Communities. [https://www.cisco.com/c/dam/en\\_us/about/ac79/docs/wp/ps/Report.pdf](https://www.cisco.com/c/dam/en_us/about/ac79/docs/wp/ps/Report.pdf)
- Instituto Nacional de Estatística [INE] (2017). *Projeções de população residente 2015-2080*. Instituto Nacional Estatística. [https://www.ine.pt/ngt\\_server/attachfileu.jsp?look\\_parentBoui=289229688&att\\_display=n&att\\_download=y](https://www.ine.pt/ngt_server/attachfileu.jsp?look_parentBoui=289229688&att_display=n&att_download=y)
- Instituto Nacional de Estatística [INE] (2019). Sociedade da informação e do conhecimento. Inquérito à utilização de tecnologias da informação e da comunicação pelas famílias. Instituto Nacional Estatística.

- Kachar, V. (2000). A terceira idade e o computador: interação e transformações significativas. *A Terceira Idade*, 11 (19), 5-21.
- Kachar, V. (2001). *A Terceira Idade e o Computador: Interação e Produção no Ambiente Educacional Interdisciplinar*. [Tese de doutoramento não publicada]. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Kachar, V. (2003). Terceira Idade & Informática: Aprender revelando potencialidades. Cortez.
- Kachar, V. (2010). Envelhecimento e perspectivas de inclusão digital. *Revista Kairós – Gerontologia*, 13 (2), 131-147.
- Marketest (2016, outubro 25). 3,7 Milhões possuem tablet. <https://www.marktest.com/wap/a/n/id~214f.aspx>
- Mateus, J. (2008). O Governo Electrónico, a sua aposta em Portugal e a importância das Tecnologias de Comunicação para a sua estratégia. *Polytechnical Studies Review*, 6 (9), 1-5.
- Núncio, V. (2015). *Estudo da utilização das TIC na USALBI e o contributo para a redução do isolamento dos idosos*. [Tese de mestrado, Instituto Politécnico de Castelo Branco]. Repositório Científico do Instituto Politécnico de Castelo Branco.  
[https://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/2849/1/Tese%20Mestrado%20Vera%20N%C3%B4ncio\\_.pdf](https://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/2849/1/Tese%20Mestrado%20Vera%20N%C3%B4ncio_.pdf)
- Nunes, A. (2017). Modernização, envelhecimento e infoexclusão em Portugal. *Revista Kairós – Gerontologia*, 20 (2), 79-99.
- Nunes, A., & Nunes, M. (2016). A saúde em Portugal: um olhar sobre o distrito de Castelo Branco. RVJ Editores.
- Páscoa, G. (2017). Fatores socioculturais na formação ao longo da vida: um estudo sobre a aprendizagem das Tecnologias da Informação e da Comunicação em populações 50+. [Tese de doutoramento. Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10400.5/13214>
- Páscoa, G., & Gil, H. (2017). Envelhecimento e competências digitais: um estudo em populações 50+. *Revista Kairós - Gerontologia*, 20 (3), 31-56. <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/30900/21382>
- Pereira, C., & Neves, R. (2011). Os idosos e as TIC – competências de comunicação e qualidade de vida. *Revista Kairós Gerontologia*, 14 (1), 5-26.
- Pordata (2019). *Indicadores de Envelhecimento segundo os Censos*.  
<https://www.pordata.pt/Portugal/Indicadores+de+envelhecimento+segundo+os+Censos++525>
- Quaresma, M., & Ribeirinho, C. (2016). Desafios do Séc. XXI. *Revista Kairós Gerontologia*, 19 (3), 29-49.  
<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/30900/21382>
- Santos, L. (2005). *Tecnologias de informação e comunicação: o email redimensionando as relações sociais de idosos*. [Tese de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. TEDE. Sistema de Publicação Eletrônica de Teses e Dissertações. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/12585>
- Shapira, I., & Barak, A. (2007). Promoting older adults well-being through Internet training and use. *Journal Aging and Mental Health*, 11 (5), 477-484.
- Varela, C. (2012). O impacto dos cursos TIC das universidades seniores na inclusão digital da terceira idade. *Dissertação de Mestrado em Educação*. Universidade de Lisboa.

## Inclusão digital e envelhecimento ativo no século XXI

DIANA AGRELA<sup>1</sup>, ESTEFÂNIA SANTOS<sup>1</sup>, KHRISTINA GUZMAN<sup>1</sup>,

LAURA AVEIRO<sup>1</sup> & PAULO PESTANA<sup>1</sup>, ANA LÚCIA FARIA<sup>1,2</sup>

<sup>1</sup>Escola Superior de Saúde

<sup>2</sup>NOVA-LINCS, Universidade da Madeira

dfjagrela@gmail.com

enviado a 26/01/2021 e aceite a 12/03/2021

### Resumo

Ao longo dos últimos anos, a sociedade está cada vez mais envelhecida. A par disso, o uso das novas tecnologias cresce gradualmente, tendo impacto na vida quotidiana dos mais velhos. Porém, apesar desta influência, a maioria desta população possui vontade para integrar esta nova era tecnológica. A presente revisão aborda o idoso e o envelhecimento, mas também a sua adaptação às novas tecnologias, evidenciando os seus aspetos positivos e menos positivos. Adicionalmente, foi feita uma pesquisa a alguns recursos que existem na Região Autónoma da Madeira (RAM) e que tentam cobrir as necessidades dos idosos e que pretendem proporcionar um envelhecimento mais ativo, criando redes sociais alternativas.

Palavras-chave: idoso; envelhecimento ativo; tecnologias; educação; redes sociais.

### Abstract

Over the past few years, society has become increasingly older. In addition to that, the use of new technologies is gradually growing, having an impact on the daily lives of the elderly population. However, despite this influence, the majority of this population wants to integrate this new technological era. This review addresses the elderly and ageing and their adaptation to new technologies, highlighting the positive and less positive aspects. We have also researched and described existing resources in the Autonomous Region of Madeira (RAM), whose goal is to cover the needs of the elderly, provide a better quality of life and create alternative social networks.

Keywords: elderly; active ageing, technologies; education; social networks.

### 1.Introdução

The Internet is becoming the town square for the global village of tomorrow

(Bill Gates)

Portugal e o resto do mundo têm vindo a apresentar um aumento considerável do número de idosos (INE,2020). A pessoa, ao longo do tempo, sofre algumas alterações físicas e psicológicas no seu organismo, isto é, o processo natural pelo qual todos os indivíduos passam. O desenvolvimento de atividades que permitam otimizar as capacidades individuais, sejam elas físicas e/ou mentais, promovem um envelhecimento com qualidade.

Face à situação pandémica atual, o isolamento é uma necessidade por motivos de segurança, é de salientar que, apesar de não terem a presença física daqueles que lhes são mais chegados, os mais velhos podem sempre estar em contacto, pelas redes sociais, com os netos, filhos, noras e genros, que sofrem de igual modo pelo afastamento, reforçando desta forma, os laços afetivos (Benavente, 2020).

O desenvolvimento deste trabalho centra-se na temática “O envelhecimento e as novas tecnologias”, concentrando a nossa análise nesta faixa etária com a finalidade de darmos a conhecer alguns conceitos em relação ao uso das tecnologias por parte dos idosos, referindo as possíveis dificuldades na inclusão dos mesmos no meio digital.

A nossa metodologia foi baseada em pesquisa de literatura, maioritariamente em suporte digital. Vamos desenvolver este trabalho de acordo com as palavras-chave pesquisadas: idosos, envelhecimento ativo, redes sociais, tecnologia e inclusão social. Foram encontrados 55 artigos, dos quais foram usados 25 para este trabalho.

## **2. Idoso: o processo do envelhecimento ativo**

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002), o idoso é todo indivíduo com 60 anos ou mais, embora, em Portugal, o idoso é considerado, pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), todo o indivíduo com mais de 65 anos. Outros organismos como o Conselho da Europa ou a OCDE (Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico) também estabelecem os 65 anos como marco a partir do qual a pessoa é idosa. No entanto, a OMS reconhece que, mais do que adotar uma idade mínima, é importante ter em conta que a idade cronológica não é um limite preciso para as alterações que acompanham este processo (OMS, 2002).

Na diversa literatura pesquisada, constata-se que o envelhecimento da população constitui um dos principais fenómenos demográficos e sociais das sociedades modernas, especialmente nas sociedades industrializadas e desenvolvidas. Portugal e a maioria dos outros países da União Europeia têm apresentado um aumento significativo no número de idosos, sendo considerado como “um dos fenómenos demográficos mais preocupantes nas sociedades modernas” (INE, 2020).

A sociedade portuguesa é considerada uma sociedade envelhecida. As estatísticas são reveladoras do agravamento do envelhecimento da mesma nos últimos anos. Por exemplo, em 2011, Portugal tinha cerca de 19% da população com 65 ou mais anos de idade, enquanto em 2019 apresenta 22,1% (INE, 2020). O INE, em 2020, também constata um duplo envelhecimento da população, ou seja, a pirâmide etária portuguesa apresenta um estreitamento na base, enquanto o seu topo se alarga. Evidenciando, assim, o agravamento do fosso entre jovens e idosos, devido ao aumento da percentagem do número idosos e à diminuição da percentagem do número de jovens (15% em 2011 e 13,6% em 2019). O fenómeno de envelhecimento da população portuguesa é uma realidade e constitui uma das transformações sociais mais importantes dos últimos tempos. A contradição do processo de envelhecimento encontra-se quando se relaciona o aumento da longevidade, fator socialmente assumido como positivo, combinado com a diminuição da fecundidade, que em conjunto geram uma série de resultados complexos para a sociedade portuguesa (Cabral e cols., 2013).

Silveira (2010) refere que os idosos possuem as suas próprias características, contudo o envelhecimento não pode ser considerado uma mera passagem de tempo e de eventos biológicos, pois são a manifestação dinâmica e progressiva de um processo com alterações morfológicas, biológicas e funcionais. Alguns dos exemplos apresentados por este autor, incluem alterações no espessamento e na cor do cabelo, carência de elasticidade e secura da pele, perda de audição, visão diminuída, as articulações tornam-se mais rígidas, desaceleração dos movimentos, dificuldades de coordenação, entre outros. Estas manifestações vão interferir

diretamente com as capacidades motoras ao fazer uso dos equipamentos tecnológicos, havendo necessidade de estes serem adaptados.

Nos anos 90, a OMS definiu o conceito de “envelhecimento ativo” como um processo de otimização de oportunidades na saúde (World Health Organization - WHO, 2002) que, segundo a Direção Geral de Saúde (DGS) (2006), passa por desenvolver atividades mais próximas dos idosos, capazes de promover a sua autonomia e independência. Estas ações devem ser acessíveis e sensíveis às necessidades mais frequentes da população idosa e das suas famílias, minimizar custos, evitar dependências, humanizar os cuidados e ajustar-se à diversidade que caracteriza o envelhecimento individual e o envelhecimento da população.

Em 2006, o Programa Nacional para a Saúde das Pessoas Idosas da DGS, defendia que “a promoção de um envelhecimento saudável diz respeito a múltiplos sectores, que envolvem nomeadamente a saúde, a educação, (...), as novas tecnologias, a cultura e os valores que cada sociedade defende e que cada cidadão tem como seus”. Neste sentido, o idoso passa a ser visto como uma pessoa ativa, capaz de produzir e intervir nas mudanças sociais e políticas, ao invés de alguém “(...) que vive de lembranças do passado e recolhido no seu aposento” (Silveira, 2010, p.5), defendendo ainda que o corpo e a mente devem ser treinados para prolongar a saúde e a vida.

A participação ativa na sociedade é considerada como um fator preponderante para o bem-estar da população idosa, sendo visto como um pilar do envelhecimento ativo. A estrutura e as relações familiares, bem como as redes sociais, tendem a sofrer alterações consideráveis ao longo do tempo e que resultam do processo de envelhecimento marcado por transições, tais como a reforma, a viuvez e as situações de dependência. Estas conduzem a que as pessoas idosas vivam cada vez mais sós (20,1%), em casal (38%), isoladas ou institucionalizadas nos seus últimos anos de vida (Cabral e cols., 2013). Estas alterações nas relações sociais, por um lado, dos papéis e das relações familiares e, por outro, a perda de laços informais de vizinhança e o desejo de os idosos se sentirem inseridos social e culturalmente na sociedade, cria a necessidade de estes continuarem ativos e atualizados e de criarem relações sociais.

### **3.Ser idoso no século XXI**

“Portugal tem (...) uma das mais elevadas taxas da população adulta com níveis de escolaridade abaixo do ensino secundário” (Ávila, 2008, p. 307 in Rebelo, 2015), o que leva a que as gerações mais velhas sejam fortemente atingidas pelo baixo nível de literacia, resultante do baixo nível de escolaridade em Portugal.

Silveira (2010), considera mesmo que esta nova geração de idosos se sente analfabeta perante as novas tecnologias porque manifestam dificuldades em compreender a nova linguagem e em lidar com os avanços tecnológicos, como por exemplo, o manusear eletrodomésticos ou telemóveis, assim como, no uso das funcionalidades das caixas multibanco.

Rebelo (2015), citando Loos (2012), realça as limitações associadas à idade e que podem distanciar as pessoas mais velhas do uso da Internet. Estas limitações estão essencialmente relacionadas com a funcionalidade humana, como por exemplo, a perda de visão. Destaca-se com especial atenção, a necessidade de repensar o design de algumas das novas tecnologias, tendo em conta as possíveis limitações funcionais desta faixa etária.

### 3.1 Promoção de relações sociais ativas através das redes sociais

O conceito de “rede social” foi associado à internet recentemente, pois tratava-se de uma estrutura constituída por organizações ou pessoas que partilham motivações, valores, interesses e objetivos comuns. É um sistema de rede criado e mantido através da comunicação partilhada pelos seus membros. Esta ideia não se trata de uma ideia atual, visto que é um conceito utilizado há mais de um século para denominar as ligações estabelecidas entre constituintes de um determinado sistema social (Pereira e cols., 2011).

Para alguns, as redes sociais derivam de um conceito mais amplo de “media sociais”, pretendendo destacar assim a interação e a intervenção das pessoas através da internet. A introdução do computador trouxe um novo paradigma nas relações sociais para o campo virtual.

Existe uma clara distinção digital entre as faixas etárias dos mais jovens e dos mais velhos em relação à observação de dados relativos ao uso ou não uso da Internet. Rebelo (2015) realça que a população portuguesa mais idosa é negativamente atingida no acesso e utilização das redes sociais. Obercom (2014) in Rebelo (2015) disponibiliza alguns dados relativos aos utilizadores da Internet. Em 2013 foi referida uma maior percentagem de utilização na população com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos, enquanto que os utilizadores com 65 anos ou mais apresentavam uma percentagem reduzida.

Num estudo recente, Casadei e cols. (2019), citando Brunelli e cols. (2016), referem que o uso da internet e das redes sociais possibilita um melhor contacto familiar e social, com impacto na satisfação e bem-estar dos idosos. A este propósito, Erickson (2011) in Rebelo (2015), dá a conhecer o resultado de um estudo feito à rede social *Facebook* com o intuito de perceber como é que os mais velhos a utilizam, e de que modo esta rede social possibilita a sua ligação com os que lhes são mais próximos. O autor realça a falta de confiança que os mais idosos têm como sendo a principal razão para não utilizarem esta rede social. A falta de confiança não é o resultado das pessoas com quem estão em contato, mas sim da natureza pública da rede. Para os mais velhos, a confiança é um aspeto importante no que diz respeito à utilização da internet. Este estudo mostra ainda que as pessoas com mais idade não percebem o *Facebook* como a rede social apropriada para conversas privadas, mas sim como uma rede para se atualizarem das notícias e se manterem em comunicação com os outros.

### 3.2. A tecnologia na melhoria da qualidade de vida das pessoas mais velhas

Em 2011, Júdice faz referência ao conceito de *Ambient Assisted Living*, que consiste numa solução tecnológica viável e promissora com o intuito de completar a falta de ferramentas para facilitar a vida das pessoas idosas. A autora refere ainda que as interfaces de utilizador, naturais e multimodais, os serviços e soluções de tecnologia de interação, o ambiente inteligente, a monitorização constante do ambiente, a comunicação visual e social são alguns aspetos de inúmeras tecnologias e serviços associados ao conceito de *Ambient Assisted Living*, que tem como objetivo principal, promover o envelhecimento ativo e uma vida independente, melhorando a autonomia e qualidade de vida (Dias, 2012).

Silveira (2010) diz que a inclusão digital é a democratização do acesso ao mundo da informática e a exclusão do mundo virtual pode ser visto como um novo tipo de analfabetismo. Por vezes, os mais velhos têm de recorrer ao apoio de terceiros para cuidar dos seus interesses pessoais visto que o comércio, a informatização dos bancos e a vida atual têm impossibilitado

que os idosos desenvolvam as suas ações diárias (Petersen e cols., 2013, citado por Rebelo, 2015). Os idosos estão muitas vezes excluídos, especialmente pelas barreiras entre estes e as tecnologias de informação e comunicação. A inclusão digital é vista ainda como uma forma de inclusão social porque, através das tecnologias é possível a participação na sociedade e desenvolvimento social, cognitivo e afetivo. Este processo de inclusão proporciona aos indivíduos mais autoestima, o exercício de uma cidadania mais participativa e mais interação social (Silveira, 2010).

Nos últimos anos temos assistido a uma evolução na comunicação mediada por computador, desde os serviços de texto, *chat* e correio eletrónico, passando pelos serviços de multimédia como as conferências por vídeo, mensagens e, mais recentemente, os serviços das redes sociais online (Pires, 2010, citado por Júdice, 2011). Através da revolução das comunicações, tem sido possível chegar a qualquer pessoa virtualmente, em qualquer altura e lugar, de forma fácil, e em alguns casos, com custos reduzidos, ao contrário de algumas formas de comunicação mais tradicionais. Esta evolução, de acordo com Pires (2010) referido por Júdice (2011), no geral, conduziu a um aumento da interação entre as pessoas.

A tecnologia positiva (Azevedo, 2019, citando Riva e cols., 2014) é a utilização das tecnologias como uma forma de melhorar as experiências pessoais. Júdice (2011) reconhece que as apostas nas novas tecnologias para estarem ao serviço do idoso estão a crescer consideravelmente e, recentemente, têm surgido dispositivos com grande utilidade, como os de apoio à saúde e à segurança.

Azevedo (2019) refere que as utilizações destas novas tecnologias estão inseridas numa nova forma de lazer. A utilização destes meios possibilita às pessoas mais velhas criar amizades e descobrir ou desenvolver novos interesses, sejam eles online ou offline, abrindo à sua faixa etária um mundo de novas descobertas com o aumento tanto do bem-estar, como da qualidade de vida (Azevedo, 2019, citado por Sá e Almeida, 2012; Alves e cols., 2012). Estas inovações para além de desempenharem um papel fundamental nas experiências no mundo da digital, contribuem para um envelhecimento social ativo.

#### **4. Desvantagens do uso das tecnologias pelas pessoas mais velhas**

De acordo com Tavares e Souza (2012), citado por Czaja e Lee (2007), a falta de acessibilidade e não ser capaz de usar a tecnologia, cada vez mais, deixará os idosos em desvantagem em relação à sua capacidade de viver e funcionar independentemente.

Refere ainda que, a inclusão digital dos idosos requer que os sistemas sejam desenvolvidos dentro de padrões de acessibilidade, que não existam obstáculos para o idoso ou então que sejam minimizados. As equipas que desenvolvem esses sistemas devem ser mais sensíveis às particularidades desta faixa etária, atendendo que, facilitar para os idosos, não implica dificultar para os mais jovens (Tavares & Souza, 2012).

A falsa noção de “amigos” compreendida pelos idosos como algo muito além da amizade fora do ambiente digital (Páscoa e Gil, 2015) é uma das desvantagens do uso destas tecnologias pelos mais velhos. Minocha e cols. (2013), citado por Bastos (2018), refere que o uso das tecnologias pelos idosos comporta assim algumas desvantagens e riscos no decorrer das experiências online (Tabela 1).

**Tabela 1.** Quadro resumo das conclusões do estudo de Bastos (2018) acerca dos pontos positivos e negativos da utilização de tecnologias pelos idosos

Vantagens		Desvantagens	
•	Rapidez da comunicação	•	Dependência da tecnologia
•	Serve de entretenimento	•	Comentários negativos
•	Fazer compras pela internet	•	Roubos e furtos
Motivações		Obstáculos	
•	Preparação para o futuro	•	Falta de habilidade
•	Economiza dinheiro	•	Medo, ansiedade e vergonha
•	Facilita a comunicação	•	Falta de interesse

## 5. Inclusão social através da inclusão digital na RAM

Segundo a Direção-Geral da Educação (DGE) (2012), “O E@D é uma modalidade de ensino que se constitui como uma alternativa de qualidade para os alunos impossibilitados de frequentar presencialmente uma escola, alicerçada na integração das tecnologias de informação e comunicação (TIC) nos processos de ensino e aprendizagem, como meio para que todos tenham acesso à educação”.

Segundo a Revista Robótica (2015), os avanços tecnológicos permitiram conceber uma máquina capaz de reproduzir atividades físicas adaptadas às dificuldades do indivíduo e que visa a redução de sedentarismo, promovido através do exercício físico. Um exemplo a referir é o projeto *Augmented Human Assistant (2021)* (<http://aha.isr.tecnico.ulisboa.pt>), financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (2015), através do programa Carnegie Mellon University Portugal (CMU), que desenvolveu um robot com foco na população idosa, obesa e pacientes com deficiências motoras, com o objetivo de motivar os utilizadores e a adesão ao exercício físico (Gouveia e cols, 2018).

A Câmara Municipal do Funchal (<http://cm-funchal.pt/pt/not%C3%ADciaspt/5090-gin%C3%A1sios-municipais-do-funchal-utilizaram-tecnologia-para-melhorar-oferta-aos-utentes-seniores.html>) ao aperceber-se das potencialidades deste equipamento e dando importância à inclusão das novas tecnologias na melhoria da qualidade de vida do idoso, no dia 23 de outubro de 2018, organizou uma demonstração na sala da Assembleia Municipal. Consistia num protótipo da máquina de realidade aumentada, que disponibilizava exercícios físicos adaptados às dificuldades do utilizador.

Atualmente são inúmeras as instituições que integram a terceira idade nos seus projetos. A Câmara Municipal do Funchal, por exemplo, decidiu incluir atividades informáticas para a população sénior, a fim de promover a integração e a socialização dentro daquela comunidade. Essa ideia foi referida no Jornal Funchal que publicou, no dia 16 de outubro de 2020, uma entrevista feita a Glauce Silva, coordenadora do Ginásio da Barreirinha (<https://www.funchal.pt/ginasio-da-barreirinha-combate-isolamento-na-terceira-idade-e-promove-envelhecimento-ativo/>), relatando que durante o estado de isolamento devido ao covid-19, os idosos sentiram necessidade da sua rotina de atividade física, tendo então facultado aulas online para quem estivesse interessado e permitindo a continuação da sua rotina.

As chamadas Universidade da Terceira Idade (UTI) ou Universidade Sénior surgem, neste sentido, para dar resposta às necessidades dos idosos, promovendo um envelhecimento ativo e

fomentando a criação de redes sociais alternativas. O modelo de formação das UTI é desenvolvido em regime não formal, sem fins de certificação e no contexto da formação ao longo da vida. Estas são locais de aprendizagem que satisfazem as necessidades ao nível grupal, fomentando e potenciando a capacidade de adaptação à sociedade e à sua condição no processo de envelhecimento (Jacob, 2012).

Com o desenvolvimento das novas tecnologias foi necessária uma adaptação social para que abrangesse toda a comunidade em geral e, em particular, o idoso, pois torna-se complicado fazer parte da inclusão digital atual. Pensando na melhoria dos níveis de saúde físico e mental foi criada a Associação Rede de Universidade da Terceira idade (RUTIS) (2016), rede que interliga as universidades nacionais e internacionais, com o propósito de promoção do envelhecimento ativo. As universidades seniores constituem assim uma resposta social que dinamiza as atividades sociais como fator de inclusão e educação continuada do idoso. A RUTIS pretende, em última instância, potenciar as capacidades dos seniores através de aulas de informática para incrementar a independência, dignidade, autorrealização e um envelhecimento ativo bem-sucedido.

Em suma, as novas tecnologias aliadas à educação são uma mais valia para a população envelhecida, pois são um meio efetivo de inclusão social podendo, por exemplo, prevenir doenças físicas e mentais. Usufruindo das plataformas de ensino à distância é possível ter uma maior abrangência populacional, uma flexibilidade do modelo de ensino tal como, na aprendizagem ativa. Adicionalmente, o uso adequado das novas tecnologias tornou-se uma ferramenta importante no combate do isolamento social e na depressão, estimulando a atividade cerebral e alterando positivamente o estilo de vida dos idosos.

## **6. Conclusão**

O aumento da população idosa e o uso da tecnologia no dia-a-dia levou a uma necessidade de inclusão no mundo digital, desenvolvendo novas aptidões e beneficiando de novas experiências de forma a dar continuidade a uma vida ativa. A inclusão digital é a democratização no mundo das tecnologias, por isso deve ser dada uma atenção especial às dificuldades dos seniores no acesso às tecnologias. Silveira (2010, p.7) considera mesmo que “o processo de inclusão digital proporciona aos idosos a recuperação da autoestima, o exercício da cidadania e interação social”.

A tecnologia permite reduzir o isolamento das pessoas idosas e gera uma variedade de oportunidades: aproxima família e amigos, cria laços, permite educação à distância, estimulação mental, mais informação e promove o bem-estar. Os projetos em curso na RAM são uma possibilidade na melhoria da qualidade de vida do idoso. A utilização e a aprendizagem, a par da interação e socialização, proporcionam uma inclusão digital e social a todos aqueles que tenham vontade de aprender. Contudo, existem aspetos menos positivos no uso das novas tecnologias, tornando-os alvos fáceis, por exemplo, de notícias falsas, comentários ofensivos ou burlas (Bastos, 2018).

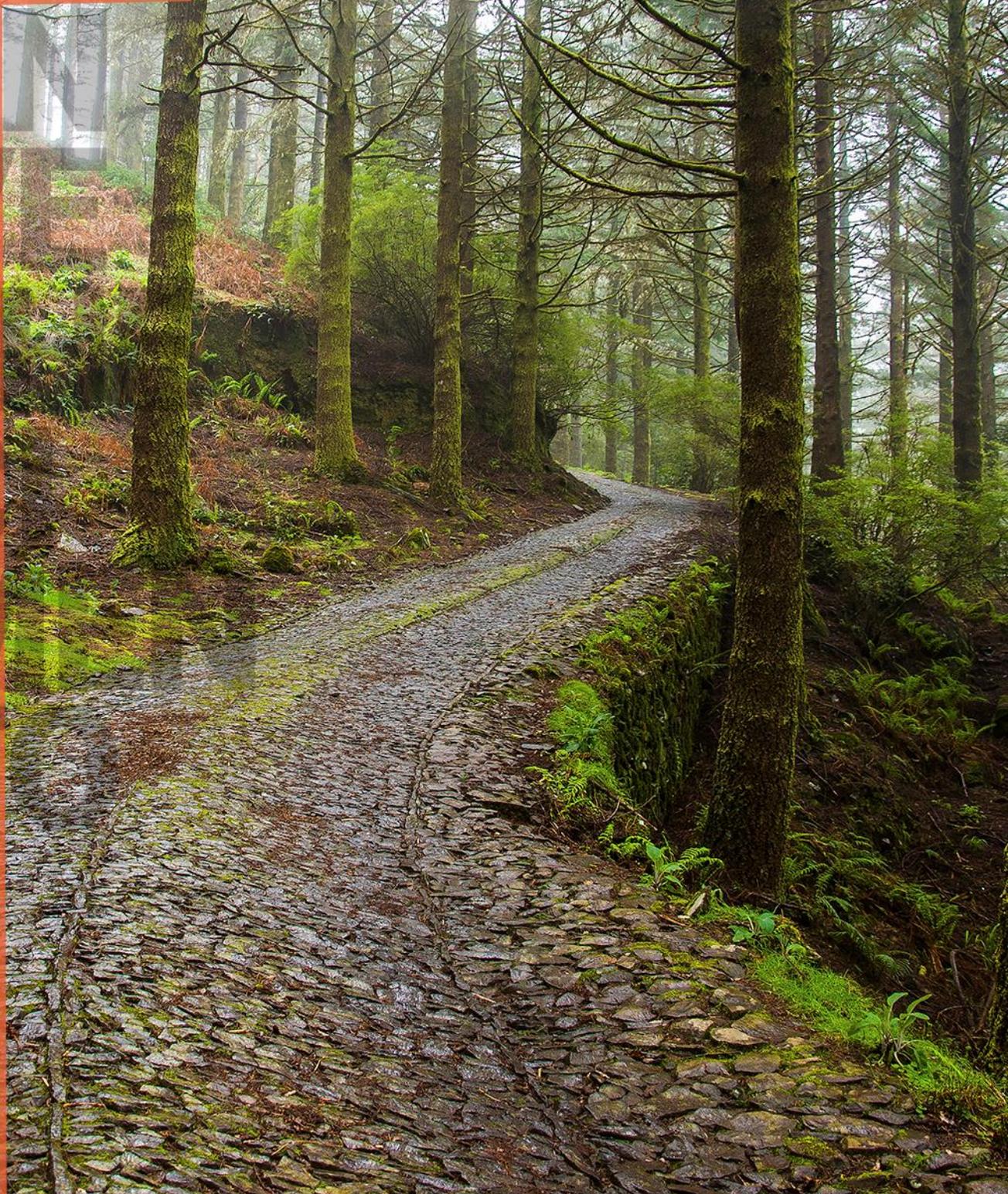
A tecnologia na vida dos seniores, como já tivemos oportunidade de demonstrar, possibilita uma compreensão e integração do meio envolvente e consciencializar “(...) sobre as próprias potencialidades na velhice (...), o contato com outras pessoas pode favorecer a adoção de condutas resilientes” (Silveira, 2010, p.3).

## 7. Bibliografia

- Azevedo, C. (2019). *Demasiado velho para o digital? Envelhecimento Ativo e os usos das TIC por pessoas mais velhas no Brasil e em Portugal*. Livros ICNOVA. [https://www.icnova.fcsh.unl.pt/wp-content/uploads/sites/38/2019/11/ICNOVA\\_DemasiadoVelho.pdf](https://www.icnova.fcsh.unl.pt/wp-content/uploads/sites/38/2019/11/ICNOVA_DemasiadoVelho.pdf)
- Bastos, C. (2018). Demasiado velho para o digital? Envelhecimento ativo e os usos das TIC por pessoas mais velhas no Brasil e em Portugal. <https://run.unl.pt/handle/10362/51779>
- Benavente, R. (2020). Contrariar o isolamento e a solidão dos mais velhos. Covid só aumentou o desafio - DN. *Www.Dn.Pt*. <https://www.dn.pt/especiais/por-quem-precisa/contrariar-o-isolamento-e-a-solidao-dos-mais-velhos-covid-so-aumentou-o-desafio-13026504.htm>
- Cabral, M., Ferreira, P., Silva, P., Jerónimo, P., & Marques, T. (2013). Processos de Envelhecimento em Portugal: Usos do tempo, redes sociais e condições de vida. In *repositorio.ul.pt*. Fundação Francisco Manuel dos Santos. <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/24456>
- Casadei, G., Bennemann, R., & Lucena, T. (2019, junho 30). *Influência das Redes Sociais Virtuais na Saúde dos Idosos*. [https://www.researchgate.net/publication/334160872\\_Influencia\\_das\\_Reddes\\_Sociais\\_Virtuais\\_na\\_saude\\_dos\\_idosos](https://www.researchgate.net/publication/334160872_Influencia_das_Reddes_Sociais_Virtuais_na_saude_dos_idosos)
- CMF. (2020, October 16). Ginásio da Barreirinha combate isolamento na terceira idade e promove envelhecimento ativo. Funchal. <https://www.funchal.pt/ginasio-da-barreirinha-combate-isolamento-na-terceira-idade-e-promove-envelhecimento-ativo>
- CMF. (2018). Câmara Municipal do Funchal - Ginásios Municipais do Funchal utilizaram tecnologia para melhorar oferta aos utentes seniores. Cm-Funchal.Pt. <http://cm-funchal.pt/pt/not%C3%ADciaspt/5090-gin%C3%A1sios-municipais-do-funchal-utilizaram-tecnologia-para-melhorar-oferta-aos-utentes-seniores.html>
- Dias, I. (2012). O uso das tecnologias digitais entre os seniores: motivações e interesses. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 68, 51–77. <https://journals.openedition.org/spp/686>
- Direção-Geral da Saúde. (2006). *Www.dgs.pt*. <https://www.dgs.pt/documentos-e-publicacoes/programa-nacional-para---saude-das-pessoas-idosas-pdf.aspx>
- Ensino a Distância | Direção-Geral da Educação. (2012). *Dge.Mec.Pt*. <https://www.dge.mec.pt/ensino-distancia>
- Gouveia, E., Gouveia, B., Kliegel, M., Marques, A., Tinôco, A., Ihle, A., & Freitas, D. (2018). *Seminário Internacional Desporto e Ciência 2018*. <https://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/2860/1/Atividade%20f%C3%ADsica%2C%20aptid%C3%A3o%20e%20sa%C3%BAde%20em%20pessoas%20idosas%20e%20l%C3%ADvioGouveia.pdf>
- Instituto Nacional de Estatística *Statistics Portugal - Web Portal*. (2020). *Www.ine.pt*. [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_destaques&DESTAQUESdest\\_boui=414436913&DESTAQUEStema=55466&DESTAQUESmodo=2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=414436913&DESTAQUEStema=55466&DESTAQUESmodo=2)
- Jacob, L. (2012). *Universidades Seniores: Criar novos projectos de vida*. [http://media.wix.com/ugd/b9a269\\_b0cc134c70504667b5157b1f7b98aa6c.pdf](http://media.wix.com/ugd/b9a269_b0cc134c70504667b5157b1f7b98aa6c.pdf)
- Júdice, A. (2011). *As novas tecnologias ao serviço do bem-estar do idoso. O papel do Serviço Social*. <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/5155/1/TESE.pdf>
- OMS. (2002). *Active Ageing: a Policy Framework*. [https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/67215/WHO\\_NMH\\_NPH\\_02.8.pdf?sequence=1&isAlloWed=y](https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/67215/WHO_NMH_NPH_02.8.pdf?sequence=1&isAlloWed=y)
- Quem Somos: RUTIS - Rede de Universidades Seniores. (2016). *Rutis.Pt*. <http://www.rutis.pt/paginas/1/quem-somos>
- Revista robótica. (2015, July 22). *Revista Robótica*. <https://www.robotica.pt/sem-categoria/projeto-aha-assistencia-humana-aumentada>
- Rebelo, C. (2015). Utilização da Internet e do Facebook pelos mais velhos em Portugal: estudo exploratório The use of the Internet and Facebook by the elders in Portugal: an exploratory study. *Observatório (OBS\*) Journal*, 9(3), 129–153. <http://www.scielo.mec.pt/pdf/obs/v9n3/v9n3a08.pdf>
- S. Pereira, L. Pereira & Pinto, M. (2011). *Internet e Redes Sociais*. <http://www.lasics.uminho.pt/edumedia/wp-content/uploads/2012/01/Redes-sociais.pdf>
- Silveira, M., Rocha, J., Vidmar, M., Wibelinger, L., & Pasqualotti, A. (2010). Educação e inclusão digital para idosos. *RENOTE*, 8(2). <https://doi.org/10.22456/1679-1916.15210>
- Tavares, M. & Tomé, S. (2012). Os idosos e as barreiras de acesso às novas tecnologias da informação e comunicação. *RENOTE*, 10(1). Consultado em 11 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/renote/article/view/30915/19244>
- Universidades Seniores: RUTIS - Rede de Universidades Seniores. (2021). *Rutis.Pt*. <http://www.rutis.pt/paginas/8/universidades-seniores>

# AS REPRESENTAÇÕES CULTURAIS DA VELHICE: DA LITERATURA À ARTE

E  
V  
L  
C  
M  
T





## Envelhecer com dignidade num país inventado

RUI PROENÇA GARCIA<sup>1</sup>

PAULA PORTUGAL<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade do Porto. Faculdade de Desporto

<sup>2</sup>Instituto Politécnico do Porto. Escola Superior de Saúde

rgarcia@fade.up.pt

enviado a 18/11/2020 e aceite a 12/01/2021

Texto da intervenção no IV Colóquio *Olhares sobre o Envelhecimento*. Universidade da Madeira, 26 e 27 de novembro de 2015.

### Resumo

Muitas vezes o envelhecimento é entendido como um problema. Entendemos que não é, mas uma conquista da humanidade. A vida humana cada vez é mais longa, mas nem sempre é vivida com dignidade. O envelhecimento é um desafio colocado à sociedade, sendo necessário também estudar o envelhecimento do velho. Os autores, a partir do título de um livro de Isabel Allende, inventaram um país, a Utopia, situado à latitude da nossa imaginação e à longitude da nossa fantasia. Nesse país, cada pessoa é uma pessoa sem rótulos. Não há distinções entre ninguém, apenas pessoas humanas. Um país que se orienta pelo Ser e não pelo Ter. É uma utopia, mas utopia não tem de significar o impossível. É um país que ainda não existe, mas que um dia existirá. Este país inventado é uma exigência ética. Como conclusão, é importante realçar o sentido profundo da expressão Vida com Dignidade. Dignidade, porque é um conceito ligado ao Ser. O atual conceito de qualidade de vida está mais ligado ao Ter. Queremos ser lembrados por aquilo que somos e não somente por aquilo que temos.

Palavras-chave: Envelhecimento; Dignidade Humana; Utopia; Vida; Existência.

### Abstract

Ageing is often perceived as a problem. We understand that it is not, but rather an achievement of humanity. Human life is increasingly longer, but it is not always lived with dignity. Ageing is a challenge posed to society, and it is also necessary to study the ageing of the old. Based on the title of a book by Isabel Allende, the authors came up with a country, Utopia, located at the latitude of our imagination and the longitude of our fantasy. In this country, each person is a being without labels. There are no distinctions between anyone, only human persons. A country that is guided by Being and not by Having. It is a utopia, but utopia does not have to mean the impossible. It is a country that does not exist yet, but one day it will. This made-up country is an ethical requirement. In conclusion, it is important to highlight the profound meaning of the term Life with Dignity. Dignity, because it is a concept linked to Being. The current concept of quality of life is more linked to Having. We want to be remembered for who we are and not just for what we have.

Keywords: Ageing; Human Dignity; Utopia; Life; Existence.

### Velhice: uma conquista da humanidade

A vida, humana ou não, está marcada por dois momentos cruciais: o nascimento e a morte. Esse entretanto, autêntico parêntesis do nada, constitui-se no maior acontecimento universal, a vida. Pode ser mais breve ou mais longa, mas é uma autêntica transcendência da matéria. E quando é humana estamos perante uma dupla transcendência. Porquê a vida e não o nada? Não sabemos dar uma resposta racional a este simples questionamento, mas há vida que parece ser

matéria autonomizada da restante. É matéria que nasce, que se reproduz, que se transforma rapidamente, que sente e alguma, a que se transformou em vida humana, que pensa nos tempos passado, presente e até no futuro quando já cá não estiver na condição de vida!

Sentimos algum reconforto perante tantos espantos quando lemos uma pequena passagem de Edgar Morin (Morin, s.d., p. 15) que nos diz que

“para nós, seres vivos, a vida parece evidente e normal, e a morte parece-nos espantosa e incrível. Mas, se nos colocarmos do ponto de vista do universo físico, então, (...) é a vida que se torna espantosa e incrível (...)”

Estes espantos e esta magistral reflexão de Morin, nada mais são do que gritos de esperança e de júbilo pela vida. O fim da vida não é um fim definitivo. Não sabemos, não podemos saber experimentalmente, se haverá outra vida no *além*, palavra esta já indiciadora de alguma coisa. Não sabemos, não conseguimos saber pela ciência, se reencarnámos ou se já somos reencarnações de alguém do passado. Não sabemos, não alcançamos por nenhum método empírico, se há algum paraíso ou, ao invés, um inferno. Não sabemos, mas respeitamos todos aqueles que vivem de acordo com esses conhecimentos. O que sabemos, ou tentamos ir sabendo, é que a vida é para ser vivida na plenitude de todo o seu tempo de duração. Até a morte se constitui numa experiência, a última, profundamente humana, pelo que é um equívoco pensar no homem sem abordar desassombadamente as temáticas aqui em apreço.

Vida, palavra mágica tantas vezes sem significado. Vida, condição que, até agora, nos faz únicos no universo infinito. Vida, um tempo longo tornado efémero pela voracidade contemporânea. Vida, uma efemeridade tornada longa pelo génio humano.

Nunca como agora as pessoas viveram tanto tempo, embora estejamos longe, muito longe dos 969 anos do bíblico Matusalém (Bíblia Sagrada, Gn, 5-21). Mas também estamos afastados, muito afastados dos 20 anos de média de vida atribuída aos antigos romanos, onde apenas cerca de 3% da população chegava aos 60 anos, quando hoje, em Portugal, a esperança média de vida ao nascimento anda próxima dos 80 anos, com uma vantagem para o sexo feminino, embora na Região Autónoma da Madeira os valores, estranhamente, sejam um pouco mais baixos do que a média do país.

Que avanço notável! Que conquista surpreendente da humanidade em tão escasso lapso de tempo histórico! A vida humana, de efémera, prolongou-se havendo quem prometa ainda mais, muito mais tempo de vida.

Da oposição entre vida humana e não humana, é costume dicotomizar os tempos de vida entre homens e mulheres, entre gerações atuais e passadas, entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Em todas estas antinomias manifesta-se uma evidência: há diferenças, mas também há uma similitude: o aumento do tempo média de vida e a entrada na faixa etária idosa de muitas mais pessoas. De facto, nunca houve tantos idosos como agora em redor de todo o mundo.

O envelhecimento das populações, longe de se constituir como problema, é uma tremenda conquista humana, pelo que é nossa intenção observá-lo como autêntica dádiva, para mais quando é vivido com dignidade.

Porém, nem sempre os outros, invariavelmente mais novos, veem o velho como resultado da genialidade humana, pelo que se torna imperioso analisar o envelhecimento nos seus aspetos

positivamente estruturantes e negativamente reais. Sabemos que é uma tarefa árdua, mas importante para se evitar um discurso demasiado pessimista e acusador em relação aos velhos, ou, ao invés, descomedidamente belo – qual liberdade poética ou devaneio lírico – mas desprovido de sentido real.

O idoso, não sendo um problema, tem problemas e muitas vezes o seu primeiro problema é ser encarado como um problema. Não é! É o resultado de uma conquista. Humanizar a vida do velho tem de ser um desígnio de todos, tal como é humanizar qualquer idade e condição de vida.

É este o nosso confessado propósito, porque hoje faz sentido estudar o idoso e os desafios colocados à sociedade que nunca viveu um momento como este. Nunca até agora existiu uma predominância de pessoas idosas na estrutura etária da sociedade. Os dados estatísticos mostram que cada vez fará mais sentido estudar o envelhecimento, inclusive o envelhecimento do velho. Sim, estudar o envelhecimento do velho porque também se envelhece na velhice. Dados recentes apontam para a existência de cerca de 4300 pessoas centenárias em Portugal. Estes números não têm paralelo na história da humanidade, sugerindo que quando se entra na Terceira Idade – admitamos que seja aos 65 anos – tanto se pode viver por mais alguns dias ou para cima de 35 anos. Esta situação é uma novidade na longa biografia do ser humano. Espantoso!

Sabemos que a doença e o envelhecimento fazem que compreendamos os nossos próprios limites (Poliakov, 1996, p. 263), as fragilidades e vulnerabilidades extremas da condição humana. Porém, a velhice não pode ser vista como o fim ou, passe o lugar-comum, o princípio do fim. Não! A velhice deve ser vislumbrada como um fantástico e desafiante período das nossas vidas. A ciência tem conseguido ampliar o tempo médio de vida, pelo que tudo deve ser feito para proporcionar que esse tempo seja vivido na plenitude da sua dignidade.

Dizem alguns que “velhos são os trapos”. Palavras sábias – quase sempre as palavras do povo o são – mas, e é uma nossa crença, ser velho não é um marcador social negativo. É o resultado de um processo natural, o envelhecimento, que conduz o humano para as delícias de um tempo que é exclusivamente daqueles que percorreram o itinerário da vida e que assim almejam arribar no destino.

Ser velho significa conhecer toda a vida, todas as idades humanas. Significa que já se percorreu a quase totalidade do labirinto da existência. Sim, porque o labirinto é uma metáfora da vida. Entra-se, percorrem-se os seus tortuosos caminhos, às vezes carregados de incertezas pelas escolhas feitas, para que depois se saia triunfante pela porta que nos conduz a uma outra dimensão, porventura escatológica.

Ser velho é estar perante quase toda a vida. É olhar para os outros e dizer: *eu já por aí passei! Sei o que te espera! Vem, se conseguires, ter comigo!* Liberdade poética? Talvez, mas o que seria da vida sem a poesia? Seria, tem sido, uma vida onde o velho é sinónimo de ruína e de aniquilação perpétua da pessoa humana. A velhice é avistada como a antecâmara da morte. Se assim for, então a velhice é um triste marcador social. Mas não é forçoso que assim seja!

A velhice não é o Rio Letes (Serres, 2004) da vida humana. A existir, esse mítico rio será transposto mais tarde. Aí, admitimos, o esquecimento é uma constante ao fim de algum tempo

exceto para aqueles “que por suas obras valerosas se vão da lei da morte libertando”, como cantava o Príncipe dos Poetas.<sup>1</sup>

A publicidade raramente se debruça sobre o velho e quando o faz é no sentido de o mostrar como que rejuvenescido e adotando posturas e/ou comportamentos normalmente conotados com a juventude. É raro a televisão, enquanto veículo do marketing, mostrar um idoso mergulhado nas suas dificuldades do quotidiano, preferindo mostrar os valores juvenis num ser que aparenta muita idade. O mesmo se passa com o mundo da atividade física para a Terceira Idade onde, sistematicamente, se divulgam imagens de pessoas idosos com corpos típicos da idade jovem, assim como, com rasgados sorrisos que afastam todo e qualquer desapontamento. Exemplo disso, são as imagens de um homem musculado e uma mulher com uma flexibilidade extrema, ambos aparentando ter muita idade, como fossem essas as características comuns deste estrato populacional. Ninguém quer representar o idoso tal como é. As rugas, qual símbolo da velhice, não podem aparecer!

Tudo se encaminha para que consciente ou inconscientemente não haja referência à norma do idoso porque se afasta da norma imposta pela ditadura da imagem, que se quer jovem e harmoniosa.

### **Entre o viver e o existir**

O conceito de *pessoa*, diríamos mesmo de *pessoa humana*, afasta-se da noção de indivíduo, uma vez que pessoa nos remete para o *con-viver*, isto é, o de viver com outros; melhor ainda, aproxima-nos do conceito de *co-existir*, ou seja, de existir com os outros. Com efeito, viver é um ato eminentemente biológico, enquanto existir nos eleva a uma condição metafísica (Patrício & Sebastião, 2004). O animal simplesmente vive. Nós existimos, e esse existir acontece na presença dos outros, de todos.

O homem é um ser relacional, de e em permanente diálogo com o mundo. Tal condição observa-se logo na mais tenra idade quando o bebé reage com alegria à presença da mãe, quando é acariciado por alguém, quando segue com o olhar o movimento de quem quer que seja ou, ainda, através do choro reclama a presença de uma pessoa.

Hoje em dia o lugar para o diálogo é global. A tecnologia permite refundar a antropologia, tentando perceber que novo homem é este que vive sozinho rodeado pela humanidade. Sozinhos, no silêncio da casa, um jovem fala para todos os lugares, convive num mundo virtual cada vez mais real ou num mundo real virtualizado, alterando por completo a noção de conviver ou de coexistir, e por tal também de pessoa, sendo frequentes milhares de histórias sobre pessoas que passam horas e horas fisicamente sozinhos encerrados num quarto em franco convívio com outras pessoas sós e fechadas algures no mundo.

Realizam-se como (novas?) pessoas dialogando com muitas outras que também buscam na tecnologia as suas realizações pessoais. Mas ao velho a solidão do quarto é mesmo *soidade*, é estar só, isolado do mundo. Em rigor, é não ser verdadeiramente pessoa humana, é-se um simples indivíduo, alguém fechado em si mesmo, neste caso não por opção, mas como uma contingência externamente colocada.

---

<sup>1</sup> Os *Lusíadas*, Canto I, 2ª estrofe. É curioso apontar que só dois países, agora a viverem muitas dificuldades, possuem poemas épicos a narrarem as suas Histórias. Homero, na Grécia, e Camões, em Portugal, escreveram obras que os libertaram da lei da morte e por tal não transpuseram o Letes.

Um jovem só, no seu quarto, tem no computador um mundo às suas mãos. Um velho só, no seu quarto, tem no quarto o seu mundo. Nada lhe resta para além de um prolongado silêncio que muitas vezes o acompanhará até ao derradeiro silêncio.

No silêncio, o velho é remetido para o “exílio da condição humana” (Carvalho, 2012, p. 154), passando a ter apenas uma vida pouco mais do que biológica, deixando de existir verdadeiramente. É apenas para si, esquecido do mundo, da família ou do *outro*.

O silêncio é de ouro – outro adágio popular – mas a imposição ao silêncio eterno antes de a eternidade despontar no nosso horizonte pode ser deveras frustrante. O velho, no seu silêncio, sabe-o, e muitas vezes só o sabemos quando apenas vários anos verificamos que alguém morreu e lá ficou, sozinho, em casa,<sup>2</sup> em e no silêncio.

O drama do silêncio é a antecipação de uma morte e da execução de outra: do anúncio da morte da vida e da concretizada morte da existência humana. Sai-se da existência em vida, saindo-se da vida já sem existência! Que drama o silêncio traz ao velho. São testemunhas mudas do delírio civilizacional sob a égide do jovem.

O silêncio do velho é a expressão da ausência de esperança para a vida. Possibilitar que abandone o exílio a que foi imposto é voltar a proporcionar-lhe ser pessoa e, por conseguinte, de continuar a sua antropogénese que, na visão de Teixeira de Pascoaes, concluir-se-á no momento da morte.

Com efeito, Teixeira de Pascoaes (1988, p. 261), na verdade da sua poesia filosófica, perguntava

“que é ser velho senão um homem acabado? E acabado quer dizer perfeito. A perfeição é um segredo da arte e da morte, essa fídica escultora de esqueletos”,

atribuindo desta sábia forma à velhice o corolário de uma antropogénese. Quer isto dizer que a real génese humana se completa no velho. O projeto de se ser humano, verdadeiro e totalmente humano, concretiza-se na velhice. Admitimos mesmo que o momento supremo, e último, do nosso projeto antropológico seja a morte. Já Heródoto, no século V a.C., dizia, a propósito de uma questão colocada pelo rei da Lídia, que só ao atingir o termo da vida se pode dizer se alguém foi feliz ou não (Ferreira, 2006).

Assim, afastar o velho do silêncio é retorná-lo à vida, à comunidade, à existência humana, em síntese, à realidade de se ser pessoa. Da mesma forma que o movimento é a palavra da criança, a palavra é o movimento do velho.

Para tal temos de construir um país onde se possa envelhecer com dignidade.

Foi por isso que pedimos emprestado a Isabel Allende (2003) o título de um seu livro para dar nome a esta nossa reflexão. Apenas fizemos uma pequena alteração, mas na essência mantivemos o referido título.

## Um país inventado

O tema que aqui desenvolvemos diz respeito ao **Envelhecimento com Qualidade ao redor do Mundo**. Mas não limitámos o conceito de Mundo. Não afirmámos que era deste ou de

---

<sup>2</sup> Referimo-nos às inúmeras notícias de idosos encontrados mortos em sua casa meses e mesmo anos após o desenlace final. Que silêncio sepulcral se viveu numa casa que deveria ser de palavras!

qualquer outro Mundo, pelo que nós, talvez até para evitar a concorrência de outros textos, resolvemos falar de um país de um outro Mundo. Esse país chama-se Utópia.<sup>3</sup>

É um país que fica na latitude da nossa imaginação e na longitude da vossa fantasia.

É um país onde não há velhos ou crianças, nem homens ou mulheres, nem pobres ou ricos, nem gordos ou magros, nem bonitos ou feios, nem azuis ou vermelhos, nem tantas outras dicotomias. Um país onde só há Pessoas, sim, Pessoas e todas elas humanas.

É um país onde não é necessária nenhuma discriminação positiva porque não há qualquer discriminação negativa.

É um país onde não é necessário haver Universidades Seniores da vida, porque as Universidades tratam do ser humano, de todo o ser humano desde o nascimento até à morte.

É um país onde não há solidão, onde ninguém mora sozinho, onde ninguém fica dias e dias sem falar com alguém, ou retido em casa por não conseguir descer as escadas do prédio.

É um país onde ninguém morre só e fica esquecido, meses ou anos sem conta, morto em sua casa.<sup>4</sup>

É um país onde todos, mas mesmos todos, têm a possibilidade de convívio social.

É um país onde não há violência sobre ninguém, em especial sobre aqueles que vivem há mais tempo.

É um país onde todos, mas mesmo todos têm os seus direitos assegurados. Onde não há fome, onde não há injustiça, onde não há doentes por tratar.

É um país onde não há pessoas abandonadas e por tal, onde não faz sentido ouvir o Papa Francisco dizer que o abandono dos velhos é uma eutanásia mascarada.<sup>5</sup> Um país onde os filhos, nas férias e datas festivas, não abandonam os seus pais nos hospitais.

É um país que chora os seus mortos e não necessita que um Papa o faça por si.<sup>6</sup>

É um país onde cada qual é uma Pessoa e não um número.

É um país onde ser velho não é um problema, mas uma conquista da humanidade. Um país onde apenas há um estatuto, o Estatuto do Homem.

É um país onde o velho não é uma categoria resto, um subproduto da humanidade ou uma coisa descartável, mas um ser humano na plenitude da sua grandeza ontológica.

É um país que sabe distinguir perfeitamente o Ser do Ter. Sim, porque o ser humano, qualquer ser humano, tem de Ter para Ser, mas não É para Ter.

É um país que sabe distinguir perfeitamente o Existir do Viver (Lévinas, 2001; Patrício & Sebastião, 2004). Sim, porque o ser humano, qualquer ser humano, não vive apenas. Acima de tudo Existe. Os animais é que simplesmente vivem.

É um país onde qualidade de vida não se prende ao ter e ao viver, mas, fundamentalmente, ao Ser e ao Existir. Um país onde a vida não é calculada por aquilo que se tem, desde objetos a condições pessoais como mobilidade, saúde e afins, mas pela dignidade com que é vivida em toda a sua extensão. Um país onde “a economia não mata” (Papa Francisco, 2013, p. 43), um país que não nega “a primazia do ser humano, ou seja, um país que não sofre de uma violenta crise antropológica” (Ibidem, p. 44). Um país onde as palavras ética e moral são significativas.

<sup>3</sup>Este nome é inventado. Trata-se de uma fantasia dos autores, embora querendo significar que é um país utópico na perspetiva que adiante esclarecemos sobre o conceito de utopia.

<sup>4</sup>Na Bibliografia, ver: *Jornal de Notícias* (2012), Belém (2009), Lusa (2011) e *Tribuna do Ceará* (2014).

<sup>5</sup>AFP/Lusa (2014).

<sup>6</sup>*Público* (2013).

É um país onde a velhice não é um triste marcador social. Um país onde os governantes não colocam a jovem geração contra a geração mais idosa. Um país onde a aposentadoria não é vista como uma despesa, mas como um direito pético.

É um país onde não há asilos como depósito de velhos.<sup>7</sup> Há verdadeiros lares onde as Pessoas, independentemente da idade que têm, se encontram umas com as outras, convivendo, aprendendo, amando e sendo amadas.

É um país onde não se associa a velhice à doença, à falta de autonomia, à vergonha, ao fim. É um país onde há alegria de viver.

É um país onde ninguém tem vergonha ou medo de ser visto tal como é. Um país sem a hipocrisia da imagem, da máscara. Um país onde a ruga é sinónimo de beleza, de uma beleza conseguida ao fim de muitos anos de vida. Um país que vê para além do rosto. Um país onde não reside o drama do corpo como um revestimento da Pessoa. Um país que não se preocupa em catalogar as Pessoas em primeiras, segundas ou terceiras idades. Não, não faz essa discriminação.

É um país onde o conhecimento dos velhos, a experiência da vida e o valor da prudência, são respeitados. Um país onde não há sábios ignorados. Um país onde não há infoexcluídos, uma nova classe social onde se encontram todos aqueles que não dominam os mistérios da informática.

É um país onde o velho decide, onde tem a oportunidade de optar e de ser ouvido, um país que não lhe recusa a plena cidadania.

É um país onde ter muita idade não causa angústia. Um país onde a palavra tolerância não é vã. Um país que aceita “cada um como é e não como deveria ser” (Carvalho, 1994, p. 28)

A Utopia, qual utopia, é um país de Pessoas e não de rótulos. Um país de esperança e de saudade, até do futuro, como escreveu um dia um grande poeta-filósofo português, Teixeira de Pascoaes. Um país onde até o velho pode ter esperanças e saudades do futuro. Um país onde não se cultiva somente a igualdade, mas a justiça. Sim, porque perante a desigualdade, a igualdade provoca mais desigualdades. Um país onde não mais este poema de Miguel (Torga, 2000) faz sentido:

Pouco a pouco, vamos ficando sós.

Esquecidos ou lembrados

Como nomes de ruas secundárias

Que a custo recordamos

(...)

Mortos sem ter morrido,

Lúcidos defuntos,

Vemos a vida pertencer a outros.

É um país onde a vida pertence a todos, e não apenas aos jovens. Um país que não se rege apenas por valores juvenis, de produção e de consumo. Um país onde os mais velhos têm tempo

---

<sup>7</sup>Jornal de Notícias (2013).

para atravessarem as ruas sem serem atropelados.<sup>8</sup> Um país onde os motoristas de autocarros não ficam impacientes com a lentidão dos velhos. Um país onde ninguém é apenas figurante no grandioso cenário da vida.

É um país onde os cuidados paliativos, quando necessários, são uma realidade para todos e não uma simples quimera inatingível.

É um país onde o conceito de inclusão social não faz nenhum sentido porque ninguém está excluído, nem ninguém se sente dono da sociedade para determinar inclusões. Um país onde ninguém “vive nas sombras das cidades por onde vagueiam” (Carvalho, 2012, p. 144). Um país onde as palavras comunidade, solidariedade não são ruídos informacionais.

Este país, infelizmente, não é Portugal. É um país inventado. É, qual utopia, a Utópia, mas é este país inventado que queremos para o nosso, regiões autónomas obviamente incluídas.

Utopia não significa o impossível, mas aquilo que se quer alcançar. Utopia é uma palavra inventada a partir do grego por Thomas More. Provém de *outopos*, significando o não-lugar. Contudo, esta palavra grega pode ser lida como *eutopos*, ou seja, o lugar da felicidade (Riot-Sarcey et al., 2009, p. 251; Madonna-Desbazeille, 2009, p. 253). Parece que a felicidade habita no não-lugar. Nós não queremos esta formulação, preferindo uma outra que a utopia “é o lugar que ainda não há, mas que um dia pode vir a haver; no limite, que um dia haverá” (Patrício & Sebastião, 2004, p. 119).

O nosso país inventado, a tal Utópia, nada mais é do que um imperativo ético, o de viver bem com os outros, com todos os outros. Ainda não há, mas um dia a Utópia existirá. É uma exigência ética!

Creemos que se compreende que este texto é quase um poema sem rimas. Aristóteles (2008, p. 54), na sua magistral *Poética*, dizia que “a função do poeta não é contar o que aconteceu, mas aquilo que poderia acontecer, o que é possível”. A poesia, com ou sem rimas, tem um carácter mais elevado do que as descrições. Ainda para Aristóteles, “a poesia é universal e a História, as referidas descrições, é particular” (Ibidem, p. 54).

Assim a nossa Utópia, o país inventado, é um desejo universal. Não é de Portugal ou de qualquer outro país. Não é da região Norte do nosso país ou da Madeira, mas da humanidade.

O homem “é um ser efémero sedento de infinito” (Boff, 2000, p. 205). É um ser que busca a transcendência (Neves, 2012) enquanto vive. É um ser que se angustia perante a possibilidade de não ser nada, o que levou Emmanuel Lévinas (2003, p. 87) a perguntar “como pensar o nada?”

O homem de hoje, especialmente o urbano, vive numa deriva materialista, relacionando a sua vida com os bens de consumo que possui. Infelizmente, cada vez mais associamos o conceito de qualidade de vida à quantidade de bens que possuímos e não à dignidade do ser.

Concluimos, afirmando que temos de dar realce ao sentido profundo da expressão Vida com Dignidade. Dignidade, porque ligado ao Ser, é um conceito muito mais profundo do que Qualidade, hoje na moda, muito mais ligado ao Ter. E nós queremos ser lembrados por aquilo que somos e não somente por aquilo que temos.

---

<sup>8</sup>A Bola (2014).

## Bibliografia

Este texto foi escrito com uma enorme liberdade, até poética, mas não deixámos de consultar alguns textos de referência. Aqui estão as âncoras de muitas das nossas ideias aqui expressas:

- A Bola (2014, outubro, 21). Idoso morre após ter sido atropelado na passadeira.
- AFP/Lusa (2014, setembro 28). Papa diz que abandono de idosos é 'uma eutanásia mascarada'. *Diário de Notícias*.  
<https://www.dn.pt/globo/abandono-de-idosos-e-eutanasia-disfarcada-4149497.html>
- Allende, I. (2003). *O Meu País Inventado*. Difel.
- Aristóteles (2008). *Poética* (A. M. Valente, Trans., 3rd ed.). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Belém, J. (2009, outubro 15). Homem estava morto em casa há dois anos. *Diário de Notícias*.  
<https://www.dn.pt/portugal/homem-estava-morto-em-casa-ha-dois-anos--1391037.html>
- Bíblia Sagrada* (2001, 45th ed.). Editora Vozes.
- Boff, L. (2000). *Tempo de Transcendência: o Ser Humano como um Projeto Infinito*. Sextante
- Camões, L. V. (s.d.). *Os Lusíadas*. Círculo de Leitores.
- Carvalho, A. D. (1994). *Utopia e Educação*. Porto Editora.
- Carvalho, A. D. (2012). *Antropologia da Exclusão ou o Exílio da Condição Humana*. Porto Editora.
- Ferreira, J. R. (2006). O homem precário e fugaz, perene pela poesia: Nemeia VI. In F. Lourenço (org.), *Ensaio sobre Píndaro* (pp.167-168). Livros Cotovia.
- Jornal de Notícias* (2012, janeiro 24). Idoso desaparecido há dois meses encontrado morto em casa.  
<https://www.jn.pt/local/noticias/castelo-branco/covilha/idoso-desaparecido-ha-dois-meses-encontrado-morto-em-casa-2260826.html>
- Jornal de Notícias* (2013, setembro 7). Idosos eram amarrados e lavados à mangueirada.
- Lévinas, E. (2001). *Entre Nosotros*. Ensayos para Pensar en Otro. Pre-Textos.
- Lévinas, E. (2003). *Deus, a Morte e o Tempo*. Almedina.
- Lusa (2011). Encontrado idoso morto em casa há três meses. *Diário de Notícias*.  
<https://www.dn.pt/portugal/centro/encontrado-idoso-morto-em-casa-ha-tres-meses-1782900.html>
- Madonna-Desbazeille, M. (2009). Utopia. In M. Riot-Sarcey; T. Bouchet & A. Picon (org.), *Dicionário das Utopias* (p. 253). Edições Texto & Grafia.
- More, T. (2006). *Utopia*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Morin, E. (s.d.). *O método II. A vida da vida*. Publicações Europa-América.
- Neves, J. N. (2012). A Dignidade Humana. *Vaticano II: 50 anos, 50 olhares*. Paulus Editora, pp. 205-208.
- Público* (2013, setembro 8). Papa Francisco foi a Lampedusa “chorar os mortos que ninguém chora”.  
<https://www.publico.pt/2013/07/08/mundo/noticia/papa-francisco-escolhe-lampedusa-para-primeira-viagem-do-seu-pontificado-1599582>
- Papa Francisco (2013). *A Alegria do Evangelho*. Paulinas Editora.
- Patrício, M. & Sebastião, L. (2004). *Conhecimento do Mundo Social e da Vida*. Passos para uma Pedagogia da Sapeza. Universidade Aberta.
- Poliakov, L. (1996). Discriminação. *Enciclopédia Einaudi*, vol. 22 (pp. 246-258). Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Riot-Sarcey, M.; Bouchet, T., & Picon, A. (2009). In M. Riot-Sarcey; T. Bouchet & A. Picon (org.), *Dicionário das Utopias* (p. 251). Edições Texto & Grafia.
- Serres, M. (2004). *Hominescência* (p. 188). Instituto Piaget.
- Teixeira de Pascoaes, J. (1988). *A saudade e o saudosismo* (p. 261). Assírio & Alvim.
- Torga, M. (2000). Solidão. *Poesia Completa* (p. 957). Publicações Europa-América.
- Tribuna do Ceará* (2014, agosto 23). Homem é encontrado morto deitado em rede depois de 1 ano e 3 meses desaparecido. <http://tribunadoceara.uol.com.br/noticias/cotidiano-2/homem-encontrado-morto-deitado-em-rede-apos-1-ano-e-3-meses-deixou-mensagens-na-parede>



## Solidão e eutanásia ou as punições por se ser velho

PAULA PORTUGAL<sup>1</sup>

RUI PROENÇA GARCIA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Instituto Politécnico do Porto. Escola Superior de Saúde

<sup>2</sup>Universidade do Porto. Faculdade de Desporto

rgarcia@fade.up.pt

enviado a 18/11/2020 e aceite a 06/01/2021

Texto da conferência apresentada no *V Colóquio Olhares sobre o envelhecimento*. Funchal, Universidade da Madeira, 24 e 25 de novembro de 2016. Mantivemos o essencial do texto lido durante a conferência, mas entendemos oportuno inserir alguns textos posteriores ao Colóquio.

### Resumo

Os dados demográficos relativos a Portugal – análogos a muitos outros países – têm provocado a discussão sobre o envelhecimento, fenómeno entendido como uma conquista da humanidade. Se a discussão centrada no número existe e é relevante, há outros centros de interesse sobre a velhice que importa refletir profundamente. Hoje há a consciência que um dos grandes problemas da população idosa é o seu isolamento, tanto familiar como na da sociedade em geral, não permitindo a verdadeira vida de relação. Esse isolamento acontece em grau elevado nos grandes centros urbanos – isolamento pessoal – e nas aldeias do interior do nosso país – isolamento social – onde não existem jovens. Muitos velhos estão confinados às suas aldeias, assim como em meios urbanos os idosos se encontram confinados à sua casa, isolados da comunidade por barreiras físicas.

Por outro lado, a discussão sobre a eutanásia está presente no quotidiano, muitas vezes sob o signo da emoção momentânea. É necessário aprofundar o tema, não perdendo de vista a superior dignidade da pessoa humana, independentemente da sua idade ou situação particular.

No seguimento da argumentação aduzida, os autores colocam a hipótese de haver sub-repticiamente na sociedade contemporânea uma punição por se ser velho e/ou doente. Parece que os grandes interessados desta discussão não são as pessoas em risco, mas aquelas em torno do velho/doente, tomando a solidão e a eutanásia como punições. O individualismo sobrepõe-se a tudo e a todos.

Palavras-chaves: Envelhecimento; solidão; silêncio; eutanásia.

### Abstract

The demographic data for Portugal - analogous to many other countries - have led to a fierce debate on ageing, a phenomenon perceived as a conquest of humanity. If the discussion centred on the number exists and is relevant, there are other centres of interest about old age that should be deeply reflected upon. Today there is an awareness that one of the great problems of the elderly population is their isolation, both within the family and in society in general, not allowing for true relationship life. This isolation occurs to a high degree in large urban centres - personal isolation - and in the villages of our country's inland - social isolation - where there are no young people. Many old people are confined to their villages, just as in urban settings, they are confined to their homes, isolated from the community by physical barriers.

On the other hand, the discussion about euthanasia is present in everyday life, often under the sign of momentary emotion. Further analysis is needed in this respect, not losing sight of the superior dignity of the human person, regardless of their age or situation.

Following the adduced argument, the authors hypothesize that in contemporary society there is a surreptitious punishment for being old and/or sick. It seems that the main stakeholders in this discussion

are not people at risk, but those around the old / sick, taking loneliness and euthanasia as punishments. Individualism overlaps everything and everyone.

Keywords: Ageing; loneliness; silence; euthanasia.

### **Ao jeito de introdução: relativismo axiológico**

Pouco antes do início do Conclave que o elegeu Papa, o então Cardeal Ratzinger<sup>1</sup> aludiu à ditadura do relativismo axiológico, que nos tem levado para novas intolerâncias como estão a acontecer neste momento um pouco por todo o mundo. Essa ditadura “nada reconhece como definitivo e que deixa como última medida apenas o próprio e as suas vontades”. Resultado deste relativismo é o primado do individualismo em relação a valores de solidariedade humana. São também significativas as palavras de D. Manuel Clemente, à época Bispo do Porto, quando diz que (Clemente, 2008, p. 139) “há estruturas gerais da humanidade que nos permitem ser Humanidade e que se desistirmos de chegar lá estará tudo perdido.”

A solidariedade e o respeito pela vida são, no nosso entender, duas dessas estruturas gerais que erigem a sociedade.

A ascensão do individualismo não se coloca somente na posse de muitos bens, mas também no que respeita ao sentimento da vida e com ela ao da morte. Esta última, a morte, passou definitivamente a ser encarada como um “incidente privado” (Barreto, 2009, p. 48), não apenas no que diz respeito à relativa solidão do desenlace final, que amiúde acontece em hospitais, mas também no que tange à mobilização da vontade pessoal para que tal ocorra. A morte deixa de ser um fenómeno decorrente da nossa própria existência, passando a ser a manifestação de um desejo individual, com dia e hora marcadas, numa estranha determinação do próprio.

Os dias que correm estão marcados por valores juvenis, naturalmente mais de natureza hedonística e individual, em contraponto a outras épocas ou conceções de vida em que o sentimento de pertença à sociedade, religião incluída, era mais forte, mesmo determinante. Hoje em dia, pelo menos no mundo submetido à lógica denominada de pós-moderna,<sup>2</sup> não se criam laços axiológicos robustos a não ser com dimensões da vida conotados com o ter. O relativismo é filho da pós-modernidade, fruto da subjetividade circunstancial ou episódica, e não o resultado de um pensamento antropológico de cariz humanista.

Velhice, doença, sofrimento e morte<sup>3</sup> não fazem parte do ideário juvenil. Juventude eterna, saúde, harmonia e prazer são contrapontos à realidade da vida, tornando os anteriores como os grandes tabus da contemporaneidade, criando-se a ilusão que se não se falar neles esses imperativos da vida não ocorrem. Face à vida atual, estar velho, doente e/ou sofrer são vergonhas que muitos não querem passar nem, muito menos, mostrar. Não são situações prazerosas, antes a antítese do sentimento hedonístico da vida, e quando tais acontecimentos se instalam, então o melhor é ninguém tomar conhecimento. O melhor remédio é desaparecer!

Porém, o individualismo, que pode ser confundido com egoísmo, não se esgota no eu doente, que por vezes não se quer mostrar, projetando-se também nos familiares ou cuidadores, muitas vezes até por razões nobres.

---

<sup>1</sup>Ver Papa Bento XVI (2010, p. 58).

<sup>2</sup>Começamos a reear esta palavra composta agora que foi reconhecida a expressão *pós-verdade*.

<sup>3</sup>Antero de Quental, quando jovem, sentia-se *amortal*, não pensando na morte, mesmo quando arriscava a vida. Ver Catroga (1999).

Face a este “condicionalismo” já não basta encerrar o doente numa torre, seja de marfim ou de pedra nua. Esse “castigo” não é ainda suficiente. Para o nosso conforto, para mais na (in)consciência que para lá iremos, o destino final pode ser antecipado com os eufemismos que “ele consentiu”, que “foi desejo dele”, que “sempre manifestou essa vontade” e outros afins. Estes desejos, normalmente assumidos em situações de alguma (muita?) vulnerabilidade, servem para confortar o nosso egoísmo extremo perante o outro. Muitas vezes esses pedidos acontecem para poupar os seus familiares a determinados sacrifícios e não por se querer verdadeiramente morrer. Eutanásia pode ser entendida como um verdadeiro e derradeiro ato de altruísmo de alguém perante a consciência das dificuldades que está a criar à sua família, aos seus cuidadores, pelo que terá de haver muita prudência na sua discussão. Não é uma questão que se resolva com a simples dicotomia “sim” ou “não”. É muito mais do que isso.

A situação do homem no mundo contemporâneo submetido a uma ordem axiológica questionável, entronca naquilo que o Papa Francisco (2016, p. 59) considera ser uma

“cultura do descarte, onde a vida humana já não é sentida como um valor primário a respeitar e salvaguardar, especialmente se é pobre ou deficiente, se ainda não é útil – como o nascituro – ou se deixou de servir – como o idoso”.

A visão que temos sobre a eutanásia também entronca nesta encruzilhada axiológica, onde a vida, a vida humana, é um bem descartável.

Diz o Santo Padre numa outra passagem do livro citado que são atentados à vida deixar morrer pessoas nas embarcações no canal da Sicília, a morte no trabalho, pela fome, o terrorismo, a guerra e a violência, terminando este libelo acusatório afirmando que é também um atentado contra a vida a eutanásia, concluindo que “amar a vida é sempre cuidar do outro, desejar o seu bem, cultivar e respeitar a sua dignidade transcendente” (p. 30).

Parece que a vida, essa misteriosa e admirável qualidade que acontece em cada um de nós no meio de tantos outros seres humanos, é algo de periférico, que pode ser destruído apenas pela vontade individual.

Assim, o nosso propósito é analisar um tema de extrema repercussão na atualidade, a eutanásia no contexto axiológico, e relacioná-lo com o drama da solidão.

## **Envelhecimento e esperança**

Falar de envelhecimento é falar de esperança, esperança de lá chegarmos, esperança para lá continuarmos, e esperança, como nos ensina o Papa Francisco, é um caminho solidário. Antes a velhice era uma dignidade, agora é, para alguns, um enorme peso social. Como o mundo mudou, tornando-se mais egoísta.

Ainda não possuímos o estatuto de velho, mas esperamos poder chegar à idade do júbilo. Não que queiramos mascarar com um extremo romantismo essa idade, contando apenas coisas boas, numa clara conceção paternalista, mas com a consciência que a idade muitas vezes é um marcador social e que impede as pessoas de se realizarem totalmente. Uma coisa é a tomada de consciência das naturais dificuldades que advém do passar dos anos, outra é querer fazer ver que tudo corre às mil e uma maravilhas na nossa vida de relação. Não, nem sempre as coisas se passam assim tão romanticamente no universo da velhice, mas esta idade é uma consequência de uma longa vida já vivida e que se continua a querer viver.

A velhice não pode ser encarada como um estigma nem, ao invés, apenas como uma maravilha. É maravilhoso que se viva tanto tempo, mas nem sempre é maravilhoso viver-se a vida que se tem. Não podemos continuar a olhar para o envelhecimento como o lado sombrio da vida, a sua miséria ou como uma cidadania recusada.

No quotidiano há tabus que são para respeitar, mas que ao longo do tempo podem ser quebrados. O corpo nu e o sexo são tabus que em muitas partes do mundo tendem a atenuar-se, enquanto outros aparecem no nosso horizonte, tais como a velhice, a doença e a morte.

Viver muito tempo tem a vantagem de permitir que se conheça a vida em toda a sua extensão, mas a desvantagem de se ter de viver numa sociedade orientada para os jovens.

Há um ano,<sup>4</sup> apenas de forma superficial, aludimos ao idoso no limiar do exílio da condição humana. Ser humano implica ser com os outros. Ninguém se completa humanamente sem um relacionamento com o outro.

Como sabemos, nem sempre a geografia urbana permite a aproximação do velho com outras pessoas. São escadas, é a falta de transporte, são ruas inapropriadas para algumas condições normais da velhice, é a barreira da própria pessoa nomeadamente à vergonha de ser vista como se é, enfim, é uma miríade de condições intrínsecas e extrínsecas que fazem com que a solidão se instale.

Recentemente, no âmbito da iniciativa Porto – Cidade Amiga do Idoso, e posteriormente alargada à cidade de Póvoa do Varzim, ouvimos alguém afirmar que numa cadeia, os presos continuam a ter direitos. Têm direito à saúde, eventualmente à educação e ao trabalho, continuam em muitos casos a terem o direito de votar, a visitas conjugais, mas há um direito imediatamente retirado, o da mobilidade. Seja na prisão, em casa com uma pulseira eletrónica ou com um agente da polícia à porta, seja com apresentações constantes num posto policial, ser prisioneiro significa, acima de tudo, a perda do direito de se movimentar.

De igual modo, muitos idosos são autênticos prisioneiros nas suas vidas honestas e trabalhadoras. Muitos velhos são prisioneiros de uma condição corporal e social que os estigmatizam. Muitas pessoas com idades mais ou menos avançadas são prisioneiras sem estarem em cadeias, sem terem pulseiras eletrónicas ou polícia à porta. São prisioneiros de uma condição de que não são responsáveis e para a qual apenas contribuíram com as suas vidas vividas longamente. Parece que ser velho é um crime nesta sociedade demasiadamente centrada em valores juvenis. Não é prioritário para quem decide. E, mesmo quando a preocupação ou a vontade estão presentes, a escolha não é para a autonomia, para a liberdade, mas sim para o assistencialismo. Sem ser perguntado ao velho, qual o caminho que deseja, qual a vida que quer viver.

Tudo leva a entender que ser velho é um crime que é punido com cadeia. Mais ainda, na solitária, para onde se enviam os presos mais malcomportados.

Mas, o código civil da humanidade, que por vezes está carente de humanismo, vai ainda mais longe e quer prever mesmo a pena de morte para o velho, já prisioneiro na solidão. Quer a eutanásia!

---

<sup>4</sup>Referimo-nos à intervenção intitulada “Envelhecer com dignidade num país inventado”, apresentada no IV Colóquio Olhares sobre o envelhecimento, realizado nos dias 26 e 27 de novembro de 2015 na Universidade da Madeira.

## Eutanásia<sup>5</sup>

Podemos perguntar retoricamente quem tem discutido profundamente esta questão. Provavelmente não são os velhos, os doentes, os acamados, mas pessoas que se julgam com capacidade e legitimadas para falarem em nome destes seres vulneráveis. Sim, vulneráveis porque sentem-se fragilizados perante uma discussão que lhes diz respeito, mas onde não têm voz ativa. Sim, vulneráveis porque se sentem desprotegidas diante de importantíssimas deliberações que são tomadas por outros. Continuadamente, são o foco da decisão, sem serem a voz da mesma.

Daí esta pergunta, totalmente retórica, que pode ser colocada a todos os que se interessam pelo envelhecimento: o que pensará um velho doente quando diariamente ouve falar de eutanásia?

Quando há algum tempo a discussão sobre a eutanásia atingia o seu auge na comunicação social, na política, nas universidades e em outros fóruns da nossa sociedade, morreu o pai de uma pessoa nossa amiga. Estava acamado há muito tempo e a mensagem de agradecimento pelos pêsames enviados foi fantástica. Agradecia Deus – a pessoa é crente – por ter permitido a companhia de seu pai durante tanto tempo. Não se lamentava da doença que imobilizara o pai, dos trabalhos que teve, mas da dádiva que é a vida humana, toda a vida e em qualquer circunstância. Estar doente é uma condição humana!

O argumento do princípio ou do direito à autonomia e à autodeterminação da pessoa, tantas vezes invocado por quem defende a legitimidade eutanásia, pode não ser o mais válido, dado que limita esse direito, o da autonomia, apenas a algumas pessoas e em determinado estado. Cada um pode em nome do princípio da autonomia e da autodeterminação, também reivindicar o direito a morrer pelas mãos de outra pessoa se se sentir que é incapaz de se suicidar. Custa aceitar a limitação ou condicionar este princípio, sendo mesmo uma contradição insanável fazê-lo.

Obviamente que compreendemos a discussão em torno da eutanásia. Compreendemo-la e aceitamo-la, mas isso não faz com que não possamos discuti-la num plano para além do individualismo, passe a redundância, individual. Será que o principal interessado na eutanásia é o doente ou quem o acompanha? Não podemos dar uma resposta segura porque nunca estivemos envolvidos em casos semelhantes. Nunca estivemos sujeitos à pressão da doença, da debilidade humana ou ao constrangimento da deterioração e da finitude do ser. Nem do que o velho percebe que é para o outro, para a sua família aquando dessa condição de vida. Perante estes fenómenos normais da vida humana, podem criar-se desordens na segurança ontológica de cada um ao sermos confrontados com a imagem do outro, que não apreciamos, e com a tomada de consciência que amanhã o outro *serei eu, seremos nós, cada um de nós*. Então não será o *outro* abstrato, mas o *eu* real o sujeito do fim. O eventual horror perante o outro nada mais é do que uma antecipação, por vezes em negação, da possibilidade do horror de mim próprio no

---

<sup>5</sup>Muito sucintamente, definimos eutanásia como *a morte de uma pessoa, provocada por outra, a pedido da que é morta* (Osswald, 2016, p. 7) e sob condições muito especiais. Distanásia pode ser entendida como uma má morte, fruto de uma obstinação ou encarniçamento terapêutico (Barbas, 2009, p. 92), que pode provocar desespero, agitação, sofrimento revolta e dor (Osswald, idem, p. 20). Ortotanásia significa a morte natural sem prolongamento da agonia por parte de um tratamento inútil, supérfluo, desproporcionado (Barbas, idem, p. 92). A frase atribuída pela Rádio Vaticano a São João Paulo II *Deixem-me ir para a Casa do Senhor* configura uma morte digna, uma ortotanásia ([http://www.radiovaticana.va/portuguese/brasarchi/2005/RV38\\_2005/05\\_38\\_69.htm](http://www.radiovaticana.va/portuguese/brasarchi/2005/RV38_2005/05_38_69.htm)). Atualmente, com os meios que a medicina dispõe, é possível manter um doente na sua fase terminal de vida com o devido conforto, evitando o sofrimento, sem prolongar uma agonia desprovida de sentido.

futuro. Não será a eutanásia, discutida por quem não pertence ao contingente social em vista, a manifestação de um horror futuro?

Respeitamos profundamente aquelas pessoas que perante estes cenários defendem a eutanásia. O que não podemos aceitar é que se transforme uma questão do âmbito da dignidade do ser humano num campo de batalha ideológico ou político-partidário. Esta questão não é da direita ou da esquerda. É da vida humana e por tal merecedora de uma outra geometria que não esta da esquerda ou da direita. É uma questão de cima, de pessoas que pensam do alto, independentemente das suas opções pró ou contra a eutanásia.

Eutanásia não é a solução para um problema. É a aniquilação da vida, e disso deveremos estar cientes aquando da justa análise à eutanásia. A morte intencionalmente provocada não resolve o problema, antes anula pura e simplesmente a equação.

Sabemos que na nossa sociedade, que preconiza a harmonia e a perfeição, é duro viver com as nossas vulnerabilidades e com as dos outros, mas ao mesmo tempo é algo desafiante. O velho, doente ou não, constitui-se numa tremenda conquista da humanidade e não num problema. Saibamos viver com esta nova e fantástica realidade.

No comum do tempo, não temos noção de que temos coração, mas se nos concentramos nesse órgão, ouvindo-o ou sentindo-o, vemos que ele está dentro do nosso peito, batendo, qual relógio, ao longo de toda a nossa existência.

Também só quando nos concentramos em nós próprios é que percebemos que somos vida, uma exceção da natureza. Nesta, a não vida é que é normal, e a vida uma exceção. Por isso, falar por vezes levemente de morte, eutanásia ou de qualquer processo terminal da vida, é não ter consciência do extraordinário legado que nos foi deixado pelos pais, pelos avós, pela humanidade. Olhar para uma pessoa apenas através das suas limitações, que até justificam a eutanásia, é o mesmo que olhar para o Mosteiro da Batalha e só ver pedras empilhadas. É não perceber a essência da vida humana e o significado da sua existência.

Comprendemos a eutanásia como em tempos se compreendeu a eugenia. O prefixo “eu” remete-nos para a ideia de boa ou de bom: boa morte e bom nascimento.<sup>6</sup> O pior é se num qualquer amanhã alguém se lembrar de retomar a ideia de eugenia de forma mais radical e resolver eliminar todos aqueles que não se encontram em linha com o disposto em determinado artigo da lei da vida. Até nem seríamos originais se assim procedêssemos. Por exemplo, o nazismo fê-lo.

Começaram por eliminar os doentes mentais, atribuindo o pomposo nome de eutanásia a esse processo. Seguiram-se os velhos doentes. De imediato a “eutanásia” chegou às Pessoas com deficiência<sup>7</sup> e logo o seguir aos restantes velhos e outras pessoas doentes (Aziz, 2019). A ideia inicial consistia em “destruir vidas sem valor e de supressão dos improdutivos” (p. 58). Depois, bem, depois foi o Holocausto.

Nos últimos tempos, talvez um século, o ser humano perdeu referências universais. Parece que não existem valores universais, valores que valham para todos, independentemente de

---

<sup>6</sup>Temos ainda o conceito de eudemonismo (do grego *eudaimonismós*), que significa felicidade.

<sup>7</sup>Escrever “Pessoas” com um P maiúsculo é intencional, tal como é intencional grafar “deficiência” com d minúsculo. Assim, enfatizamos o ser-se Pessoa dando menos relevo à condição de deficiência. Por outro lado, ao escrever “Pessoa com deficiência” salientamos que essa Pessoa tem uma deficiência, mas não é uma Pessoa deficiente. Tem, mas não é. Ser e ter são condições humanas diferentes. Finalmente, não se utiliza a palavra indivíduo porque é humanamente fraca. Uma ovelha num rebanho constitui-se como um indivíduo. Ora, ser-se Pessoa é qualitativamente mais do que se ser um indivíduo.

condições particulares. Na nossa visão, a vida é um valor acima de todos os outros, pelo que qualquer mecanismo legal ou instrumental para a destruir deverá ser repudiado.

Sabemos que agora a moda é defender com unhas e dentes temas fraturantes, como é costume ouvir-se na esfera política. Sabemos que a moda é transformar a exceção na regra, e na salutar tentativa de não discriminar as minorias, chegamos ao paroxismo de discriminar as maiorias. Sabemos que agora defender temas como o aborto, a eutanásia ou a legalização de determinadas drogas é sinónimo de termos mentalidades avançadas e inscritas no século XXI. Porém, estes temas, fraturantes, não convocam para a discussão o valor da vida, mas tão somente o tema da morte, da destruição, do grego *thanatos*. Será que a defesa da vida não deverá estar na ordem do dia, ou será que qualquer dia a vida vai ser discriminada? É o que parece que está a acontecer e, infelizmente, também não somos originais nesta visão discriminatória sobre a vida.

É com veemência que o Papa Francisco denuncia a cultura do descarte das nossas sociedades. Diz o Santo Padre:

“que a vida humana, a pessoa já não é sentida como um valor primário a respeitar e salvaguardar, especialmente se é pobre ou deficiente, se ainda não é útil – como o nascituro – ou se deixou de servir – como o idoso” (Papa Francisco, 2016, p. 59).

Parece que a vida, essa misteriosa e admirável qualidade que acontece em cada um de nós no meio de tantos outros seres humanos, é algo periférico, que pode ser destruída apenas pela vontade individual, como se a sua origem fosse individual e voluntária.

Finalmente, interessa diferenciar rapidamente a ideia de silêncio da ideia de solidão.

Muitas pessoas gostam muito de passear pela Ilha da Madeira, contemplando em silêncio vales e montanhas, levadas e veredas, o pacífico ou revoltoso oceano e as abruptas serranias, escutando o som do vento, da água corrente, e a canção dos bis-bis. Isto é silêncio, mas não é solidão. Não estamos sós nesse silêncio. Estamos ou iremos estar acompanhados. O silêncio do velho é diferente porque não tem a esperança de uma companhia, não se sendo importante para ninguém. É um silêncio na solidão do ser, que antecipa o silêncio eterno.

Não antecipemos esse silêncio!

### **Em jeito de conclusão: eutanásia, distanásia, ortotanásia e outras**

É difícil extrair conclusões telegráficas neste tipo de reflexão. A relação entre vida e morte é complexa de mais para ficar confinada a breves conclusões.

A bibliografia especializada situa claramente cada um dos primeiros três conceitos que titulam este ponto do artigo, não sendo por tal necessária aprofundá-los neste texto para além da breve nota de rodapé já apresentada.

É muito frequente confundir-se estes três conceitos, sendo comum pensar-se em eutanásia quando se deveria referir ortotanásia. Vejamos o que nos diz São João Paulo II, na Sua Carta aos Anciãos:

“A este respeito, ocorre lembrar que a lei moral permite renunciar ao «excesso terapêutico», solicitando apenas aqueles cuidados que fazem parte das normais exigências da assistência médica. Outra coisa, porém, é a eutanásia entendida como a provocação direta da morte!” (São João Paulo II, 1999, p. 18)

Porém, no título colocámos a palavra *outras*, o que sugere que há algo mais para lá destes conceitos instituídos pelo conhecimento científico e/ou filosófico. Há aquilo que o Papa Francisco denominou de *eutanásia mascarada*, ou seja, o abandono dos velhos (AFP/ Lusa, 2014).

Sabemos que a problemática da eutanásia e afins não se reduz ao velho. O Parlamento belga, em fevereiro de 2014, legalizou a eutanásia infantil (Costa, 2014), e é um tema muito presente em pessoas doentes independentemente da idade que têm. Todavia, neste texto centrámos a reflexão mais no idoso, embora plenamente conscientes de que o assunto não se esgota neste contingente social.

Temos esperança que um dia, no nosso país, possamos saber que não mais será necessário falar de eutanásia porque os cuidados continuados e paliativos são uma realidade universal.

Até lá, infelizmente, a eutanásia é uma hipótese em aberto!

## Bibliografia

- AFP/Lusa (2014, 28 setembro). Abandono de idosos é "eutanásia disfarçada", *Diário de Notícias*.  
<https://www.dn.pt/globo/abandono-de-idosos-e-eutanasia-disfarçada-4149497.html>
- Aziz, P. (2019). *Os médicos da morte*. Edições Desassossego.
- Barbas, S. (2009). Morte e Dignidade Humana numa Perspectiva Jurídica. In R. Nunes, G. Rego & I. Duarte. (Coord.). *Eutanásia e outras questões éticas no fim da vida*. Gráfica de Coimbra.
- Barreto, J. (2009). A morte nas sociedades contemporâneas. In R. Nunes, G. Rego & I. Duarte. (Coord.). *Eutanásia e outras questões éticas no fim da vida*. Gráfica de Coimbra.
- Catroga, F. (1999). O sentido da morte em Antero de Quental. In J. A. Pinto Correia (Coord.), *O Homem e o tempo. Liber amicorum para Miguel Baptista Pereira* (pp. 219-265). Fundação Eng. António de Almeida.
- Clemente, M. (2008). *Portugal e os Portugueses*. Assírio & Alvim.
- Costa, A. (2014, fevereiro 14). Bélgica torna-se o primeiro país com eutanásia para crianças. *Expresso*.  
<https://expresso.pt/internacional/belgica-torna-se-o-primeiro-pais-com-eutanasia-para-criancas=f855968>.
- "Deixem-me ir para a casa do senhor": As últimas palavras de JP II (2005, setembro 19). *Rádio Vaticano: A voz do Papa e da Igreja em Diálogo com o mundo*.  
[http://www.radiovaticana.va/portuguese/brasarchi/2005/RV38\\_2005/05\\_38\\_69.htm](http://www.radiovaticana.va/portuguese/brasarchi/2005/RV38_2005/05_38_69.htm).
- Osswald, W. (2016). *Morte a pedido*. Universidade Católica Portuguesa Editora.
- Papa Bento XVI (2010). *Luz do Mundo* (p. 58). Lucerna.
- São João Paulo II (1999). *Carta do Papa João Paulo II aos Anciãos*. Instituto Missionário Filhas de São Paulo.
- Papa Francisco (2016). *Proteger a criação. Reflexões sobre o estado do mundo*. Nascente.

## A velhice nos romances de José Saramago

MARIA IRENE DA FONSECA E SÁ

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

mariairene@facc.ufrj.br

enviado a 23/12/2020 e aceite a 01/02/2021

### Resumo

Saramago, através das falas das personagens de seus romances, busca fazer com que seus leitores se questionem e questionem o mundo em que vivem. Neste sentido, a questão que norteou este trabalho foi: Como é retratada a velhice e a finitude da vida nos romances de Saramago? Para tal, teve por objetivo buscar, em algumas das obras de José Saramago, personagens idosas que através de seus discursos levem os leitores à reflexão sobre as diferentes preocupações que afligem a sociedade contemporânea, especialmente na velhice. O próprio Saramago afirmava que escrevia para pensar sobre circunstâncias da vida que o inquietavam. É fato que grande parte da obra de José Saramago foi produzida quando ele já era uma pessoa idosa. Assim, desde a saga dos Mau-Tempo de *Levantado do chão*, passando pelo oleiro Cipriano Algor de *A caverna*, e chegando ao elefante Salomão de *A viagem do elefante*, Saramago faz uso de personagens simples, comuns, para questionar o mundo em que vivemos e leva seus leitores à reflexão sobre a velhice e a finitude da vida, que sempre chegam.

Palavras-chave: José Saramago; velhice; personagens idosas; mundo; finitude da vida.

### Abstract

Saramago seeks to make his readers question themselves and the world they live in through the lines of the characters in his novels. Thus, the question that guided this work was: How is old age and the finitude of life portrayed in Saramago's novels? To this end, it aimed to seek, in some of José Saramago's works, for elderly characters who through their speeches lead the readers to reflect on the different concerns that plague contemporary society, especially in old age. Saramago himself stated that he wrote to think about life circumstances that troubled him. It is a fact that much of José Saramago's work was produced when he was already an elderly person. Thus, from the Mau-Tempo saga of *Levantado do chão*, to the potter Cipriano Algor from *A caverna*, and the elephant Salomão in the *A viagem do elefante*, Saramago makes use of simple, common characters, to question the world in which we live and leads his readers to reflect on old age and the finitude of life, which always arrives.

Keywords: José Saramago; old age; elderly characters; world; finitude of life.

### Introdução

Saramago utiliza personagens comuns para compor seus romances. Ele enfatiza que: “[...] nos meus livros não há heróis, não há gente muito formosa [...]” (Saramago, 2013, p. 28) e afirma: “Reflico e escrevo sobre pessoas comuns porque essa é a gente que conheço.” (Saramago, 2013, p. 35). Uma forte influência vem de seus avós, Jerónimo Melrinho e Josefa Caixinha, com quem muito conviveu na aldeia de seu nascimento, Azinhaga, na província do Ribatejo.

Em sete de Dezembro de 1998, quando recebeu o Prêmio Nobel de Literatura de 1998, José Saramago inicia seu discurso na Academia Sueca com as seguintes palavras: “O homem mais sábio que conheci em toda a minha vida não sabia ler nem escrever.” (Saramago, 1998, p. 7). E passa a descrever como era sua vida com os avós, criadores de porcos, na aldeia. Ele fala de seus avós com emoção e admiração. “[...] este foi meu avô Jerônimo, pastor e contador de histórias,

que, ao pressentir que a morte o vinha buscar, foi despedir-se das árvores do seu quintal, uma por uma, abraçando-se a elas e chorando porque sabia que não as tornaria a ver.” (Saramago, 1998, p. 9). Assim, Saramago relata a sabedoria de seu avô idoso, que estava consciente de sua finitude, mas já saudoso daquelas árvores que tinham sido companheiras de sua vida, acompanhando suas dores e sofrimentos e oferecendo a sombra e acalento nos momentos difíceis, como também testemunhas dos momentos de festa e felicidade, acolhendo os sonhos, o sono e o descanso, que por certo também ocorreram. Também, fala de seu sentimento pela avó e da sabedoria dela: “Pensava então que a minha avó, embora fosse também uma mulher muito sábia, não alcançava as alturas do meu avô, esse que deitado debaixo da figueira, tendo ao lado o neto José, era capaz de pôr o universo em movimento com apenas duas palavras.” (Saramago, 1998, p. 9). No entanto, é a avó que fala da morte que se avizinha: “O mundo é tão bonito, e eu tenho tanta pena de morrer.” (Saramago, 1998, p. 9), revelando que, apesar de todos os trabalhos e canseiras da vivência, a vida valia a pena de ser vivida e o mundo tinha muita beleza para ser vista e admirada.

Saramago reúne as crônicas publicadas no jornal *A Capital* (1968-1969) no livro *Deste mundo e do outro*. Um desses textos é *Carta para Josefa, minha avó*. Nele, Saramago proclama:

Tens noventa anos. És velha, dolorida. [...] Não sabes ler. [...] Não sabes nada do mundo. Não entendes de política, nem de economia, nem de literatura, nem de filosofia, nem de religião. Herdaste umas centenas de palavras práticas, um vocabulário elementar. Com isto viveste e vais vivendo. [...] Chegas ao fim da vida, e o mundo ainda é, para ti, o que era quando nasceste: uma interrogação, um mistério inacessível, uma coisa que não faz parte da tua herança [...] Aperto a tua mão calosa, passo a minha mão pela tua face enrugada e pelos teus cabelos brancos [...] Fostes bela, dizes, e bem vejo que és inteligente. Por que foi então que te roubaram o mundo? (Saramago, 2010, pp. 27-28).

Nessa crônica, uma poesia, Saramago enaltece a sua avó, que através de sua simplicidade e vida de camponesa deixa transparecer toda a sua inteligência e sabedoria. Saramago conclui que “O mundo continuará sem ti – e sem mim.” (Saramago, 2010, p. 29). É a natureza da vida.

Na crônica *O meu avô, também* Saramago fala de seu avô idoso:

Mas o homem que assim se aproxima, vago, entre cordas de chuva que parecem diluir o que na memória não se perdeu, é meu avô. Vem cansado, o velho. Arrasta consigo setenta anos de vida difícil, de desconforto, de ignorância. E, contudo, é um homem sábio, calado e metido consigo, que só abre a boca para dizer as palavras importantes, aquelas que importam. [...] Mas a imagem que me não larga é a do velho que caminha sob a chuva, obstinado e silencioso, como quem cumpre um destino que nada pode modificar. A não ser a morte. (Saramago, 2010, pp. 32-33).

Assim, Saramago realça a persistência e a sabedoria de seus avós e também o quanto eles o influenciaram quanto à percepção do mundo. Em *Discursos de Estocolmo*, Saramago afirma:

Muitos anos depois, escrevendo pela primeira vez sobre este meu avô Jerónimo e esta minha avó Josefa [...], tive consciência de que estava a transformar as pessoas comuns que eles haviam sido em personagens literárias e que essa era, provavelmente, a maneira

de não os esquecer, desenhando e tornando a desenhar os seus rostos com o lápis sempre cambiante da recordação [...] (Saramago, 1998, p. 9).

Portanto, os avós Jerónimo e Josefa de Saramago, pessoas idosas na lembrança de Saramago, foram inspiração e modelo para o desenvolvimento das personagens dos romances de Saramago. Assim, geralmente, as personagens idosas nos romances de Saramago são seres humanos simples, comuns, mas que demonstram sabedoria e conhecimento sobre o funcionamento da humanidade e do mundo. Desta forma, talvez não seja verdade a fala de Saramago sobre sua convivência com sua avó: “Não teremos dito um ao outro o que mais importava.” (Saramago, 2010, p. 29). Os avós de Saramago disseram muito a Saramago através do seu modo de agir e pensar a vida e a morte. E Saramago diz muito a seus avós através das falas e ternura das personagens de seus romances.

O anúncio do Prêmio Nobel de Literatura 1998, concedido a José Saramago, foi feito com a fala: “[...] que, com parábolas portadoras de imaginação, compaixão e ironia torna constantemente compreensível uma realidade fugidia” (Nobel Prize, 1998). Assim, foi dito que os romances de Saramago são parábolas que buscam levar o leitor à compreensão da realidade do mundo em que se vive, no qual o ser humano não tem prioridade, como Saramago tinha o hábito de afirmar.

Alguns estudiosos corroboram com essa visão e falam da obra de Saramago.

Lopes diz que: “Numa visão de conjunto, o traço dominante mais inovador parece confluir para o fato de estarmos agora diante de alegorias que funcionam como distopias de um Mundo abandonado pela razão” (Lopes, 2011, 101). É o mundo irracional que os avós de Saramago foram incapazes de compreender, mas no qual viveram e aprenderam a ser persistentes. Lopes fala explicitamente dos romances *O homem duplicado* e *A caverna*: “Ambas as obras são como que metáforas para a alienação dos seres humanos face ao Mundo e a si mesmos devido à interposição de coisas mercadorizadas e desprovidas das relações sociais de trabalho criador pelo poder demoníaco do dinheiro” (Lopes, 2011, p. 113). Nesses romances, Saramago encaminha seus leitores para pensarem sobre a alteridade e a compaixão. Ver e enxergar o outro nas suas necessidades e peculiaridades, principalmente os idosos.

Por sua vez, Aguilera afirma: “Suas fabulações pensavam e faziam pensar, até se postularem, metaforicamente, como uma espécie de ensaios com personagens” (Aguilera, 2014, p. 74). Assim, Aguilera realça a força das personagens que levam os leitores a refletirem sobre o que estão a ler e a construir suas verdades.

José Saramago nasceu em 1922 e em 1947, com 25 anos, publicou o romance *Terra do Pecado*. Em 1953 tenta publicar *Claraboia*, no entanto a Empresa Nacional de Publicidade, à qual havia submetido o texto, não responde e Saramago vai trabalhar como tradutor na Editorial Estúdios Cor. Em 1966, quase 20 anos após publicar *Terra do Pecado*, ele publica *Os Poemas Possíveis* e passa a escrever crônicas. No entanto, é em 1980 que Saramago inaugura o estilo Saramaguiano com a publicação do romance *Levantado do Chão*, o primeiro êxito de público e de crítica. Com esse romance, Saramago recebe o *Prêmio Cidade de Lisboa*. Nessa época, Saramago já tinha 58 anos e estava prestes a se tornar uma pessoa idosa.

Em 1982, Saramago publica *Memorial do Convento*, um dos romances mais lidos da obra de Saramago, e inicia-se a tradução dos romances de Saramago para outras línguas. Portanto, Saramago é reconhecido como escritor a nível mundial quando já se aproxima da terceira idade,

segundo a definição da Organização Mundial da Saúde (OMS). Neste contexto, Saramago coloca nas falas de suas personagens idosas reflexões e preocupações que, provavelmente, vivenciava e sentia.

Em seguida, passa-se a descrever alguns romances de Saramago que fazem uso de personagens idosas ou que tem por temática a velhice e a finitude da vida.

*Levantado do Chão* (publicado em 1980) – João Mau-Tempo (67 anos)

Nesta obra é descrita a vida de uma família de trabalhadores rurais (os Mau-Tempo) da região do Alentejo, desde o começo do século XX até logo após o 25 de abril de 1974. Saramago, através da vida de três gerações da família de camponeses Mau-Tempo, denuncia a exploração, o desemprego, a fome e a miséria. Porém, descreve também a tomada de consciência política do trabalhador rural, assim como, o aprendizado na luta pelo direito ao trabalho e pela posse da terra. Ou seja, ele relata a aprendizagem da transformação, através dos muitos sacrifícios, conflitos, fomes, desastres, mas também vitórias e amores.

O próprio Saramago proclamou no *Discurso de Estocolmo*:

Três gerações de uma família de camponeses, os Mau – Tempo [...] passam nesse romance a que dei o título de *Levantado do Chão*, e foi com tais homens e mulheres do chão levantados, pessoas reais primeiro, figuras de ficção depois, que aprendi a ser paciente, a confiar e a entregar-me ao tempo, a esse tempo que simultaneamente nos vai construindo e destruindo para de novo nos construir e outra vez nos destruir. Só não tenho a certeza de haver assimilado de maneira satisfatória aquilo que a dureza das experiências tornou virtude nessas mulheres e nesses homens: uma atitude naturalmente estoica perante a vida. (Saramago, 1998, p. 12).

Assim, Saramago ressalta a riqueza do aprendizado da população camponesa e de como a passagem do tempo e as experiências vivenciadas contribuíram para a construção da sabedoria numa população simples e desprovida de bens.

Ao final de 1981, foi atribuído o Prêmio Cidade de Lisboa a *Levantado do Chão*. Na cerimônia de entrega do prêmio, em junho de 1982, Saramago afirma que “*Levantado do Chão* fala de trabalhadores, Aprendamos um pouco, isso e o resto, o próprio orgulho também, com aqueles que do chão se levantaram e a ele não tornam, porque do chão só devemos querer o alimento e aceitar a sepultura, nunca a resignação.” (Saramago, 2012). Nesta fala, Saramago exalta a persistência e a nobreza da gente simples/comum: pobres, mas honrados e trabalhadores.

Saramago alerta os leitores, no próprio romance *Levantado do Chão*, quanto à questão da velhice e sua classificação:

No geral do latifúndio, os homens e as mulheres têm seu tempo regateado de vida, espanta-se a gente de como alguns vão a velhos, e muito mais quando, passando, encontramos um que à vista é ancião e ouvimos dizer que tem quarenta anos, ou esta mulher murcha e com a face encorreada, ainda não fez trinta [...] (Saramago, 2012, pp. 327-328).

Neste sentido, Saramago fala a seus leitores da tarefa árdua dos camponeses daquela época, envelhecidos pelo trabalho penoso e pelas constantes dificuldades de subsistência.

Uma das personagens principais do romance é João Mau-Tempo, que no princípio do romance é um bebê, passa pelas agruras do latifúndio e morre ao final do romance. Quando ocorre a morte de João Mau-Tempo, o narrador do romance proclama: “[...] ah velhice, e no entanto este homem tem só sessenta e sete anos[...].” (Saramago, 2012, p. 347). Saramago chama a atenção do leitor para a idade da personagem. Era um velho! No entanto, em sociedades desenvolvidas, um homem de sessenta e sete anos ainda tem muito para viver e até para produzir. O próprio Saramago produziu muito após os sessenta e sete anos.

A personagem João Mau-Tempo está á frente da luta, na tomada de consciência política do trabalhador rural e na luta pelo direito ao trabalho digno e com justa remuneração. A fala dele denuncia a escravidão e a falta de justiça:

Cansamo-nos a trabalhar de noite e de dia, quando há trabalho, e não aliviámos o nosso castigo na vida faminta, covo uns bocaditos de terra quando nos dão para cultivar, e até altas horas, e agora é um geral desemprego, o que eu queria era saber por que são estas coisas e se vai ser assim até morrermos todos, não há justiça se uns têm tudo e os outros nada [...] (Saramago, 2012, p. 212).

E, persistente, explica “[...] o pessoal está em luta pelas oito horas de trabalho e os patrões não querem vir ao acordo, por isso estamos em greve [...]” (Saramago, 2012, p. 340). Assim, Saramago retrata a personagem João Mau-Tempo como um homem destemido que busca a garantia de direitos trabalhistas para si e para as gerações futuras. É a demonstração da força, da persistência, da coragem e da sabedoria num mundo de desigualdades e de discriminação aos menos favorecidos.

### ***Jangada de Pedra* (publicado em 1986) - Pedro Orce (mais de 60 anos)**

Neste romance são relatados acontecimentos sobrenaturais que culminam na separação da Península Ibérica do continente europeu. A Península Ibérica vai navegando no Oceano Atlântico e estaciona entre a África e a América. Saramago tece comentários sobre as grandezas e pequenezas da vida e ironiza as autoridades e os políticos.

Saramago fala deste romance no *Discurso de Estocolmo*:

[...] o romance que então escrevi - *A Jangada de Pedra* – separou do continente europeu toda a Península Ibérica para a transformar numa grande ilha flutuante, movendo-se sem remos, nem velas, nem hélices em direção ao Sul do mundo, “massa de pedra e terra, coberta de cidades, aldeias, rios, bosques, fábricas, matos bravios, campos cultivados, com a sua gente e os seus animais”, a caminho de uma utopia nova: o encontro cultural dos povos peninsulares com os povos do outro lado do atlântico [...] As personagens da *Jangada de Pedra* – duas mulheres, três homens e um cão – viajam incansavelmente através da península enquanto ela vai sulcando o oceano. O mundo está a mudar e eles sabem que devem procurar em si mesmos as pessoas novas em que irão tornar-se [...] (Saramago, 1998, pp. 15-16).

A separação da Península Ibérica da Europa provoca pânico e desordem, no entanto as cinco personagens, caracterizadas por fatos extraordinários, seguem viagem em direção ao lugar da fissura, sendo conduzidas por um cão.

Um dos homens,” [...] Pedro Orce, de profissão farmacêutica, mais velho do que a imaginação lhes representara [...] é homem passante dos sessenta anos [...]” (Saramago, 2006, p. 69), é um espanhol que sente a terra tremer. E é ele que propõe: “E se fôssemos à costa ver passar o rochedo.” (Saramago, 2006, p. 72). E, assim, começa a viagem das personagens do romance *A Jangada de Pedra*.

Pedro Orce, um idoso, é o homem que faz amizade e se entende com o cão: “O Homem põe, o cão dispõe [...] pôs-lhe a mão sobre a cabeça. O cão cerrou os olhos sob o afago, duma maneira pungente, se tal palavra tem cabimento, é de cães que vimos falando, [...] e depois levantou-se, fitou os humanos um por um, deu-lhes tempo para entenderem e começou a andar” (Saramago, 2006, p. 131). O cão Constante vai ser o companheiro de Pedro Orce até a morte desse homem. “Velho ou cansado já vai estando o coração de Pedro Orce. Agora tem de repousar amiúde e mais tempo de cada vez, mas não desiste, conforta-o a presença do cão.” (Saramago, 2006, p. 166). Saramago descreve os sintomas da aproximação do fim da vida.

Neste romance Saramago associa a morte à solidão, quando afirma: “Pedro Orce, que está velho e tem já de morte o primeiro sinal, que é a solidão [...]” (Saramago, 2006, p. 189). E, desta forma, anuncia a morte eminente de Pedro Orce. No entanto, é Pedro Orce, homem idoso, que com sabedoria afirma: “[...] cada um de nós vê o mundo com os olhos que tem, e os olhos vêem o que querem, os olhos fazem a diversidade do mundo e fabricam as maravilhas, ainda que sejam de pedra, e as altas proas, ainda que sejam de ilusão” (Saramago, 1986, p. 189) e “[...] não tem conta o número de respostas que só está à espera das perguntas” (Saramago, 2006, p. 236). Portanto, é através da fala de uma personagem idosa que Saramago demonstra a sabedoria do ser humano ao falar dos sonhos que alimentam a vida humana e das verdades que necessitam de ser exploradas.

Pedro Orce morre ao final do romance, a península estaciona, todas as mulheres estão grávidas e a esperança de novos tempos e nova vida é renovada. Lopes questiona: “Da separação provinha uma outra Península Ibérica e, quiçá, uma outra Europa?” (Lopes, 2011, p. 82). Será possível que Espanha e Portugal possam caminhar juntos partilhando suas culturas de forma harmoniosa e buscando a convivência pacífica com os povos mais pobres do sul, que em tempos passados foram suas colônias? Poderá haver outra forma da Península Ibérica existir? Há que fazer perguntas para obter-se investigação e respostas.

### ***Ensaio sobre a Cegueira (publicado em 1995) - o velho da venda preta (velho)***

A irracionalidade do mundo contemporâneo foi a mola propulsora para o desenvolvimento deste romance. *O Ensaio sobre a Cegueira* pode ser considerado um romance cruel, com descrição de episódios que remetem às necessidades básicas do ser humano. O autor leva seus leitores numa terrível viagem, onde ficam evidentes as necessidades básicas do ser humano em detrimento de valores morais e éticos. A cegueira alcança a todos, com exceção de uma única personagem, a mulher do médico, que procura manter-se racional.

Saramago vem lembrar a seus leitores, através da fala da mulher do médico, “A responsabilidade de ter olhos quando os outros os perderam” (Saramago, 1995, p. 241). É um livro sobre valores e sentimentos: a ética, o amor e a solidariedade.

Lopes fala do sofrimento do narrador:

Ao *Expresso*, por exemplo, referiria que: “O tempo da escrita, sobretudo nos últimos tempos, foi de sofrimento, de momentos em que me sentia incapaz de aguentar aquilo que estava a escrever [...] Foi como se tivesse dentro de mim uma coisa feia, horrível, e tivesse que sacá-la. Mas não saiu, está no livro e está dentro de mim” (28 de outubro de 1995). (Lopes, 2011, p. 108).

Sofreu Saramago ao escrever o livro e sofrem todos os leitores ao se deparar com cenas que retratam o cotidiano da humanidade.

No romance, uma das personagens é denominada como o velho da venda preta. A descrição da chegada dele ao manicômio, onde eram colocados todos os que perdiam a visão, é:

Um velho com uma venda preta num dos olhos veio da cerca. [...] Tinha sido o primeiro a tropeçar nos mortos, mas não gritou. Deixou-se ficar com eles, ao lado deles, à espera de que voltassem a paz e o silêncio. [...] Devagar, com os braços estendidos, buscou o caminho. Encontrou a porta da primeira camarata da ala direita, ouviu vozes que vinham de dentro, então perguntou. Há aqui uma cama para mim.” (Saramago, 1995, p. 115).

Assim, é retratada uma pessoa cautelosa, que com tranquilidade vai vencendo os obstáculos e resolvendo os problemas, apesar das adversidades. É este homem que relata o que está acontecendo fora do manicômio. Ele diz: “[...] assim está o mundo feito, que tem a verdade muitas vezes de disfarçar-se de mentira para chegar aos seus fins” (Saramago, 1995, p. 126), expressando seu entendimento sobre o funcionamento do mundo e da humanidade.

Na obra ele vive uma história de amor com a rapariga dos óculos escuros e declara seu amor para a amada: “[...] o homem que eu ainda sou gosta da mulher que tu és [...] Na minha idade o ridículo mete medo” (Saramago, 1995, p. 291). Enfim, é o amor na idade madura, semelhante ao amor de Saramago por Pilar, mas que vence todo o tipo de preconceito.

Saramago encerra o romance com o pensamento da mulher do médico: “Penso que não cegámos, penso que estamos cegos, Cegos que vêem, Cegos que, vendo, não vêem.” (Saramago, 1995, p. 310). É o alerta de Saramago para seus leitores sobre a humanidade que cega não percebe o seu semelhante. É a irracionalidade do mundo contemporâneo.

### ***Todos os Nomes* (publicado em 1997) - a senhora do rés-do-chão (senhora de muita idade)**

É a história de um funcionário público da Conservatória dos Registos Centrais que resolve pesquisar sobre um nome e, obstinadamente, busca informações sobre essa pessoa. “[...] há uma mulher que está morta e que é o pólo de tudo aquilo que vai sucedendo” (Saramago apud Silva, 2009, p. 109). Saramago provoca a reflexão sobre a vida e a morte. Uma pessoa não está morta enquanto alguém pensa nela e tem sentimentos por ela. Saramago afirmou que escrevia porque não queria morrer. “Escrever é fazer recuar a morte, é dilatar o espaço da vida.” (Saramago apud Aguilera, 2010, p. 206). Enquanto houver leitores de Saramago, ele estará vivo.

Sobre o romance *Todos os Nomes*, disse Saramago (2011, p. 13): “Um romance que se chama *Todos os Nomes* e onde não haverá nomes...Ter dito todos os nomes seria uma boa razão para não escrever nenhum.” Apenas um nome: José. Um homem simples, humilde e solitário, escrevente por ofício, inconformado com a escrita da vida. A mulher desconhecida, uma mulher divorciada e suicida, tem a capacidade de dar valor e motivação à vida de José. Assim, José, o homem simples, apagado, da Conservatória, exclama “Nada no mundo tem sentido” (Saramago,

1997, p. 274). E, ainda, “[...] na vida não faltam coisas por explicar” (Saramago, 1997, p. 266). E, vai investigar a vida e a morte da mulher desconhecida. Há o que explorar e explicar. Deste modo, Saramago provoca a reflexão sobre o sentido de se estar no mundo.

A personagem senhora do rés-do-chão é apresentada da seguinte forma: “No rés-do-chão direito vive uma senhora de muita idade” (Saramago, 1997, p. 53). É ela que fala com José da convivência e do amor: “[...] perdoa-se porque se ama, ama-se porque se perdoa” (Saramago, 1997, p. 63). É a chave para a convivência: amor e perdão devem andar juntos, que a senhora idosa, já bastante vivida e experiente, apresenta para José.

Ela também denuncia um dos maiores problemas dos idosos: “[...] não tenho ninguém com quem falar” (Saramago, 1997, p. 65). E, assim, tem longas conversas com José sobre o sentido da vida e da morte: “É o que a morte tem de bom, com ela acaba-se tudo” (Saramago, 1997, p. 194), “[...] não há vida sem mentiras [...] não é possível enganar a morte.” (Saramago, 1997, p.199) e “[...] quando chegamos a velhos e percebemos que se nos está a acabar o tempo, dá-nos para imaginar que temos na mão o remédio de todos os males do mundo” (Saramago, 1997, pp. 199-200). Ela é capaz de levar ternura ao solitário escrevente José: “[...]ela manteve a minha mão agarrada e levou-a aos lábios. Nunca na minha vida uma mulher me tinha feito isto, senti-o como um choque na alma, um estremecimento do coração” (Saramago, 1997, p. 200). Portanto, é através da conversa dessa personagem com José que são expostas reflexões sobre o viver de um ser idoso e é manifestada a ternura da idosa.

Quase ao final do romance, o chefe da Conservatória proclama: “Assim como a morte definitiva é o fruto último da vontade de esquecimento, assim a vontade de lembrança poderá perpetuar-nos a vida.” (SARAMAGO, 1997, p. 209). Portanto uma pessoa não morre enquanto está viva na lembrança de outra. É a conclusão da reflexão sobre a vida e a morte de um ser.

### **A Caverna (2000) – Cipriano Algor (64 anos)**

Acompanhando e analisando o processo de globalização da sociedade, Saramago escreve o romance *A caverna*, no ano 2000. O romance é uma metáfora da vida em que os seres humanos praticam os mesmos gestos, têm a mesma cultura, consomem os mesmos produtos e vivem da mesma forma. Saramago traz sua crítica para a sociedade de espetáculos que se cristaliza no poder das novas tecnologias e nos grandes centros comerciais, em que o ser humano não perde o emprego, mas a função. É a sociedade da exibição na qual prevalecem os verbos comprar e vender. É um romance que fala de mudanças e de como elas são percebidas e assimiladas pelo ser humano.

A personagem Cipriano Algor é apresentada no primeiro parágrafo do romance: “ O homem que conduz a camioneta chama-se Cipriano Algor, é oleiro de profissão e tem sessenta e quatro anos” (Saramago, 2000, p. 11). Já no princípio do romance, Cipriano Algor é avisado da falta de mercado para os seus produtos artesanais: “Pode dizer-me o que é que fez que as vendas tivessem baixado tanto, Acho que foi o aparecimento aí de umas louças de plástico a imitar o barro, imitam-no tão bem que parecem autênticas, com a vantagem de que pesam muito menos e são muito mais baratas” (Saramago, 2000, p. 23). Assim, Cipriano Algor percebe que aquilo que sempre fez não é mais necessário e ele proclama: “[...] trabalhas, trabalhas e trabalhas, e um dia [...] dizem-te que o que fizeste não serviu para nada” (Saramago, 2000, p. 43). É a

denúncia de um mundo globalizado onde a produção artesanal não tem lugar. Cipriano Algor passa a fazer considerações sobre o mundo globalizado.

Os diálogos entre o pai, Cipriano Algor, e a filha, Marta, são muito ricos e sábios, apesar da simplicidade das personagens. Ela diz ao pai: “[...] gosto de conversar consigo como se não fosse meu pai, gosto de fazer de conta, como diz, de que somos simplesmente duas pessoas que se quer muito, pai e filha que se amam porque o são, mas que igualmente se queriam com amor de amigos se o não fossem.” (Saramago, 2000, p. 67). As falas de pai e filha demonstram a cumplicidade e o amor que existe entre os dois.

Refletindo sobre a finitude da vida, Cipriano fala para Marta: “A véspera é o que trazemos a cada dia que vamos vivendo, a vida é acarretar vésperas como quem acarreta pedras, quando já não podemos com a carga acabou-se a transportação, o último dia é o único a que não se pode chamar véspera” (Saramago, 2000, p. 76). Assim, o idoso Cipriano Algor manifesta seu entendimento sobre a morte. E sobre o ato da leitura, Cipriano diz a Marta:

[...] há quem leve a vida inteira a ler sem nunca ter conseguido ir mais além da leitura, ficam pegados à página, não percebem que as palavras são apenas pedras postas a atravessar a corrente de um rio, se estão ali é para que possamos chegar à outra margem, a outra margem é que importa (Saramago, 2000, p. 77).

Nessa fala, Saramago, através de Cipriano, esclarece que quem lê deve buscar o entendimento do que leu. Talvez seja uma crítica aos analfabetos funcionais que leem, mas são incapazes de apreenderem o significado. No entanto, também pode ser uma crítica aos seres humanos que passam pela vida sem adquirir sabedoria, ou seja, sem conhecimento adquirido pela experiência, pela vivência. Não basta viver, é necessário aprender com a vida.

A viúva Isaura se encontra com Cipriano no cemitério, onde os dois tinham ido para visitar as sepulturas de seus cônjuges. Eles se cumprimentam e falam sobre a substituição de um cântaro que se partira. Cipriano resolve dar um cântaro novo (de seu fabrico) a Isaura que lhe diz: “Muito obrigada, [...] depois do que conversámos lá no cemitério pensei que não há grande diferença entre as coisas e as pessoas, têm a sua vida, duram um tempo, e em pouco acabam, como tudo no mundo.” (Saramago, 2000, p. 62). Outra reflexão sobre a finitude da vida e a aceitação da morte. É poética a forma como ela manifesta o seu amor por Cipriano “[...] quando apertei aquele cântaro contra o peito, realmente era preciso que fosses homem para não compreenderes que te estava a apertar a ti [...]” (Saramago, 2000, p. 348). Assim, mais uma vez é retrato o amor na idade avançada, à semelhança do amor de Saramago e Pilar.

A família de oleiros, liderada pela personagem idosa Cipriano Algor, se recusa a aceitar a realidade do centro comercial, do mundo consumista e da sociedade do espetáculo. Assim, renasce a esperança, voltada para casos isolados e não como fenômeno social, ressaltando o pessimismo de José Saramago.

### ***As Intermitências da Morte (2005) – a velhice e a morte***

Neste livro a personagem principal é a morte. O romance é uma discussão filosófica sobre a morte. Nele é discutida a greve da morte durante certo período de tempo, em determinado lugar, e os diversos problemas que tal fato provoca na sociedade envolvida com a sobrecarga de seres humanos inválidos para sempre, que necessitam de cuidados e provocam gastos, mas que

não produzem. É a discussão da morte, ou da falta dela, no plano social e pessoal. O próprio Saramago discorre sobre o livro:

[...] tomei a morte como tema de uma reflexão mais profunda. No livro, uso primeiro uma grande angular e crio uma fantasia em torno de uma suposição: como a ausência da morte afectaria uma sociedade inteira? Depois, fecho a objectiva para um caso específico: a morte materializa-se em personagem e tenta carregar para o além um violoncelista que insiste em não morrer. Procuo demonstrar que a morte é fundamental para o equilíbrio da natureza. (Saramago apud Aguilera, 2010, p. 330).

Portanto, Saramago, através da greve da morte, encaminha os leitores para a análise de como este mundo, em que se vive, funciona: os idosos que ao final de sua vida são confinados em asilos perdendo contato com seus familiares e não recebendo deles os cuidados necessários; as empresas cujo lema é a produtividade, o ganho, não se preocupando com o ser humano; os representantes do governo sempre objetivando ganhos pessoais e a próxima eleição; as associações ilegais que sempre surgem em momentos de desventura e que servem para, em sua grande maioria, explorar ou tirar benefícios dos menos afortunados e até as religiões que pregam a caridade, mas que não a praticam. E tudo está globalizado! Em todas as partes do mundo acontecem, mais ou menos, os mesmos fatos: a mesma ganância, a mesma falta de caridade, as mesmas iniquidades, as mesmas maldades...

Neste contexto, Saramago questiona: “Porque gastamos tanto tempo a perguntar o que há além da vida? Se nos interrogássemos sobre o que realmente se está a passar aqui na vida, no tempo que nos calhou.” (Saramago apud Aguilera, 2010, p. 331), provocando seus leitores para a reflexão sobre o mundo e o agir da sociedade.

Em 2005, quando foi publicado este livro, Saramago já era um homem octagenário. Portanto, um homem que já considerava sua velhice e sua finitude. Assim, ele diz: “[*As Intermittências da Morte*] foi um livro escrito com alegria. [...] É uma alegria que vem não só pelo tom irônico, sarcástico às vezes, divertido, mas também porque é como se me sentisse superior à morte dizendo-lhe “estou a brincar contigo.” (Saramago apud Aguilera, 2010, p. 331). E, fala da inevitabilidade da morte e da invisibilidade dos idosos: “Podemos usar cirurgia estética e cosmética, mas a velhice e a morte apenas podemos adiá-las. E no fundo aceleramos um pouco a morte: quando internamos os nossos idosos e os escondemos da nossa vida. O seu fim começa então, nessa invisibilidade.” (Saramago apud Aguilera, 2010, p. 184).

No romance, Saramago afirma que “[...] a morte, por si mesma, sozinha, sem qualquer ajuda externa, sempre matou muito menos que o homem.” (Saramago, 2014, p. 119), culpando o ser humano pelas atrocidades contra o seu semelhante. Ao final do romance, fica a dúvida se o amor e a arte triunfam ou não sobre a morte. “A morte voltou para a cama, abraçou-se ao homem e, sem compreender o que lhe estava a suceder, ela que nunca dormia, sentiu que o sono lhe fazia descair suavemente as pálpebras. No dia seguinte ninguém morreu.” (Saramago, 2014, p. 229). Talvez, temporariamente, o amor vença a morte.

Saramago conclui sobre o livro e sobre a morte:

Viver eternamente seria estar condenado a uma velhice eterna. Salvo se o tempo parasse. E isso não está no livro. Mas teria também efeitos perversos. No fundo, o livro [*As Intermittências da Morte*] empurra uma porta aberta. Diz aquilo que todos já sabemos:

que temos que morrer. Mas talvez mostre, com mais clareza, que temos que morrer para viver. Se não, a vida seria insuportável (Saramago apud Aguilera, 2010, pp. 331-332).

E, Saramago adverte: “Viver eternamente nunca podia ser uma coisa boa” (Saramago apud Aguilera, 2010, p. 183). É um idoso buscando aceitar a inevitabilidade da morte. Portanto, o romance busca levar o leitor a meditar sobre a vida e a necessidade da morte.

### ***A viagem do Elefante (2008) - vida, velhice e morte***

A frase que Saramago usa para iniciar o romance é: “Sempre chegamos ao sítio onde nos esperam.” (Saramago, 2008). O livro relata a viagem que o elefante Salomão faz de Lisboa a Viena. *A viagem do elefante* é um romance no qual Saramago, sempre irônico, faz considerações sobre a natureza humana. E, portanto, o destino final do elefante Salomão é o mesmo destino final de todo ser humano – a morte. É aonde se chega, pois é onde se é esperado. A vida é viagem, que pode ser diferente para cada ser. Mas, o destino final é conhecido.

No romance, o arquiduque diz a Fritz, o cornaca, “Se toda a gente fizesse o que pode, o mundo estaria com certeza melhor.” (Saramago, 2008, p. 253). Assim, é dito que as pessoas se absterem de tomar decisões e buscar ações que contribuam para a melhoria do mundo e da sociedade. Portanto, ficar acomodado e esperar a decisão do outro é sempre mais fácil.

Saramago escreve este romance já bem idoso e doente. Ele fala do romance:

*A Viagem do Elefante* está muito próxima da nossa própria existência e da nossa própria identidade. O livro não teria sido escrito se a conclusão da vida do elefante não tivesse sido como foi: cortaram-lhe as patas para as usarem como recipiente de guarda-chuvas e bengalas. É uma metáfora da vida humana. No fim a pergunta é sempre: e para quê? O que me levou a escrever o livro foi chegar a esta conclusão prosaica e ridícula.” (Saramago apud Aguilera, 2010, p. 337).

Desta forma, neste romance, Saramago reflete sobre a vida: “A vida, porém, tem muitas cartas no baralho e não é raro que as jogue quando menos se espera.” (Saramago, 2008, p. 251). A vida é imprevisível, mas a morte é certa.

### **Considerações**

Saramago, frequentemente, dirigia suas críticas à sociedade contemporânea e afirmava que:

O escritor, se é pessoa do seu tempo, se não ficou ancorado no passado, há-de conhecer os problemas do tempo que lhe calhou viver. E que problemas são esses hoje? Que não estamos num mundo aceitável, bem pelo contrário, vivemos num mundo que está a ir de mal a pior e que humanamente não serve (Saramago, 2009, p. 157).

Neste cenário, um dos problemas que se verifica na sociedade atual é o cuidado (ou a falta de cuidado) com as pessoas idosas. De forma geral, os países estão caminhando de forma acelerada para ter em suas populações uma grande quantidade de cidadãos idosos. Assim, é necessário que se façam reflexões sobre essa fase na vida dos seres humanos. A inclusão de personagens idosas, sábias e ativas, nos romances, propicia a reflexão dos leitores de Saramago sobre o assunto. Como descrito, as personagens idosas dos romances de Saramago são retratadas como pessoas sábias, perseverantes e ternas.

Saramago diz que “[...] os livros levam uma pessoa dentro, o autor.” (Saramago, 1995a, p. 95). E, junto com o autor vão suas preocupações com o mundo e a sociedade, que ele transmite a partir da fala de suas personagens.

O Padre António Vieira faz algumas considerações sobre a vida e a velhice:

Quem haverá que olhe para o mundo com os olhos bem abertos, que veja como todo é nada, como todo é mentira, como todo é inconstância, como hoje não são os que ontem foram, como amanhã não hão-de ser os que hoje são, como tudo acabou e tudo acaba, como todos havemos de acabar e todos imos acabando: enfim, que veja ao mundo bem como é em si, que se não desengane com ele e se não desengane dele?” (Vieira apud Silva, 2013, p. 215).

Portanto, a velhice vem para todos, assim como a finitude da vida.

No entanto, Saramago lembrava que “Escrever é fazer recuar a morte, é dilatar o espaço da vida.” (Saramago apud Aguilera, 2010, p. 206). E, ainda: “Escrevemos porque não queremos morrer. É esta a razão profunda do acto de escrever.” (Saramago apud Aguilera, 2010, p. 212). O que Saramago diz é que enquanto os leitores manuseiam, estudam, analisam e interpretam sua obra, ele está vivo. Vivo nos seus escritos e vivo na lembrança de seus leitores. O mesmo ocorre com outras pessoas. Enquanto há algum ser humano que fala, cita, e se lembra, a pessoa continua viva, como continuam vivos os avós de Saramago que se perpetuam na obra de Saramago.

Porém, Saramago afirma que “[...] é bem verdade que não basta gravar o nome numa pedra, a pedra fica, sim senhores, salvou-se, mas o nome, se todos os dias o não forem ler, apaga-se, esquece, não está cá.” (Saramago, 1988, p. 57). Deste modo, não basta ter escrito uma obra, é necessário que a obra seja lida, que ela tenha leitores e que estes se dediquem ao seu estudo e análise.

Finalmente, conclui-se que a velhice é retratada nos romances de Saramago como uma fase da vida com muita sabedoria e perspicácia, mas também com muita ternura e afabilidade. No entanto, são destacadas a solidão e a perda da ocupação profissional como problemas constantes na velhice. O amor é descrito como atemporal e algumas das personagens idosas o viveciam. Quanto à finitude da vida, Saramago lembra que a morte é certa e necessária: “Viver eternamente nunca podia ser uma coisa boa” (Saramago apud Aguilera, 2010, p. 183), principalmente no mundo e na sociedade atual.

## Bibliografia

- Aguilera, F.G. (2010). *José Saramago nas suas palavras*. (2a ed.). Alfragide, Portugal: Caminho.
- Lopes, J.M. (2011). *Biografia – José Saramago*. Lisboa, Portugal: Guerra & Paz.
- Nobel Prize (1998). Recuperado em 03 de agosto de 2015 de [http://www.nobelprize.org/nobel\\_prizes/literature/laureates/1998/press-po.html](http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/1998/press-po.html).
- Saramago, J. (1988). *O ano da morte de Ricardo Reis*. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras.
- Saramago, J. (1995). *Ensaio sobre a cegueira*. Lisboa, Portugal: Editorial Caminho.
- Saramago, J. (1995a). *Cadernos de Lanzarote: Diário II*. Lisboa Portugal: Editorial Caminho.
- Saramago, J. (1997). *Todos os Nomes*. Lisboa, Portugal: Editorial Caminho.
- Saramago, J. (1998). *Discursos de Estocolmo*. Lisboa, Portugal: Fundação José Saramago.
- Saramago, J. (2000). *A caverna*. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras.
- Saramago, J. (2006). *A jangada de pedra*. Lisboa, Portugal: Editorial Caminho.
- Saramago, J. (2008). *A Viagem do Elefante*. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras.
- Saramago, J. (2009). *O Caderno 2*. Alfragide, Portugal: Editorial Caminho.

- Saramago, J. (2010). *Deste mundo e do outro*. Alfragide, Portugal: Editorial Caminho.
- Saramago, J. (2011). *Cadernos de Lanzarote: Diário V*. Alfragide, Portugal: Editorial Caminho.
- Saramago, J. (2012). *Levantado do Chão*. Lisboa, Portugal: Editorial Caminho.
- Saramago, J. (2013). *A estátua e a pedra*. Lisboa: Fundação José Saramago.
- Saramago, J. (2014). *As Intermittências da morte*. Lisboa, Portugal: Editorial Caminho.
- Silva, J. C. e. (2009). *Uma longa viagem com José Saramago*. Porto: Porto Editora.
- Silva, P. N. da (2013). *Citações e pensamentos de Padre António Vieira*. Alfragide, Portugal: Casa das Letras.



## Negação e renegação do idoso em “Feliz aniversário”, de Clarice Lispector: Olhares beauvoirianos sobre a figura da velha

MARIA DA LUZ LIMA SALES<sup>1</sup>

MÁRCIA DENISE DA ROCHA COLLINGE<sup>1</sup>

<sup>1</sup>IFPA

marcia.rocha@ifpa.edu.br

enviado a 19/01/2021 e aceite a 27/01/2021

### Resumo

O presente artigo propõe uma leitura sociocultural e literária do conto “Feliz aniversário”, parte da coletânea *Laços de família* (1960), da magistral escritora ucraniana, naturalizada brasileira, Clarice Lispector (1920-1977), a partir do estabelecimento de pontos de contato com as concepções da teórica social francesa Simone de Beauvoir (1908-1986), em *A velhice*, (1970), sobretudo pela exploração da figura da velha. Para tanto, interagimos com a protagonista da narrativa, Anita, na comemoração de seu 89º aniversário, junto de seus filhos, netos e agregados, pelas lentes metafóricas de uma “pantomima”, a qual nos permite melhor refletir, através de feições, ironias, subterfúgios, entre-lugares e paradoxos, sobre um retrato do cruel do tratamento da sociedade ao idoso, sendo este imputado, muitas vezes, pelos familiares. O enleir das obras filosófica e literária, trazendo à baila outros intérpretes do tema, assinala a efigie pungente da senilidade e seus reflexos sociedade hodierna.

Palavras-chave: obra literária; velho; conto clariceano; pensamento beauvoiriana.

### Abstract

This article proposes a sociocultural and literary reading of the short story “Happy Birthday,” found within the collection, *Family Ties* (1960), written by the renowned Ukrainian-Brazilian author, Clarice Lispector (1920-1977). Lispector’s story draws upon the establishment of points of contact which derive from the concepts of French social theoretician Simone de Beauvoir (1908-1986), in *Old Age* (1970), especially through the dissemination of the figure of the elderly. To this end, we interact with the protagonist of the narrative, Anita, in the celebration of her 89<sup>th</sup> birthday with her immediate family and in-laws, through the metaphorical lenses of a “pantomime”, allowing us to reflect, through features, ironies, subterfuges, middle-places and paradoxes. As all of these are quintessential elements in Lispector’s writings, they shed light on society’s treatment of the elderly, which is often attributed to family members. The enticement of philosophical and literary works, bringing other interpretations of the theme to the discussion, mark a poignant effigy of senility and its reflections in today’s society.

Keywords: Literary work; elderly; Clarician tale; Beauvoirian thought.

### Introdução

O conto de Clarice Lispector, “Feliz aniversário” (1960), inserido na coletânea *Laços de família*, relata com um olhar aquilino a comemoração do aniversário de 89 anos de Anita, uma mãe de sete filhos. Os parentes da aniversariante vêm de Olaria, bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro, para a festa luxuosamente vestidos, aproveitando o ensejo para passear em Copacabana, bairro elegante na época, hoje decadente. Nesse núcleo, há um conflito — fonte de desequilíbrio — que ocorre desde o início do texto, não sendo solucionado ao final deste (Nunes, 1989). A festividade que deveria proporcionar prazer e confraternização às personagens nela presentes, ao contrário, produz angústia, frustrações e antagonismos antigos na mente dos atantes, em uma narrativa cujo clímax segue lentamente até o desfecho, ainda mais amargo.

As *personae*, como atores de uma pantomima, bem ajustados em suas roupas de festa e mal ajustados entre si, comemoram um aniversário nauseante. Essa é a suprema ironia do aniversário infeliz, mesmo sendo da mãe de uma grande família, que remete às matrioscas, roliças e feitas de madeira, colocadas as menores dentro das maiores, formando um brinquedo singular. Dentro de uma mãe há uma filha, uma neta e, assim, sucessivamente, pois é da árvore que provêm os frutos.

Propomos uma leitura do conto como uma representação teatral em três atos: o início do festejo; o apogeu perturbador e seu desfecho misterioso. O primeiro ato mostra as personagens que aparecem de permeio, porém sempre estranhas em relação umas às outras e, principalmente, a uma genitora que deveria ser amada, ao menos pelos filhos. Desconstrói-se a ideia de família ditosa e ajustada e, no lugar, temos pessoas que só aparecem no festim para cumprir convenções sociais. No segundo ato, as cenas são mais intensas. Cada um assume seu papel de ator, ou seja, aquele que está representando e aparentando ser um filho, filha, nora, neto ou neta. O apogeu da festa é a hora em que Anita chega ao paroxismo de cuspir no chão e, depois, responde de modo malcriado à neta, insultando toda a família em sua cólera. O terceiro e derradeiro ato é quando a festa se desfaz e se condensa um sentimento amargo. A revolta sentida por Anita seria por tal imposição social, descaso ou pela saudade dos filhos?

Inicialmente nos debruçaremos sobre as personagens do conto clariceano “Feliz aniversário”, o qual classificamos nesse item como uma pantomima para dar seguimento à análise propriamente dita do drama que tais personagens desempenham na obra, nas ações abomináveis — porém naturalizadas hoje na sociedade — que levam a protagonista da narrativa ao paroxismo. O velho — usamos este termo por influência que tivemos de Simone de Beauvoir na obra *A velhice* (2018) e o qual permutaremos com outros sinônimos, a exemplo de *idoso* — é relegado a uma situação extrema de desamor e hipocrisia, mesmo por seus familiares. São tais características que a filósofa francesa analisa profundamente em sua obra e que aqui buscamos tangenciar alguns desses aspectos sociais complexos pelo viés de um olhar literário clariceano sobre o envelhecimento.

## 1. As personagens da pantomima clariceana

Anita, a aniversariante, foi posta pela filha Zilda, com quem morava, das duas até às quatro horas da tarde, sentada esperando à cabeceira da grande mesa vazia pela sua festa de aniversário. Ela tem um papel passivo, parece impotente horas a fio a ver os insetos, parecendo os “balões sungados” (Lispector, 2016, p. 180), vazios e cheios de ar.

Beauvoir (2018, p. 225) nos lembra a concepção de inutilidade que as sociedades têm em relação ao idoso e que o lega à passividade, fazendo-o crer em sua deterioração. A autora em questão afirma que “a sociedade de classes é que deu à velhice o seu aspecto ambivalente”. O velho é, ao mesmo tempo, uma figura respeitada pelo tempo de vida que possui, pelo simbolismo de uma passagem temporal vivenciada, mas também marginalizada, colocada em posição passiva ou escondida, como a retratada pelo conto de Lispector.

A mãe de todos ali, embora não se manifestasse, vivia amargurada porque o melhor filho havia morrido. A sua passividade oculta uma profunda angústia por ser incapaz de se expressar devidamente, e tal inquietude atingiu o paroxismo em um momento no qual, diante de todos os sujeitos, ela se viu impedida de dizer o que sentia. Citando Sartre, Beauvoir (2018, p. 228) fala

da sociedade como espaço de totalidade “destotalizada”, o que significa que se vive em meios sociais definidos por relações de reciprocidade marcadas pela ambivalência da condição humana livre na imanência das escolhas. Nesse sentido, a autora revela que a velhice causa no sujeito uma repugnância biológica, um desejo de não ver, algo que pode ser considerado como o tormento de encarar a passagem do tempo e de perceber, naquele sujeito velho, o próprio eu não produtivo, enfraquecido e passivo de tempos futuros.

O que fica evidente no ensaio de Beauvoir (2018) é que a velhice é algo encarado de maneiras diferentes de acordo com os sistemas sociais nos quais os sujeitos vivem. Essa concepção pragmática e utilitarista da velhice é bem diferente da compreendida pelos antigos pensadores gregos, como exposto por Michel Foucault (2006) em *Hermenêutica do Sujeito*. Os filósofos de então viam na velhice uma etapa especial da existência na qual os sujeitos, livres das prisões dos desejos da carne, encontrariam na maturidade a plenitude da liberdade por meio da racionalidade. Naquele contexto, mesmo não esquecendo o sistema escravagista de então, havia uma concepção da passagem temporal da existência diferente da que há na sociedade de classes contemporânea, a qual transforma o sujeito humano em mercadoria, sendo a velhice um período no qual o ancião é visto como obsoleto e sem utilidade.

A velhice então assume uma forma de ser vista diferente em nossos tempos. De apogeu do ser racional, ela é o ápice da decadência do sujeito mercadoria. No caso de uma família tipicamente burguesa como a representada no conto, a matriarca enfeitada é um objeto a representar o simbolismo da classe que vive de modo fetichizado, tendo seus trajes e sua pose como um disfarce raso de sua condição coisificada.

As únicas personagens no conto que têm seus nomes revelados são: Anita, a mãe; a filha Zilda, dona da casa e com quem ela mora; os três filhos (Jonga, já morto mas ainda presente na mente dos comensais; José, o segundo; Manoel, seu sócio); a neta Dorothy, o neto Rodrigo e a nora Cordélia, ou seja, sete protagonistas desta pequena tragédia anunciada, que assim é esperada pela nora de Olaria. Esta e a outra nora, a de Ipanema, apesar de não terem seus nomes na mimese, dão um relevo especial à trama, com suas animosidades vindo à tona na hora da comemoração do aniversário da velha sogra.

A segunda protagonista, Zilda, a única filha que residia com a mãe há anos, tinha a casa espaçosa onde alojá-la. A narradora não diz que ela residia com Anita, mas que a filha a *alojara*. O verbo alojar imprime a ideia de objeto a se *armazenar*, pois se alojam tanto pessoas quanto animais e objetos. Ela morava em um prédio decadente, a ser demolido em breve, dando lugar a outro mais moderno, conforme a ótica capitalista, com menos espaço e mais caro. Assim, as noras receavam que Zilda desejasse “empurrar a velha para as noras” (Lispector, 2016, p. 191), o que seria um drama por não a quererem por perto. A dona da casa a preparara, pondo-lhe uma presilha “em torno do pescoço” (Op. cit., 2016, p. 180), mandara os filhos para a casa da vizinha a fim de não desordenarem a mesa e pusera na mesa o grande bolo açucarado como para adoçar suas vidas insípidas.

A nora de Olaria, empertigada, usa roupas luxuosas demais para a ocasião, sente-se ultrajada, ofendida e fecha o semblante, muda. Ela oprime o filho com a gravata e as filhas com a roupa engomada, forçando-os à imobilidade e à falta de liberdade, de brincadeiras e folguedos. Mas eles tentam se rebelar dessa mãe opressora e grosseira, que desfere um cocre na cabeça do filho como vingança por ele estar *alegre demais* e já despojado da gravata em um lugar que ela

odiava e para onde só havia ido por obrigação social, que o marido a mandara para substituí-lo, pois este tinha uma rixa com os irmãos. Vale ressaltar um paralelo, aqui, entre duas fases da existência rotineiramente ligadas no discurso metafórico do senso comum, já que a velhice é tida como *velha infância*: a pessoa velha enxerga na criança uma liberdade que já não tem e por isso a agride. O leitor percebe os filhos da nora olariana, afetados com todo o luxo e brilho dela, como marionetes sob cordões que os movem daqui para lá, segundo as veleidades da mãe e da narradora capciosa.

Da nora de Ipanema também não há muitos elementos a caracterizá-la. Vai à cerimônia “com dois netos e a babá” (Lispector, 2016, p. 18), e, assim como a concunhada, permanece nas cadeiras do outro lado da mesa fingindo cuidar do nenê, mas apenas para não olhar à de Olaria, sentindo-se superior. Há que se observar que existe uma diferença marcante entre a Zona Norte do Rio de Janeiro, bairro em que moram os parentes da Olaria; e a Zona Sul, ambiente mais refinado, principalmente na época em que o conto foi escrito. Os túneis Santa Bárbara e Rebouças dividem os dois grandes lados da cidade, formando um abismo que a segrega, um *apartheid* brasileiro como tantos outros que existem neste país. Entre ambas essas mulheres, há uma distância abissal, porém, velada.

Ao invés de haver entre as noras boa vontade, amizade e sororidade, há, ao contrário, rivalidade. A sororidade, termo que nos veio do latim (*soror*: irmã), significa algo como a solidariedade e o apoio entre o gênero feminino. A rivalidade entre as mulheres foi naturalizada — e até estimulada — por sociedades machistas e patriarcais, como a brasileira, por séculos, o que faz com que meninas, moças e senhoras adotem, sem refletir, posturas intransigentes umas com as outras (Leal, 2019).

O outro filho, José, que, depois da morte do irmão mais velho, Jonga, tenta substituir o favorito no coração materno, mas sem o conseguir, chega à festa com a família, mas é autoritário com os irmãos e eles lhe obedecem como se fossem soldados. Via na mãe uma mulher rigorosa, e jamais poderia esquecer “aquele mesmo olhar firme e direto com que desde sempre olhara, fazendo-os sempre desviar os olhos. Amor de mãe era duro de suportar” (Lispector, 2016, p. 190). Vê-se, aqui, a moral dita oficial a que o adulto é impelido a seguir, moral esta que se impõe há séculos e é seguida pelo velho, fazendo com que o filho tenha de respeitá-lo forçosamente (Beauvoir, 2018). Nesse trecho, o discurso indireto livre obriga o leitor a atentar se quem está pensando é o narrador ou a personagem, já que nesse recurso narrativo, a distância entre um e outro se reduz.

Manoel, o outro filho de Anita, é o sócio de José e quase desprezado na festa. Trata-se de um homem subserviente, que teme a esposa e se esforça para adular o irmão. Todos riam de seu dito espirituoso, menos sua mulher. De longe ela o controlava, estendendo os ouvidos atentamente como para censurá-lo. Aflito, ele a olhava após repetir algumas palavras e, ao tentar disfarçar sorrindo, seus músculos do rosto se contraíam, mostrando às testemunhas o receio da esposa dominadora. Inicialmente e por um longo tempo, o leitor não fica sabendo que Manoel é filho de Anita, tanto que ele é apequenado nessa narrativa, antes, é apenas contado que ele é sócio de José e só se fica sabendo do elo filial quase ao final da narrativa. A narração acontece aos poucos e é assim que vamos descobrindo os segredos dessa família rancorosa, mesmo assim, não completamente.

Jonga, o filho mais velho que morreu, não se elucida como, era o único dos filhos a quem a mãe respeitava, e que, nesses eventos, fazia os discursos. Ao morrer, Anita resolvera não falar mais dele, esquecendo-o quiçá e põe uma barreira entre a morte deste filho e os demais. Ela aprovava e respeitava Jonga, o qual tornou-se um homem seguro de si, evidenciando a importância de se aprovar um filho, incentivando-o a ser forte, colaborando para que ele se torne mais firme em suas decisões. Ao contrário, as críticas e repreensões, quando exacerbadas, podem torná-lo inseguro perante os outros. Se eles, os filhos de Anita, não sabiam ao certo nem o que dizer é porque, certamente, não se sentiam à vontade na presença da matriarca.

Na primeira aparição de Cordélia, a nora mais jovem, ela está sentada e sorridente, mas seu sorriso parece vago, como uma boneca de louça, a mais estranha de todos naquele ambiente. Depois ela é desperta pelo alarido de vozes na hora de cantar os parabéns e olha esbaforida, como se estivesse alheia a todos. Na outra vez, nota-se seu ser ausente, com um sorriso tão tonto e misterioso, que uma das pessoas presentes pergunta o que teria ela. Mais tarde, ela se espanta com os punhos cerrados de Anita, como se estes dissessem à infeliz “que sem remédio amava pela última vez”, sendo necessário que se soubesse algo importante: “a vida é curta” (Lispector, 2016, p. 189). Com isso, Cordélia olha alarmada a aniversariante, mas o instante se desfaz. Ela esconde um segredo adivinhado talvez pela sogra, mas não revelado na trama clariceana e a narradora ainda a identifica como culpada. Embora Cordélia insista num olhar súplice por “um sinal de que uma mulher deve, num ímpeto dilacerante, enfim agarrar a sua derradeira chance e viver” (Lispector, 2016, p. 189), Anita permanece calada e não ficamos sabendo o enigma.

Rodrigo, seu filho de sete anos, é o neto preferido de Anita, por ser uma criança com feição viril. Ele deveria demonstrar ter mais personalidade para a avó amá-lo tanto. Esta acreditava que esse sim “seria um homem” (Op. cit., 2016, p. 185) de verdade, diferente dos outros netos.

Finalmente, Dorothy é a neta que, mesmo não intencionalmente, acaba desencadeando o estouro de exacerbação da avó, ao pedir-lhe que não bebesse vinho, por certo cuidado para com ela. O pecado da moça foi chamar a avó de “vovozinha”, palavra que irritou tanto a aniversariante a ponto de ela explodir em ira desmedida. Mais uma vez, Beauvoir (2018) alerta para o linguajar infantil com que se trata o idoso, muitas vezes ervado de ironias, sobretudo na desajustada pantomima clariceana, símbolo de tantas famílias brasileiras.

## **2. O paroxismo da velhice sob forma abominável**

A heroína do conto aparece reificada e simboliza o drama do abandono do idoso em nossa sociedade altamente individualista. Ela é comparada com um animal no trecho: “a velha de súbito cacarejou um riso frouxo” (Lispector, 2016, p. 190), como a galinha de outro conto dessa mesma coletânea, *Uma galinha*, que também tem a voz fraca e rouca após fuga alucinada e cuja captura expõe a impotência de alguns seres. Anita, no ápice da festa, cospe como se quisesse cuspir em todos e, após ser chamada de “vovozinha” pela neta, palavra aparentemente familiar e afetiva, que soa algo hipócrita (Fernandes, Costa & Silva, 2015), revela não aguentar mais sua condição passiva, grita, resumindo os filhos, noras e netos como uma “corja de maricas, cornos e vagabundos!” (Op. cit., 2016, p. 186) e deseja que o diabo os carregasse.

Apesar de estar em uma posição de prestígio dentro de uma família tipicamente burguesa, a matriarca se converte em objeto reificado, mero bibelô a assistir seres coisificados, que negam

essa consciência por meio de suas performances estereotipadas. As falas, os gestos, os cumprimentos, tudo é uma representação negada pela presença do *ser velho*, que gera um sentimento de angústia presente, de forma sutil e azeda ao longo de toda a narrativa. O pensamento das noras e filhos da aniversariante era de se distanciarem dela ao máximo possível, pois Anita incomodaria com sua presença, dando apenas trabalho e despesa. Julgá-la desse modo quando se trata da sogra, talvez seja banal, no entanto, em relação à mãe, torna-se moralmente reprovável. As sogras, conhecidas por serem mal vistas por noras e genros, têm problemas viscerais com estes e aquelas e suas hostilidades são geradas por possessividades e ciúmes.

Quando Zilda arruma a mãe e põe-lhe uma presilha no pescoço, um artefato para prender, está impondo-lhe regras de aparência, como reporta Beauvoir (2018), assim, evocando ao leitor o uso de uma gargalheira, espécie de coleira de ferro ou madeira usada nos escravos do Brasil colonial — um jugo ou correia que se usa no animal, submetendo-o aos desejos do dono. Além da argola em volta do pescoço, também lhe aspergira água-de-colônia para esconder “o cheiro de guardado” (Lispector, 2016, p. 180). O olhar de lince da narradora que tudo vê denuncia nossa falta de amor — ou o amor líquido baumaniano pós-moderno —, e entra no pensamento do leitor e desta personagem que guardava os presentes inúteis ganhados pela mãe. Nada que a mãe ou mesmo Zilda pudesse aproveitar, demonstrando ainda mais a falta de cuidados dos convidados nada altruístas.

Uma das inúmeras ironias neste conto é que os músculos faciais da aniversariante não a definiam mais, de sorte que não era possível saber se Anita estava feliz. Assim também os convidados, faziam questão de não aparentar na frente sua essência. Tal como nos *emoticons*, ícones de emoções, as personagens dessa peça escolhem a aparência que querem pôr: alegres, tristes, surpresos. Porém, estando muda e angustiada, a matrona se sentia infeliz em seu próprio aniversário, sendo uma figura de visão passiva sobre o espetáculo que a rodeia, encarnando uma condição coisificada de mulher e velha.

Outra ironia se encontra quando Anita não interagia na festa com os convivas, e estes, comemorar sem ela, dando-lhe, absurdamente, as costas. A celebração de seus anos prossegue e, na hora dos parabéns, José ordenou que todos comessem a cantar, mas uns o fizeram em português enquanto outros cantaram em inglês (Lispector, 1989), embarçando todos os presentes. Da outra vez, novo desarranjo: os que haviam cantado em inglês passaram a cantar em português, dando um cariz mais cômico e patético da narrativa.

Quando chega a hora de cortar o bolo, Anita o faz “com punho de assassina” (Lispector, 2016, p. 184), imprimindo força desmedida à mão como se estivesse possessa, chocando a todos. Após o primeiro corte, comparado com “a primeira pá de terra [que] tivesse sido lançada” (Op. cit., 2016, p. 184) parece que o “feliz aniversário” mais se assemelha a um ritual de sepultamento da mãe.

Após o corte do bolo e a divisão entre os comensais, os risos eram inquietos e, nesse momento, tudo pareceu artificial: fingia-se animação e todos se acotovelam como para comer o bolo, afetando alegria e apetite, prosseguindo em descaso e desatenção para com a aniversariante. Observamos ainda uma sociedade extremamente apegada à aparência. Este traço figura nos trejeitos da nora de Olaria, que disfarçava a barriga e, ostentando o melhor vestido, provava que não precisava dos parentes e lembra-nos as personagens de Dalcídio

Jurandir (2004) em *Belém do Grão-Pará* — como Emília, por exemplo, que trata mal a prima Isaura porque tem vergonha desta ser negra e pobre — que humilham os familiares por interesses nos quais o dinheiro é que importa e não o afeto das relações humanas. O clima de simulação prossegue também na obra paraense, todos comem sanduíches também mais como se estivessem animados. Absurdamente, é como se eles precisassem provar aos outros que estavam se divertindo na festa. Por fim, quando Anita já devorava seu derradeiro pedaço de bolo, a celebração se encaminha para o término, indicando que acabada a comida, acaba também a festa, afinal, todos esperavam que ela terminasse logo.

Nesta representação negada pela presença do *ser velho*, há um sentimento de angústia presente de forma sutil e azeda ao longo de toda a narrativa, as pessoas sentem rancor, inveja e mal-estar, o que é ainda acentuado pela forma como Zilda se revolta ao fim da comemoração, já que nenhuma das cunhadas a ajudou na realização da festa. Ao esperar da família algum reconhecimento, frustra-se. Ninguém se lembrou de elogiá-la pelo esforço e por ela ter inventado um enfeite de papel para a vela de aniversário. Como uma escrava por todo o trabalho dado, sente-se exausta, revoltada e envergonhada diante da família.

O tema das obrigações sociais é recorrente na literatura clariceana, conforme nota-se no conto infantil *A mulher que matou os peixes*, acerca de assuntos que devemos encarar, refletir e discutir, pois tais convenções, cada vez mais questionadas por sociedades alternativas, existem para nos oprimir. O leitor vê a nora de Olaria sentada sozinha com cara de bico e silenciosa, mostrando a que veio: para nada. Por que veio se não tinha nada a festejar?

A velhice é percebida nesta narrativa em uma perspectiva negativa, como um fardo que somente dá trabalho aos outros. Conceituada como uma etapa da existência em que o corpo e a mente se fragilizam e começam a falhar, pode configurar-se como uma das fases mais dolorosas da vida (Dias & Félix, 2009). Trata-se de uma desagradável e cruel realidade e Anita reconhece que seus filhos não são boas pessoas, sendo a única exceção o neto Rodrigo, o qual ela pensa que será um dia um homem de brio.

Percebemos, ainda, que a matrona de Clarice tem uma visão de sua prole contagiada pela herança clássica e mitológica das Idades de Ouro, Prata, Bronze e Ferro, segundo Graves (2018), a que Hesíodo refere-se em sua obra *Os trabalhos e os dias*. Não pertenceríamos nem às idades do ouro, prata ou bronze, mais nobres; teríamos surgido como descendentes do período do ferro, “descendentes indignos da quarta [era], degenerados, injustos, maliciosos, libidinosos, desonrosos com os pais e traiçoeiros” (Graves, 2018, p. 63). Não é à toa que o autor clássico de *Teogonia* e *Os trabalhos e os dias* declara que desejaria ter nascido em uma outra Era (e não a do ferro), pois julga os homens seus contemporâneos como decadentes e pervertidos, designando “a sua época como a pior, representando um imenso declínio em relação aos primeiros tempos da humanidade” (Hesíodo, 2012, p. 26).

O primeiro poeta europeu da Antiguidade, Hesíodo, escolheu como gênero preferido a exercer, o discurso didático, daí a tradição de termos até hoje uma literatura cujos ensinamentos são proferidos pelo ancião, a voz respeitosa de uma pessoa experiente e sábia (Hesíodo, 2012), ou seja, o velho, alguém com autoridade suficiente para falar livremente, sem ser interrompido. Ele conta, em *Teogonia*, que foi transformado pelas Musas, milaraculosamente, em vate — na época, um aedo, poeta profissional e itinerante que recitava seus poemas ao som da lira e harpa. As Musas, inteligentes e engenhosas filhas de Zeus (Fry, 2018), tê-lo-iam escolhido como um

intermediário para compor na Terra uma literatura de sabedoria, dando inclusive conselhos (Hesíodo, 2012).

Outro autor a valorizar a experiência humana recebida pelos anos e pelas viagens é Walter Benjamin (1987) em *Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. O autor vê o narrador (diga-se oral) como quem “sabe dar conselhos” (Benjamin, 1987, p. 200), com experiências vividas que são introduzidas à experiência de quem o ouve, porquanto defende a ideia de que “as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo” (Benjamin, 1987, p. 198). Percebe-se que nossa sabedoria e mundividência, passadas de uma pessoa a outra, estão em declínio, pois nossas experiências de mundo se empobreceram com o passar dos tempos. O narrador, aquele que conta suas experiências, extraiu-as tanto de sua própria vida quanto dos outros para poder contá-las aos demais, incorporando-as e enriquecendo-as ao que ele mesmo vivenciou (Benjamin, 1987). O mais velho, vivido e viajado, portanto, seria quem tem mais experiências e casos a contar.

Ao teorizar sobre a velhice, Simone de Beauvoir (2018) fala da relação mútua que deveria haver entre o idoso e o adulto, e tal reciprocidade prende-se ao relacionamento entre pais e filhos: se houver amor, este se pautará na idade mais avançada; se não houver, os relacionamentos tenderão ao caos. A filósofa francesa explica que as pessoas mais ativas enxergam o velho como uma figura estranha que lhe sugere repugnância, na qual não se veem, também nos lembrando que os heróis da mitologia revoltaram-se e lutaram contra os pais e isso se daria porque há no filho o desejo de suplantar e substituir seu genitor.

Nesse sentido, a velhice seria um reflexo incômodo da transitoriedade da existência humana, marcada duplamente pela não produtividade do velho, geralmente vivendo em uma sociedade que não o integra plenamente, e pela morte que se aproxima. Tal morte é reforçada por esse signo de não produtividade, que exige o cuidado do outro, e o ser, perdido em uma existência fetichizada que tenta disfarçar a passagem do tempo, nega-se a esse cuidado, tornando o velho figura marginal em nossa sociedade (Beauvoir, 2018).

Os filhos de Anita, como seres errantes, forçam-se para ser gentis, mas tal gentileza soa fingida, o que é referido por Soares (2016), com base em Bachelard, acerca da complexidade de personagens como os do conto clariceano: “é no amago do ser que o ser é errante” (Bachelard, 2000, p. 208, apud Soares, 2016, p. 123). É o caso de José que até se sente vaidoso de sua mãe encontrar-se em idade tão avançada, vendo isso, contudo, como uma artimanha dela ao ser esperta a ponto de sempre viver mais um ano, paradoxalmente, dando a entender que uma vida longa não representasse algo de bom (Lispector, 2016).

No auge da festa, a presilha sufocava e Anita, apesar de ser a mãe de todos, desprezava-os, considerando-os “carne de seu joelho” (Lispector, 2016, p. 185). Em idade avançada, estava morrendo e sentia que a vida lhe falhara em seus rebentos, que lhe lembravam “ratos se acotovelando” (Op. cit., 2016, p. 185). Logo ela, que obedecera ao marido, mas que também fora uma mulher independente. Conseguira o difícil equilíbrio: ter ao mesmo tempo obediência e autonomia, fazer as vontades do esposo, mas impondo sua personalidade e a própria vontade.

Ademais, o conto lispectoriano nos conduz a três episódios bíblicos: um é quando Zilda repreende Anita na hora em que ela cospe no chão, gritando: “Que é isso, mamãe!” (Lispector, 2016, p. 185), não querendo nem olhar os convidados, cheia de vergonha e sabendo que seus irmãos (uns “desgraçados”) se olhavam entre si como se ela tivesse de ser incumbida da

educação da mãe, não faltando muito para eles “dizerem que ela não dava mais banho na mãe, jamais entenderiam o sacrifício que ela fazia” (Lispector, 2016, p. 185- 186). Zilda, importando-se demais com o que pensavam dela, com o que diriam e, ao desejar passar como caridosa, fazia de tudo para aparentar o que, no íntimo, não era. Acrescentava, a fim de que todos ouvissem, que a mãe nunca havia feito aquilo, no intuito de se integrar ao susto de todos, “quando o galo cantar pela terceira vez renegarás tua mãe” (Lispector, 2016, p. 186). Nesse trecho, a narradora nos leva à passagem bíblica do apóstolo Pedro, quando, depois de Jesus ter-lhe dito: “Antes que o galo cante hoje, tu me negarás três vezes” (Bíblia, 1989, p. 1022), assim o faz antes de o galo cantar naquela madrugada no Monte das Oliveiras — trai para salvar sua própria pele, demonstrando o medo de ser preso. Renegar é negar duas vezes e Zilda renega a mãe porque, em sua condição, já teria cuspidido outras vezes, mas o que importa aqui é ela se agregar aos demais, passando para o lado deles e, assim, ficando contra o lado mais fraco. A fraqueza suplantou o amor de Pedro e de Zilda. Cabe lembrar o que Nietzsche, em *Humano, demasiado humano*, escreve: “mentimos quando a astúcia e o fingimento são meios corretos para a autoconservação” (Lima, 2019, p. 318). Nesse respeito, Lima afirma que muitas pessoas “no lugar de Pedro abririam mão da glória dos mártires e prefeririam a vida” (Op. cit., 2019, p. 319). Portanto, mentir nessas ocasiões não seria tão abominável, porém justificável, conforme ocorre no conto em análise.

Outra passagem no conto clariceano que remete à Bíblia recorda o episódio que o apóstolo João (no capítulo 21, versículo 18) descreve o tempo em que somos jovens como o que costumamos apertar nosso cinto e andar por onde desejássemos. Entretanto, quando formos velhos, estenderemos nossas mãos e outrem nos apertará a cinta e nos levará para onde não quisermos (Bíblia, 1989, p. 1054). Esse trecho mostra sermos vulneráveis aos mais fortes e jovens, aqueles que se esquecem de que envelhecerão um dia e tratam a senilidade como algo repugnante e execrável. Zilda pôs o *colar* na mãe, sufocando-a e tiranizando-a, como reporta Beauvoir (2018) sobre a forma dissimulada de lidar com o idoso quando este depende do filho. Nesse estágio da vida, não temos mais controle sobre nós, e outros nos levarão aonde desejarem à revelia de nossa vontade.

O terceiro trecho diz respeito a quando Anita acredita que seu “tronco fora bom. Mas dera aqueles azedos e infelizes frutos” (Lispector, 2016, p. 185), lembrando o episódio de Mateus (7:17-20), o qual diz que “A árvore boa não pode produzir maus frutos, nem a árvore má, bons frutos” (Bíblia, 1989, p. 934). Como um tronco bom resultaria em maus frutos? “Pelos atos desses tais, portanto, é que os reconheceréis” (Op. cit., 1989, p. 934). Nessa passagem, a matriosca, que teria dentro de si outras menores, mas idênticas a ela, reflete se passaria sua descendência à posteridade, igual a si ou semelhante. Os filhos e netos teriam saído diferentes dela? Ou seus filhos que teriam feito más escolhas e assim degenerariam as gerações posteriores?

As palavras, expressões corporais (punhos cerrados, músculos do rosto enrijecidos) e ações (ferocidade na hora de cortar o bolo) da protagonista revelam a revolta desta. Todos os eventos dessa reunião fatídica a enojam e ela primeiro tem vontade de cuspir neles e depois chega ao cúmulo de o fazer no chão. Dos gestos humanos, o que mais reflete e simboliza o nojo é o cuspo, o qual reflete tanto o asco quanto o desprezo, a aversão por algo ou alguém. O nojo, inicialmente soaria como alguma coisa repelente à gustação, para Darwin, um dos primeiros a estudar o

tema, segundo Georgetti e Tabatschnic (2006, p. 22). Sempre uma reação para algo desagradável e repelente, mas tendendo a atrair e repelir ao mesmo tempo para esses autores. De tais sensações, o nojo seria um dos mais intensos e perturbadores. E todos no salão olhavam para Anita, atraídos e perplexos.

Ao sair da festa, proferiram: “Adeus, até outro dia, precisamos nos ver” (Lispector, 2016, p. 191), ao que a dona da casa respondera “rapidamente” para aparecerem. Era a hora em que a mentira poderia ser dita: “um instante que pedia para ser vivo. Mas que era morto” (Lispector, 2016, p. 191). Simulados, seguiam para suas casas, buscando um modo de se separarem sem serem bruscos, sem cortar totalmente os laços.

Ao estudar as crônicas clariceanas, Denise Ferraz mostra o posicionamento dúplice de Lispector. Esta, em sua literatura de última fase promove uma união com a alteridade, colocando “em causa as faces mais controvertidas do poder, das instituições sociais, da história feita pelos vencedores para os vencidos” (Ferraz, 2010, p. 19). Embora a obra estudada pertença à segunda fase da autora, pode-se traçar um paralelo entre o conto em pauta e suas crônicas, vendo a autora esmiuçar o mundo e os homens uns aos outros (Ferraz, 2010) e revelando-o ao leitor. Os vencedores aí aludidos encaixar-se-iam no lugar privilegiado dos mais jovens que Anita. A estudiosa cita, em sua tese, o trabalho de Chiappini, reportando-se à pesquisa científica da mulher de classe média na obra clariceana, quando Simone de Beauvoir escrevia *O segundo sexo* e *A velhice*.

Ao final do conto e de nossa leitura pantomímica, Anita permanecia onde a puseram: “à cabeceira da mesa, ereta, definitiva, maior do que ela mesma” (Lispector, 2016, p. 192) e, meditativa, se pergunta se iria haver jantar. Com a última frase do conto: “A morte era o seu mistério” (Op. cit., 2016, p. 192), a obra se mantém aberta, pois o termo *definitiva* referindo-se à palavra mãe define o caráter final, mas, ao mesmo tempo, incerto do destino da matrona nessa narrativa. O pensamento beauvoiriano leva, ainda, à constatação da condição do velho, que decai sempre, até seu ocaso. Ainda iria haver jantar? Ainda iria haver o próximo aniversário? Ou a idosa morreria antes de completar 90 anos? Fica o mistério da velhice a interrogar a vida e a morte, entre os tantos mistérios clariceanos.

### **Considerações finais**

A leitura da obra de Clarice Lispector converge com a leitura da vida, disse-lhe, certa vez, Guimarães Rosa. São livros que nos trazem o desassossego, mas também um aprendizado não pedagogizante para a vivência mais humanizada de seres humanos que estão perdendo a noção da dignidade humana. Tocando a essência da alma humana e suas vicissitudes, a autora nos prende em seus fios de narrativa, a fim de que enfrentemos nossos pensamentos mais recônditos.

O conto “Feliz aniversário” apresenta um retrato doloroso da figura do idoso em nossa sociedade individualista e reificadora. O diálogo aqui proposto entre Clarice, Beauvoir e outros teóricos, nos conduziu a refletir se o tratamento ao idoso mereceria o lugar de mero e incômodo objeto juntamente — ou separadamente — de outros seres mais ativos e, presumivelmente, imprescindíveis. A questão é atentar para essa atribuição que o Outro recebe, a fim de que evitemos papéis sociais que não desejamos para nós num futuro não tão distante, mas cada vez mais normalizado nos dias hodiernos.

## Bibliografia

- Beauvoir, S. de (2018). *A velhice* (M. H. F. Martins, Trans., 2nd ed.). Nova Fronteira.
- Benjamin, W. (1987). *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Vol. 1. (S. P. Rouanet, Trans., 3rd ed.). Brasiliense.
- Bíblia (1989). *Bíblia: mensagem de Deus*. Edições Loyola.
- Dias, M. A. do N., & Félix, M. A. (2009, setembro 22-24). Sentimento de abandono na maturidade feminina: uma análise do conto Feliz Aniversário, de Clarice Lispector. *Anais do IV Colóquio Internacional Cidadania Cultural: diálogos de gerações*. Anais do IV Colóquio Internacional Cidadania Cultural: diálogos de gerações. Campina Grande, Editora EDUEP. <https://docplayer.com.br/31540953-Sentimento-de-abandono-na-maturidade-feminina-uma-analise-do-conto-feliz-aniversario-de-clarice-lispector.html>
- Fernandes, T. D'Á. C., Costa, J. D., & Silva, K. C. P. da (2015). "Velhice e família: considerações sobre a solidão e o desamparo do idoso a partir do conto 'Feliz aniversário' de Clarice Lispector". *IV Congresso Internacional de Envelhecimento Humano*. Campina Grande, Paraíba. <https://docplayer.com.br/45048833-Velhice-e-familia-consideracoes-sobre-a-solidao-e-o-desamparo-do-idoso-a-partir-do-conto-feliz-aniversario-de-clarice-lispector.html>
- Ferraz, D. de S. (2010). *Máquinas desejanter e presente histórico: as crônicas de Clarice Lispector*. [Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho]. Repositório Institucional UNESP. <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/106322>
- Foulcaut, M. (2006). *A Hermenêutica do Sujeito: curso dado no colégio de France (1981-1982)*. (M. A. da Fonseca e S. T. Muchail, Trans., 2nd ed.). Martins Fontes.
- Fry, S. (2018). *Mythos: as melhores histórias de heróis, deuses e titãs* (H. Londres, Trans.). Planeta.
- Georgetti, M. A. M., & Tabatschnic, J. (2006). *Emoções humanas com animais*. [Tese de bacharel. Centro Universitário de Santo André]. BVS Psicologia Brasil. <http://newpsi.bvs-psi.org.br/tcc/581.pdf>
- Graves, R. (2018). *Os mitos gregos* (F. Klabin Trans., 3rd ed.). Vol. 1 e 2. Nova Fronteira.
- Hesíodo (2012). *Os trabalhos e os dias* (A. R. de Moura, Ed. & Trans.). Segesta.
- Jurandir, D. (2004). *Belém do Grão-Pará*. EDUFPA/Casa Rui Barbosa.
- Leal, T. (2019). *A invenção da sororidade: sentimentos morais, feminismo e mídia*. [Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro]. Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura. [http://www.pos.eco.ufrj.br/site/download.php?arquivo=upload/tese\\_tcosta\\_2019.pdf](http://www.pos.eco.ufrj.br/site/download.php?arquivo=upload/tese_tcosta_2019.pdf)
- Lima, A. de O. (2019). A história da negação de Pedro: uma crítica literária e ateológica. *Teoliterária*, 9 (18), 299-331. <https://doi.org/10.23925/2236-9937.2019v9n18p299-331>
- Lispector, C. (2016). *Todos os contos: Clarice Lispector* (B. Moser. Org.). Rocco.
- Nunes, B. (1989). *O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*. Ática.
- Soares, M.A. (2016), Além da aparência: a busca da identidade em 'Feliz Aniversário', de Clarice Lispector. *FronteiraDigital*, 5, 120-125. <https://periodicos.unemat.br/index.php/fronteiradigital/article/download/1544/1481>



## Eufemismos para lidar com a velhice: Civilidade ou negação?

CRISTIANE DA SILVA ALVES

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

cristianesalves@gmail.com

enviado a 22/01/2021 e aceite a 11/02/2021

### Resumo

O presente texto busca refletir acerca do emprego de eufemismos, ou seja, de palavras ou termos considerados mais agradáveis ou polidos, que geralmente são adotados para se evitar ou atenuar o vocabulário relacionado com a velhice. Em um primeiro momento, pretende-se discorrer sobre algumas das razões para a utilização de tais recursos. Posteriormente, intenta-se examinar algumas crônicas de autores nacionais, verificando o seu posicionamento a respeito, para avaliar a aceitação (ou não) dos eufemismos habitualmente empregados, bem como seus impactos e contribuições para as pessoas velhas. Para dar suporte às análises, recorre-se às contribuições de Simone de Beauvoir, Pierre Bourdieu, Clarice Peixoto e Alda Britto da Motta, entre outros.

Palavras-chave: Eufemismos; Velhice; Cultura; Sociedade; Preconceito.

### Abstract

This text seeks to reflect on the use of euphemisms, that is, words or terms considered more pleasant or polite, which are generally adopted to avoid or mitigate the vocabulary related to old age. First, it is intended to discuss some of the reasons for using such resources. Subsequently, it is intended to examine some chronicles by national authors, verifying their position on the subject, to assess the acceptance (or not) of the euphemisms commonly used, as well as its impact and contributions to the elderly. To support the analyses, we used the contributions of Simone de Beauvoir, Pierre Bourdieu, Clarice Peixoto and Alda Britto da Motta, among others.

Keywords: Euphemisms; Old age; culture; Society; Prejudice.

### Introdução

De acordo com o *Dicionário de eufemismos da língua portuguesa* (Oliveira, 2015), “o termo *eufemismo* procede do idioma Francês *euphémisme*, derivado do idioma Latim Tardio, *euphemismus*, e esse do idioma Grego, *euphemismós*”, tendo surgido em nosso idioma no Século XIX. Ainda, conforme o dicionário, o eufemismo é definido como:

o uso da palavra, locução, acepção mais agradável, ou expressão da demagogia comunicativa com objetivo de minimizar e suavizar a expressão ou ideia rude, ofensiva ou desagradável, ou mesmo tabuística, substituindo o termo contundente por vocábulos ou circunlocuções amenas ou polidas (Oliveira, 2015, p. 25).

Essa, certamente, não é a única acepção possível acerca do termo. Ao contrário, trata-se de “um fenômeno multifacetado, objeto de muitas definições e abordagens” (Stumpf, 2020, p. 2). A definição mostra-se útil, contudo, como ponto de partida para o presente estudo que, sem a pretensão de esgotar o assunto, busca lançar algumas reflexões sobre determinados eufemismos habitualmente empregados para se evitar ou atenuar o vocabulário relacionado com a velhice. Além de verificar algumas possíveis motivações para o uso de tal recurso

linguístico em lugar das palavras e expressões mais diretamente ligadas ao envelhecer, intenta-se examinar se e em que medida a sua aplicação mostra-se desejável ou bem aceita.

### **Os eufemismos e sua relação com a velhice**

“As palavras têm poder”, é o que popularmente se diz. Tal sentença, entre outras coisas, funciona como uma espécie de advertência, indicando que é prudente tomar cuidado com o que é verbalizado. É possível verificar-se, neste caso, certo misticismo em torno das palavras, como se elas tivessem o condão de atrair ou evitar certos eventos. De tal modo, a utilização de eufemismos em determinadas situações estaria relacionada “com uma superstição segundo a qual a simples pronúncia de uma palavra poderia atrair má sorte, o que ainda era possível de se constatar em cerimônias religiosas, em que se evitava chamar entidades religiosas por algum nome que lhes era desagradável” (Stumpf, 2020, p. 4). Se, para muitos, isso parece ilógico, para outros, trata-se de uma recomendação séria, que não deve ser desprezada.

Crenças à parte, não se ignora que determinadas palavras ou expressões podem atrair a simpatia ou o desprezo de alguém, bem como causar mágoa, sofrimento, constrangimento e, conforme o caso, até render uma condenação para aquele que vier a proferi-las. Não por acaso, frequentemente se observa a presença de eufemismos para atender a demandas da chamada “linguagem politicamente correta”. O ajuste linguístico, em tal situação, seria “motivado pela vontade ou necessidade de suavizar algumas palavras, de modo a não ofender o alocutário. De fato, seu uso aponta para uma interdição ao mesmo tempo em que mostra como o falante se “esquiva” dela” (Stumpf, 2020, p. 2). Vale notar, todavia, que “alguns falantes se dão conta e outros não, da carga negativa ou positiva de certos termos; ou, alternativamente, alguns falantes se dão conta da carga negativa de certos termos apenas quando aplicados “inadequadamente” (Possenti, 2006, p. 50).

E de que modo isso se relaciona com a velhice? Em primeiro lugar, considerando-se a variedade de palavras e expressões frequentemente utilizadas para substituir ou atenuar os termos “velho”, “velha” e “velhice”<sup>1</sup>, parece que há certo temor entre os falantes que, não raro, exibem o que se pode considerar uma prevenção ou negação do envelhecer. Não são poucos os que evitam mencionar explicitamente essa etapa da vida, como se essa atitude contribuísse, magicamente, para impedir-lhe a existência e os efeitos. A impressão que resta, diante de tal quadro, é que a velhice é indesejada ou mal vista, o que se faz notar especialmente entre quem não goza de vantagens econômicas e sociais. Nesse caso, considerando-se que os menos favorecidos, de variadas maneiras, podem sentir mais os efeitos negativos de atingirem determinada faixa etária ou exibirem marcas físicas que costumam ser relacionadas com o envelhecer, pode-se compreender o porquê. Para entender melhor a situação, tomemos como exemplo o estudo de Clarice Peixoto (2007) que, ao examinar a situação vivenciada na França do século XIX, verificou que a problemática da velhice estava diretamente relacionada com os indivíduos sem recursos, desprovidos de bens, valores e status:

a questão da velhice se impunha essencialmente para caracterizar as pessoas que não podiam assegurar seu futuro financeiramente – o indivíduo despossuído, o indigente –,

---

<sup>1</sup>Comumente substituídos por “idoso”, “idosa”, “terceira idade”, “melhor idade”, entre outros.

pois as pessoas com certo patrimônio, [...] detinham certa posição social, administravam seus bens e desfrutavam de respeito (Peixoto, 2007, p. 71).

De tal modo, não seria totalmente equivocado considerar a velhice como um problema mais diretamente vinculado às camadas mais baixas da população que, para além da idade avançada, são econômica e socialmente desfavorecidas e, por conseguinte, ostentam mais abertamente as marcas do envelhecimento, sem qualquer “verniz” a proteger-lhes do olhar, do preconceito ou mesmo do desprezo alheio. Como observa Carmen Lucia Tindó Secco (1994, p. 22), “o velho rico tem suas propriedades que o defendem da desvalorização de sua pessoa física; o pobre, por não possuir bens, quando não mais considerado uma força útil ao sistema produtivo, é excluído e degradado à solidão”. Para os menos favorecidos, a velhice seria entendida como o fim da sua contribuição à sociedade e, vislumbrado como alguém não tem mais nada a oferecer, o indivíduo torna-se dispensável.

É oportuno observar, ainda, que os vocábulos comumente empregados na França para designar pessoas de mesma idade, levando-se em conta um grupo de mais de 60 anos, guardavam distinções que contribuíam fortemente para reforçar a marginalização de uns e a condição superior de outros. De acordo com Peixoto (2007, p. 71), “designava-se mais correntemente como velho (*vieux*) ou velhote (*vieillard*) os indivíduos que não detinham estatuto social, enquanto que os que o possuíam eram em geral designados como idosos (*personne âgée*)”. Curiosamente, com relação ao termo *vieillard*, a autora explica que nem sempre foi tomado pejorativamente; no século XVIII essa mesma palavra também era utilizada para referir-se aos velhos ricos. De toda forma, ainda que os termos “velho” e “velhote” possam ou não assumir conotações negativas, “quando isso acontece são empregados para reforçar uma situação de exclusão social” (Peixoto, 2007, p. 72).

No que concerne ao Brasil, conforme esclarece Peixoto (2007, p. 77), a questão da velhice só veio à tona em um tempo mais recente. O vocábulo “velho”, utilizado habitualmente para designar os sujeitos envelhecidos, tinha um caráter ambíguo: tanto podia assumir um sentido afetivo quanto pejorativo, dependendo da entonação ou situação em que fosse empregado. Foi somente no final da década de 1960 que, a exemplo da Europa, determinados documentos oficiais, bem como a maioria das análises sobre a velhice, resgataram a noção de “idoso”, considerando-o um tratamento mais respeitoso. O termo “velho”, empregado especialmente para referir-se às pessoas de camadas populares, passou a assumir uma feição negativa, a partir de então. Mesmo na atualidade, é visível certa aversão ao seu uso<sup>2</sup>. A esse respeito, Motta (1997, p. 2) avalia que existe:

antes de tudo, um problema com o uso cotidiano da palavra velho. Na sua aplicação generalizada e indiferenciada a pessoas e a objetos, os significados de gasto e descartável predominam. Ao reino animal e, principalmente, aos humanos, acrescentam-se as remissões diretas ao desgaste da saúde e da energia e ao descarte final da morte.

---

<sup>2</sup>Note-se, em especial, a Lei nº 10.741, o *Estatuto do idoso*, promulgado em 1º de outubro de 2003, e que se destina, conforme o seu artigo 1º, “a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a sessenta anos.” Embora inclua entre seus objetivos o esclarecimento e a eliminação do preconceito acerca da velhice, o dispositivo legal em nenhum momento se refere às pessoas ali elencadas como “velhos/as”, o que demonstra o quão arraigado é o incômodo ou a rejeição pelo termo, que nem mesmo a legislação logrou sanar.

Não por mera coincidência, constantemente vinculam-se ao vocábulo imagens negativas, das quais o ser humano prefere afastar-se o mais possível. Associada à desvalia, ao esgotamento e/ou finitude, a palavra velho/a é tomada, frequentemente, apenas em relação ao “outro”, que não o interlocutor, cuja reação quase instintiva é arredar de si a ideia, ou antes, certo peso que o termo carrega. Conforme Motta (1997, p. 2), isso acontece porque:

produziu-se uma imagem social do envelhecimento e da velhice tão desfavorável, que os idosos saudáveis e lúcidos – que não parecem constituir minoria! – não se reconhecem nela. Por isso, a conhecida contradição – na verdade, aparente contradição – expressa no fato de que frequentemente as pessoas declaram uma idade mais avançada, mas não se admitem velhos [...], ou reconhecem velhice apenas nos outros. Claro, quem iria se reconhecer nos estereótipos negativos que circulam por toda parte?!

Por outro lado, no que diz respeito às pessoas jovens, parece que, ao evocarem certas palavras mais diretamente relacionadas à velhice, são compelidas a lembrar de que também elas tendem a envelhecer, a sentir no próprio corpo as transformações, nem sempre simples ou fáceis de assimilar e que, mais cedo ou mais tarde, irão atingir a todas aquelas que seguirem vivendo. Isso, possivelmente, leva-as ao retraimento com relação ao tema. Neste aspecto, Elias (2001, p. 80) salienta que:

há dificuldades especiais que impedem a empatia. Não é fácil imaginar que nosso próprio corpo, tão cheio de frescor e muitas vezes de sensações agradáveis, pode ficar vagaroso, cansado e desajeitado. Não podemos imaginá-lo e, no fundo, não o queremos. Dito de outra maneira, a identificação com os velhos e com os moribundos compreensivelmente coloca dificuldades especiais para as pessoas de outras faixas etárias. Consciente ou inconscientemente, elas resistem à ideia de seu próprio envelhecimento e morte tanto quanto possível.

Assim, uma vez que a identificação é difícil e/ou indesejada e, portanto, tende a ser evitada, a menção de certas palavras em sua forma simples, despidas de adornos ou aparatos eufemísticos, costuma causar desconforto. Não por acaso, verifica-se que em falas cotidianas ou em escritos, é bastante usual a “maquiagem” de determinados termos. Os eufemismos, nesses casos, “servem de véu, na medida que disfarçam uma ideia negativa sem, contudo, deixar de oferecer a possibilidade de entrevê-la” (Stumpf, 2015). A observação da ocorrência de tal fenômeno permite-nos inferir que mesmo hoje, no século XXI, apesar das inúmeras transformações atravessadas pela sociedade, o envelhecer ainda guarda resquícios do preconceito que, ao longo dos tempos, associou-o a imagens negativas. Dá-se preferência, então, a um vocabulário considerado socialmente mais respeitoso, mais adequado, civilizado, mas que é simplesmente um artefato cultural que, na prática, nem sempre se mostra melhor ou desejado por quem é diretamente atingido. Em alguns casos, inclusive, os substitutivos são tomados com desgosto, pilhéria ou mesmo explicitamente rejeitados. Esse fenômeno pode, inclusive, ser verificado a partir de certas crônicas, tanto de autores que, repentinamente, descobriram-se velhos, como daqueles já familiarizados com a velhice e seus efeitos, ou, ainda, de quem simplesmente está se preparando-se para o “grande momento”.

## O tratamento da velhice pelo olhar dos cronistas

Em atenção à já mencionada linguagem politicamente correta, a imprensa tende a orientar seus colaboradores no que diz respeito a utilização de determinadas palavras e expressões. Essas, sempre que possível, devem ser evitadas ou substituídas por outras, supostamente mais aceitáveis. É o que se verifica, por exemplo, no Novo Manual da Redação do jornal Folha de S. Paulo<sup>3</sup>, que elenca uma série de termos que não devem ser empregados pelos jornalistas. No nosso caso, interessa observar, particularmente, as determinações que se referem a palavras relacionadas com a velhice.

Vejamos, como exemplo, de que forma é tratada a utilização do termo “velho” ou do seu mais conhecido eufemismo, “idoso”:

**Idoso** - Evite o eufemismo, mas não use velho (que designa o que foi deteriorado pela ação do tempo). Procure informar a idade exata do personagem da notícia. Não dispondo da idade e sendo importante caracterizá-la, use o termo idoso. Veja idade.

**Velho** - Evite a palavra para qualificar pessoa, pois significa deteriorado pelo tempo. O ideal é informar a idade exata do personagem da notícia. Quando for impossível fazê-lo e importante caracterizar a faixa etária, prefira o termo idoso.

É perceptível que, assim como já foi anteriormente referido, a palavra “velho” é associada a um significado negativo, lembrando desgaste ou ruína e, considerando-se que pode ser mal recebida pelo público leitor, o manual de redação recomenda que seja evitada. Por outro lado, também é indicado que se evite o seu correspondente eufemístico, o que, à primeira vista, causa estranhamento, porquanto normalmente se atribui a esse recurso linguístico a possibilidade de suavizar ou estancar traços de agressividade, impolidez ou descortesia. Nesse caso, talvez se possa compreender um pouco melhor a questão examinando as análises de Possenti (2006, p. 57), acerca de outros exemplos constantes do mesmo manual:

Por exemplo: evitar termos como "preto, crioulo, escurinho, alemão, moreno, de cor"; utilizar "negro"; mas não utilizar expressões como "afro-brasileiro, cidadão de tipo negróide". O jornal não explicita seus critérios, mas isso não é necessário. É evidente, para quem fala português no Brasil, isto é, para quem está mergulhado nessa cultura, que a primeira lista contém palavras cujo efeito é claramente discriminatório. A última, por sua vez, revela que provavelmente a direção do jornal se deu conta de que a utilização de termos escolhidos com demasiado cuidado denunciaria, exatamente pelo cuidado excessivo, atitudes racistas. Assim como a denegação acaba por afirmar, escolhas muito cuidadosas pareceriam sintoma do preconceito.

Guardadas as devidas distinções, o caso acima permite-nos alcançar a motivação dos diretores do jornal para, do mesmo modo, sugerir que não se utilize o termo “idoso”, mesmo que, aparentemente, seja mais aceitável do que “velho”. Ao evitar utilizar esse último, a redação confirma os sentidos negativos ou discriminatórios que, costumeiramente, se atribui ao vocábulo. Mas, da mesma forma, ao recomendar que se evite o termo “idoso”, demonstra que a substituição da palavra “velho” por outra mais “suave” pode ser percebida como um “sintoma

---

<sup>3</sup>Disponível em: [https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual\\_redacao.htm](https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_redacao.htm).

do preconceito”, como bem ilustra Possenti. O eufemismo, nesse caso, ainda que pareça mais “palatável”, não é suficientemente capaz de encobrir o preconceito circundante, podendo até mesmo salientá-lo.

A preocupação com o componente discriminatório ou pejorativo que determinadas palavras podem denunciar, é igualmente demonstrada por outro jornal brasileiro de grande circulação, o *Estadão*, que também possui um *Manual de redação e estilo*<sup>4</sup>, no qual adverte: “Velho. Cuidado com a carga de preconceito que a palavra encerra. Na maior parte dos casos, prefira *idoso*, menos agressiva”. Vê-se que, no caso desse jornal, há menos hesitação quanto à utilização do termo “idoso”. Sem negar o preconceito que uma ou outra palavra pode suscitar, seus diretores preferem optar pelo vocábulo menos danoso, ou seja, por aquele cuja carga é, ao menos aparentemente, menor, possibilitando, se não impedir, ao menos suavizar o impacto nos leitores.

Diante disso, recorreremos ao exame de algumas crônicas publicadas nos jornais de maior circulação no país, buscando observar até que ponto há aceitação (ou não) dos eufemismos mais conhecidos para tratar da velhice. Em todas elas, o tema é tratado a partir do olhar de renomados escritores, que vivenciam pessoalmente os efeitos do envelhecer e, sobretudo, observam com perspicácia o comportamento da sociedade em torno do assunto.

É o caso de Rubem Alves que, quando contava com 74 anos, escreveu para a *Folha de S. Paulo*, em 27 de maio de 2008, a crônica “Gestos amorosos”, na qual ilustra o contraste entre a intenção e o resultado quando alguém se reporta de modo distinto diante de uma pessoa mais velha. Na crônica, o autor revela que se descobriu velho pelo olhar dos outros, pela diferenciação com que, de repente, passaram a tratá-lo. Ele relembra alguns gestos e palavras amáveis que os mais moços lhe dirigiram, como, por exemplo, em uma comemoração do aniversário de sua nora, ocasião em que estava assentado em uma cadeira no jardim, quando um jovem casal amigo se aproximou:

Quando a mulher jovem e bonita me viu, veio em minha direção para me cumprimentar. Fiz um gesto de levantar-me. Mas ela, delicadíssima, me disse: “Não, fique assentadinho aí ...” Se ela me tivesse dito simplesmente “Não é preciso levantar”, eu não teria me perturbado. Mas o fio da navalha estava precisamente na palavra “assentadinho”. Se eu fosse moço, ela não teria dito “assentadinho”. Foi justamente essa palavra que me obrigou a levantar para provar que eu era ainda capaz de levantar-me e assentar-me. Fiquei com dó dela porque eu, no meio de uma risada, disse-lhe que ela acabava de dar-me uma punhalada [...] Conteí esse acontecido para uma amiga, mais ou menos da minha idade. E ela me disse: “Estou só esperando que alguém venha até mim e, com a mão em concha, bata na minha bochecha, dizendo: “Mas que bonitinha. Acho que vou lhe dar um murro no nariz [...] (Alves, 2008).

O destaque, nesse caso, fica por conta dos diminutivos, como é o caso de “assentadinho” e “bonitinha”. Tais recursos, não raro, são utilizados com pessoas velhas a fim de esboçar delicadeza, mas acabam por “apunhalar” quem os recebe. Depreende-se da crônica que, mesmo quando o propósito de determinadas pessoas seja o de parecerem afáveis ou educadas ao se

---

<sup>4</sup>Disponível em: <http://www.estadao.com.br/manualredacao>.

dirigirem a alguém mais velho, a mudança de atitudes ou a substituição de palavras, nem sempre tem um retorno positivo. Ao contrário, ao sentirem-se tratados de modo diferenciado, alguns indivíduos reagem, a exemplo de Alves (2008) com certa consternação, talvez porque, elevado a outra categoria, que já não comporta o mesmo trato dos demais, resta marcado o seu afastamento, ou antes, o seu não-lugar junto aos que são ainda jovens ou não considerados velhos. Curiosamente, na contramão daqueles que adotam eufemismos para mascarar ou evitar as palavras que mais diretamente se relacionam com o envelhecer, o cronista salienta a superioridade do termo “velho”, que considera poético:

Para começar, não entendo por que "velho" é politicamente incorreto. "Idoso" é palavra de fila de banco e de fila de supermercado; "velho", ao contrário, pertence ao universo da poesia. Já imaginaram se o Hemingway tivesse dado ao seu livro clássico o nome de "O idoso e o mar"? Já imaginaram um casal de cabelos brancos, o marido chamando a mulher de "minha idosa querida"? Os alto-falantes nos aeroportos convocam as crianças, as gestantes, as pessoas com dificuldades de locomoção e a "melhor idade" [...] Alguém acredita nisso? Os velhos não acreditam. Então essa expressão "melhor idade" só pode ser gozação (Alves, 2008).

Outro escritor que também se posicionou a respeito do assunto foi João Ubaldo Ribeiro que, como se pode notar, demonstrou grande enfado com as convenções sociais, nomenclaturas e novas formas com as quais comumente se aborda a velhice, um tema que motivou algumas vezes sua escrita, especialmente após os 60 anos – talvez porque começasse a atingi-lo mais intimamente, causando um desconforto que antes não fazia parte de sua rotina. Veja-se, por exemplo, a crônica “Alegrias da velhice”, que ele escreveu para *O Globo*, em 16 de março de 2008, quando contava 67 anos:

A mim, confesso, já enche um pouco o saco esse negócio. Começou, se não me falham os rateantes neurônios, com essa conversa de terceira idade, inventada pelos americanos<sup>5</sup>, que são muito bons de eufemismo, como testemunha a exemplar frase “lide com preconceito extremo”, que, dizem, a CIA usava quando ordenava um assassinato. Passou a não pegar bem chamar velho de velho mesmo e agora a velharada é agredida com designações tais como “boa idade”, “melhor idade”, “feliz idade” e outras qualificações ofensivas [...] Ninguém mais é velho, fica até feio o sujeito hoje em dia dizer que é velho (Ribeiro, 2008).

Longe de simpatizar com os substitutivos considerados mais suaves para referir-se ao avanço da idade, o autor chega a apontar tais recursos como uma agressão ou ofensa às pessoas velhas que, com tais recursos, são compelidas a camuflarem a sua condição, a ocultarem ou negarem a velhice, dando preferência a outras denominações. Neste caso, o autor não apenas se insurge contra os eufemismos, como condena a negação ou não aceitação da velhice na atualidade.

Em outro texto, também escrito para *O Globo*, em 29 de dezembro de 2013, então com 72 anos, Ubaldo abordou novamente o tema e, reforçando o desagrado esboçado anteriormente, denunciou os cumprimentos e vocábulos tradicionalmente utilizados para, de acordo com ele,

---

<sup>5</sup>Na verdade, a expressão foi criada na França, em fins da década de 60, “em um momento de desvinculação do velho trabalhador proletário da imagem de doente/invalído, e a incorporação mais intensa das camadas médias ao assalariamento, com novas práticas quanto à aposentadoria” (Motta, 1997, p. 3).

“engambelar o calendário”. Mais uma vez, o autor refere-se aos eufemismos como expedientes ofensivos e, sobretudo, evidencia que o propósito de tais recursos, ao fim e ao cabo, não é enaltecer ou mostrar respeito pela velhice, mas sim escondê-la:

[...] procuram empregar palavras mágicas, como se alguma palavra melhorasse a condição do velho ou de alguma maneira a homenageasse. Essas palavras e expressões são ofensivas, porque dão a entender que a velhice é uma condição tão vergonhosa que deve esconder-se por trás de eufemismos detestáveis. Idoso é a mãe, ancião é a mãe, vovozinho é a mãe, melhor idade, terceira idade, feliz idade, tudo isso é a mãe, não se discute. O certo é “velho”, no máximo “coroa”. Os que são contrários ao uso da palavra “velho” alegam que ela soa preconceituosa ou discriminatória. Mas é claro que soa, velhice é defeito. Ninguém diz em voz alta que é defeito, mas todo mundo acha que é (Ribeiro, 2013).

Quem também se posicionou a respeito dos eufemismos referentes à velhice foi Ruy Castro, em texto publicado na *Folha de S. Paulo*, em 28 de janeiro de 2012. Nesse texto, o escritor ironizou o emprego da expressão “melhor idade” e esclareceu “para os que ainda não chegaram a ela” que:

“melhor idade” é quando você pensa duas vezes antes de se abaixar para pegar o lápis que deixou cair e, se ninguém estiver olhando, chuta-o para debaixo da mesa. Ou, tendo atravessado a rua fora da faixa, arrepende-se no meio do caminho porque o sinal abriu e agora terá de correr para salvar a vida. Ou quando o singelo ato de dar o laço no pé esquerdo do sapato equivale, segundo o João Ubaldo Ribeiro, a uma modalidade olímpica (Castro, 2012).

O autor foi ainda mais mordaz a respeito do tema, elencando uma série de “privilégios” da “melhor idade” que, de acordo com ele, são:

o ressecamento da pele, a osteoporose, as placas de gordura no coração, a pressão lembrando placar de basquete americano, a falência dos neurônios, as baixas de visão e audição, a falta de ar, a queda de cabelo, a tendência à obesidade e as disfunções sexuais. Ou seja, nós, da “melhor idade”, estamos com tudo, e os demais podem ir lamber sabão (Castro, 2012).

É visível nesses textos o incômodo causado pelas palavras e expressões que habitualmente são utilizadas em lugar da velhice, como se houvesse uma obrigatoriedade de diluir ou abrandar o termo, de atribuir-lhe outro sentido, de modo que não sobressaia a verdadeira condição implicada. Não se está, é claro, afirmando que todas as pessoas, a exemplo de Rubem Alves, João Ubaldo Ribeiro e Ruy Castro, devam expor a sua velhice, mas que, talvez, se devesse pensar por que é tão imperioso escondê-la. Afinal, não parece bastante provável que seja justamente o olhar piedoso ou preconceituoso, o maior responsável pela criação e manutenção dessa carapaça com que habitualmente se reveste o envelhecer?

A esse respeito, a jornalista e escritora Eliane Brum (2012), embora ainda não pertença à faixa etária daqueles que são oficialmente considerados velhos, escreveu um artigo para a revista *Época*, com o sugestivo título “Me chamem de velha”. Nele, a autora afirma que “ser velho é estar perto da morte. E essa é uma experiência dura, duríssima até, mas também

profunda. Negá-la é não só inútil como uma escolha que nos rouba alguma coisa de vital” (Brum, 2012). Em seu texto, a autora exhibe um posicionamento explicitamente contrário aos eufemismos que, epidêmicos como as cirurgias plásticas, tentam perpetuar a juventude, banindo a velhice não apenas da existência, mas também da linguagem:

Por que falo da morte aqui nesse texto? Porque a mesma lógica que nos roubou a morte sequestrou a velhice. A velhice nos lembra da proximidade do fim, portanto acharam por bem eliminá-la. Numa sociedade em que a juventude é não uma fase da vida, mas um valor, envelhecer é perder valor. Os eufemismos são a expressão dessa desvalorização na linguagem. Não, eu não sou velho. Sou idoso. Não, eu não moro num asilo. Mas numa casa de repouso. Não, eu não estou na velhice. Faço parte da melhor idade. Tenho muito medo dos eufemismos, porque eles soam bem intencionados. São os bonitinhos mas ordinários da língua. O que fazem é arrancar o conteúdo das letras que expressam a nossa vida. Justo quando as pessoas têm mais experiências e mais o que dizer, a sociedade tenta confiná-las e esvaziá-las também no idioma (Brum, 2012).

Como se vê, apesar de largamente utilizados, o emprego de eufemismos para se referir à velhice não desfruta de total adesão ou unanimidade. Ao contrário, não raras vezes, as palavras “afáveis” são mal recebidas por aqueles que, supostamente, seriam beneficiados com a sua utilização. Dentre as variadas razões para tal incômodo, talvez se possa ponderar que esses expedientes encobrem, afastam, ou mesmo suprimem a questão da velhice, em lugar de trazê-la à tona, possibilitando que haja uma maior visibilidade e, por conseguinte, ampliando-se a discussão acerca dos enfrentamentos e das necessidades de quem envelhece. A despeito dos avanços da sociedade e de algumas conquistas que a legislação garantiu às pessoas velhas nas últimas décadas, a velhice ainda não deixou de ser marginalizada; tanto é assim, que a simples menção do termo “velho/a” é capaz de causar desconforto, preferindo-se, o mais possível, o seu encobrimento ou apagamento.

“Para a sociedade, a velhice aparece como uma espécie de segredo vergonhoso, do qual é indecente falar”, registrou Simone de Beauvoir (1990, p. 8) no século passado. É espantoso que sua afirmação, aparentemente longínqua, permaneça ecoando na atualidade, mas é assim, com vergonha, dissimulação ou silenciamento que, ainda hoje, a velhice é comumente tratada. Neste sentido, veja-se o que comenta Barbosa (2003, p. 9), na “Apresentação” do livro *Passo e compasso: nos ritmos do envelhecer*, por ela organizado:

A palavra velho/a tem uma conotação negativa, passando a significar aquilo que está gasto, usado, que perdeu o valor, que é imprestável ou que pode ser descartado. Termos como “o crepúsculo da vida”, “outono” e “inverno” evocam significações mórbidas, sendo associados como etapa final, fim do prazer de viver, decrepitude, agonia e morte.

Como se pode notar, ainda persiste em nossa sociedade certa tendência em associar o envelhecer ao encarquilhamento, à doença e à ruína. Não são as palavras, no entanto, que precisam ser substituídas, mas sim o nosso olhar e as nossas atitudes. Não é demais lembrar que a velhice, antes de tudo, é um constructo. Bourdieu (1983, p. 112), a esse respeito, salienta que “as divisões entre as idades são arbitrárias”, motivadas por disputas de poder, visando a estabelecer limites e fixar o lugar de cada um. Porque determinadas em função de interesses diversos e, especialmente, porque “somos sempre o jovem ou o velho de alguém” (Bourdieu,

1983, p. 113), as divisões etárias são sujeitas a variações e alvo de manipulações, tornando difícil determinar quem é jovem ou velho. De tal modo, pode-se mesmo pensar que “ser velho é uma questão de ponto de vista”, como dizem alguns, tentando imprimir ao tema mais leveza ou graça. Seja como for, não há como negar que a velhice, queira-se ou não, em algum momento atingirá a todos aqueles que não morrerem antes. É parte da nossa existência, assim como outras etapas da vida, cada uma com suas descobertas, alegrias, demandas e enfrentamentos. Somos nós, pois, de acordo com as nossas ideias e comportamentos em torno da questão, os responsáveis por atribuir-lhe (ou, quiçá, conter) uma face nefasta.

## Conclusão

É compreensível que, em razão das discriminações e preconceitos ainda persistentes no que tange ao envelhecer, haja certo constrangimento em assumir-se velho/a ou mesmo em dirigir-se às pessoas velhas tratando-as de maneira que, de algum modo, pareça menos respeitosa. Infelizmente, enraizou-se entre a população a ideia de que “idoso/a” é um vocábulo civilizado, afável, enquanto “velho/a” é pejorativo. Entretanto, ao optar por palavras ou expressões consideradas mais brandas ou bem-educadas, como “idoso/a”, “ancião/anciã”, “vovozinho/a”, “boa idade”, “melhor idade”, “feliz idade”, “terceira idade” e assim por diante, não necessariamente se está contribuindo para melhorar a situação das pessoas velhas ou para ampliar as suas conquistas.

Em lugar de mascarar, ocultar ou mesmo banir de nosso convívio os vocábulos, expressões, situações e, especialmente, grupos de pessoas, talvez se devesse ter a coragem de trazê-los para perto, tornando-os cada vez mais próximos, até que se consiga verdadeiramente acolhê-los, eliminando hiatos, preconceitos, segregações. Que continuem todos e todas se incomodando com as palavras, cada vez mais, mas que o desconforto não seja em vão; que nos leve a refletir, a buscar soluções, a trazer à tona a questão da velhice e garantir a visibilidade e, especialmente, a dignidade dos velhos e velhas que fazem parte de nossa sociedade – velhos e velhas que avistamos, convivemos, que somos ou que, com sorte, seremos.

## Bibliografia

- Alves, R. (2008). Gestos amorosos. *Folha de S. Paulo*. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2705200804.htm>
- Barbosa, M. J. S. (2003). Apresentação. In Barbosa, M. J. S. (Org.) *Passo e Compasso: nos ritmos de envelhecer*, (pp. 9-20). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Beauvoir, S. (1990). *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bourdieu, P. (1983). *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero.
- Brum, E. (2012). Me chamem de velha. *Revista Época*. São Paulo: Globo.  
<http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/eliane-brum/noticia/2012/02/me-chamem-de-velha.html>
- Castro, Ruy. (2012). Prazeres da “melhor idade”. *Folha de S. Paulo*.  
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/22511-prazeresda-quotmelhor-idadequot.shtml>
- Elias, N. (2001). *A solidão dos moribundos, seguido de Envelhecer e morrer*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Folha de S. Paulo. (1996) *Novo Manual da Redação da Folha de S. Paulo*. São Paulo: Folha online.  
[https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual\\_redacao.htm](https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_redacao.htm)
- Motta, A.B. (1997). Palavras e convivência: idosos, hoje. *Estudos Feministas*, 5(1), 129-139.
- O Estado de S. Paulo. *Manual de redação e estilo do Estado*. São Paulo: NetEstado.  
<https://www.estadao.com.br/manualredacao>
- Oliveira, R. (2015). *Dicionário de eufemismos da língua portuguesa*. Foz do Iguaçu: Editares.
- Peixoto, C. (2007). Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In Barros, M. M. L. (org.). *Velhice ou terceira idade?: estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*, (pp. 69-84). Rio de Janeiro: FGV.

- Possenti, S., & Baronas, R. L. (2006). A linguagem politicamente correta no Brasil: uma língua de madeira? *Polifonia*, 12(2), 2006, pp. 47-72.
- Ribeiro, J. U. (2013). Do diário do coroa. *O Globo*. <http://oglobo.globo.com/opiniao/do-diario-do-coroa-11162072>
- Ribeiro, J. U. (2008). Alegrias da velhice. *O Globo*.  
<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inoid=7061&sid=595>
- Secco, C. L. T. (1994). *Além da idade da razão: longevidade e saber na ficção brasileira*. Rio de Janeiro: Graphia.
- Stumpf, E. M. (2020). Eufemismo: um fenômeno multifacetado no cruzamento entre língua e cultura. *Letrônica*, 13(2), e36278. <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2020.2.36278>



## A arte sem mestre: 'Estilo tardio' em Herberto Helder e outros poetas

RUI GUILHERME SILVA

CLP-UC / CIERL-UMa

rui.g.silva@staff.uma.pt

enviado a 26/01/2021 e aceite a 22/02/2021

### Resumo

Gilgamesh, Mimnermo ou o Qohélet confrontam-se com a mesma velhice que atormenta os dramas de Édipo, Lear ou Fausto; ou do antigo Jasão de Cleandro, de Kavafis, e do moderno J. Alfred Prufrock, de Eliot. Coincidente (ou não) com a velhice biográfica, a crítica tem vindo a confirmar a existência de um 'estilo tardio', definido por um conjunto de traços comuns às últimas obras de diferentes artistas. A partir dos estudos pioneiros de Theodor W. Adorno (de 1937), que reconhece na última fase de Beethoven a sua própria *Ästhetische Theorie*, Edward Said (2006) e John Updike (2007) desenvolvem esta hipótese aplicando-a aos casos de Lampedusa, Kavafis, Melville ou Joyce. Este ensaio apresenta uma leitura das últimas obras de Herberto Helder – de *Servidões* (2013) ao póstumo *Letra Aberta* (2016) – conduzida pelas representações da velhice e pelas marcas de um 'estilo tardio' nelas presentes. A pulsão erótica serôdia, a angústia do desterro social ou o regresso aos lugares da infância são comuns às últimas obras deste e de outros poetas; a encenação de "gestos irascíveis" (Adorno), de um "fluxo de energia geriátrica" (Updike), de "intransigências, dificuldades e contradições não resolvidas" (Said) – que respondem ao fantasma da obra anterior (ainda Updike) – serão outros traços do 'estilo tardio' de Herberto Helder. O tema da velhice ou o exercício da emulação poética convocam, entretanto, vários outros poetas portugueses.

Palavras-chave: velhice; 'estilo tardio'; Herberto Helder; poesia.

### Abstract

Gilgamesh, Mimnermo or the Qohélet are confronted with the same old age that torments the dramas of Oedipus, Lear, or Faust; or of the ancient Jason of Cleander, by Cavafy, and the modern J. Alfred Prufrock, by Eliot. Coinciding (or not) with biographical old age, critics have confirmed the existence of a 'late style', defined by a set of characteristics common to the latest works of different artists. From the pioneering studies of Theodor W. Adorno (1937), who recognises his own *Ästhetische Theorie* in the last phase of Beethoven, Edward Said (2006) and John Updike (2007) develop this hypothesis applying it to the cases of Lampedusa, Kavafis, Melville or Joyce. This essay presents a reading of Herberto Helder's later works - from *Servidões* (2013) to the posthumous *Letra Aberta* (2016) - guided by the representations of old age and the signs of a 'late style' in them. The late erotic drive, the anguish of social exile or the return to the places of childhood are common in his last works and in the works of other poets; the exposition of "irascible gestures" (Adorno), of a "geriatric ebb of energy" (Updike), of "intransigence, difficulty, and unsolved contradictions" (Said) – which react to the ghost of the previous work (Updike again) – are other characteristics of Herberto Helder's 'late style'. The theme of old age or the exercise of poetic emulation, meanwhile, summon several other Portuguese poets.

Keywords: old age; 'late style'; Herberto Helder; poetry.

### 1.

Nos primeiros parágrafos do ensaio "Timeliness and Lateness", que abre o volume (póstumo) *On Late Style – Music and Literature Against the Grain*, explica Edward Said (2006) que a sua investigação em torno da História (que distingue da Natureza) assentou em três problemas nucleares: o primeiro tem que ver com "the whole notion of beginning, the moment of birth and origin"; o segundo, com "the continuity that occurs after birth, the exfoliation from a beginning:

in the time from birth to youth, reproductive generation, maturity”; e o terceiro, que nos interessa especialmente, com “the last or late period of life, the decay of the body, the onset of ill health”. Assim, os seus últimos ensaios concentram-se “on great artists and how near the end of their lives their work and thought acquires a new idiom” (pp. 4-6) – algo que, na esteira de Theodor W. Adorno, Edward Said designa por ‘estilo tardio’ (‘late style’).

Este ensaio apresenta algumas considerações, necessariamente breves e inconclusivas, sobre o ‘estilo tardio’ de diferentes poetas portugueses contemporâneos – e em particular de Herberto Helder. Julgo que é justo dizer que as revisões tardias das obras de Carlos de Oliveira ou de Joaquim Manuel Magalhães, por um lado, e a novidade expressiva e temática do último Vitorino Nemésio ou do último Herberto Helder, por outro, marcaram a poesia portuguesa das últimas décadas.

## 2.

O tema do envelhecimento acompanha a história da literatura. Na Mesopotâmia, Gilgamesh procura o elixir da eterna juventude; na Grécia Antiga, Mimnermo lamenta a áspera velhice imposta pelo deus; em Israel, o Qohélet suspende sobre a cisterna a roda efémera da vida; na China, Tao Yuanming regressa à sua aldeia (como os dois irmãos de Tonino Guerra) e lamenta a cinza da frente vã; a caminho do exílio, o Édipo de Sófocles ou o Lear de Shakespeare não encontram o sortilégio que, na imaginação de Goethe, oferece a jovem Margarida ao velho Fausto.

A poesia do nosso tempo reconhece aliás a antiguidade do tema do envelhecimento. Konstandinos Kavafis (2005) imaginou a “Melancolia de Jasão de Cleandro, poeta na Comagena, 595 d.C.”, pedindo à arte da poesia que entorpeça essa “ferida de faca horrível” que é “o envelhecimento do [seu] corpo e do [seu] rosto” (p. 277). Talvez mais sereno, T. S. Eliot (1985) representa o contemporâneo J. Alfred Prufrock, na sua “Love song”, antecipando a comum decadência física e perguntando-se: “Shall I part my hair behind? Do I dare to eat a peach?” (p. 28).

Também a efemeridade da beleza e da vida, recorrente nas reflexões sobre a velhice, encontrou expressões exemplares inúmeras vezes retomadas: recordem-se apenas a máxima *carpe diem*, de Horácio, citada por Ricardo Reis (ou Jim Morrison); ou a passagem das aves de Sá de Miranda citada por Jorge de Sena (ou Luís Filipe Castro Mendes); ou o verso “Ed è subito sera” (“E de repente é noite”), de Salvatore Quasimodo, citado por Juan Luis Panero (ou Arménio Vieira).

Mas podemos invocar uma outra visão da velhice, legada pela Grécia e pela Roma antigas, que honra a última etapa da vida. Na obra *A República* (329e-d), de Platão, Céfalo de Siracusa recorda uma réplica do velho dramaturgo de Colono: “Quando as paixões cessam de nos repuxar e nos largam, acontece exatamente o que Sófocles disse: somos libertos de uma hoste de déspotas furiosos” (Platão, 2001, p. 5). Já na obra *Da Velhice* (8.26), de Cícero, é Catão-o-Velho quem lembra, por sua vez, o exemplo de Sólon, que se orgulhava de envelhecer “aprendendo todos os dias alguma coisa” (Cícero, 2009, p. 28). A libertação a que Céfalo se refere pode (e deve) estender-se a outros domínios, nomeadamente o da luta pela afirmação social ou pelo poder político: “Affranchi de tous les désirs physiques, libre de toutes les ambitions politiques auxquelles maintenant il a renoncé” – diz Michel Foucault (2001) a propósito da ética de Séneca

–, “le vieillard va être celui qui est souverain sur lui-même, et qui peut se satisfaire entièrement avec lui-même” (p. 105). A velhice deve ser vista, nesta perspectiva, como uma meta positiva da existência.

### 3.

Uma ilustração do tratamento do tema do envelhecimento na poesia das últimas décadas portuguesas pode partir da *oficina irritada* de Jorge de Sena (2015), autor de um “Soneto do Envelhecer” que não escusa o corpo nem a mente: dentes e cabelos que se perdem, unhas que enrijecem, rosto que enruga, ombros que descaem, ouvidos que ensurdecem, olhos que embotam, pés e mãos que hesitam, voz que se quebra, urina que se interrompe – “tal as ideias soltas que se esquecem bruscas” (p. 755).

Menos severo será o laboratório lírico de Eugénio de Andrade, cujo caso nos interessa particularmente. Na sua obra, conforme esclarece António Manuel Ferreira (2012), “a figuração disfórica do envelhecimento é ampliada pela convocação de dois outros temas axiais do poeta: o erotismo e a relação conflituosa com a poesia” (p. 430). Ora o lugar mais abrasivo das obras tardias de Herberto Helder é justamente esse em que confluem os temas da senescência, da sexualidade e da *ars poetica*.

No caso de Eugénio de Andrade, o culto do corpo jovem relaciona-se com certa tradição homoerótica que terá a mais elevada expressão em Konstandinos Kavafis. Sirvam de exemplo os poemas “À entrada da noite” e “Agora as palavras”. No primeiro, o erotismo espreita ainda o peito sob “o linho da camisa”; porém, como os membros de Jorge de Sena, a luz que revelou as nuvens, as areias e os frutos parece agora oscilar ou tropeçar. No segundo poema, são as palavras que começam a escapar ao *obstinado rigor* do poeta: antigamente bailarinas fiéis e obedientes, revelam-se agora resmungonas, desobedientes, ariscas, ferozes até, quando “a mão rigorosa” procura conduzi-las ao redil do lirismo primevo.

Mas a dúvida que encerra este segundo poema pode convocar, desta vez, outro traço fundamental do ‘estilo tardio’. Se confrontarmos a primeira asserção e a última questão do poema – “Obedecem-me agora muito menos,/ as palavras”; “Ou será que/ já só procuro as mais encabritadas?” (Andrade, 2005, pp. 527-528) –, veremos que não foram as palavras que mudaram, mas a escolha do artífice, que opta pelas mais difíceis. Na obra tardia de Eugénio de Andrade, a opção pelo poema em prosa, de dicção mais *rente ao dizer*, é também uma manifestação do arrefecimento do metal da sua oficina poética e da consequente maior aspereza das obras nela produzidas.

Armando Silva Carvalho e António Barahona (da Fonseca) são bons exemplos do tratamento do tema do envelhecimento na poesia portuguesa de hoje. No poema “Vésperas”, o autor de *Lírica Consumível* convoca a imagem do Eugénio de Andrade envelhecido (como fará também Manuel António Pina): “A idade traz-me as metáforas do perigo/ e também as suas regras/ no desastre./ Vejo chegar a noite e com ela um poema de Eugénio,/ magríssimo, cauteloso, cioso das suas sílabas/ e da cal apagada junto à boca” (Carvalho, 2015a, p. 39). Já o andaluz e muçulmano António Barahona (2011), atento ao “esplendor das ruínas” e à sua “beleza trémula do fim de um mundo”, escreveu esta quadra dolente e de remate logocêntrico: “A morte vai levando os meus amigos/ e, com eles, também eu vou morrendo;/ já cada vez me sinto menos sendo/ gramática de vivos” (p. 146).

Não por acaso, quer Armando Silva Carvalho quer António Barahona reagiram poeticamente ao ‘estilo tardio’ de Herberto Helder<sup>1</sup>. O autor de *Canis Dei* recordava aliás na *Relâmpago* dedicada a este poeta que “houve quem não lhe perdoasse as marcas do real no impoluto do texto: a velhice, a doença, a morte próxima, as relações com um mundo até então olhado em suspenso por um ofício cantante e luxuoso” (Carvalho, 2015b, p. 211). Mas Armando Silva Carvalho assinou também o poema “No meio da praça”, incluído em *A Sombra do Mar* (2015), que situa o poeta baudelairiano “no duro chão da praça solitária”; trata-se de um “chão seco, sem ondas”; é neste terreiro – e na última estrofe do poema – que o poeta deixa “cair este verso:/ profano, prático, público, político, presto, profundo, precário,/ dum improvável, recente poema/ de Herberto Helder” (Carvalho, 2015a, pp. 36-37). O verso e o poema improváveis foram colhidos, justamente, no livro *A Morte sem Mestre* (2014).

No mesmo número da revista *Relâmpago* lemos três textos de António Barahona (2015) dedicados à morte de Herberto Helder. Os versos que, pela sua virulência, melhor servem o meu propósito são os da primeira estrofe do primeiro poema (que termina citando a “golfada de merda” de *Servidões*): “A morte não é grotesca./ Talvez seja grande puta,/ a explosão duma granada,/ ou gárgula a jorrar sangue/ duma fonte em labareda” (p. 199).

#### 4.

A representação do envelhecimento na poesia portuguesa moderna tem antecedentes canónicos nas obras de Antero de Quental ou de António Nobre. O facto de nenhum deles ter atingido a senectude significa apenas que quiseram dar voz ao tópico decadentista do *envelhecimento precoce*, um tema recuperado por alguns poetas portugueses contemporâneos, conforme anotou José Carlos Seabra Pereira<sup>2</sup>. Um título como *Meditação sobre Ruínas* (1994), de Nuno Júdice, constitui uma boa introdução a este tema. A ideia de ruína pode assumir aqui um sentido político imediato, como sucede na denúncia da aniquilação da vida urbana ou da devastação da vida rural: vejam-se, respetivamente, a antologia *A Última Porta* (2010), de Manuel de Freitas, ou o livro *Corvo* (2008), de Rui Lage. A decadência física e anímica, propriamente dita, será tratada exemplarmente por Daniel Jonas (2013) em “Os dias declinando”, poema inaugural de *Passageiro Frequente*, e cujo primeiro terceto é suficiente para firmar a herança milenar do pregador do Eclesiastes: “Tudo o que um dia te foi belo e amplo e prometedor/ reúne-o e faz dele forragem e um telhado/ para os teus dias inglórios de colmo” (p. 7); já a contaminação entre a decadência histórico-cultural e o envelhecimento do poeta tem expressão lapidar no poema “Avida”, do livro *Autobiografia Cautelar*, de Paulo Teixeira (2001), e cujo remate é inequívoco: “Entre o que vês e o que és: ruínas” (p. 46).

#### 5.

O conceito de ‘kénōsis’, que poderá ser traduzido por ‘esvaziamento’, tem origem bíblica na carta de Paulo de Tarso aos Filipenses, que cito na versão de João Ferreira de Almeida (Fp 2:6-

---

<sup>1</sup>Uma primeira versão deste ensaio, que permanece inédito, foi apresentada na IV edição do Colóquio Olhares sobre o Envelhecimento, em novembro de 2015, no Funchal. Foi depois largamente revisto entre novembro de 2016 e janeiro de 2017, acolhendo então os últimos livros de Herberto Helder e vários textos – quer poéticos quer críticos – que a eles reagiram.

<sup>2</sup>“Noutros poetas, chega a hora de dizer precoce experiência de entrada no «Equinócio de Outono» da vida e de «uma inclinação musical para a queda» (Maria do Rosário Pedreira). (...) A escrita da desolação, do «degrado» e da «ruína» existenciais tornam-se recorrentes” (Pereira, 2015, p. 168).

7.): “[Cristo Jesus], sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus,/ Mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens/ E, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até a morte, e morte de cruz” (s/d, p. 1024). A ideia de ‘kénōsis’ enquanto dessacralização ou laicização pode achar-se hoje na hermenêutica de Emmanuel Lévinas (cf. *Éthique et infini*) ou de Gianni Vattimo (cf. *Credere di credere*). Mas interessa-me sobretudo esta tradução veemente de João Ferreira de Almeida: *aniquilou-se a si mesmo*.

Quando, em 1977, no poema “Pedra de canto”, Vitorino Nemésio (2003) se pergunta se “ainda [terá] alento” para, “em sílabas ásperas”, cantar o amor e o corpo, o retrato enlameado que nos oferece de si perdeu definitivamente a aura do jovem “canário de ouro”: “Pobre Hipocrene, / Apolo de pataco, Camões binocular, poeta de merda” (p. 123). E é de uma próxima forma de aniquilamento do poeta e da sua obra que fala um poema de *Servidões*, de Herberto Helder (2013): “hoje, que eu estava conforme ao dia fundo,/ fui-me a reler alguns dos meus poemas,/ e então caí abaixo de mim mesmo,/ e era só o que faltava:/ sáfara safra” (p. 64). Semelhantemente ao velho J. Alfred Prufrock – “I shall wear white flannel trousers, and walk upon the beach” (Eliot, 1985, p. 30) –, por oposição ao alto Cristo Jesus, vem agora Herberto Helder (2013) “com os pés andando/ junto às águas salgadas,/ não em cima delas” (p. 65).

## 6.

A ideia de ‘estilo tardio’ é oriunda de um ensaio inacabado de Theodor W. Adorno sobre as últimas obras de Beethoven (escrito em 1934 e publicado em 1937). Nesta primeira formulação, aliás muito devedora da teoria estética do próprio Adorno, o ‘estilo tardio’ é sobretudo uma reação do artista e da sua criação à proximidade da morte. Mas esta relação é desigual: porque a morte atinge apenas o artista, e não a obra, esta representa-a sempre “in a refracted mode, as allegory” (Adorno, 2002, p. 556)<sup>3</sup>. A refração e a subjetividade traduzem-se então nos mesmos princípios da desarmonia ou da incomunicabilidade que Adorno endossou às obras exemplares de Paul Celan ou de Karlheinz Stockhausen.

Percebendo-se incapaz de realizar a síntese artística da sua vida, o artista tardio entra em rutura com a sua obra, com o seu público e, em última instância, consigo mesmo: “The caesuras, the sudden discontinuities that more than anything else characterize the very late Beethoven, are those moments of breaking away” (Adorno, 2002, p. 567)<sup>4</sup>. Trata-se portanto, no comentário de Edward Said (2006), do momento em que “the artist who is fully in command of his medium nevertheless abandons communication with the established social order of which he is a part and achieves a contradictory, alienated relationship with it” (p. 8); assim, na leitura do teórico alemão proposta por Said, a obra tardia de Beethoven constitui uma forma de exílio; ou na conclusão lapidar de Adorno (2002): “In the history of art late works are the catastrophes” (p. 567)<sup>5</sup>.

<sup>3</sup>Cito a partir da tradução de Susan H. Gillespie oferecida no volume *Essays on Music*, comentado e anotado por Richard Leppert (cf. bibliografia). As citações mais importantes surgirão em nota de rodapé no original alemão.

<sup>4</sup>„Die Zäsuren aber, das jähe Abbrechen, das mehr als alles andere den letzten Beethoven bezeichnet, sind jene Augenblicke des Ausbruchs“ (Adorno, 1982, p. 16).

<sup>5</sup>„In der Geschichte von Kunst sind Spätwerke die Katastrophen“ (Adorno, 1982, p. 16).

Edward Said (2006) começou por comentar este ensaio imperfeito do filósofo de Frankfurt antes de desenvolver a sua própria noção de ‘late style’. São comuns as obras tardias que coroam “a lifetime of aesthetic endeavor”, é certo;

[but] what of artistic lateness not as harmony and resolution but as intransigence, difficulty, and unsolved contradictions? [...]. Where one would expect serenity and maturity, one instead finds a bristling, difficult, and unyielding – perhaps even inhuman – challenge. (p. 7-12).

Admite-se além disso que os traços retóricos e os campos temáticos que caracterizam o ‘estilo tardio’ não são universalmente válidos; esta circunstância levou aliás a que um crítico como Frank Kermode descesse (em certos aspetos, nos quais releva o biografismo) da operacionalidade deste conceito. Mas as últimas obras de Herberto Helder estão sem dúvida próximas do *corpus* investigado por Edward Said a partir da ideia de ‘estilo tardio’. Elas constituem, sob diferentes pontos de vista, uma rutura e uma libertação de constrangimentos anteriores, mais ou menos cristalizados nas suas obras da juventude ou da maturidade. A pulsão erótica (normativa ou perversa), a angústia do desterro (social ou artístico), a nostalgia dos lugares da infância (que John Updike aproxima do sonho) – são tópicos centrais da última fase de Herberto Helder. Quer a velha *Harmonie* transformada em nova *Dissonanz*, nos termos comuns de Adorno, quer o verbo discorde e feliz dessa estranha “breeze of the senile sublime”, conforme escreveu John Updike (2007, p. 64), podem sem dúvida ajudar-nos a definir formalmente o ‘estilo tardio’ de Herberto Helder.

## 7.

Tal como a representação da velhice (em *Quental* ou *Nobre*, como vimos), a emergência de certo ‘estilo tardio’ não está necessariamente vinculada à idade avançada. Se pensarmos no caso extremo de Arthur Rimbaud, que produz o núcleo da sua obra entre os 17 e os 20 anos, pode dizer-se que os textos em prosa de *Une Saison en Enfer* e de *Illuminations* são já uma revisão dos versos de “Soleil et chair” ou de *Le Bateau ivre*. A revisão da obra passada inclui amiúde a referência explícita a textos mais antigos que marcaram a obra do autor. Assim, o mesmo Rimbaud refere-se ao seu poema “Voyelles” na prosa de “Alchimie du verbe”; Carlos Drummond de Andrade assume como único “Legado” a pedra achada “No meio do caminho”; Joaquim Manuel Magalhães (2001) revê no poema “Arqueiro” o “Princípio” da sua poética: “Voltar ao real, sim. Como o disse/ quando outros se refugiavam/ na linguagem da linguagem./ Nessa altura/ mudaram quase todos de registo./ Mas sempre se esqueceram de que lhe chamei/ desencanto” (p. 69).

Ora desencanto foi justamente o que sentiram muitos leitores de Joaquim Manuel Magalhães quando se confrontaram com a revisão a que submeteu toda a sua obra. No lugar do “real” e do “coração”, da “linguagem limpa”, das “palavras comuns”, das “formas diretas” – de tudo o que definia a sua poética –, surge uma linguagem estranha, difícil, sincopada, áspera, abjeta. O poema “A algália, diarreia, ventilador” é a versão definitiva de um outro, anteriormente publicado em *Alta Noite em Alta Fraga* (2001), em que reconhecíamos velhos corpos hospitalizados. O que agora nos oferece a parataxe tardia de Joaquim Manuel Magalhães

(2010) são versos como estes: “A algália, diarreia, ventilador./ O analgésico calafeta.// Goteja na vesícula malte/ a glabra idade baça./ A ferocidade da artéria” (p. 180).

Tomando aqui uma sugestão de John Updike (2007), dir-se-ia que Joaquim Manuel Magalhães reproduz a reação do artista envelhecido que se atormenta, não com o espectro da morte, mas com o fantasma da obra anterior<sup>6</sup>; no ensaio “Late works. Writers and artists confronting the end”, divulgado no *New Yorker* e incluído em *Due Considerations*, o ficcionista norte-americano recordava o desabafo de Nathaniel Hawthorne (poucos meses antes de morrer): “I am tired of my own thoughts and fancies and my own mode of expressing them” (p. 60).

## 8.

“A minha vida está velha,/ Mas eu sou novo até aos dentes”, escrevia Vitorino Nemésio (1976, p. 13) em *Sapateia Açoriana, Andamento Holandês e Outros Poemas*. Este dístico, que abre o etimologicamente nostálgico “A caminho do Corvo”, constitui um excelente mote para quem se proponha glosar os temas da representação da velhice e do ‘estilo tardio’ em Vitorino Nemésio. Muito sumariamente, essa glosa deve assinalar o uso rigoroso dos verbos “estar” e “ser”, o primeiro endossado à circunstância, o segundo dirigido ao sujeito; ser novo “até aos dentes” significa também, muito coloquialmente, que se está armado para enfrentar e superar o estado envelhecido da vida.

O poeta da Terceira está (portanto) “armado até aos dentes”; e que armas são essas com que se defende e ataca a vida? Uma delas é aquela que partilha com Sólon: Nemésio envelhece aprendendo todos os dias alguma coisa. A mais consequente dessas aprendizagens tem que ver com a biologia e a física contemporâneas, cuja linguagem e implicações éticas incorpora na sua poesia tardia (cf. “Cão atômico, etc. e bio-poemas”, sequência de *Limite de Idade*). Outras duas armas de Vitorino Nemésio negam entretanto os benefícios do desprendimento das paixões eróticas ou políticas sugeridas por Sófocles (e por Céfalo de Siracusa): são elas o envolvimento na discussão do estatuto político dos Açores após o 25 de Abril, muito presente em *Sapateia Açoriana*; e a vivência de paixões químéricas ou consumadas em clave arrebatada, conforme registam, respetivamente, a sequência “Andamento Holandês” e o livro (póstumo) *Caderno de Caligraphia e Outros Poemas a Marga* (2003).

“O que na vida perco, em tinta o acho” (Nemésio, 1976, p. 49), dizia outro verso do “Andamento Holandês”. A propósito desta sequência, escreveu Joaquim Manuel Magalhães (1981): “são poemas de um amor impossível, de uma troca tensa de um corpo jovem (...) e um homem de juventude há muito passada” (p. 15). Mas estes poemas são novos também, ou sobretudo, no que respeita ao estilo neles cultivado. O mesmo poeta e crítico referiu-se à “inovação” na “tradição”, à “rebeldia”, à “ousadia rítmica”, ao “léxico inesperado”, às “asperezas” prosódicas que caracterizam esta série tardia, notável também pela forma como procede à “montagem de dados” do “real pessoal” e do “real cultural” (Magalhães, 1981, p. 13-16).

---

<sup>6</sup>“What does haunt late works is the author’s previous works: he is burdensomely conscious that he has been cast, unlike his ingénue self, as an author who writes in a certain way, with the inexorable consistency of his own handwriting” (Updike, 2007, p. 60).

Ora assim como “the concept of lateness (...) comes for Adorno to seem *the* fundamental aspect of aesthetics and of his own work as critical theorist and philosopher”, conforme observou Edward Said (2006, p. 14), também o então jovem Joaquim Manuel Magalhães (1981) diz a Vitorino Nemésio que, “da nova poesia”, “alguns estão com o que ele faz”, compreendem-lhe “a tradição” e colocam-no “na linha do que lhes interessa ser a poesia do seu tempo” (p. 16)<sup>7</sup>.

Entretanto, em janeiro de 1977, na *Colóquio/Letras*, surge o poema “Pedra de canto”: “a deflagrar contra [as] prudências” verbais de Eugénio de Andrade ou António Ramos Rosa, diz ainda Joaquim Manuel Magalhães (1981), surgem “o despojamento, a audácia com que se visita a intensidade do corpo, a busca de um alento entre as hipocrisias e a desmesura dos sentidos”; estes materiais, por sua vez, “acometem uma linguagem que, inesperadamente, se rebela e atira para uma coragem confessional, rara na moderna poesia portuguesa” (p. 24).

“Pedra de Canto” fora colhido em *Caderno de Caligraphia*, que reunirá poemas escritos entre 1973 e 1977. Trata-se de uma longa sequência lírica sobre os amores tardios entre Nemésio e D. Margarida Vitória, marquesa de Jácome Correia (conforme esclarece Luiz Fagundes Duarte no “Prólogo ao Leitor”). Confiados a Natália Correia pelo autor, a sua publicação aconteceu apenas em 2003. Nas palavras de Pedro Mexia, *Caderno de Caligraphia* testemunha “um assomo de vitalidade carnal nos últimos anos da vida de um poeta” que lembra “Yeats e o seu enorme fulgor libidinal nos anos finais”; “o que notamos, antes de mais, nestes poemas” – diz ainda Pedro Mexia (2003) – “é a sua extrema violência, pelo menos dentro do contexto da sua obra. Violência propriamente sexual”, certamente, “mas também violência de ímpeto existencial e de inventividade verbal absolutamente extraordinária”.

A propósito de “Pedra de canto” e do impacto deste poema na reavaliação da obra de Vitorino Nemésio, recupere-se ainda o postulado de John Updike (2007) sobre as obras tardias de Henry James e de Herman Melville e segundo o qual um estilo tardiamente *incongruente* mas *feliz* (como foi já referido) pode tornar-se *revigorante*: “A geriatric ebb of energy is bound to affect late works, not necessarily to their detriment” (p. 71).

Portanto, são resultantes da emergência de um ‘estilo tardio’ alguns dos mais intensos momentos da cena poética portuguesa das últimas décadas: *Caderno de Caligraphia e Outros Poemas a Marga* (2003), de Vitorino Nemésio, *Um Toldo Vermelho* (2010), de Joaquim Manuel Magalhães, *Servidões* (2013) ou *A Morte sem Mestre* (2014), de Herberto Helder.

## 9.

A ‘phala’ e as matérias imprevistas presentes nas últimas obras de Herberto Helder foram emergindo desde a sequência aumentada de “A Faca Não Corta o Fogo”, incluída em *Ofício Cantante* (2009), e afirmaram-se plenamente em *A Morte sem Mestre* (2014). Se quisermos distinguir alguns dos temas fulcrais destes livros, podemos nomear a *arte poética*, a *velhice*, o *sexo* e a *morte*<sup>8</sup>.

<sup>7</sup>Alguns modos dessa herança são inventariados por Joaquim Manuel Magalhães no ensaio “Vitorino Nemésio e os poetas mais novos ao tempo da sua morte”, *Rima Pobre*, Lisboa, Presença, 1999, pp. 31-40.

<sup>8</sup>Um uso impreciso das categorias e das hierarquias de Søren Kierkegaard permitiria dizer que, em “A Faca não Corta o Fogo” (2009), o estágio *estético* tem ainda a faculdade de suspender os estágios *ético* e *religioso* – quer dizer, perante a “beleza” da “catorzinha” não há “crime” de “pedofilia”; nas obras ou nos poemas finais, porém, é igualmente a derradeira “beleza” que se acha suspensa (sobre o abismo pouco Sublime do quotidiano): “ah, aceitem lá a pequenez geral da minha vida” (Helder, 2016, p. 23).

Indo ao encontro da revisitação da infância que John Updike associa também ao ‘estilo tardio’ – e que em Vitorino Nemésio se celebra na *Festa Redonda* ou na “Sapateia Açoriana”, como na origem insular de D. Margarida Vitória –, o volume *Servidões* abre com uma “secção em prosa, invulgarmente autobiográfica”, conforme escreveu Pedro Mexia. Encontram-se nestes textos, nas palavras do mesmo crítico, “imagens com enorme força, uma infância na ilha com animais esquartejados, bananeiras com facas cravadas, «basaltos, espumas, corolas altas fremindo»”; a surpresa alarga-se depois ao conjunto dos poemas do mesmo livro, já não apenas pelo confronto temático com a obra anterior, mas pela convocação de um universo que reúne fragmentos do universo e da vida que vão “do muitíssimo material («cuecas») ao quase-bíblico («selos»)” (Mexia, 2013). A descida dos selos apocalípticos às marcas das cuecas não deixará de convocar o estilo mesclado próprio da Modernidade de Charles Baudelaire ou de T. S. Eliot – mas cuja origem Erich Auerbach encontra nas narrativas evangélicas da Paixão de Cristo. Em *A Morte sem Mestre*, este relato do mais alto transe da cristandade é retomado no mais baixo estilo coloquial (no poema “a burro velho dê-se-lhe uma pouca de palha velha”): dá-se primeiro a enumeração por alíneas burocráticas dos prodígios do Cristo Jesus; “depois foram dali dar uma volta”; “e toda esta história acabou bastante mal”, “e um deles disse que não, não senhores, ele cá não sabia/nada” (Helder, 2014, pp. 43-47), etc.

Se pensarmos, como propõe António Guerreiro (2004) a propósito de *A Morte sem Mestre*, na elevadíssima entoação órfica a que acedeu desde o início a poesia de Herberto Helder, à altura de conceitos cheios de sublimidade como o de «poesia absoluta», se pensarmos que ela permitia uma equiparação entre a metáfora e a metafísica, então é obrigatório reconhecer que estamos agora num mundo completamente diferente — um mundo que (...) tem no seu centro a dimensão burlesca da carne e do corpo.

Já quanto aos *Poemas Canhotos* (2015), viria a escrever o mesmo ensaísta que há neles uma “óbvia dimensão lúdica, um jogo desencantado e nada jubilante” (de que faz parte, por exemplo, a facilidade das rimas em “ão”). Trata-se agora de um livro totalmente “estranho à ideia de “poema contínuo”, ou seja, que assinala uma “descontinuidade [radical] em relação à obra que Herberto Helder foi construindo como uma sùmula”, “como se o poeta quisesse agora mostrar-se na imperfeição, destituído de toda a apoteose”, na “condição de poeta diminuído, canhoto, que já não consegue fazer estremecer o mundo” (Guerreiro, 2015)<sup>9</sup>.

O abandono das alturas celestiais ou sublimes a que Herberto Helder elevava a sua obra, e que no volume *Do Mundo* (1994) não enganava essa afasia que algum autocomprazimento pode acarretar –, a renúncia do seu alto registo, dizia, tem expressão noutra procedimento próprio da ‘kénōsis’ que gostaria ainda de assinalar. Tem ele que ver com a rilkeana insuficiência ou ameaça da vida e da cultura tecnológicas. A partir de *A Morte sem Mestre*, “as coisas técnicas do apartamento,/ máquinas de medir o pequeno tempo” (Helder, 2014, p. 20) – oposto por definição ao ditoso *Gottes Zeit* – são ainda o dubitativo “ar condicionado na praia?” (Helder,

<sup>9</sup> Sobre essa “pouca mão (...) insensata, sensível, canhota” (Helder, 2014, p. 25), escreveu Henri Focillon em *Éloge de la main*, de 1934: “Je ne crois pas absolument à l'éminente dignité de la [main] droite. Si la gauche lui manque, elle entre dans une solitude difficile et presque stérile. La gauche, cette main qui désigne injustement le mauvais côté de la vie, la portion sinistre de l'espace, celle où il ne faut pas rencontrer le mort, l'ennemi ou l'oiseau, elle est capable de s'entraîner à remplir tous les devoirs de l'autre. (...). C'est un bonheur que nous n'ayons pas deux mains droites. (...). S'il en était autrement, nous serions submergés par un affreux excès de virtuosité. Nous aurions sans doute poussé à ses limites extrêmes l'art des jongleurs – et probablement rien de plus” (Focillon, 1947, pp. 101-202).

2014, p. 32) onde se passeia o poeta, não já sobre as águas (como ficou dito), mas, descrendo do poder demiurgo ou órfico do poema, na humilima e muito praticável orla do mar. Exilado dessa morada que, nos *Sonetos a Orfeu*, Rainer Maria Rilke queria construída pela mão humana, parceiro do velho J. Alfred Prufrock imaginado por T. S. Eliot, de calça arregaçada e receoso da rigidez da polpa de um pêssago – eis enfim o corpo caído e escorchado do nosso divino Orfeu.

“The power of subjectivity in the late works of art”, escrevia em 1943 Theodor W. Adorno (2002), “is the irascible gesture with which it takes leave of the works themselves” (p. 566)<sup>10</sup> – e esta parece ser justamente a condição de *A Morte sem Mestre* e da informe massa de poemas tardios de Herberto Helder. Ou como disse o mesmo Adorno (2002): “Touched by death, the hand of the master sets free the masses of material that he used to form” (p. 566)<sup>11</sup>.

Regressemos enfim à infância de Herberto Helder (2016): “há duzentos ou trezentos anos/ quando eu era criança algures noutra alfabeto” – diz um poema de *Letra Aberta* – “escrevia alto numa espécie de caderno/ sem páginas”; mas o anjo feito pintainho soube depois (dizem outros versos do mesmo livro) “que não tinha criado os elementos do mundo” – “e o poema ruiu de alto a baixo”<sup>12</sup> (pp. 9-8 e 40). E terminemos com as primeiras palavras do ensaio “Estilo tardio de Beethoven” [Spätstil Beethovens], de Theodor W. Adorno (2002), destacadas também por Edward Said, e que dizem o seguinte:

The maturity of the late works of significant artists does not resemble the kind one finds in fruit. They are, for the most part, not round, but furrowed, even ravaged. Devoid of sweetness, bitter and spiny, they do not surrender themselves to mere delectation. (p. 564)<sup>13</sup>.

## Bibliografia

- Adorno, T. W. (1982). *Musikalische Schriften IV: Moments musicaux. Impromptus*. Frankfurt: Suhrkamp Verlag.
- Adorno, T. W. (2002). *Essays on music*. Berkeley-Los Angeles-London: University of California Press.
- Andrade, E. (2005). *Poesia* (2.ª ed.). Porto: Fundação Eugénio de Andrade.
- Barahona, A. (2011). *Raspar o Fundo da Gaveta e Enfunar uma Gávea*. Lisboa: Averno.
- Barahona, A. (2015). ...Ou a discussão descontínua. *Relâmpago*. Lisboa: Fundação Miguel Nava, nº 36-37 – abril/outubro de 2015, pp. 199-200.
- Bíblia Sagrada* (s/d). Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição revista e corrigida. Lisboa: Sociedade Bíblica.
- Carvalho, A. S. (2015a). *A Sombra do Mar*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Carvalho, A. S. (2015b). O Herberto. *Relâmpago*. Lisboa: Fundação Miguel Nava, nº 36-37 – abril/outubro de 2015, pp. 210-211.
- Cícero, M. T. (2009). *Catão-o-Velho ou Da velhice*. Tradução de Carlos Humberto Gomes. Lisboa: Biblioteca Editores Independentes.
- Eliot, T. S. (1985). *A Canção de Amor de J. Alfred Prufrock*. Tradução de João Almeida Flor. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Ferreira, A. M. (2012). *Sinais de Cinza. Estudos de Literatura*. Guimarães: Opera Omnia.
- Focillon, H. (1947). *Vie des formes*. 3.ª ed. Paris: PUF.
- Foucault, M. (2001). *L'herméneutique du sujet: Cours au Collège de France (1981-1982)*. Paris: Gallimard-Seuil.
- Guerreiro, A. (2014). O trabalho da morte. *Público*, 11 de junho de 2014.  
<https://www.publico.pt/2014/06/11/culturaipilon/noticia/o-trabalho-da-morte-1659005>
- Guerreiro, A. (2015). Os poemas descontínuos. *Público*, 22 de maio de 2015.  
<https://www.publico.pt/2015/05/22/culturaipilon/noticia/os-poemas-descontínuos-1696289>

<sup>10</sup> „Die Gewalt der Subjektivität in den späten Kunstwerken ist die auffahrende Geste, mit welcher sie die Kunstwerke verläßt“ (Adorno, 1982, p. 15).

<sup>11</sup> „Vom Tode berührt, gibt die meisterliche Hand die Stoffmassen frei, die sie zuvor formte“ (Adorno, 1982, p. 15).

<sup>12</sup> O programa Word em que escrevo sublinha a expressão “de alto a baixo” e anota: “Locução própria do nível de língua informal. Pondere o emprego de uma expressão alternativa”.

<sup>13</sup> „Die Reife der Spätwerke bedeutender Künstler gleicht nicht der von Früchten. Sie sind gemeinhin nicht rund, sondern durchfurcht, gar zerrissen; sie pflegen der Süße zu entraten und weigern sich herb, stachlig dem bloßen Schmecken“ (Adorno, 1982, p. 13).

- Helder, H. (2013). *Servidões*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Helder, H. (2014). *A Morte sem Mestre*. Porto: Porto Editora.
- Helder, H. (2015). *Poemas Canhotas*. Porto: Porto Editora.
- Helder, H. (2016). *Letra Aberta*. Porto: Porto Editora.
- Jonas, D. (2013). *Passageiro Frequente*. Lisboa: Língua Morta.
- Kavafis, K. (2015). *Os Poemas*. Tradução de Joaquim Manuel Magalhães e Nikos Pratsinis. Lisboa: Relógio d'Água.
- Magalhães, J. M. (1981). *Os Dois Crepúsculos. Sobre Poesia Portuguesa Atual e Outras Crónicas*. Lisboa: A Regra do Jogo.
- Magalhães, J. M. (2001). *Alta Noite em Alta Fraga*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Magalhães, J. M. (2010). *Um Toldo Vermelho*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Mexia, P. (2003). Se bem me lembro. *Diário de Notícias*, 28 de junho de 2003. [http://arlindo-correia.com/vitorino\\_nemesio.html](http://arlindo-correia.com/vitorino_nemesio.html)
- Mexia, P (2013). Luzes todas acesas. *Expresso*, 1 de junho de 2013. <http://expresso.sapo.pt/cultura/luzes-todas-acesas=f916771>
- Nemésio, V. (1976). *Sapateia Açoriana, Andamento Holandês e Outros Poemas*. Lisboa: Arcádia.
- Nemésio, V. (2003). *Caderno de Caligraphia e Outros Poemas a Marga*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Pereira, J. C. S. (2015). “Novos tempos de «a interminável preparação». Apontamentos sobre a poesia portuguesa no primeiro decénio do século XXI”. *Cultura XXI. Ensaios*. Lisboa: Labirinto das Letras, pp. 117-188.
- Platão (2001). *A República*. 9.ª ed. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Said, E. W. (2006). *On Late style. Music and literature against the grain*. New York: Vintage Books.
- Sena, J. (2015). *Poesia 2*. Lisboa: Guimarães.
- Teixeira, P. (2001). *Autobiografia Cautelar*. Lisboa: Gótica.
- Updike, J. (2007). *Due considerations. Essays and criticism*. New York-Toronto: Alfred A. Knopf-Random House.



## Representações da velhice na escultura grega antiga: Alguns exemplos

TELMO CORUJO DOS REIS

Universidade da Madeira / Centro de Estudos Clássicos

telmo.reis@staff.uma.pt

enviado a 26/01/2021 e aceite a 22/02/2021

Este artigo foi primeiramente apresentado, sob forma de comunicação, intitulada “A representação da velhice na escultura grega antiga - alguns exemplos”, no Vº Colóquio “Olhares sobre o Envelhecimento”, organizado pelo Centro de Desenvolvimento Académico, da Universidade da Madeira, *Programa Universitário para Seniores*, que decorreu no Auditório do Colégio dos Jesuítas, nos dias 24 e 25 de Novembro de 2016.

### Resumo

Quando se pensa em escultura grega, as representações que preenchem imaginário colectivo evocam a beleza superior das divindades pagãs, a esmerada perfeição física dos corpos de atletas vencedores ou a etérea formosura de jovens mulheres. De uma “estátua grega” não se espera, em geral, a representação de um ser humano envelhecido. O presente artigo propõe-se explorar este tema, procurando sondar até que ponto será esta percepção correcta, que razões terão levado os Gregos a evitar, em parte significativa do seu percurso civilizacional, representar plasticamente a velhice na escultura monumental e, por fim, quando e porquê começaram a fazê-lo. Para concluir, ilustrar-se-á o desenvolvimento da representação escultórica da velhice com quatro exemplos, todos de figuras masculinas, dois relevos funerários e duas esculturas de vulto redondo, que serão, em momento próprio, objecto de um breve comentário.

Palavras-chave: civilização grega; escultura grega; arte do retrato; envelhecimento.

### Abstract

When one thinks about Greek sculpture, the representations that fill the collective imagination evoke the superior beauty of pagan deities, the painstaking physical perfection of the bodies of winning athletes or the ethereal beauty of young women. From a “Greek statue”, one does not expect, in general, the representation of an ageing human being. This article aims to explore this issue, trying to probe to what extent is this perception accurate, what are the reasons that have led the Greeks, in a significant part of their civilizational route, to avoid plastically represent the old age in monumental sculpture and, finally, when, and why they started to do so. To conclude, we will illustrate the development of the sculptural representation of old age with four examples, all of them of male figures, two funerary reliefs and two sculptures of round figures, which will, in due course, be the object of a brief commentary.

Keywords: Greek civilization; Greek sculpture; portrait art; ageing.

De um modo geral, os manuais de história ensinam que a civilização grega desponta por meados do séc. VIII a. C., indicando-se como marco cronológico a realização da primeira olimpíada, em 776 a. C. A história desta civilização prossegue, depois, até 146 a. C., ano em que a Grécia passou a integrar os domínios do Império Romano.

Neste âmbito cronológico, a escultura grega de dimensões monumentais aparece bastante cedo, datando os mais antigos exemplos de meados do séc. VII a. C. e sucedendo-se as obras num crescendo gradual de perfeição técnica e estética.

A periodização tradicional desta forma de arte compreende fases que, com poucas variações, são divididas do seguinte modo (Rocha Pereira, 2012, p. 590 e segg.): período arcaico (de 650 a 480 a. C.); período clássico primitivo ou período severo (de 480 a 450 a.C.); apogeu do clássico

(de 450 a 380 a.C., com escultores como Policeto, Fídias e Míron); período clássico tardio (de 380 a 325 a.C., com escultores como Escopas, Praxíteles e Lisipo) e período helenístico (de 325 a 146 a. C.). Note-se, desde já, que as representações da velhice pertencem caracteristicamente às duas últimas fases, ou seja, principiam no séc. IV e estendem-se até ao séc. II a. C.

Quanto aos usos da escultura, os principais, entre os antigos Gregos, terão sido o religioso (as estátuas dos deuses e a ornamentação escultórica dos templos, categoria em que se incluem também as estátuas dos devotos consagradas às divindades); o atlético (estátuas dos atletas vencedores nos jogos sagrados que se celebravam em Olímpia, Delfos, Corinto e Nemeia); o político (que imortalizava em efígie um indivíduo que se tivesse destacado por altos feitos em benefício da sua *polis*) e o funerário (tipologia que, do séc. V a. C. em diante, passou a guarnecer os monumentos funerários dos mais abastados). A estas quatro funções poder-se-á acrescentar uma quinta, subsidiária das anteriores, a ornamental (Pinto et al., 2006, p. 156).

Destas quatro categorias, a única em que surgem regularmente representações da velhice é, por razões que não carecem de explicação, a escultura funerária. Também a escultura política, tomada em sentido lato, virá a incluir, numa fase bastante tardia, espécimes admiráveis deste tipo de representação. Veremos dois exemplos de cada um deles.

Poder-se-á perguntar por que evitaram os escultores gregos, nos períodos mais significativos da sua história, representar plasticamente a velhice. Não seriam eles capazes de particularizar os traços físicos e psicológicos resultantes do processo de envelhecimento? O facto é que também evitavam representar os traços característicos da infância. Diga-se, desde já, que explicação para estas circunstâncias não parece ser o resultado directo daquelas limitações técnicas que encontramos nas obras de épocas mais recuadas.

A questão apresenta uma complexidade que se exige a respostas simples e directas. Importa ter presente que estamos a abordar apenas uma forma artística: a escultura, de vulto redondo ou em relevo, de escala monumental. E até aí a questão não deve ser abordada em termos absolutos. Além do carácter muitas vezes fortuito da recuperação dos monumentos arqueológicos, podemos encontrar excepções notáveis como, por exemplo, a figura do Velho Adivinho do pedimento Este do Templo de Zeus, em Olímpia.

Trata-se da representação de um homem que patenteia traços fisionómicos correspondentes a uma idade avançada (e que permitem a sua identificação), tais como uma calvície acentuada, rugas na testa, uma postura encurvada que não prescindia do apoio de um bordão, agora desaparecido, e a perda de tónus ao nível dos músculos do tórax. Acrescente-se que a sua policromia, hoje completamente perdida, o podia representar com o remanescente do cabelo e a barba grisalhos ou encanecidos, num acumular de traços que não deixam dúvidas quanto à sua idade. Ora a ornamentação escultórica deste templo é um dos melhores exemplos do período clássico primitivo (ou período severo), estando datada de cerca de 460 a.C. (Janson, 1989, pp. 131-132).

Se volvermos o nosso olhar para outras formas de expressão artística, a representação de seres humanos de idade avançada (sobretudo homens, mas também mulheres) aparece desde períodos muito recuados. Na literatura, os mais antigos exemplos encontram-se nos Poemas Homéricos, nos alvares da civilização grega, e abundam na poesia dramática, tanto na tragédia como na comédia.

No período arcaico, tais representações ocorrem também, desde muito cedo, nas artes plásticas, mormente na ornamentação pictórica da cerâmica de figuras negras (e, mais tarde, também na de figuras vermelhas) e ainda em pequenas placas ornamentais ou estatuetas de bronze. Nestes casos, a representação de um idoso faz-se por via da acumulação de traços fisionómicos conotados com uma idade avançada. Patrizia Birchler Emery, que tem investigado este tema profunda e exaustivamente, apresenta-os nos seguintes termos:

Five distinctive features were used in Archaic Greece to indicate the old age of men. They do not all have the same strength of characterization, some appear only in combination with others, and they all have their restrictions. Their function as identifying marks is not absolute and depends upon the context in which they appear.

These distinctive features, in order of frequency, are (i) baldness; (ii) white beard and/or white hair; (iii) wrinkles; (iv) posture of bent body and stick; (v) other physical traits, for example emaciation" (Emery, 1999, p. 17).

A estátua do Velho Adivinho de Olímpia pode, como vimos, ter sido caracterizada por estes cinco traços, retendo actualmente quatro deles, o que significa que o seu autor já dispunha de um repertório formal consagrado pela tradição pictórica. No referido pedimento, cujas figuras se dispõem como os actores num palco, temos Zeus ao centro, seguindo-se, de um lado, Enómao e sua mulher, Estéropé, e, do outro, Pélops e a sua pretendida, Hipodamia, filha de Enómao. A presença do Velho Adivinho reforça a dimensão trágica da cena, pois ele antevê, com um arrepio de angústia que se patenteia na sua expressão facial e no seu braço direito retraído, o estratagema de Pélops para conseguir a vitória na corrida que lhe dará a mão de Hipodamia e que resultará na morte de Enómao.

A resposta às questões acima formuladas pode eventualmente residir, pelo menos em parte, no sistema político-social que dominou a Grécia até perto do final do séc. IV a. C., ou seja, até ao momento em que as cidades-estado gregas perderam a sua independência em resultado da conquista por parte da monarquia macedónica. Até então, o mundo helénico caracterizara-se pela existência de múltiplas cidades-estado, ou *poleis*, unidades políticas independentes e em que acabaram por prevalecer, em maior ou menor grau, regimes democráticos.

Neste contexto, o horizonte último que polarizava as vidas individuais era a *polis*. Ela constituía um "sistema de vida", modelando os cidadãos que a integravam, algo que o poeta Simónides descreve de modo lapidar, quando afirma que "a *polis* é mestra do homem". Três conceitos chave davam forma ao regime democrático (Rocha Pereira, 2012, p. 181): *isonomia* (igualdade perante a Lei), *isocracia* (igualdade no acesso ao poder) e *isegoria* (igualdade no uso da palavra). Por outro lado, o receio de que este regime pudesse degenerar levou à criação de uma medida preventiva famosa, o *ostracismo*, pelo qual um cidadão demasiado influente podia ser afastado da cena política por um período que podia chegar aos dez anos.

No contexto da *polis*, "os membros da sociedade cívica que acedem ao espaço público convivem cada vez mais como semelhantes, *homoioi*, e como iguais, *isoí*", escreve Philippe Nemo, acrescentando que, "surge um homem totalmente novo, o *cidadão*, aquele que não só sabe que é, mas também que pretende ser igual aos seus semelhantes segundo o direito e a razão e, portanto, em dignidade" (Nemo, 2005, p. 21). Compreende-se que um sistema que valorizava acima de tudo a igualdade entre os cidadãos olhasse com suspeitosa reserva a

valorização do singular, do individual, do particular. Esta poderá ser uma das causas que levava os escultores a representar tipos ideais, o jovem adulto imberbe ou o homem barbado na idade madura, no caso das figuras masculinas, a jovem mulher, no caso das femininas. Estas formas representam o equilíbrio, o apogeu físico, sendo a infância e a velhice encaradas como desvios.

Neste quadro civilizacional, cuja plenitude corresponde, em termos artísticos, ao apogeu do período clássico (de 450 a 380 a.C.), o que se procurava representar não era o que singularizava cada fisionomia, mas antes o que a aproximava das demais, numa perspectiva profundamente idealizada:

Trata-se da representação de protótipos, de modelos únicos, que reuniam em si próprios todas as aspirações que se esperam do tipo de figura representada. Isto significa que se procurava realizar a imagem absolutamente perfeita, aquela que o autor tinha idealizado na sua mente e que não existia no mundo real. Não era a busca da beleza no sentido que hoje entendemos, sendo mais apropriado qualificá-la como a busca da perfeição.

Os rostos e acções nestas esculturas são atemporais, irreais, quase metafísicas. Fosse um deus, um animal ou um atleta, o escultor representava sempre a sua imagem sem semelhanças relativamente ao seu meio imediato, tentando transpor para o metal o intangível, a essência, a ideia. (González García et al., 1992, pp. 76-78).

Assim se explica que estátuas de autores diferentes deste período acabem por representar quase sempre o mesmo tipo físico.

Poder-se-á igualmente conjecturar que a não representação escultórica da velhice esteja também, de algum modo, relacionada com a forma como os Gregos concebiam os seus deuses. Desde Homero, as divindades gregas tinham como características principais “serem luminosas e antropomórficas [...]. Em vez de potências ocultas e terríveis, temos formas claras, que se comportam e reagem como seres humanos superlativizados” (Rocha Pereira, 2012, pp. 110-111):

Na sua quase totalidade [os deuses] distinguem-se por uma superlativização das qualidades humanas, são mais altos, mais fortes, mais belos (com exceção de Hefestos, que é coxo), possuem em mais elevado grau a *aretê* e a *timê*. E, sobretudo, são os que existem sempre [...], não conhecem a velhice nem a morte [...] e a sua vida é fácil [...]. Contudo, como a noção de eternidade não existe ainda (esboçada em Górgias, aparece em Platão e Aristóteles), os deuses não têm fim, mas têm começo no tempo. (Rocha Pereira, 2012, pp. 112-113).

Ora, a concepção antropomórfica dos deuses gregos postula, de algum modo, o seu contrário, ou seja, a divinização da própria figura humana, valorizando-se, na representação escultórica daqueles séculos, os traços mais característicos das divindades e evitando-se o que lhe pareceria estranho.

Seja como for, esta situação virá a alterar-se no decurso do séc. IV a. C., período que corresponde, na escultura, ao classicismo tardio. Nesta época, o sistema das *poleis* entra em declínio e as cidades-estado acabam por perder a independência quando a Hélade, já bastante enfraquecida pela Guerra do Peloponeso, é conquistada por Filipe II da Macedónia, pai de Alexandre, o Grande. Uma sociedade marcadamente igualitária cedia passo a uma outra, em

que a existência de um rei e dos seus directos colaboradores significava a passagem a um sistema social estratificado.

Aos cidadãos, de quem antes se esperava que tomassem em mãos, em pé de igualdade, as rédeas do governo das suas cidades-estado, era agora vedado o acesso ao pleno poder. Esta mudança afectou profundamente o modo como o indivíduo perspectiva o seu lugar no mundo. Não tendo já como horizonte último a vida e os interesses da *polis*, o pensamento dominante ver-se-á presa de uma dupla tendência antagónica, até mesmo paradoxal, traduzindo-se, por um lado, numa visão que se compraz na análise do singular, do peculiar e, por outro, numa visão cosmopolita do mundo em que o horizonte do indivíduo se alarga da sua pequena cidade-estado para abarcar o mundo inteiro. O Epicurismo e o Estoicismo, a duas grandes escolas filosóficas que surgem neste período, irão consagrar uma e outra visão do mundo.

No campo da literatura, comparem-se, por exemplo, as comédias de Aristófanes, autor da chamada “comédia antiga”, em que abertamente se discute a actualidade, os assuntos relevantes da *polis*, com as comédias de Menandro, autor da “comédia nova”, psicológica e individualista, em cujo enredo deixa de haver lugar para uma tal abordagem, cingindo-se a acção das personagens aos seus interesses particulares.

Na escultura, estas alterações terão como resultado o desenvolvimento da arte do retrato, que se afirma desde meados do séc. IV a. C. com a obra de Lisipo, retratista de Alexandre o Grande. Neste âmbito:

The technical advances which encouraged the development of the portrait in the fourth century and also in the Hellenistic period involved the recently acquired ability to produce individual likenesses. Although it is difficult for us to judge how faithful the portraits were, in the fourth century it is clear that sculptors were able to create individual faces. The portrait of Socrates may not have been a perfect likeness, but it does not display the same features as Pericles, whereas the Diskobolos, Doryphoros and Diadoumenos have almost the same face. (Bruneau, 2002, p. 104).

Paralelamente à arte do retrato, verifica-se também um alargamento do leque das representações humanas que, além da idade ideal da juventude e da idade madura, passa a incluir de modo corrente a velhice e a infância, com o reconhecimento assumido das especificidades de cada uma delas.

Na arte funerária, desenvolve-se a escultura das estelas que assinalavam os túmulos dos indivíduos mais abastados. Tratava-se normalmente de um pilar encimado por uma edícula com um relevo. Os mais belos exemplares procedem do *Kerameikos*, o cemitério de Atenas. Nelas predominam as cenas de interior, em que somos confrontados com aspectos da vida privada. Por essa razão, é este tipo de escultura rico de informações, mas o tom de pungente tristeza lembra-nos a cada passo a sombria razão da sua existência (Rocha Pereira, 2012, p. 589).

Propomo-nos dois exemplos. O primeiro terá sido esculpido entre 375 e 350 a. C., e encontra-se actualmente em Nova Iorque (figura 1). Nele depara-se-nos uma cena interior, em que um homem barbado surge, em primeiro plano, sentado a três quartos numa cadeira. Um outro homem, igualmente barbado, perfila-se diante dele, à nossa esquerda, também a três quartos. Um e outro unem as suas mãos direitas. Por detrás da cadeira, à nossa esquerda, surge a representação de uma mulher, que pousa ternamente a mão esquerda no ombro da figura do

ancião, enquanto com a direita afasta o manto que lhe recobre a cabeça. Entre as duas figuras, ao centro, surge de pé, esbatendo-se contra o fundo, um jovem em que parece despontar a primeira barba. Trata-se de uma cena familiar em que o que supomos ser o homem mais velho, sentado, se prepara para uma jornada longa e sem regresso, ao mesmo tempo que se despede daqueles que lhe são mais caros, talvez um filho, uma nora e um neto. O conjunto, com a sua suave tonalidade melancólica, revela ainda um idealismo próprio do período anterior. O ancião sentado, que se depreende ser o mais idoso, apresenta ainda uma compleição robusta, limitando-se a representação da sua velhice a uma postura corporal ligeiramente encurvada.

**Figura 1.** Estela funerária de um homem. Mármore, 375 - 350 a. C., Nova Iorque.

O segundo exemplo foi descoberto na Ática, no leito do rio Ilissos, e encontra-se em Atenas (figura 2). Serviu para assinalar o túmulo de um jovem caçador. Este assume a nudez heróica, denunciando a influência da escultura de tipo atlético. Está voltado a três quartos para o espectador e tende a concentrar em si todas as atenções. Acompanha-o a figura recurvada de um ancião, talvez o seu idoso pai. Representado de perfil, estriba-se num bordão, cofiando a longa barba. Contempla com dolorosa emoção aquele em quem terá depositado todas as esperanças, como se apenas agora as reconhecesse irremediavelmente perdidas. Do lado oposto, a figura de um menino, possivelmente um criadito, aninha-se, meio adormecido, a um canto,



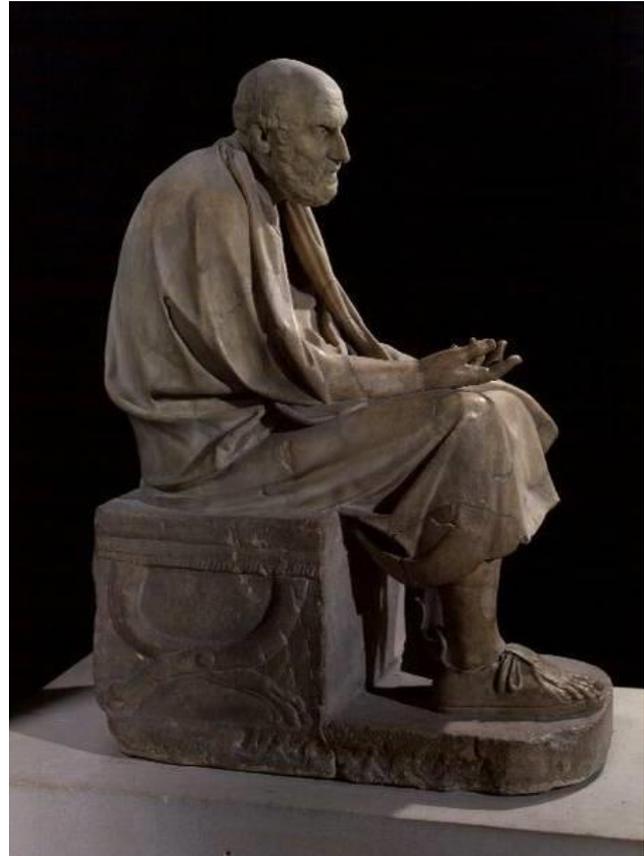
tolhido por uma dor cuja compreensão ultrapassa os seus tenros anos. A figura deste caçador, identificado como tal pela presença do seu cão fiel e por um pequeno bastão usado para caçar lebres, surge assim como a representação da idade perfeita, entre os dois extremos da infância e da velhice, uma perfeição tragicamente marcada pela saída prematura do mundo dos vivos. Este relevo, que se apresenta bastante mutilado no lado ocupado pelo ancião, tem sido atribuído a Escopas, escultor do Mausoléu de Halicarnasso, ou a um seguidor da sua escola, estando datado de 340 a. C.

As duas outras representações da velhice pertencem a esculturas de vulto redondo e ilustram os progressos alcançados, já no período helenístico (sécs. III e II a. C.), pela arte do retrato. Ao

passo que os relevos funerários que vimos são esculturas gregas originais, as peças de que agora nos vamos ocupar são cópias romanas de originais gregos perdidos.



**Figura 2.** Estela Funerária do Rio Ilissos. Mármore, c. 340 a. C., Atenas, Museu Arqueológico Nacional.



**Figura 3.** Crisipo de Soloi (ou Tarso). Mármore, cópia romana de um original helenístico do fim do séc. III a. C., Paris, Museu do Louvre.

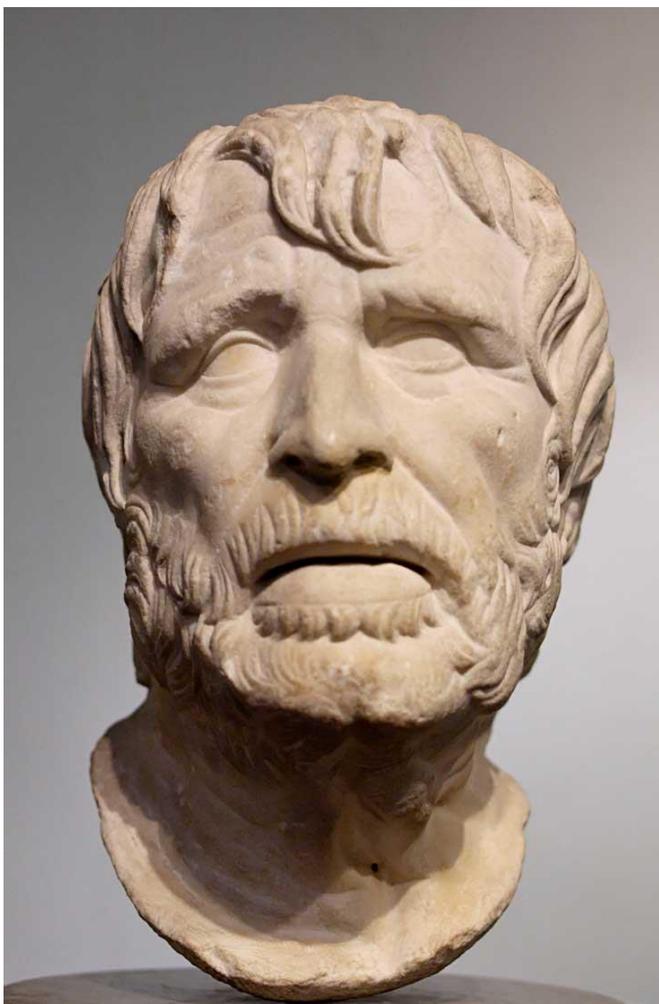
Tem-se como certo que a primeira delas (figura 3) represente Crisipo de Soloi ou Tarso, discípulo de Cleantes de Assos e seu sucessor na direção da *Stoa*, escola filosófica de que é considerado o segundo fundador. Este notável filósofo terá morrido entre 208 e 205 a. C. Já não resta qualquer idealismo nesta representação do idoso pensador. Ele surge-nos sentado num banco sem encosto. Talvez por isso o seu tronco assume uma postura acentuadamente encurvada. Dos seus ombros perdeu-se todo o vigor, o que o obriga a descansar os braços no regaço. A sua mão direita, com a palma voltada para cima e os dedos inertes, associada ao olhar absorto, traduz plasticamente os graves pensamentos em que se ocupa. Os seus olhos surgem um tanto encovados (uma característica primeiramente explorada por Escopas), as sobrancelhas espessas e contraídas, a face emaciada. Sob o queixo, as peles pendentes acusam uma idade avançada e a acentuada calvície expõe uma testa enrugada por efeito da idade e das profundas meditações. Esta cópia romana guarda-se em Paris, no Museu do Louvre, sendo a sua cabeça um molde tomado de um busto, uma outra cópia romana que integra as colecções do Museu Britânico, em Londres.

Com excepção da calvície, todas estas características surgem ainda mais acentuadas no segundo retrato de que nos ocupamos (figura 4). Desta cabeça famosa, de que se conhecem

mais de trinta cópias romanas, apresentamos a versão que se conserva em Londres, no Museu Britânico. Inspiram-se num original helenístico perdido, datável do séc. II a. C.

**Figura 4.** Pseudo-Sêneca. Mármore, cópia romana de um original helenístico do séc. II a. C., Londres, Museu Britânico.

Nesta figura, além das marcas de uma idade avançada, temos ainda a expressão de uma angústia profunda, traduzida plasticamente pelo desalinho dos cabelos e pelo ângulo assumido pelo rosto, cujo olhar se perde na contemplação dos céus. Tão impressionante é a sua expressão que durante muitos anos se teve como certo representar Sêneca, um outro filósofo estóico. Um busto duplo, com o nome de Sêneca inscrito, aparecido em 1813, denunciou como espúria esta identificação, razão pela qual passou a ser conhecida como Pseudo-Sêneca. Alguns sustentam que se trata de um retrato evocativo de Hesíodo, poeta dos alvares da civilização grega.



Seja qual for a identidade deste ancião, o autor deste retrato, que tem como admirável precursor a estátua do Velho Adivinho de Olímpia, conseguiu representar fielmente os traços característicos de uma idade avançada, uma velhice que se revela tanto na sua compleição física quanto psicológica.

O caminho trilhado pela escultura grega monumental principiou com a representação ideal da juventude e da idade madura. A representação corrente da velhice surge tardiamente, acusando o idealismo do período anterior numa primeira fase, para depois se ocupar, progressivamente, da representação cada vez mais fiel das marcas deixadas pelo processo de envelhecimento. Iniciada pelos Gregos, a arte do retrato terá nos conquistadores Romanos os seus exímios continuadores. Estes, num contexto político-social muito diverso, irão elevar esta forma de arte ao seu máximo esplendor.

## Bibliografia

- Bruneau, P. (2002). Greek Art. In G. Duby, J.-L. Daval (Eds.), *Sculpture – From Antiquity to the Present Day* (pp. 11-113). Köln: Taschen.
- Duby, G., Daval, J.-L., Eds. (2002) *Sculpture – From Antiquity to the Present Day*. Köln: Taschen.
- Emery, P. B. (1999). Old-Age Iconography is Archaic Greek Art. *Mediterranean Archaeology*, 12, 17-28.
- Finch, C. E. (2010). Evolving Views of Ageing and Longevity from Homer to Hippocrates: Emergence of Natural Factors, Persistence of the Supernatural. *Greece and Rome*, 57(2), 355-377.

- González García, R., Gómez Urdáñez, C., Pano Garcia, J. L., & Triadó, J.-R. (1992) *Tesouros Artísticos do Mundo - Volume II: O Poder dos Deuses - As Civilizações do Mundo Antigo*. Lisboa: Ediclube.
- Janson, H. W. (1989) *História da Arte*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Nemo, Ph. (2005) *O que é o Ocidente?* Lisboa: Edições 70.
- Papaioannou, K. (1989) *The Art of Greece*. New York: Harry N. Abrams, Inc.
- Pinto, A. L., Meireles, F., & Cambotas, M. C. (2006) *História da Arte Ocidental e Portuguesa, Das Origens ao Final do Século XX*. Porto: Porto Editora.
- Rocha Pereira, M. H. (2012) *Estudos de História da Cultura Clássica I Volume – Cultura Grega*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

### Referências Fotográficas

- [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Stele\\_bearded\\_man\\_Met\\_59.11.27.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Stele_bearded_man_Met_59.11.27.jpg) - Site consultado a 19 de Janeiro de 2021.
- [http://nam.culture.gr/portal/page/portal/deam/virtual\\_exhibitions/EAMS/EAMG869](http://nam.culture.gr/portal/page/portal/deam/virtual_exhibitions/EAMS/EAMG869) - Site consultado a 19 de Janeiro de 2021.
- <http://www.myartprints.co.uk/a/greek-school/statue-of-chrysippus-c280.html> - Site consultado a 19 de Janeiro de 2021.
- [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Chrysippus\\_bust.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Chrysippus_bust.jpg) - Site consultado a 19 de Janeiro de 2021
- [http://www.hellenicaworld.com/Greece/Person/en/PseudoSenecaBMGR1962\\_8\\_24\\_1.html](http://www.hellenicaworld.com/Greece/Person/en/PseudoSenecaBMGR1962_8_24_1.html) - Site consultado a 19 de Janeiro de 2021.
- [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pseudo-Seneca\\_Louvre\\_Ma921.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pseudo-Seneca_Louvre_Ma921.jpg) - Site consultado a 19 de Janeiro de 2021.



## A memória prospectiva na casa-corpo em *Para Sempre* de Vergílio Ferreira

ANA SEIÇA CARVALHO

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos  
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

ana.seica@gmail.com

enviado a 26/01/2021 e aceite a 22/02/2021

### Resumo

A morte, desde *Aparição* até *Escrever*, este último publicado postumamente, não deixou nunca de espantar Vergílio Ferreira. Na verdade, ao longo dos quase 40 anos que medeiam a publicação dos dois livros, a temática da morte encontra-se entre as mais trabalhadas pelo autor. Se ainda em vida, o eu tiver a oportunidade de se organizar, de se pensar a si mesmo, planificando o futuro, encontra a realização pessoal num exercício de Memória Prospectiva. Vejamos o protagonista de *Para Sempre*, Paulo, que caminha livremente pela sua casa, no espaço da infância ao qual decidiu regressar mesmo já em plena solidão, sem condicionamentos nem distúrbios (livre caminho pela casa-memória-narrativa<sup>1</sup>), operando em cada divisória a presença rememorativa de episódios passados.

Palavras-chave: Envelhecimento; Memória prospectiva; Ser-Corpo; Sexualidade; Vergílio Ferreira.

### Abstract

Death, since *Aparição* until *Escrever* (the latter published posthumously), never ceased to amaze Vergílio Ferreira. In fact, throughout the almost 40 years that separate the two books, the theme of Death is among the most worked on by the author. If the Self has the opportunity in life to organize, thinking himself and planning his future, he will find personal achievement in the Prospective Memory exercise. In the novel *Para Sempre*, the protagonist Paul walks freely in his house, the same space where he grew up, and where to he decided to come back, even in his solitude, but without any conditionings or troubles (free path in his house-memory-narrative), living in each room the presence-memory of past events.

Keywords: Ageing; Prospective Memory; Living Body; Sexuality; Vergílio Ferreira.

### 1. A casa: O labirinto percorrido

“A velhice existe, sei-o. Curiosamente, porém, não em sentir o que mais vai sendo irremediável. Desde o “problema da morte”. O problema da morte é para vivos, um velho começa a sê-lo menos” (Ferreira, 1981, p. 15).

Vergílio Ferreira, que dispensa apresentações, foi professor, ensaísta, diarista, escritor, filósofo de pendor mais existencialista à medida que o seu trabalho foi progredindo. A sua ficção desenvolveu-se para uma reflexão mais psicológica e introspectiva, cristalizando ideias de angústia, questionando o processo de envelhecimento do corpo, bem como a ineluctável morte.

O romance *Para Sempre* é exemplo dessa interrogação e abre, *ex abrupto*, com a paisagem do jardim seco e abandonado da casa de infância, visto a partir dos olhos do narrador, personagem única. Estaremos possivelmente perante a projecção do que o narrador pensa que virá a ser o seu futuro. O escritor concebeu a sua personagem como o director da Biblioteca Geral, viúvo, acabado de se aposentar. Saiu da sua aldeia, num percurso-padrão de crianças

---

<sup>1</sup>Cf. Gordo (1995, pp. 62-66).

nascidas no interior rural do país, rumou para uma cidade universitária – Coimbra, escondida sob o nome de Soeira, a cidade do Sol – acabou aí a sua formação, casou, estabeleceu-se na capital, nasceu uma filha que cresceu, se emancipou; posteriormente morre a sua mulher, Sandra, e, com o passar dos anos e das etapas da vida vividas, Paulo chega ao termo da sua carreira profissional, só, e sente o apelo da terra que o chama. A ela regressa, no limiar da velhice, por livre decisão, como que cumprindo naturalmente as restantes etapas do seu caminho de existência – assim fecha o seu círculo: “... na posse final do meu destino. E uma comoção abrupta – sê calmo” (Ferreira, 2008, p. 9).

É absoluto o silêncio que preenche o interior da casa. O itinerário e rumo pelas divisões é marcado por uma ruptura inaugural, a partida do pai, memória da sua infância mais remota, a reacção de loucura e angústia da mãe, que culminam na sua morte e na cristalização do momento em que profere a sua última palavra que Paulo não compreende. A busca incessante pela compreensão da palavra ininteligível será o mote para a sua escrita, por meio da qual procura preencher o hiato e o silêncio existentes e recuperar, pela memória, a falha primitiva.

Paulo tem diante de si a casa, selada, como um organismo vivo, adormecido, com o seu “olhar cego das janelas” (Ferreira, 2008, p. 15), ou como um túmulo, fechado em si mesmo, nos seus segredos e nos seus fantasmas, preparado para ser desselado<sup>2</sup> e acolher o homem que a ele regressa, para nele penetrar, como num ritual iniciático, de passagem para uma nova fase da existência: a derradeira, a que leva ao termo da existência. Daí essa “comoção abrupta” num monólogo rememorativo e muitas vezes redundante.

Como é por demais sabido e tem sido objecto de vários estudos<sup>3</sup>, o romance de Vergílio Ferreira é preferencialmente construído a partir de uma situação narrativa peculiar, de instante-privilegiado ou de instante-limite, a partir da qual se efectuam percursos vários de uma recuperação impossível, a do passado, através da memória – exercício que o narrador assume estar marcado por uma inevitável operação de transfiguração: ‘memória ficcional’, lhe chama, iluminada ou determinada pelo momento a partir do qual opera. A vibração emocional da situação narrativa confere o carácter lírico do romance vergiliano, tese central de R. Goulart: “o tempo presente vai avassalando o universo da narrativa e subsumindo nele o próprio passado. E paralelamente o presente do indicativo vai dominando o discurso (...) é dessa irradiação do presente, verificada sobretudo a partir de *Aparição*, que uma atitude lírica irrompe. Irrupção que é tanto mais profusa quanto aumenta a solidão da personagem e a vivência de um tempo onde ela se instala sem mais – tempo extremamente dilatado que intenta estabelecer a permanência na fugacidade.”<sup>4</sup>.

Paulo está pronto, a partir da sua comoção, para esse ritual de memória, operado como percurso mental, percurso físico e percurso narrativo – no interior da casa, onde os espaços e os objectos evocam uma vida que houve neles, que se faz ouvir como eco – convertido em voz de solidão. Em paralelo com romances como *Nítido Nulo*, *Rápida*, *a Sombra*, *Signo Sinal*, e o posterior *Em Nome da Terra, Para Sempre* é um emaranhado de estilhaços de memória, divagações ao Passado que não se submetem, propositadamente, a uma linha cronológica<sup>5</sup>. É significativo o lapso temporal que medeia o Presente, o tempo humano vivido pelas

---

<sup>2</sup>Fialho (1999, p. 338).

<sup>3</sup>Para o estudo de *Para Sempre*, assinalamos os estudos de Goulart (1990), Fonseca (1992a-b) e Gordo (1995, 2004).

<sup>4</sup>Vide Goulart (1990, p. 131).

<sup>5</sup>Goulart (1990, p. 152 e sgg).

personagens e “o tempo romanesco, assumido como tal”<sup>6</sup>, traduzido normalmente por uma revisitação do Passado. Os elos existentes entre eles tornam-se halos, hologramas que se vão fixando na memória do protagonista como instantes fotográficos<sup>7</sup>, de modo que o relembrar se traduz na evocação da forma das memórias (manipuláveis pelo autor) e não já dos eventos passados, ou seja, o que se lembra é o modo de lembrar, que é fixado.

“Abro a porta da casa. Um odor espesso a um espaço selado, a mofo, a coisas velhas fermentando na sombra. Sinto-o na face, nas narinas, como um bolor. Cheiro a madeiras apodrecidas, a lembranças coalhadas como suor que arrefeceu (...) Vou entrando em cada quarto, a sufocação do calor” (Ferreira, 2008, p. 15).

A sensação de calor sentida por Paulo remete-nos para a metáfora complexa, simultaneamente do ambiente uterino, de entrada num universo de origem, maternal, regresso às origens, e de um túmulo, de que se investe transportando ainda a busca de respostas no fim da vida, busca desesperada, por vezes, de um absoluto que contrarie o desgaste das coisas<sup>8</sup>.

Paulo, na sua “alegria morta” (Ferreira, 2008, p. 16), decorrente do cruzamento entre a sua experiência de vida recente, o viço da infância recuperado pela memória e a presença-ausência de suas tias que ainda sente no espaço, na rotina de dias que não voltam, sente, cada vez de modo mais nítido, os contornos da sua situação: está só, na casa de aldeia de onde saiu e onde voltou, dando a volta à vida, para, por assim dizer, fazer coincidir o seu princípio (ou princípio descentrado) e o seu termo.

Ao dar corda ao relógio da sala grande, como já foi notado por alguns estudiosos<sup>9</sup>, Paulo acciona, por assim dizer, o coração desse organismo adormecido, desse túmulo em que se reacendeu uma centelha de vida; a centelha breve mas necessária para que o narrador inicie o seu ritual de recuperação de vida pelos itinerários da memória, desperta pelos objectos e pelos espaços que evocam as presenças-ausências do que foi a vitalidade da casa, as marcas das sucessivas etapas e vivências de Paulo e que lhe permite nesse universo, estabelecer marcos, limites, ganhar a percepção da sua situação - “Futuro findo o meu” (Ferreira, 2008, p. 17) – e vivo ainda, “pode pensar a morte (...) conceber a eternidade sem sair do instante”<sup>10</sup>.

“Abro a porta da casa. (...) Vou entrando em cada quarto” (Ferreira, 2008, p. 15). O narrador investe-se, assim, como em um ritual iniciático de passagem, da sua condição última: entra na casa, nas divisões, nas memórias e na velhice por seu próprio pé, ainda com um derradeiro projecto, “organizar a força que te resta”, como diz para si mesmo (Ferreira, 2008, p. 17). Vale a pena comparar a personagem Paulo ao próprio autor que, no seu Diário, *Conta-Corrente 5*, nos dá conta da sua opinião acerca da velhice: uma altura de preparação, de descanso e de espera da morte. A propósito da doença de um moço que ajudara a criar, sente-se compelido a

---

<sup>6</sup>Goulart (1990, p. 153).

<sup>7</sup>Rodrigues (2002, p. 186).

<sup>8</sup>Vide Godinho (1985, pp. 67-71).

<sup>9</sup>Cf. Fialho (1998, pp. 672-673); Gordo (1995, p. 39). Fonseca (1992b, p. 309) interliga o dar corda ao relógio, como o protagonista afirma, para “instaurar o tempo na casa” (Ferreira, 2008, p.112), com o conferir ritmo, não só à vida que estava suspensa e que se deseja reorganizar, como especialmente à narrativa. É subjectiva a forma de Paulo experienciar o tempo, porque ainda que se recuse a contar as horas (Goulart, 1990, p. 192), apercebe-se do entardecer e do tempo que não pára. Para Paulo, contudo, o tempo escasseia e embora percepcione o bater compassado do relógio, não o escuta como cadência para o seu respirar e viver, pelo contrário, está para lá dessa ditadura do tempo cronológico.

<sup>10</sup> Fonseca (1992a, p. 105).

viver mais, como se não tivesse já, segundo as suas palavras, “direito de adoecer e muito menos o de morrer. E vamos tendo já idade de merecê-lo” (Ferreira, 1987, p. 114);

“O que mais me aflige no caso de Lúcio é não poder já dispor da minha morte – não o terei já dito? Porque eu aceitava-a já quando viesse e isso era dispor dela como se dispusesse. Mas agora tenho de abdicar disso e desejar que ela reconsidere ainda alguns anos” (Ferreira, 1987, pp. 118-119).

Para além disso, algumas das questões deixadas no diário vêm muito a propósito da personagem de Paulo: “Como organizar a velhice? Sobretudo quando ela se prende ao que já não é seu?” (Ferreira, 1981, p. 263). Incrível é a consciência aguçada do protagonista, sujeito que se desdobra e que, em memória prospectiva, projecta na mente as imagens do seu funeral, em prolepse, momento descritivo caricatural e grotesco.

Paulo observa-se a si mesmo e aos seus, fantasmas da memória que deambulam pela casa, que aparecem, que o chamam alto; vê as tias, a mulher no jardim, evoca as imagens a que outrora assistiu, vê-se a si mesmo criança, adolescente, marido, pai, viúvo, idoso. Paulo entra em casa para não voltar a abandoná-la, como atrás foi já referido: ‘investe-se’ da casa: “Vou fechar todas as janelas, tenho de ir abrir as do andar de cima. Porque o homem é só o seu futuro. Bem sei”. (Ferreira, 2008, p. 17); “Porque uma vida humana. Como ela é intensa. Porque o que nela acontece não é o que nela acontece mas a quantidade de nós que acontece nesse instante” (Ferreira, 2008, p. 23).

Vai abrindo as janelas uma a uma, consoante o espaço físico e de memória percorrido, que faz do gesto da abertura o rasgar espaço-tempo do interior da casa para os caminhos da vida. Uma vez completado o ritual de recuperação rememorativa desses trilhos percorridos, ao final do dia, Paulo volta a fechar as janelas, uma a uma, como para se centrar num ‘ensimesmamento’ simbólico do fim e lentamente, desejando retardar o fim (Ferreira, 2008, p. 79). O Dia, à boa maneira dos antigos, de Píndaro a Horácio<sup>11</sup>, reproduz a existência, nascimento, vivência, morte: “Sê em ti a nulidade de ti” (Ferreira, 2008, p. 21), em termos caros a Ricardo Reis.

Paulo realiza nos seus gestos e na movimentação cénica a dramatização concentrada da existência, ao longo do dia, findando no ocaso, metáfora do fim de vida, que por ser já breve deve ser vivida “milimetricamente” e aproveitada como quem saboreia uma bebida gota a gota (“bebe devagar, concentra-te no prazer de beberes, sê o teu corpo que bebe”, Ferreira, 2008, p. 125). Cada gesto segue o outro de forma sistemática, “fecho a caixa”, “fecho a janela”, “vou fechar...”, e os gestos são pensados e programados antecipadamente.

“Fecho a caixa do violino, fecho a janela. Desço de novo à sala, olho ainda a tarde que se apaga (...) Não são horas de ilusão. Vou fechar a varanda. (...) Pensa. Profundamente, serenamente. Aqui estou. Na casa grande e deserta. Para sempre” (Ferreira, 2008, pp. 301-302).

Tudo se passa como se de um ritual se tratasse: o de ‘encenar’ a globalidade da sua vida até ao último instante, já sem ilusões – o declinar do dia e o voluntário encerrar das portas, aberturas simbólicas para a vida e para o ar purificador da natureza, “abrem-se para o infinito” (Ferreira, 2008, p. 79), tomam, assim, toda a carga significativa de grande final. Daí o

---

<sup>11</sup>Cf. Fialho (1999, pp. 338-343).

encerramento voluntário do círculo no caso de *Para Sempre*<sup>12</sup>, num ritual de luto antecipado por si mesmo no limiar da velhice para a qual se prepara, organizando o futuro que lhe resta, futuro esse “reduzido minúsculo” (Ferreira, 2008, p. 155). A narrativa-memória prolonga-se até às últimas horas do dia e aí se extingue, como se, com o dia, a vida se esvaísse lenta e serenamente. Em *Rápida, a Sombra* a experiência é a do corpo degradado, envelhecido profundamente: “Recomeçar. Reinventar a juventude na degradação da velhice. Houve um tipo que o disse – a ‘repetição’ que reinventa, o homenzinho recomeça” (Ferreira, 1993, pp. 199-200).

Não é essa, todavia, a situação do narrador Paulo. Acabado de chegar, de mote próprio, na sua recente aposentação, ele encontra-se no limiar da velhice. É como se, ao franquear o limiar de uma nova idade e de, com isso, experimentar os primeiros sinais do envelhecimento, buscasse, na casa da sua infância serrana, no espaço que a circunda e para o qual se rasgam as janelas, simultaneamente os sinais do absoluto e a ratificação do envelhecimento e desagregação total na natureza. Há uma voz quente que se ergue dos campos, e o calor inútil que o acossa permite-lhe estabelecer um paralelismo entre os frutos que caem das árvores, inertes, envelhecidos e podres, tal como o homem cai na sua pele encarquilhada pelo tempo: “o canto lento como o movimento interno da terra (...) como a fruta que cai, a velhice, e vai apodrecendo até ser terra” (Ferreira, 2008, pp. 44-45).

Os narradores vergilianos recuperam-se no passado, buscando nele o essencial das suas existências, muitas vezes, no que está para além delas, na ‘memória ficcional’, como diz João de *Em Nome da Terra* (Ferreira, 2009). Esses momentos reportam-se sobretudo à juventude, já que o presente é doloroso. E tentam recuperar-se percorrendo os trilhos da memória para dar sentido à existência, para a condensar, no momento presente, em que os narradores vivem uma situação-limite, de privilégio (amor) ou de solidão e dor, “varrendo todo o lixo das circunstâncias” (Ferreira, 2009, p. 11). A “evocação fantasiada de uma satisfação”<sup>13</sup> assume diferentes formas, quer em *Para Sempre* quer no *Em Nome da Terra*. Neste segundo romance, o narrador já está longe do limiar da velhice e dos primeiros sinais de corpo desgastado. Por isso, tenta desesperada e iterativamente agarrar-se ao exercício de memória, simultaneamente como recuperação do que foi, afirmação de que o é, e desejo de evasão da memória e do pensamento ao estado presente do corpo corrompido, amputado e envelhecido.

## 2. Corpo e narrativa passado-presente-futuro

Em *Para Sempre*, como será no romance *Em Nome da Terra*, a macroestrutura assenta no aqui-agora, num só tempo e num só lugar: Paulo (re)vive as suas memórias numa tarde de

---

<sup>12</sup>Júlio Neves, o narrador de *Rápida a Sombra*, por sua vez, opera um regresso uterino às suas origens, chamando a si a acção de ‘encenar’ o fechar do círculo completo de nascer-viver-morrer. Destaca-se, é claro, do sentido do regresso de Paulo à sua casa de infância, em *Para Sempre*, romance cuja circularidade é sublinhada pela coincidência entre o entrar na casa, percorrer todo o espaço e abrir as janelas – janelas para a memória – para as encerrar, ao crepúsculo, uma a uma, como tratamos (Gordo, 1995, p. 39 tão bem trata esta sobreposição espaço-tempo, movimento físico-movimento mental). É que este regresso não é uterino, mas ‘descentrado’: aquela não foi a casa maternal onde nasceu, mas para onde foi levado por suas tias.

Exíguos são os espaços onde os protagonistas dos romances vergilianos se encontram isolados a escrever - a casa de infância de Paulo, casulo solitário; o quarto do lar de *Em Nome da Terra*; os quartos do seminário de *Manhã Submersa*; a sala da casa da Beira, em *Aparição*, banhada de luz nocturna; a capela de *Até ao Fim* e a de *Cântico Final* (Cunha, 2012, pp. 76-77) – todavia é precisamente na solidão e na clausura que a auto-reflexão e o intenso monólogo surgem: “Se repararmos com atenção no comportamento dos entes de ficção vergilianos, vemo-los, por um lado, solitários, enclausurados e limitados e, por conseguinte, estimulados a um monólogo cada vez mais insistente: celas, salas vazias, casas isoladas e desabitadas, capelas, aldeias abandonadas, prisões, bibliotecas, lar de idosos. Mas, por outro lado, estas mesmas personagens estão sempre seduzidas (...) pelo desejo de alcançar tudo o que é inexplicável, contraditório, absurdo e misterioso” (Gavilanes Laso, 1997, p. 214).

<sup>13</sup>Cunha (2012, p. 67).

Agosto, no mesmo local, até ao final do dia, como foi dito, movimentando-se livremente no ‘seu’ espaço – “Dou a volta à casa toda, dou a volta à vida toda” (Ferreira, 2008, p. 43), onde chega no seu carro, deambulando de sala para sala, revisitando todos os ícones, abrindo janelas de memória<sup>14</sup>, descendo à loja e ao jardim, para se recolher na casa de novo fechada *sponte sua*. Vem, por sua livre escolha, ao lugar onde deseja envelhecer até ao fim. Desce depois à loja, de onde sai, como que rejeitando o abismo do escuro, do mistério do que fica para além dessa escuridão. Não encontra sentido nem transcendência nela, como o simboliza a imagem encontrada de um anjo mutilado: um anjo que não é mensageiro de nada e que foi inteiro na sua infância intacta. Findo o percurso, esgotada a narrativa-memória, ao mesmo ritmo do dia, Paulo fecha, uma a uma, as janelas e estaca no centro da casa.

Nesse seu périplo pela casa-narrativa-memória cada divisão não só lhe desperta ecos do passado, de quando ela era ocupada, como lhe oferece à vista um objecto emblemático, um ícone do passado, que funciona como o estímulo da fuga melódica, como tempo condensado e, simbolicamente, como presença- ausência<sup>15</sup> – seja a máquina de costura, o violino, o chapéu de Sandra, ou outros.

A figura feminina, em ambos os romances, é re-inventada no discurso narrativo, na perspectiva saudosista de um tempo que não volta mas que decide imortalizar uma determinada imagem, mimetizando o “impossível que elas (nunca) foram e que a escrita vem, com o seu súbito poder transfigurador, inesperadamente possibilitar”<sup>16</sup>. Paulo, graças à palavra, reinventa uma esposa sublime, por receio talvez da realidade lhe ser desilusória, ou para evitar que a memória lhe traga a imagem última do corpo amado degradado. Pela palavra se obceca ainda, pela palavra da mãe que nunca chega a compreender e cuja angústia o acompanha até ao fim da vida<sup>17</sup>. Pela palavra descreve o seu mundo de infância, com uma linguagem própria; pela palavra cuidada e até descuidada<sup>18</sup>, descreve as suas memórias várias e parece ter uma vida controlada, parece até ter o poder de organizar a sua velhice, como acima aflorámos, com a calma, a aceitação e o pacifismo idealizados e consciente de um futuro breve: “organizar a força que te resta. Organizá-la, não para o futuro que já não há, mas para o dia-a-dia que for havendo. Acabar em decência” (Ferreira, 2008, p. 17). Todavia, não pôde controlar a Morte com a sua ceifa que, repentinamente, destruiu e lhe levou Sandra<sup>19</sup>.

Paulo tem a capacidade, dada pela sua própria liberdade de movimentos e de opções, pelo vigor que ainda o habita, de entrelaçar memórias de infância e juventude, memórias da sua vida

---

<sup>14</sup>Fialho (1998, p. 675).

<sup>15</sup>Gordo (1995, p. 39) explicita a temporalização do espaço, que se realiza nas marcas da passagem do tempo, não só pela degradação das suas estruturas como sobretudo “pela acumulação de trastes pelo chão” (Ferreira, 2008, p. 22), cada um com uma simbologia e uma carga rememorativa consideráveis.

<sup>16</sup>Rodrigues (2006, p. 92). Cunha (2012, p. 87) elenca além de Mónica e de Sandra das obras em estudo, Hélia, de *Rápida a Sombra*, Sabina de *Signo Sinal*, Oriana de *Até ao Fim*. Julgamos ser pertinente incluir as duas irmãs tão opostas de *Aparição*, Sofia e Cristina, uma pela sua plasticidade sensual, a outra pela sua candura e imagem musical que permanecem na memória de Alberto, sem alterações.

<sup>17</sup>Cf. Gordo (2004, pp. 345 e 338-339).

<sup>18</sup>Cf. Gordo (2004, pp. 448-451). Gordo reflecte sobre a palavra e a escrita menos elaboradas, utilizadas precisamente naquele que é o mais perfeito romance vergiliano, estudando não apenas o calão e a linguagem popular, mas sobretudo a linguagem descontrolada como prenúncio de uma mente em profundo estado trágico (aquando da morte da mulher).

<sup>19</sup>“Sandra só existe, pois, pela palavra. Paulo, qual deus, criando a amada pela palavra, torna-a indissociável do sagrado e do transcendente. A paixão pela palavra traduz a ânsia da comunhão que se busca para lá do silêncio e das sombras. A palavra dita encontra no narrador-protagonista o elemento que possibilita o instaurar de um mundo diverso do real. A Sandra evocada é, assim, um ser sublimado” (Gamelas de Carvalho, 2005, p. 27). O amor torna-se uma loucura, uma tara, uma obsessão, em que aquele que ama é o louco mas, ao mesmo tempo, devido à transcendência amorosa, existe um valor sagrado nessa loucura que toma o homem quando ama: “Eu levava comigo o poder divino, ia construir o mundo fora das leis estabelecidas, ela assustou-se” (Ferreira, 2008, p. 67. Vide Goulart 1990, p. 110 e sgg e Godinho, 1995, p. 279).

com Sandra, do nascimento da filha, da morte de Sandra, com a projecção de memória para um futuro imaginado, que antecipa. A memória projectiva surge naturalmente em Paulo<sup>20</sup> que, como vimos, tem tempo de organizar o tempo que lhe resta, ponderar o seu regresso à casa de infância, entrar com a mala, símbolo de permanência até ao fim no espaço que lhe é familiar e imaginar-se, inclusive, mais velho, entrelaçando a memória antecipativa e a projectiva: a do seu envelhecimento, não em completa solidão, pois tais relances envolvem terceiros participantes. A sua memória prospectiva projecta o processo de decrepitude sobre o cão, inexistente ainda no presente, mas que há de fazer a sua aparição e que há-de chamar-se 'Matraca', como que anunciando a morte que se avizinha, no termo de um futuro já curto, e cujo ritual funerário antevê, num processo que podemos chamar de exercício de luto por si mesmo. Além disso, existe a presença marcante da antiga moça de recados.

Paulo dispõe, na sua liberdade de escolha e investidura do espaço de infância, da correspondente faculdade de cultivar a memória antecipativa e de 'passear', como na casa, do passado ao presente, do passado ao futuro, e mesmo fixar o presente-presente, ignorando o tique taque do relógio (Ferreira, 2008, p. 217). É acompanhado pela figura do cão<sup>21</sup>, Matraca, cada vez mais cadavérico, espelho da degradação corporal do seu dono, que o segue, e que partilha passivamente de um estado de avançada decrepitude:

“Resto que sobrou de uma idade consumida, estorvo de quem passa, aberração da natureza, imagem degradada a expulsar, lixo a varrer, ofensa pública para o novo homem que nasceu (...) Assim, o teu desleixo te contaminou todo de porcaria até ao cão. Assim a tua falta de respeito por ti, o respeito que te devia merecer a pessoa humana que ainda vive em ti. Ou já não vive? Ainda és uma pessoa humana? Ou és apenas os teus despojos que só falta enterrar” (Ferreira, 2008, pp. 214-215).

É notado o seu próprio arrastar de pés (Ferreira, 2008, p. 213) pelos corredores, cada vez mais lento, e a sua figura quase grotesca, de barba por fazer, sem tomar banho “o fato enxovalhado, cheio de nódoas, o colarinho sem gravata” (Ferreira, 2008, p. 213) e uma espuma a formar-se aos cantos da boca, que Paulo já não limpa.

Além da simbologia da presença do cão, a moça de recados que - obsessivamente, nos diz que terá de chamar ("tenho de ir chamar Deolinda para combinar tudo", Ferreira, 2008, p. 50) - trata-se de um ícone transversal na estrutura do romance. Esta figura feminina de formas roliças, jovem que Paulo vira crescer a fazer recados às tias, mantém o seu papel permanente: além de ser a última personagem viva de todo o espectro de fantasmas que lhe passam pelas divisões da casa-corpo ("vou chamar a Deolinda ... Quem é que posso eu chamar e ainda venha?", Ferreira, 2008, p. 71), é o elo de ligação entre o Passado e o Presente e é considerada no seu Futuro, pois irá chamá-la.

O corpo na juventude maravilhada dos protagonistas é divinizado e o acto sexual é a elevação máxima da união corporal, ao passo que a sexualidade na idade madura é ridicularizada<sup>22</sup>. No caso de Paulo e Deolinda, num primeiro assalto sexualizante já na idade madura, Paulo vê-se a

---

<sup>20</sup>Fonseca (1992a, p. 104).

<sup>21</sup>A figura do cão vergiliano, curiosamente, é mais descrita e mais pormenorizada do que as próprias personagens, humanizando-se mais acentuadamente o cão do que o homem: “a atenção de Vergílio Ferreira dirige-se mais às ideias e menos à fauna humana” (Lind, 1986, p. 36). Vide ainda Gordo (2004, pp. 129-131) e Rodrigues (2005, pp. 215-220).

<sup>22</sup>Vide estudos sobre sexualidade no envelhecimento de Digiovanna (2000, pp. 271-285) e Beers (2004, pp. 832-842).

realizar o acto, embora com alguma dificuldade, mas com sucesso. Mais tarde, terá um vislumbre de uma tentativa falhada sua e a enorme frustração subsequente.

Deolinda é a mulher madura e mais nova que ele, cujo apelo para que venha está iminente mas adiado; é a mulher com quem Paulo satisfaz a sua sexualidade de velho, até pensar que ainda o pode fazer, mas estando já incapaz, como lhe aponta Deolinda, na sua franqueza aldeã. A sua atitude simples, a sua rudeza natural, de mulher do campo, habituada a fazer os favores, vai ao encontro dos desejos imediatos de Paulo, que lhe apalpa as pernas e enceta uma relação sexual com aquela mulher madura, há tantos anos protegida e servente da casa. Deolinda, ao contrário da enfermeira do episódio do banho de *Em Nome da Terra*, não o humilha nem o despreza com nomes desagradáveis, simplesmente se deixa ir, usufruindo da situação: "- Se isto são propósitos... (...) Aqui não que me suja toda (...) Agora é dela a iniciativa (..) Deolinda azafamada trabalhando bem (...)" (Ferreira, 2008, pp. 113-114).

Posteriormente, porém, apercebendo-se ela do indizível, ou seja, das incapacidades de Paulo ("já não estás em condições desses destemperos", Ferreira, 2008, pp. 162-163), já de idade avançada, nessa antevisão de Paulo do seu caminhar para um corpo-*idem* que não tem consciência de já não ser capaz, Deolinda toma a iniciativa de o afastar, terminando o que não chega a ter início, mas sem o humilhar, numa atitude de cuidadora que, no fundo, sempre fora desde jovem.

### 3. A palavra na memória prospectiva

Chamar a Deolinda torna-se, ao longo do romance, a par com a última palavra da mãe que Paulo não consegue destrinçar, uma obsessão. A necessidade de a chamar vem ao encontro da possibilidade de criar um futuro, de projectar ideias e construir ainda, do tempo que resta, um tempo a usufruir plenamente, com o apoio - que adquire valor metafórico - de uma personagem conhecida desde tempos remotos, que faz parte do cenário do "aqui" campestre e não do "lá" citadino deixado para trás. Paulo imagina, inclusive, que Deolinda cuidará do *eu* até fim e estará presente mesmo depois da sua morte.

Que representa, de facto, este chamamento? Deixado ao leitor, primeiramente, com a ambiguidade da necessária chamada real de Paulo, para lhe dizer que chegou e precisa dos seus trabalhos na casa, virá a revelar-se como um 'chamamento-invocação', para fazer parte desse ritual de memória que unifica passado, presente e futuro prospectivamente narrado, na ficção de si mesmo. Deolinda é, de resto, a personagem presente nas memórias de outrora, a rapariguita que servia as tias, a mulher madura e símbolo de uma ainda sexualidade vital viva no presente da narrativa, e a cuidadora num futuro prospectivo em degradação.

É curioso registar que a busca da tal palavra imperceptível que a mãe profere antes de morrer e que Paulo revoltadamente não compreende solidifica a estrutura do romance, ao mesmo tempo que surgem episódios basilares que, por contraste, se unem: seja o nascimento da filha Xana, milagre da vida, sejam as mortes das figuras femininas mais importantes da sua vida, a mãe, as tias e, sobretudo, a morte da mulher, conjugando em antítese inexplicável a grandiosidade do nascimento e o inevitável, o absurdo e o dramático da morte. Esta combinação de diversos registos torna o romance polifónico e de diferentes e marcantes vozes. *Para Sempre* é um romance genésico, de grande apoteose lírica, o apogeu do escritor para a maioria dos críticos e estudiosos.

Aquando do Congresso Internacional de Vergílio Ferreira, em 2012, R. Goulart percorre os romances posteriores a *Para Sempre*, *Até ao Fim*, *Em Nome da Terra*, *Na Tua Face* e *Cartas a Sandra*, sublinhando neles o que de comum partilham: a morte dos outros (seja da amada seja de familiares próximos) origina a morte do *eu*, isto é, na morte do Outro se começa por ter a primeira experiência da morte do *eu*; a depuração discursiva adensa-se intensa e progressivamente, até à redução ao silêncio literário; o corpo envelhece e os protagonistas, tal como o autor, são mais velhos, construindo a ideia da ‘Arquipersonagem’ que acompanha o escritor ao longo da sua obra, ao longo dos seus arquitémas basilares. A alegria da vida vai sendo, pois, a cada obra, mais um acto literário, um equilíbrio, uma aceitação resignada, uma (quase) serena recuperação da essência do passado no presente. É essa uma das dimensões mais belas com que termina *Até ao Fim* – o protagonista também narrador esgotando, horacianamente, a bebida crepuscular, na serenidade finalmente alcançada no declinar do dia<sup>23</sup>.

Assim, a casa de *Para Sempre* suspende-se e abre-se numa jornada, como se se distendesse e dilatasse, pelo abrir de janelas e conseqüentemente, de memórias, como que reproduzindo o movimento de sístole e diástole de um centro de um mundo, neste caso, de um coração vivo, do coração de Paulo, que baterá enquanto ainda puder, enquanto o relógio continuar a dar as horas, compassadamente.

## Bibliografia

- Beers, M. (2004). *The Merck Manual of Health & Aging*. Merck&Co.
- Cunha, C. M. F. (2012). *Os Mundos (Im)possíveis de Vergílio Ferreira* (2nd ed.). Difel.
- Digiovanna, A. G. (2000). *Human Aging, biological perspectives* (2nd ed.). Macgraw-Hill Companies.
- Ferreira, V. (1981). *Conta-Corrente 1, 1969-1976*. Livraria Bertrand.
- Ferreira, V. (1987). *Conta-Corrente 5, 1984-1985*. Bertrand Editora.
- Ferreira, V. (1993). *Rápida a Sombra*. Bertrand Editora.
- Ferreira, V. (2008). *Para Sempre*. Quetzal.
- Ferreira, V. (2009). *Em Nome da Terra* (10th ed.). Quetzal.
- Fialho, M. C. (1998). A semântica do espaço no romance *Para Sempre* de Vergílio Ferreira. In T.F. Earle (Coord.), *Associação Internacional de Lusitanistas, Actas do Quinto Congresso: Oxford, 1 a 8 de Setembro de 1996* (pp. 669-678). Universidade de Oxford.  
<https://lusitanistasail.press/index.php/ailpress/catalog/view/29/45/431-1>
- Fialho, M. C. (1999). A presença da Antiguidade como referência estruturadora no romance de Vergílio Ferreira – Horácio - Ricardo Reis. In *Raízes Greco-Latinas da Cultura Portuguesa, Actas do I Congresso da APEC* (pp. 331-343). Associação Portuguesa de Estudos Clássicos.
- Fonseca, F. I. (1992a). Vergílio Ferreira: a celebração pela palavra. Livraria Almedina.
- Fonseca, F. I. (1992b). *Deixis, Tempo e Narração*. Fundação Eng. António de Almeida.
- Gavilanes Laso, J. L. (1997). “Vergílio Ferreira e o Romance Existencialista”, *Máthesis*, 6, pp.205-214.  
[https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/23862/1/mathesis6\\_artigo14.pdf?ln=pt-pt](https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/23862/1/mathesis6_artigo14.pdf?ln=pt-pt)
- Godinho, H. (1985). *O universo imaginário de Vergílio Ferreira*. Instituto Nacional de investigação Científica.
- Godinho, H. (1995). O que é a morte para Vergílio Ferreira?. In *Vergílio Ferreira: cinquenta anos de vida literária: actas do coloquio interdisciplinar* (pp. 277-283). Fundação Eng. António de Almeida.
- Gordo, A. S. (1995). *A Escrita e o Espaço no Romance de Vergílio Ferreira*. Porto Editora.
- Gordo, A. S. (2004). *A Arte do Texto Romanesco em Vergílio Ferreira*. Editora Luz da Vida.
- Goulart, R. M. (1990). *Romance Lírico, o percurso de Vergílio Ferreira*. Bertrand Editora.
- Lind, G. (1986). Constantes na obra narrativa de Vergílio Ferreira. In *Colóquio Letras*, nº90 (pp. 35-46). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Rodrigues, I. C. (2002). Uma liturgia visível: arte e sagração em Vergílio Ferreira. In *Vária Escrita. Cadernos de estudos arquivísticos, históricos e documentais. Actas do Encontro Internacional Vergílio Ferreira* (pp. 171-186). Câmara Municipal de Sintra.
- Rodrigues, I. C. (2005). Cão como o homem. O cão e a condição humana em Vergílio Ferreira. *Forma Breve*, 3, 215-220. <https://proa.ua.pt/index.php/formabreve/article/download/7605/5421>

<sup>23</sup>Cf. Fialho (1999, p. 342).

Rodrigues, I. C. (2006). *A Palavra Submersa. Silêncio e Produção de Sentido em Vergílio Ferreira*. [Tese de doutoramento não publicada]. Universidade de Aveiro.

## As vozes da velhice nos contos de Mia Couto

CELINA MARTINS

Universidade da Madeira

celi@staff.uma.pt

enviado a 26/01/2021 e aceite a 02/02/2021

### Resumo

A nossa leitura incide na análise de três contos de Mia Couto, intitulados “Nas águas do tempo”, “O cachimbo de Felizbento” e “Sangue da avó, machando a alcatifa”, em que os idosos representam os guardiões da tradição e os detentores da memória colectiva. A partir da metáfora da cegueira, o primeiro conto denuncia a ruptura do sujeito moçambicano com o saber ancestral, assumindo a função do contador de histórias, que constrói a ponte entre os vivos e os mortos. Como voz da lucidez, o ancião transmite o culto dos antepassados ao neto em diversas travessias no rio, pautadas pelo ritual iniciático. No segundo conto “O cachimbo de Felizbento”, o idoso resiste aos avanços da guerra civil que o ameaçam de deslocação. Aferrado ao seu mundo vital, o camponês preserva o seu enraizamento à terra mediante a imagem da cova e a transformação regeneradora em árvore. No terceiro conto, num simbolismo que rompe com a fronteira entre o real e o sobrenatural, a avó Carolina cumpre o papel de advertir o esquecimento das raízes tradicionais através da metáfora do sangue irremovível como signo da ferida dos anciões excluídos da sociedade capitalista, forçados a enfrentar o choque entre tradição e modernidade.

Palavras-chave: sabedoria; guardião; ancestralidade; resistência; iniciação.

### Abstract

This reading focuses on the analysis of three short stories by Mia Couto, entitled “The Waters of Time”, “Felizbento’s Smoking Pipe” and “Grandma’s Blood, Staining the Carpet”, in which the elderly represent the guardians of tradition and the keepers of collective memory. From the metaphor of blindness, the first story denounces the rupture of the Mozambican subject from ancestral knowledge, assuming the role of the storyteller, who builds the bridge between the living and the dead. As the voice of lucidity, the elder conveys the worship of ancestors to his grandson on several river crossings guided by the initiation ritual. In the second short story, “Felizbento’s Smoking Pipe”, the old man resists the progress of the civil war that threatens him with displacement. Clinging to his vital world, the old peasant maintains his roots in the earth through the image of the pit and the regenerating transformation into a tree. In the third story, in a symbolism that breaks the boundary between the real and the supernatural, Grandmother Carolina fulfils the role of warning against the oblivion of the traditional roots through the metaphor of irremovable blood as a sign of the wound of the elders excluded from capitalist society and forced to face the clash between tradition and modernity.

Keywords: wisdom; guardian; ancestry; resistance, initiation.

Situado na tradição do contador de histórias, o escritor moçambicano Mia Couto dá vida a idosos, inscritos nos instantes numa estética da brevidade que tem a faculdade de falar da densidade do ser: “O conto é feito com pinceladas. É um quadro sem moldura, o início inacabado de uma história que nunca termina. O conto não segue vidas inteiras. É uma iluminação súbita sobre essas vidas. Um instante, um relâmpago.” (Couto, 2005, p. 46). É na busca desta luz da revelação que a escrita de Mia Couto faz um exercício de empatia ao entranhar as vozes dos velhos que se inscrevem num contexto de adversidade e procuram preservar a sua mundividência, assumindo posicionamentos de resistência face a modelos de pensamento

hegemónico. A nossa reflexão centrar-se-á na análise de três contos, intitulados “Nas águas do tempo”, “O cachimbo de Felizbento” (1994) e “Sangue da avó, manchando a alcatifa” (1991) em que os idosos transmitem lições de resiliência e de transcendência, após terem sido confrontados com situações-limite. Nestes três contos, analisaremos como Mia Couto constrói a imagem dignificante do velho, associando-o ao guardião do saber ancestral que preserva o património cultural da sociedade. Será a acção, as palavras e os ensinamentos do idoso que incitaram a repensar a necessidade de respeitar a tradição como projecto de enriquecimento do ser, de forma a conferir consistência à comunidade moçambicana.

Os dois primeiros contos “Nas águas do tempo” e “O cachimbo de Felizbento” foram publicados no livro *Estórias Abensonhadas* que se situa no período marcado pela euforia do renascer do homem, após o longo tempo de devastação física, social e moral, provocado por dezasseis anos de guerra civil. O terceiro texto “Sangue da avó, manchando a alcatifa” insere-se na colectânea de crónicas *Cronicando* e constitui uma visão crítica da sociedade pós-independência através do olhar irónico do narrador que revela as fraquezas do ser humano da cidade, influenciado pelo tempo profano da sociedade de consumo e os efeitos uniformizadores da globalização galopante.

A nossa leitura mostrará como os dois contos “Nas águas do tempo” e “O cachimbo de Felizbento” constroem a poética da redenção que o neologismo “abensonhadas” carrega, encenando o rito e as palavras de sabedoria do velho que surge como ponte de ligação entre o sonho, as pessoas e a bênção dos espíritos. Nestes textos, a linguagem de Mia Couto almeja reconciliar mundos distanciados, dado que na cultura moçambicana os sonhos são recados divinos que semeiam esperanças nas consciências entorpecidas pela desordem da guerra civil. Na epígrafe inicial, Couto recorre à metáfora da semente para traduzir um mundo humanizado, a utopia de um novo começo após a guerra, alimentada pelo sonho como possibilidade de salvação: “Onde restou o homem sobreviveu a semente, sonho a engravidar o tempo. Esse sonho se ocultou no mais inacessível de nós, lá onde a violência não podia golpear, lá onde a barbárie não tinha acesso” (Couto, 1994, p. 9).

É precisamente a força da esperança que se concretiza em ambos os textos “Nas águas do tempo” e “O cachimbo de Felizbento”, transmitindo a imagem do velho como exemplo paradigmático de acção que incita o leitor a reflectir sobre a importância dos rituais de preservação da tradição. No conto “Nas águas do tempo”, um avô leva o seu neto a passear de canoa num rio da aldeia, de modo a entrar em comunhão com os espíritos dos antepassados. O conto é o rememorar nas ilhas do passado: num tom confessional, o neto, já adulto, assume a função de narrador-personagem que relata as viagens empreendidas na companhia do ancião. No início da narrativa, o menino faz um retrato positivo do avô que consegue conciliar a arte do silêncio e da fala na medida certa, construindo um saber: “Vovô era dos que se calam por saber e conversam mesmo sem nada falarem” (Couto, 1994, p. 13). Para o olhar do narrador, o velho surge como uma autoridade que carrega o estado de infância, marcado pelo espanto e o deslumbramento “era um homem em fragante infância, sempre arrebatado pela novidade de viver” (Couto, 1994, p. 13). O idoso assume o papel de depositário da sabedoria (Afonso, 2004, p. 375) inserido na cultura africana que o acolhe com respeito por ter sedimentado a experiência de vida. Avô e neto são forças que se complementam: o ancião precisa do neto para equilibrar-se, sem o suporte de uma bengala “a maneira como me apertava era a de um cego desbengalado” (Couto, 1994, p. 13) mas é ele quem orienta com segurança o neto, de modo que

o menino absorva os valores ancestrais que fundamentam a existência e conferem coesão à comunidade moçambicana: “No entanto, era ele que me conduzia, um passo à frente de mim” (Couto, 1994, p. 13).

Antes de iniciar a travessia no rio, o avô transmite ao neto o ritual de respeito pelas energias do universo ao ensinar-lhe a recolher a água com as mãos em formato de concha. A sagesa do avô contribui para que o neto entre em sintonia com a natureza, dado que lhe inculca o gesto exemplar de retirar a água em favor da corrente para não contrariar os espíritos e evitar desgraças. Graças à lição do avô, o neto aprende a venerar a água como símbolo iniciático do fluir da vida e fonte de regeneração.

Na primeira viagem, o idoso leva o neto a conhecer o espaço sacralizado do rio que relembra a ambiência do *Génesis*: “Tudo o que ali se exibia, afinal, se inventava de existir” (Couto, 1994, p. 14). A língua portuguesa regenera-se, dando vida ao universo impregnado de fantasia que revela a natureza em estado incessante de recriação em que se esbate a fronteira entre a terra e a água. Graças aos ensinamentos do velho, o neto acede às águas cobertas de inúmeros nenúfares que a escrita de Couto transforma no neologismo das águas “nenufarfalhudas” (Couto, 1994, p. 14) numa perspectiva de reinvenção lúdica da linguagem: a palavra inaugural traduz um universo em estado de infância. O avô e o neto absorvem a sacralidade do rio, adoptando uma postura de profundo recolhimento: “Ficávamos, assim, em reza, tão quietos que parecíamos perfeitos” (Couto, 1994, p. 14).

O ancião revela ao neto a existência de panos brancos que dançam na outra margem do rio: nesse espaço misterioso habitam os mortos, inseridos no tempo do mito. Embora o menino ainda não os consiga vislumbrar, o avô cumprimenta os antepassados ao acenar com o seu pano e persiste na sua missão de transmitir o legado ancestral ao conduzir o neto ao rio. Conhecedor dos segredos deste espaço iniciático, o avô deseja transmitir um saber que significa dar a conhecer o património cultural, fundamentado em crenças, mitos e valores tradicionais. Ele procura que o neto tenha acesso a uma zona fronteiriça em que a vida e a morte se entrecruzam: ver a outra margem implica ter contacto com a comunidade dos ancestrais.

Na segunda viagem, o idoso assume o papel do contador de histórias ao narrar oralmente o mito do primeiro homem que surgiu de uma cana. A recitação do mito insere o avô e o neto no tempo sagrado dos primórdios. O ancião exerce um grande fascínio no neto que o concebe como o máximo expoente da ancestralidade e o guardião da memória colectiva:

“Certa vez, no rio proibido, eu e vovô aguardávamos o habitual surgimento dos ditos panos. Estávamos na margem onde os verdes se encançam, aflautinados. Dizem: o primeiro homem nasceu de uma dessas canas. O primeiro homem? Para mim não podia haver homem mais antigo que meu avô” (Couto, 1994, p. 15).

Quando o menino deseja sair do barco e adentrar-se nos pântanos, o avô tenta dissuadi-lo, mostrando que a vida perde a sua natureza transitória e ganha a dimensão da eternidade naquele lugar transtemporal:

“[...] Acontece que, dessa vez, me apeteceu espreitar os pântanos. Queria subir à margem, colocar pé em terra não-firme.

– *Nunca! Nunca faça isso! [...] Neste lugar não há pedacitos. Todo o tempo, a partir daqui, são eternidades*” (Couto, 1994, p. 15).<sup>1</sup>

O avô ensina o neto a vivenciar a experiência de um tempo circular que implica interiorizar o rio como espaço de contemplação, força transfiguradora e lugar originário do mundo onde habitam os antepassados. Quando a criança desobedece ao pôr o pé fora do barco, a natureza revolta-se e suga a sua perna: a criança transgride a crença mítica e a-histórica. Perante esta infração, o idoso restaura o contacto com os espíritos da outra margem quando lhes acena o seu pano vermelho. Graças a este acto de reverência, o avô torna-se o homem que dialoga com os mortos, ele é o fazedor de paz, já que o cosmos recupera a tranquilidade: “o remoinho que nos abismava se desfez em imediata calma” (Couto, 1994, p. 16). No entanto, a criança continua imatura, sem ter acesso à aprendizagem “acenando sem convicções” (Couto, 1994, p. 16), pois não consegue ver os seres da outra margem. Após o episódio insólito do abismo, o velho decide revelar ao neto a mensagem fulcral que o enraíza na cultura ancestral ao explicar o significado das viagens:

“No mais ou menos, ele falou assim: nós temos olhos que se abrem para dentro, esses que usamos para ver os sonhos. O que acontece, meu filho, é que quase todos estão cegos, deixaram de ver esses outros que nos visitam. Os outros? Sim, esses que nos acenam da outra margem. E assim lhes causamos uma total tristeza. Eu levo-lhe lá nos pântanos para que você aprenda a ver. Não posso ser o último a ser visitado pelos panos” (Couto, 1994, p. 16).<sup>2</sup>

Para o idoso, urge a necessidade de aprender a olhar o mundo com a luminosidade dos sonhos que favorecem a imersão nas profundezas da alma humana. O sonho é o alimento salvífico que tem o poder renovador, permitindo desenvolver uma forma de resistência face a uma sociedade degradada. Entrar no sonho é “despertar sensibilidades e emoções adormecidas” (Secco, 2000, p. 272), é o meio a partir do qual os mortos comunicam através de revelações com os vivos, segundo a crença dos povos *bantus* (Junod, 1996b, p. 329). Em oposição à metáfora da neblina que impede de ver os ancestrais, o idoso valoriza o olhar de dentro, o olhar do sonho, que abre o acesso para a experiência da transcendência. A palavra do ancião denuncia a cegueira dos homens que provocou a ruptura entre o passado e o presente, os homens cessaram de respeitar os antepassados por causa dos efeitos nefastos das guerras colonial e civil, que causaram o esquecimento das práticas orais. Como voz da lucidez, o velho critica o mundo violentado que se desenraizou da dimensão sagrada numa sociedade materialista que sufoca a vertente espiritual do homem. A missão do avô é ensinar o neto a ver para além das aparências numa cadeia contínua em que a transmissão da herança cultural se concretiza, possibilitando a comunicação com os mortos. O avô é o porta-voz da palavra redentora que transmite um olhar límpido, liberto da convenção e da censura, que tenta ampliar a visão do menino para o ajudar a captar o mistério dos panos brancos da outra margem.

Na terceira viagem, tal como Jesus, o avô cumpre o ritual de atravessar a água, sem ser sugado, até que se desvanece “se declinou em sonho, na margem da miragem” (Couto, 1994, p. 17) e se reúne com os antepassados, celebrando a união com eles, habitando a perenidade

---

<sup>1</sup>Mia Couto sublinha as vozes dos idosos através do uso dos itálicos.

<sup>2</sup>Itálicos do autor.

mítica do tempo. A presença da garça branca que parece uma seta “fazendo sangrar todo o firmamento” (Couto, 1994, p. 17) abre o caminho do maravilhoso e metaforiza a viagem do avô para a margem do além. Pela primeira vez, o neto perde o olhar da neblina e consegue avistar o pano branco, entrando em ressonância com o velho que lhe acena com um pano vermelho desde a outra margem. No momento que marca a metamorfose do avô em antepassado, a cor vermelha do seu pano, símbolo de princípio de vida, transforma-se em tonalidade branca, indiciando a passagem para o começo de um novo ciclo de existência onde o avô integra o cosmos, inserido na temporalidade infinita: “E vi: o vermelho do pano dele se branqueando, em desmaio de cor” (Couto, 1994, p. 17). Nesse instante de conexão com a magia do transcendente e de interação de energias entre a vida terrena e a vida do além, o neto repete o gesto ritualístico à semelhança dos ancestrais que significa comunicar com o avô ao acenar-lhe com a sua camisa. O neto reitera o acto primordial do avô que se concretiza fora do tempo profano da História:

“Todos os sacrifícios são feitos no mesmo instante do princípio; o tempo profano e a duração são suspensos pelo paradoxo do rito [...] a repetição de gestos paradigmáticos confere realidade a um acto (ou objecto) e é nessa medida que há uma abolição implícita do tempo profano, de duração, da “história”; aquele que reproduz o gesto exemplar é transportado assim para a época mítica em que o gesto exemplar foi revelado” (Eliade, 1999, p. 50).

No instante que marca a sintonia entre ambos, o menino já está apto para interiorizar os ensinamentos do avô, impregnado da aura de mensageiro e cultivador de mitos. O neto acede a outra lógica da racionalidade que dilui a fronteira entre o real e o sobrenatural. Ele absorveu a concepção de um tempo cíclico, marcado por rituais, em que a morte não é um fim definitivo, mas é a continuação da vida em outro estado: a vida e a morte interpenetram-se.

No desfecho do texto, o narrador, já adulto, volta ao mesmo rio e reatualiza o ritual do avô, ao transmitir a lição ao seu filho, conferindo à narrativa a ressonância de um rito iniciático harmonioso, que assegura a propagação do saber cultural de geração em geração ao manter o saber ancestral em movimento. O narrador resgata a memória do avô que lhe ensinou o respeito pelo culto dos antepassados e a conceber a água como símbolo da passagem do tempo. O avô entregou ao neto um rio interior que significa a reescrita da cultura a renascer em cada gesto de revitalização do rito:

“Enquanto remava um demorado regresso, me vinham à lembrança as velhas palavras de meu velho avô: a água e o tempo são irmãos gémeos, nascidos do mesmo ventre. E eu acabava de descobrir em mim um rio que não haveria nunca de morrer. A esse rio volto agora a conduzir meu filho, lhe ensinando a vislumbrar os brancos panos da outra margem” (Couto, 1994, p. 17).

A iniciação do avô permitiu que o neto conscientizasse a diluição da fronteira entre a vida e a morte, enraizando-se na crença do imaginário moçambicano. Como modelo a ser seguido, o ancião transmitiu a mensagem ao neto ser um mediador entre o passado e o presente, de modo a tecer o fio que liga a tradição e a modernidade, gerando a continuidade da experiência.

Tal como no texto anterior, o conto “O cachimbo de Felizbento” incide na perspectiva de um velho camponês que preserva a aliança com a natureza, concebida como o lugar de afectos e de

pertença. A escolha do nome próprio Felizbento revela a sua vertente simbólica: o velho é um homem que interiorizou a felicidade e a bênção do universo, ele está integrado harmoniosamente na sua casa interior, no seu mundo de aconchego, que encarna o paraíso: “Aquele chão ainda estava a começar, recém-recente. As sementes ali se davam bem, o verde se espraiando em sumarentas paisagens” (Couto, 1994, p. 65). Um dia, os funcionários da cidade impõem o desalojamento da aldeia por causa do avanço da guerra civil para manter a segurança. O velho enfrenta o caos da guerra que perturba a paz da sua aldeia e o projecta na morte num tempo profanado pela violência: “Um dia, porém ali desembarcou a guerra, capaz de todas as variedades de morte. Em diante, tudo se mudou e a vida se tornou demasiado mortal” (Couto, 1994, p. 65).

Os funcionários da cidade surgem como invasores que ameaçam levar o idoso à força e se inscrevem num padrão que desvaloriza a cultura tradicional. Como força da resistência, Felizbento manifesta o seu apego ao seu espaço vital: “- *Se vou sair daqui tenho que levar todas estas árvores*” (Couto, 1994, p. 66).<sup>3</sup> O velho é um filho da terra que recusa emigrar para a cidade sem os seus instrumentos de culto: ele decide transportar as árvores para o seu futuro domicílio, manifestando, assim, a ligação profunda à sua mundividência.

O ancião começa a desenterrar “a árvore sagrada do seu quintal” (Couto, 1994, p. 66) entrando em consonância com a crença das culturas africanas que concebe a árvore como a morada dos espíritos. Ele vai escavando até que um dia leva consigo as suas antigas roupas e sapatos, respeitando, deste modo, a tradição do ritual dos mortos, segundo a qual as roupas do defunto devem também ser sepultadas (Junod, 1996a, p. 140). Felizbento instaura com a terra um relacionamento sagrado ao cumprir a cerimónia de sepultura. Adentrar na terra é acolher o símbolo regenerador da Mãe:

“A terra simboliza a função maternal: Tellus Mater. [...] Identificada com a mãe, a terra é um símbolo de fecundidade e regeneração. [...] Existem enterros simbólicos, semelhantes à imersão batismal, quer para curar e fortificar, quer para satisfazer ritos iniciáticos. A ideia é sempre a mesma: regenerar pelo contato com as forças da terra, morrer para uma forma de vida para renascer numa outra forma” (Chevalier & Gheerbrant, 1982, p. 642).

Simbolicamente, o velho prepara-se para morrer e renascer sob outra forma, porque se transforma no abismo acolhedor da terra, despojando-se do seu fiel cachimbo, uma extensão dele, despedindo-se, portanto, do seu último prazer terrenal que significa libertar-se da sua existência humana. O cachimbo fica enterrado e ganha outra vida, adquirindo o sopro do cosmos: “Parecia a terra aspirava nele, fumando o inutensílio” (Couto, 1994, p. 68).

Face à ameaça de abandono do campo, Felizbento semeia uma nova árvore que cresce sob a árvore sagrada, já que ela pega “de estaca, brotando de qualquer cachimbo remoto e esquecido” (Couto, 1994, p. 68). Felizbento atravessa uma etapa de superação ao transformar o seu cachimbo em árvore como prova que anuncia um novo tempo de renovação. O cachimbo é a metonímia da força do resistente que acede a uma experiência de plenitude, transformado em árvore, simbolizando a esperança “recém-nascente” (Couto, 1994, p. 65). Embora, no princípio, a intenção de Felizbento fosse desenterrar a árvore sagrada ao cavar o buraco, ele

---

<sup>3</sup>Itálicos do autor.

encontra a transcendentalidade, optando não apenas por permanecer no mundo da aldeia, ele enraíza-se na terra e transita de reino para absorver a vitalidade da árvore.

Para Felizbento, exilar-se do seu lugar de pertença era negar a vida plena, era morrer, ser árvore é entrar no ciclo da regeneração constante, partilhando a intensa e fecunda ligação de reciprocidade com as energias do cosmos. Numa relação umbilical com a terra, o idoso persiste realizado no seu lugar primordial, afastando-se da ameaça de desterritorialização da cidade.

Num contexto de adversidade, marcado pela violência da guerra, Felizbento enraíza-se na sua cultura rural “fumando em paz o seu velho cachimbo. Enquanto espera a maiúscula e definitiva Paz” (Couto, 1994, p. 68). Felizbento fuma o cachimbo da Paz, ele realiza um acto sagrado de espiritualização, já que o fumo do tabaco adquire o valor de sopro vital: “isto é a alma, a união das forças ctonianas e do Deus Supremo Uraniano em direcção ao qual sobe a oração” (Chevalier & Gheerbrant, 1982, p. 148). Dotado de uma aura mítico-mágica, o idoso transcende as contingências da guerra.

De modo sensivelmente diferente, o conto “Sangue da avó, manchando a alcatifa” explora o choque entre a tradição e a modernidade: por causa da guerra civil, a avó Carolina é forçada a emigrar para Maputo. Ao contrário dos textos anteriores de Couto, a avó insere-se num tempo em que a velhice já não significa o modelo tutelar de sabedoria para a sua família urbanizada: “a avó estava bastante cheia de idade. Carolina merecia as penas” (Couto, 1991, p. 25). Como o narrador adere à sua perspectiva, ele mostra que a idosa, habituada a uma existência simples na sua aldeia, critica o excesso de luxo dos filhos e netos que adoptaram o consumismo desenfreado da sociedade capitalista. A voz lúcida da idosa deixa de ser ouvida pelos familiares que a marginalizam: “*Cala, vovó. Vai lá ver televisão*” (Couto, 1994, p. 26).<sup>4</sup> Frente ao televisor, ela experencia um momento de exílio interior, ela é habitada pelo desejo de contar histórias como costumava fazer na aldeia mas ninguém tem tempo para a escutar no espaço da cidade. Invadida pelo desassossego de não compreender o estilo de vida da família aburguesada, ela deseja retornar à aldeia “vizinha da ausência” (Couto, 1991, p. 26). Em vez de dialogar com a idosa, os filhos oferecem-lhe roupas, sapatos e óculos na tentativa de silenciar a sua indignação. Após ter cedido à tentação de vestir os signos da modernidade, a avó sai à rua e testemunha a profunda miséria dos meninos mendigos que lhe pedem dinheiro. Revoltada perante um mundo injusto em que as desigualdades sociais e económicas se intensificam, despe as roupas e veste a sua capulana, de modo a reinserir-se na sua cosmovisão rural. Na sala da casa, ela permanece, esvaziada de afecto: “inexistindo, entre parêntesis dos parentes” (Couto, 1991, p. 27).

Ao ver uma reportagem sobre a guerra e sem estar familiarizada com o funcionamento dos meios audiovisuais, ela está convencida de que os beligerantes filmados estão à sua frente, lança-lhes a sua bengala e destrói o televisor, determinada a enfrentar os combatentes. A avó enfrenta com a bengala o gesto de ameaça do genro, denunciando a sua inércia: “*Tu cala-te. Não sentes vergonha? Há bandidos a passear aqui na tua sala e tu não fazes nada?*” (Couto, 1991, p. 27).<sup>5</sup> Neste momento de clímax, a avó ganha os contornos de uma figura dignificada que luta contra o caos da guerra, tal como evidencia o neologismo verbal que a inscreve na reinvenção simbólica: “Carolina monumentara-se, acrescida de muitos tamanhos” (Couto, 1991, p. 27). A avó varre e limpa o lixo numa tentativa de purificar o espaço da casa, invadido pela

---

<sup>4</sup>Itálicos do autor.

<sup>5</sup>Itálicos do autor.

violência da guerra. Ao colocar os vidros do televisor num saco plástico, algumas gotas de sangue da avó mancharam a alcatifa. Sem captar o gesto de denúncia e de ruptura da avó, toda a família a concebe como insana, ela regressa à aldeia e os familiares retomam a rotina da sua existência alienada. Num espaço marcado pela irrupção do fantástico, a nódoa de sangue persiste irremovível na alcatifa como signo de “acusação” da avó Carolina (Couto, 1991, p. 28). A família consulta o feiticeiro que lhes revela: “Era sangue da terra, soberano e irrevogável como a própria vida” (Couto, 1991, p. 28). Não há explicação por parte do narrador heterodiegético, mas o desenlace do conto indicia uma leitura alegórica em aberto, que desencadeia uma leitura plural. O carácter sobrenatural da mancha reflecte a ferida sempre aberta da terra violentada que se estende hiperbolicamente, crescendo “com os tempos, transitando de gota para rio, de rio para oceano” (Couto, 1991, p. 28) e ganhando o simbolismo de mácula mítica. A ferida da avó representa o sofrimento dos excluídos e a sua inquietante propagação na casa funciona como uma advertência dos antepassados que se revoltam contra a desagregação dos valores tradicionais, exprimindo, segundo Secco (2000, p. 272), uma forma de “censura”. A avó surge como ponte entre o mundo visível e o mundo dos ancestrais que, segundo a crença moçambicana, podem aparecer no mundo dos vivos para os advertir sobre as suas incongruências. No contexto de uma poética do fantástico que transgride as fronteiras entre o real e o sobrenatural, o sangue da avó denuncia a perda das raízes e o fosso existente entre os representantes da cosmovisão mágica da ruralidade e a visão materialista dos moçambicanos da cidade.

Os três protagonistas dos contos de Mia Couto são idosos que representam os detentores da sabedoria acumulada. O texto “Nas águas do tempo”, o avô é uma voz mediadora que permitiu que o neto entrasse em diálogo com a sacralidade ao fazer a ponte entre os vivos e os mortos. O avô revitaliza a passagem de testemunho, uma vez cumpre o papel de iniciador: ele educou o neto a ser um perpetuador de ritos de transformação, aprofundando o seu conhecimento sobre o mundo metafísico dos antepassados. Felizbento encarna a voz da resistência cuja função primordial é preservar as práticas tradicionais e lutar contra as forças adversas de uma sociedade ameaçada de destruição. Numa escrita mítico-mágica, os contos “Nas águas do tempo” e “O cachimbo de Felizbento” conferem ao idoso a capacidade regeneradora de transmitir lições de apego à terra em ritos iniciáticos harmoniosos, sublinhando a relação de ligação fecunda entre o homem moçambicano e o cosmos. De forma diferente, o ponto de vista irónico do narrador do conto “Sangue da avó, manchando a alcatifa” encena como o gesto simbólico da avó Carolina revela um sujeito que combate a guerra civil mas a sua lição de lucidez e de coragem não é consciencializada pelos familiares, por esta razão, o seu sangue na alcatifa é a metáfora de um aviso perpétuo para os homens que se desligaram das raízes da tradição. Contra os mecanismos da repressão de uma cultura exógena que pode ameaçar a manutenção dos valores e as crenças do povo, contra um tempo de guerra, um tempo de ruptura com o sagrado, os três idosos contribuem para a preservação da identidade colectiva ao assumirem que o universo adquire o valor da transcendência. Eles enraízam-se no mundo maravilhoso das crenças e dos mitos, de forma a propagar a vitalidade da mundividência rural que se regenera graças à sua sabedoria sedimentada. Resgatando a cultura tradicional moçambicana que confere protagonismo à velhice, Mia Couto atribui aos idosos uma função redentora: eles são a

memória viva da herança cultural cujas palavras, atitudes e exemplos de referência permitem preservar a harmonia e a coesão da comunidade.

### **Bibliografia**

- Afonso, M. F. (2004). *O conto moçambicano. Escritas pós-coloniais*. Caminho.
- Chevalier, J. & Gheerbrant, A. (1982). *Dicionário dos Símbolos*. Teorema.
- Couto, M. (1991). *Cronicando*. Caminho.
- Couto, M. (1994). *Estórias Abensonhadas*. Caminho.
- Couto, M. (2005). *Pensatempos. Textos de opinião*. Caminho.
- Eliade, M. (1999). *O Mito do eterno retorno*. Edições 70.
- Junod, H. (1996a). *Usos e Costumes dos Bantu*, tomo I. Arquivo Histórico de Moçambique.
- Junod, H. (1996b). *Usos e Costumes dos Bantu*, tomo II. Arquivo Histórico de Moçambique.
- Secco, C. L. (2000). Mia Couto e a incurável doença de sonhar. In M. do C. Sepúlveda & M. T. Salgado (org.) *África & Brasil. Letras em Laços* (pp. 261-286). Atlântica Editora.



